

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Ivana dos Santos Teixeira

**A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO UMA FORMA
DE ASSOCIAÇÃO: um estudo antropológico sobre a
relação humano-animais na promoção da saúde humana,
no Brasil**

Porto Alegre

2015

Ivana dos Santos Teixeira

**A Terapia Assistida por Animais como uma forma de
associação: um estudo antropológico sobre a relação
humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social
como requisito parcial para obtenção do
título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Lewgoy

*Linha de Pesquisa: Antropologia
Contemporânea*

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Teixeira, Ivana dos Santos

A Terapia Assistida por Animais como uma forma de associação: um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil. / Ivana dos Santos Teixeira. -- 2015. 357 f.

Orientador: Bernardo Lewgoy.
Coorientador: Philippe Descola.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Sistema de Saúde Convencional. 2. Técnicas Terapêuticas. 3. Antropologia da Relação Humano-Animais. 4. Zooterapia. 5. Antropologia da Técnica. I. Lewgoy, Bernardo, orient. II. Descola, Philippe, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ivana dos Santos Teixeira

**A Terapia Assistida por Animais como uma forma de associação:
um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na
promoção da saúde humana, no Brasil**

Porto Alegre, 31 de agosto de 2015.

(Bernardo Lewgoy, Dr. PPGAS-UFRGS)

(Guilherme da Silva e Sá, Dr. UnB)

(Isabel Carvalho, Dra. PUC)

(Ceres Victora, Dra. UFRGS)

(Ana Rocha, Dra. UFRGS)

Para minha família e para aqueles que são cuidados por animais.

Agradecimentos

Ao meu orientador Bernardo Lewgoy que sempre apostou nos interesses interdisciplinares de uma orientanda que escolheu coordenar seu caminho, dentro da antropologia social. A ele meu carinho, respeito, lealdade e gratidão.

Ao Grupo de Pesquisa Espelho Animal, onde tive a oportunidade de participar de inúmeros encontros e discussões que permitiram meu crescimento como antropóloga. Ao grupo minha gratidão e companheirismo.

Aos colegas de antropologia Caetano Sordi, Patricia Silva, Miguel Herrera, Ana Bolero e Cristiano Barreiro pelas intermináveis discussões e pelas noites antropológicas. Obrigada por serem meus amigos.

Ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS que me acolheu no seio de sua equipe de alunos pesquisadores, não somente disponibilizando-me as mais diversas oportunidades didático-pedagógicas de aprendizagem e incentivo, mas também ampliando minhas possibilidades para saídas de campo e participação em eventos.

Às professoras Ceres Victora, Ana Luiza Rocha e Isabel Carvalho por aceitarem dedicar parte de seu tempo à apreciação de meu trabalho e ajudarem-me a melhorar o produto final desta etapa.

À CAPES, por me financiar com uma bolsa de estudos durante os quatro anos do doutorado e me conceder, ainda, uma bolsa de doutorado sanduíche cuja experiência foi de fundamental importância em minha formação.

A Guilherme Sá, que tive a felicidade de ter como colega no período do sanduíche na França. À Perig Pitrou, Pierre Olivier Dittmar, Anne-Marie Brisebarre, Carole Ferret, Helena Prado, Nicolas Adde que contribuíram substancialmente para a produção e continuidade desta tese. Muito obrigada!

Ao Laboratório de Antropologia Social do Collège de France que me recebeu durante um ano de estágio doutoral oferecendo-me todo o acolhimento necessário para uma estada tranquila na França, bem como para meu desenvolvimento profissional. Meu agradecimento especial à Tiziana Manicone, Philippe Descola, Marie Claudine e Monique Jeudy-Ballini.

Aos meus interlocutores, sobretudo Karina Schutz e Vinícius Ribeiro que me receberam abertamente mostrando-me não somente seu trabalho mas também suas vidas para que eu pudesse perceber sua associação com os animais e seu envolvimento com a TAA. Meus eternos agradecimentos e companheirismo.

À minha família, meus pais Maria Pirene e João Henrique, tia Rene, tia Marlene, tio Luis, meus irmãos Ale e Marlon, meu cunha Fred e minha sobrinha Laila, que mesmo sem saber direito o que eu estudava, sempre apoiaram minhas associações. Eu vos amo incondicionalmente.

Ao meu querido Alexandre Guyonnet que com paciência e amor permitiu que a escrita desta tese fosse uma experiência de aprendizado no meio do amor e da tranquilidade. Eu te amo!

Aos profissionais de TAA por dedicaram-se a esta atividade respeitando os animais e as pessoas que acreditam na prática.

Aos animais, por dedicarem-se ao cuidado dos humanos que tanto necessitam de sua ajuda.

Resumo

Este trabalho trata de estudo acerca da relação contemporânea entre humanos e animais no contexto das Terapias Assistidas por Animais – TAA, prática terapêutica crescente na promoção da saúde humana. A pesquisa de campo foi realizada através da observação participante de diferentes projetos de TAA, desenvolvidos em hospitais públicos e casas geriátricas, nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. Metodologicamente esta pesquisa apoia-se, fundamentalmente, na etnografia das sessões terapêuticas, com o objetivo de perceber alguns dos princípios que estruturam a prática, sobretudo no que tange à relação humano-animal e à interação entre os seres que participam do processo terapêutico. Como horizonte teórico, debruçei-me sobre o pensamento de Tim Ingold, cuja base analítica assenta-se na consideração de que as ligações que estabelecemos com a natureza, seres e coisas fazem emergir práticas e estilos de vida, como uma chave pragmática para pensar o afloramento de sensibilidades e mundos. Essa proposição tem um caráter prático servindo-me como suporte junto aos trabalhos de Andrés Georges Haudricourt, Carole Ferret e Perig Pitrou, para tentar entender alguns meandros dessa relação, tomando como base as ações trocadas entre os humanos e os animais, durante a sessão terapêutica. Exploramos, igualmente, alguns discursos relacionados às ações trocadas entre os participantes da sessão, nos aproximando do que se poderia chamar de uma racionalidade terapêutica, de acordo com o pensamento de Madel Luz (2005), que seria própria da atividade, ligando-a ao sistema de saúde convencional, mas também oferecendo inúmeros novos modos de relação e com a ampliação das maneiras de expressão. A terapia em questão, enquanto tecnologia de cuidado, se adapta aos preceitos da Reforma Sanitária e da Reforma Psiquiátrica (Amarante, 1992), pois abrange processos de mudanças em nível legislativo, político, teórico e prático. Este trabalho aponta para uma forma diversificada de técnica terapêutica cujo dispositivo terapêutico está associado à interação do paciente com um animal permitindo, com isso, a crítica aos processos de medicalização da vida (Illich, 1975; Gaudenzi e Ortega, 2012) em acordo apelo para que outros atores sociais entrem em contato com os “doentes”, além dos médicos e enfermeiros (Palombini, 2012). Os animais, sob o amparo de movimentos em defesa dos animais e dos benefícios (fisiológicos e afetivos) advindos da interação interespecífica na TAA, ocupam o prestigiado estatuto de “terapeutas”.

Palavras-chave: Sistema de Saúde Convencional, Técnica Terapêutica, Antropologia da Relação Humano-Animal, Zooterapia, Antropologia da Técnica.

Abstract

This work deals with a study about the contemporary relationship between humans and animals in the context of Animal Assisted Therapies - TAA, a growing therapeutic practice in the promotion of human health. The field research was carried out through participant observation of different TAA projects, developed in public hospitals and geriatric homes, in the cities of Porto Alegre, São Paulo and Rio de Janeiro, Brazil. Methodologically, this research is based essentially on the ethnography of the therapeutic sessions, in order to perceive some of the principles that structure the practice, especially regarding the human-animal relationship and the interaction between the beings that participate in the therapeutic process. As a theoretical horizon, I focused on the thinking of Tim Ingold, whose analytical basis rests on the consideration that the bonds we establish with nature, beings and things, emerge practices and lifestyles, as a pragmatic key to thinking the outcrop of sensibilities and worlds. This proposition has a practical character serving as a support with the works of Andres Georges Haudricourt, Carole Ferret and Perig Pitrou, to try to understand some meanders of this relationship, based on the actions exchanged between humans and animals, during the therapeutic session . We also explored some discourses related to the actions exchanged between the participants of the session, approaching what could be called a therapeutic rationality, according to the thought of Madel Luz (2005), which would be characteristic of the activity, linking it to the Conventional health system, but also offering innumerable new ways of relating and expanding the ways of expression. The therapy in question, as a care technology, adapts to the precepts of Sanitary Reform and Psychiatric Reform (Amarante, 1992), since it encompasses processes of changes at the legislative, political, theoretical and practical levels. This work points to a diversified form of therapeutic technique whose therapeutic device is associated with the patient's interaction with an animal, thus allowing criticism of the medicalization of life processes (Illich, 1975; Gaudenzi and Ortega, 2012). that other social actors come in contact with the "patients", besides doctors and nurses (Palombini, 2012). The animals, under the protection of movements in defense of the animals and the benefits (physiological and affective) arising from interspecific interaction in the TAA, occupy the prestigious status of "therapists".

Keywords: Conventional Health System, Therapeutic Technique, Human-Animal Relationship Anthropology, Zoo Therapy, Anthropology of Technique.

Lista de Imagens

Figura 1: Mapa do Brasil: A pesquisa foi desenvolvida nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo	17
Figura 2: Bazar Pêlo Próximo	33
Figura 3: Apae Foz do Iguaçu. Crianças esperando a entrada dos animais	35
Figura 4: Apae Foz do Iguaçu. Voluntário com animal em atendimento. Foto: Pêlo Próximo	36
Figura 5: Casa Geriátrica Froien Farain, apresentação de Carlota, com Ana e Luis	37
Figura 6: Hospital Psiquiátrico São Pedro. Phantom passeando com os moradores	44
Figura 7: Solar Anita Garibaldi	45
Figura 8: Benê e Phantom	46
Figura 9: Ozzy sobre a cabeça de Dona Maria	46
Figura 10: Geriatria Copacabana. Senhoras do Segundo andar com Faith	48
Figura 11: Geriatria Copacabana, sede 1	49
Figura 12: Geriatria Copacabana. Coelha Firula quietinha no colo da senhora	49
Figura 13: Folder Workshop Pet Terapia	54
Figura 14: Programa Workshop Pet Terapia	55
Figura 15: Workshop Pet Terapia	55
Figura 16: Palestra Karina Schutz.	56
Figura 17: Palestra Ana Lu Accorsi.	56
Figura 18: Palestra Ivana Teixeira.	57
Figura 19: Projeto Pêlo Próximo em visita à APAE de Nova Iguaçu	63
Figura 20: Projeto Pêlo Próximo, Elaine, adestradora	64
Figura 21: Projeto Pêlo Próximo, Agility com a cachorrinha Carlota	64
Figura 22: Alexandre Monteiro, projeto Animallis	68
Figura 23: Calopsita do projeto Animallis no Centronati	68
Figura 24: Os Collies do projeto Animallis	69
Figura 25: Libra, no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP	73

	12
Figura 26: Cães terapeutas da TAC, Pudim e Xica Maria	74
Figura 27: Ludoterapia no Hospital de Clínicas de SP. O cão Lion interagindo com criança	74
Figura 28: Banzé na Ludoterapia do HCSP.	75
Figura 29: Ação direta	186
Figura 30: Uma ação passiva	187
Figura 31: Ação direta interna	188
Figura 32: Ação externa	189
Figura 33: ATEAC- Instituto para Atividades, Terapias e Educação Assistida por Animais, de Campinas.	194
Figura 34: Projeto Medição atua voluntariamente na área de terapia para humanos com o auxílio de animais.	194
Figura 35: Animais Terapeutas. Revista Mente & Cérebro	195
Figura 36: Ozzy trocando cafuné com senhora	207
Figura 37: Phantom assustando.	208
Figura 38: Faith e senhora	209
Figura 39: Pet Terapia Porto Alegre, Cachorra Faith.	300
Figura 40: Pet Terapia, Porto Alegre, Coelha Firula	301
Figura 41: Projeto Inaata, São Paulo. Foto do arquivo do informante.	301
Figura 42: Karina Schutz e Ozzy com Ana Lu Accorsi e Tabata	306
Figura 43: Vinicius Ribeiro e Libra	307

Lista de Quadros

Quadro 1: Síntese do estudo	79
Quadro 2: Os dois modelos de ação definidos por André Georges Haudricourt	173
Quadro 3: Os dois modelos de ação definidos por André-Georges Haudricourt em comparação com a classificação de Carole Ferret	177
Quadro 4: Teste de Campbell	180
Quadro 5: Aplicação da classificação analítica de Carole Ferret	190
Quadro 6: Ações desenvolvidas pelos cães	200
Quadro 7: Ações desenvolvidas pelos pássaros	201
Quadro 8: Ações desenvolvidas pelos coelhos	202
Quadro 9: Geral de Ações	203

	14
Sumário	
Agradecimentos	7
Resumo	9
Abstract	10
Mapa do Brasil	16
Capítulo I	30
Trajetória Etnográfica	30
Introdução	31
Trajetória Etnográfica	32
Projeto Pet Terapia	40
Figura 15: Workshop Pet Terapia	55
Projeto Pêlo Próximo	58
Projeto Animallis de Terapia Assistida por Animais	65
TAC – Terapia Assistida por Cães	70
Programa de Terapia Mediada por Animais	76
Síntese do Estudo	79
Considerações finais	80
Capítulo II	84
O Ambiente onde a relação se desenvolve	84
Introdução	85
Terapias Assistidas por Animais	94
Terapias Assistidas por Animais - História	94

	15
Terapia Assistida por Animais – Estado Atual	101
Terapias Assistidas por Animais – Produção de conhecimento.	104
Terapia Assistida por Animais - Campo de negociações	116
Terapia Assistida por Animais – Regulamentação da atividade	131
Terapia Assistida por Animais - Legislação	136
Políticas que regem a relação humano-animal	142
Considerações finais	149
Capítulo III	153
Análise Técnica das Ações e da Corporalidade na Terapia Assistida por Animais	153
Introdução	154
O animal que produz cuidado – fases do processo	159
Modalidades de ações humanas (tipologia)	169
Tipologia das Ações da TAA	191
Agentes não-humanos que participam do processo, as ações que eles devem performar e os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos.	201
O cão – Faith e Phanton	201
O pássaro – Oliva e Ozzy	202
O coelho - Firula	203
Quadro Geral de ações	204
Considerações finais	206
Figura 36: Ozzy trocando cafuné com senhora. Foto: arquivo Pet terapeuta.	208
Foto arquivo pet terapeuta.	209
Figura 38: Faith e Senhora. Solar Anita Garibaldi março de 2013.	210
Foto arquivo pet terapeuta.	210
Capítulo IV	211

	16
O que diz a Antropologia sobre a Relação Natureza-Cultura	211
Introdução	212
Antropologia e animais	215
A distribuição dos seres em categorias ontologicamente diferenciadas na Antropologia	222
Relações plurais com os animais	234
O comportamento animal	246
O animal da TAA	258
Considerações finais	276
Capítulo V	279
Relações no Interior da TAA	279
Introdução	280
Relações estabelecidas na TAA	283
Relação entre o paciente e o animal	291
A relação entre o terapeuta e o animal	303
Figura 43: Vinicius Ribeiro, TAC, São Paulo.	308
Foto: TAC	308
O sistema terapêutico da TAA	309
Considerações Finais	322
Referências Bibliográficas	326
ANEXOS	342
ANEXO I	343
ANEXO II	344
ANEXO III	345
ANEXO IV	346

Introdução

Esta tese apresenta descrição e discussão acerca do modo como as ações mediadas por animais exercem uma ação sobre o mundo, tomando como objeto um caso particular de zooterapia: as Terapias Assistidas por Animais¹. Nestas práticas terapêuticas, animais como cães, gatos, cavalos, peixes, ratos, moluscos ou outros animais são empregados como coadjuvantes no tratamento e melhoramento de diversos estados patológicos humanos como, por exemplo, as doenças mentais (Silveira, 1998; Levinson, 1964). Entretanto, o termo zooterapia pode referir-se à terapêutica dos animais, ou seja, às doenças que acometem os animais, ou ao registro do uso de remédios elaborados a partir de partes do corpo de animais, de produtos de seu metabolismo, como secreções corporais e excrementos ou, de materiais construídos por eles como ninhos e casulos (Aurélio, 2004; Costa Neto, 1999, 2006)². A utilização medicinal do animal, seja na forma de “matéria-prima” ou

¹ Terapia Assistida por Animais, ou simplesmente TAA é um termo proposto pelo Delta Society Institute, com sede principal em Washington, EUA.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 3a. Edição, Curitiba: Positivo, 2004.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. Os moluscos na zooterapia: medicina tradicional e importância clínico-farmacológica. **Biotemas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 71-78, jan. 2006. ISSN 2175-7925. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/21177/19158>>. Acesso em: 19 nov. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/21177>.

_____. “**Barata é um santo remédio**”: introdução à zooterapia popular no estado da Bahia. UEFS, Feira de Santana, Brasil, 1999, 103 pp.

_____. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares. **Interciencia**, **25** (9): 423-431. 2000a.

_____. Zotherapy-based medicinal traditions in Brazil. **Honey Bee**, **11** (2): 2-4, 18. 2000b.

_____. Animal-based medicines: biological prospection and the sustainable use of zootherapeutic resources. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, **77** (1): 33-43. 2005.

como “terapeuta”, tem o objetivo de tratar e prevenir doenças e enfermidades nos seres humanos. Seu correlato, no campo da medicina veterinária, denomina-se etnoveterinária.

Desenvolvi o trabalho de campo no Brasil nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo e durante dois anos acompanhei atividades de TAA propostas através de projetos de intervenção terapêutica em hospitais, clínicas psiquiátricas e clínicas geriátricas. O acompanhamento desta atividade terapêutica, cujo animal é tido como 'co-terapeuta' em conjunta atuação com um humano-terapeuta, permitiu-me colocar em perspectiva a técnica implicada na TAA, através da ação animal e humana durante a sessão para em seguida abordar as especificidades da relação homem-animal, que se desenvolve ali.

De maneira geral o trabalho de campo mostrou que nesta atividade existe um tipo particular de relação entre humanos e animais, porque o animal é dotado da capacidade de assistir, cuidar, tratar e curar um humano doente. Este princípio permitiu-me elencar e descrever as categorias de humano e animal de acordo com os papéis dos seres envolvidos e de suas ações. Isto foi possível porque tentei observar, descrever e colocar em perspectiva analítica, uma cadeia operatória (Pitrou, 2014) que produz o animal terapeuta, através de um processo que passa pela escolha do animal, treinamento/adestramento, emergência de discursos político-filosóficos acerca da animalidade e humanidade, até o desenvolvimento da sessão de TAA. Mais especificamente concentrei-me em apreender os efeitos visíveis que os humanos exerciam sobre os animais e, os efeitos visíveis a mim que

os animais ocasionam nos humanos, e as ações trocadas entre o animal, os pacientes e o terapeuta humano.

O campo de pesquisa remete-nos ao cenário das cidades-metrópole e isso é remarcável porque devemos considerar o contexto urbano caracterizado pela hegemonia das relações ecológicas intra-específicas homem-homem, em detrimento das relações inter-específicas³. A cada vez menor participação de diferentes espécies no círculo urbano permite àqueles que permanecem em contato com o homem uma sorte de relações possíveis no interior das residências e instituições da sociedade moderna. Esses animais são chamados de “domésticos”, “de companhia” ou “pets”, importando para essas categorias menos a espécie que o contexto, para serem considerados como tal. Os animais domésticos presentes no contexto metropolitano, são: cães, gatos, alguns pássaros, poucos coelhos e, muito raramente, animais como roedores-hamsters, anfíbios como iguanas, cavalos, vacas, porcos ou cabras. Com eles o homem desenvolve toda sorte de relações e práticas sensíveis, desde que o humano e o animal em questão estejam em acordo para relacionar-se.

Seria antropocêntrico, cômodo ou até mesmo ingênuo considerarmos que essas relações tão íntimas e significativas para o homem, desde onde podemos

³ Na cidade de Porto Alegre, por exemplo, em 2010, foi sancionada lei que prevê o fim da circulação das carroças, uma medida que deve estar totalmente implantada até 2016. O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul-TJRS, julgou improcedente a ação de inconstitucionalidade proposta pelo Ministério Público que pedia a suspensão da lei aprovada pela Câmara de Vereadores em setembro de 2009[#]. O movimento em defesa dos animais assinala que a cidade, com suas ruas asfaltadas e um trânsito rápido privilegiando carros, é um espaço que maltrata os cavalos, mantidos em condições deploráveis em espaços urbanos de grande vulnerabilidade social. Nesse caso, há todo um esforço estatal através do financiamento oferecido por bancos internacionais[#], para colocar a lei em prática. Por outro lado, a Associação dos Carroceiros da Grande Porto Alegre resiste à essa interdição uma vez que a atividade junto ao cavalo faz parte de seus modos de trabalhar. O que vemos aqui, dos dois lados da discussão é que para além da exploração do animal como ser senciente, temos um exemplo de que as relações inter-específicas legisladas no contexto urbano são cada vez mais sensíveis mas inegavelmente contribuem no sentido de relegar a determinados animais o entorno da metrópole e a outros as paredes dos apartamentos, como os cães e gatos.

afirmar, assentariam-se totalmente em um pensamento que relega ao animal a participação ativa nesse processo. Essa supremacia da ação humana sobre a construção da realidade parece estar ligada à noção cartesiana de animal-máquina, que permeia a produção de conhecimento ocidental. Esta perspectiva, desde o ponto de vista de uma antropologia contemporânea, mostra-se insuficiente para explicar a complexidade dos processos relacionais entre as espécies homem-animal, uma vez que a zooterapia apresenta uma relação permeada de fortes meandros psicológicos e emocionais de ambas as partes.

Considera-se, através das palavras de Tim Ingold, que o paradigma cartesiano promoveu uma “estratificação entre animal humano e animal não-humano que acabou se adentrando na categoria de seres humanos, ou seja, promovendo uma hierarquização não somente entre humanos e animais mas entre humanos também” (Ingold, 2000:76). Os reflexos desta estratificação têm sua influência sobre o pensamento antropológico que destaca a “construção cultural de realidade” relativizando visões êmicas e relegando ao plano da metáfora qualquer perspectiva que inclua não-humanos em categorias que seriam estritamente humanas em sociedades ocidentais (Ingold, 2000). Portanto, tentando contribuir com os estudos em antropologia, como campo de produção de conhecimento, o trabalho analítico nesta tese parte da excelência de análises da antropologia contemporânea para tratar de modo mais abrangente as práticas e as relações onde o conceito de natureza e de cultura estejam operando, no contexto moderno. Considera-se, nesta perspectiva que problematizar as nossas próprias taxonomias tradicionais não é tarefa possível se não formos capazes de reconhecer e vislumbrar diferentes formas

de relação homem-animal para além da relação estabelecida pelas ciências do homem ocidental. Por esse motivo lancei mão de trabalhos que foram desenvolvidos em contextos diversos ao da “cidade grande”, como os trabalhos de Guilherme Sá, Carlos Sautchuk, Philippe Descola, e Tim Ingold para pensar os tipos de relações existentes entre os entes envolvidos na Terapia Assistida por Animais respeitando as imanências dos diferentes campos de pesquisa ou das diferentes ontologias.

Em seguida, me engajei numa perspectiva que toma a antropologia da técnica, como estruturante nálfico, sobretudo seguindo os trabalhos desenvolvidos por André-Georges Haudricourt, Carole Ferret e Perig Pitrou, para objetivar a performance desenvolvida na TAA. Considera-se que pensar a técnica imbricada no contexto social significa que algumas decisões técnicas são escolhidas por razões sociais e relacionais. Nesta perspectiva, algumas questões serão, então, abordadas tal como propõe Perig Pitrou (2014), na direção de mostrar quais são os animais que “transformam” os outros ou eles mesmos através da mediação da ação. Pergunta-se, igualmente, de acordo com Pitrou (2014, 2015), quais são as ligações entre esses atores e a “natureza” ou o “status” social dos seres implicados. Para tanto, nos diz Pitrou (2014), esse seres devem ter habilidades que podem ser conhecidas e descritas dentro de momentos ou espaços determinados.

Somado a isso, diálogo com uma antropologia que se ocupa da relação do homem com os animais no contexto moderno – e também com os artefatos e discursos – considerando as emergentes práticas que se renovam cotidianamente mostrando diferentes formas de status para o homem e para aqueles com quem ele

se relaciona. Destaco os nomes de Dominique Lestel, Jean Pierre Digard, Jérôme Michalon, Frédéric Keck e Anne-Marie Brisebarre como importantes interlocutores.

No capítulo I, apresento a trajetória etnográfica que me levou a conhecer diversos projetos de TAA sobre os quais me debrucei para tecer as análises dos capítulos seguintes. Aqui são apresentados os projetos de TAA que conheci e visitei, ressaltando seu funcionamento e características.

No capítulo II, conheceremos como se organiza a TAA enquanto campo de conhecimento científico e campo de disputas sociais. Destacarei as mudanças que estes discursos promovem na relação em questão, moldando a terapia dentro de regras cada vez mais definidas. Assim, conheceremos a produção bibliográfica usada pelos profissionais da TAA, a história da constituição desta prática como técnica terapêutica e o enredamento jurídico concernente ao uso de animais em hospitais e à profissionalização da atividade.

No capítulo III, me dedico a analisar a TAA como um jogo de ações. Uma espécie de *mise en scene* em que os atores são fixados em seus respectivos status. Cada posição, dentro do que poderíamos considerar como um 'sistema da TAA', mostra um processo agentivo distribuído entre uma espécie de cadeia operatória objetivada por ações trocadas entre os participantes.

No capítulo IV, discorro sobre os estudos que tentam compreender o animal e sua ação no mundo através de uma visão antropológica e, sobretudo, através dos estudos em etologia para destacar que o animal é um ser dotado de agência. Aqui, ressalto que a relação entre o animal e o mundo se dá através de processos agentivos baseados na troca de sinais entre eles e os outros seres vivos.

No capítulo V, analiso as ligações entre os atores envolvidos no que chamei de um sistema terapêutico da TAA que vem ganhando sentido dentro do contexto de saúde convencional – biomédico, mas através de uma concepção particular de doença, saúde, cuidado, cura, animalidade e humanidade.

O argumento

Tenho me esforçado em alcançar, descrever e analisar representações sociais sobre a doença e a cura projetadas e elaboradas nas práticas terapêuticas, considerando seu ambiente e contexto específicos e variações relativas ao ambiente. A TAA que acompanhei, diferentemente da Equoterapia (terapia com cavalos) e da Delfinoterapia (terapia com golfinhos), ‘traz’ o animal para o ambiente de promoção e tratamento da saúde humana, como Centros de Atenção Psicossocial- CAPS, Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAEs, Clínicas Geriátricas, Hospitais e Institutos para tratamento de câncer e deficiências neuromusculares. Nelas, observei uma atividade em que o homem associa-se a um animal para desenvolver uma prática, que é uma técnica de trabalho, mas é também uma relação inter-específica peculiar. O animal em questão goza de um estatuto animal que subjaz às diferentes categorias observadas na terapia, como: terapeuta, co-terapeuta, pet-terapeuta, ferramenta terapêutica, facilitador, assistente e mediador. Essas denominações são correntes no contexto da TAA e tem o objetivo de “situar” o animal na estrutura das práticas.

Embora a TAA não seja uma atividade regulamentada/ regularizada nem para os profissionais da psicologia, nem para os médicos veterinários (as duas profissões que hoje brigam pela regulamentação da atividade) ela conta com importante produção de bibliografia mobilizando um potencial mercado desde a criação e seleção de animais próprios para esse fim, até cursos de formação e congressos em torno da temática. Nesse sentido, ser um profissional da TAA é fazer parte de um segmento da indústria animal – porque existe toda uma série de regras a serem seguidas para que o animal possa ser utilizado; e é também ser um profissional singular do campo da saúde, porque temos aqui um conjunto atuante formado por um terapeuta humano e um terapeuta animal.

Nesse caso, o estatuto do animal como terapeuta favorece uma ação relacional entre as partes envolvidas: o humano "paciente"⁴ (na condição de um doente), o humano terapeuta (que associa-se à um animal para desenvolver uma técnica de cuidado) e o animal (que se dispõe a tal atividade adequando-se às regras intrínsecas a tal atividade). De fato, durante a sessão, não seria exatamente o animal sozinho que dotado de alguma capacidade (super) natural curaria o homem das doenças que o acometem, mas sim a comunicação entre humano e animal de modo particular e, de modo geral um contexto político-social (ambiente) propício para tal relação, esses níveis discursivos contribuem para o status de um Animal Singular, para utilizar o termo de Dominique Lestel.

⁴ O termo paciente está sendo usado como um termo êmico. Próprio da linguagem biomédica é também cunhado pelos profissionais que transitam nos contextos onde realizo etnografia.

O animal chega nos espaços de saúde não como um experimento científico⁵, mas como terapeuta. Deste modo o que temos aqui não se trata unicamente de uma prática terapêutica, que emerge com mais expressividade no Brasil em meados dos anos 2000, mas sobretudo um tipo determinado de relação humano-animal. Essa discussão vem sendo fortalecida no seio de dois grupos de pesquisa nos quais me filio: o Grupo de Pesquisa Espelho Animal- antropologia das relações humano-animais⁶, cujo tema investigativo concentra-se na relação contemporânea entre humanos e animais e; a equipe *Anthropologie de la vie et des représentations du vivant*⁷, cujos trabalhos desenvolvidos convergem através análise de dados

⁵ Em 2008 foram sancionadas a Resolução nº 879/08 do Conselho Federal de Medicina Veterinária e a Lei Federal nº 11.794 (conhecida como Lei Arouca em homenagem ao autor do seu esboço, o deputado Sérgio Arouca), que regulamenta o uso de animais, abrindo um novo capítulo no ensino e na pesquisa científica do Brasil.

⁶ O grupo Espelho Animal desenvolve um projeto guarda-chuva, no seio do Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, com a participação de alunos de graduação, mestrado e doutorado, são eles: Caroline Gonçalves, Patrícia Nardelle, Leandra Pinto, Ivana Teixeira e Caetano Sordi, todos coordenados pelo professor Bernardo Lewgoy. Tal grupo está credenciado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desenvolvendo pesquisas com os seguintes objetivos: 1) A relação da questão animal com a cidadania no contexto brasileiro, observando a emergência e ação de movimentos sociais (incluindo a recepção de debates ético-filosóficos, políticas linguísticas, discussões jurídicas e questionamentos de estilo de vida), redes de proteção animal e políticas públicas que tomem essa questão como foco central; 2) Etnografia do novo ethos zoológico: onde é estudada a eclosão de novas sensibilidades, práticas, sociabilidades, instituições, especialistas, formas de consumo e estilos de vida relacionadas aos animais, questões estas paralelas aos questionamentos de uma cosmovisão antropocêntrica e instrumental a respeito do status dos animais não humanos, ligados a uma série de novos problemas derivados de sua complexa integração em arranjos familiares emergentes e novas presenças e inserção nos contextos urbano e rural e; 3) Animais, pós-humanismo e indústria cultural: através da análise de alguns dos produtos mais cristalizados e sistematizados do crescente nicho deste setor no mercado de bens simbólicos, pretende-se com pesquisar os novos discursos e representações a respeito da agência dos animais assim como o lugar destes no locus primitivista do discurso pós-humanista. Desde sua formação em 2011, o Grupo Espelho Animal já fora agraciado com bolsas de pesquisa para doutorandos, mestrandos e alunos de iniciação científica, através do qual já foram concluídas quatro dissertações (Matos, 2012, Pastori, 2012, Sordi, 2012, Borges, 2013) e uma monografia conclusiva de graduação em Ciências Sociais (Sordi, 2012). O Grupo de pesquisa Espelho Animal mantém uma página na internet com o objetivo de disponibilizar os trabalhos realizados por seus participantes, bem como, eventos promovidos pelo grupo ou qualquer outro tipo de informação pertinente à temática e ao grupo. Visitas a pagina do grupo no endereço: <http://espelhoanimal.wordpress.com/apresentacao/>.

⁷ A equipe se apóia sobre as atividades do seminário “Antropologia da vida e representações do ser vivo” (EHSS), coordenada pelos pesquisadores Dimitri Karadimas (CNRS) e Perig Pitrou (CNRS) no Laboratório de Antropologia Social do Collège de France em Paris, França, junto ao Laboratoire de Anthropologie Sociale du Collège de France, em Paris, onde desenvolvi meu estágio de doutorado sanduíche.

etnográficos de diferentes partes do mundo, favorecendo uma abordagem comparatista das concepções de vida, dialogando com disciplinas das ciências sociais e ciências da natureza.

Métodos de pesquisa

Eu dediquei três anos ao acompanhamento da TAA, até o momento. Comecei a procurar projetos para desenvolver trabalho etnográfico no final do ano de 2011, em Porto Alegre. Depois de 2013, quando viajei à França para meu doutorado sanduíche, eu continuei em contato com os meus informantes de maneira intensa, pela facilidade da internet.

Os meus registros etnográficos são quase que inteiramente registros de caderno de campo com exceção de algumas fotos, vídeos e conversas entre eu e os terapeutas, que foram por mim gravadas. Quando eu estava acompanhando a sessão de pet-terapia eu quase não fazia anotações longas, me permitia fazer pequenos apontamentos para não esquecer alguns episódios ou detalhes, que mais tarde, eu descrevia diretamente no computador. Isto porque as pessoas (pacientes) mostravam-se encabuladas ou inquietas com minhas anotações ou fotografias, frequentemente queriam saber porque eu escrevia tanto e isso fez limitar-me à apontamentos rápidos.

Durante o período de 2012 e 2013 descobri um mundo da TAA e percebi o rápido crescimento do segmento. Para tanto, me liguei à Pet Terapia Porto Alegre, o projeto desenvolvido por Karina Schutz e fiz deste campo de pesquisa minha principal fonte de dados, uma vez que me envolvi totalmente com o projeto de Karina ao ponto de ela mesma não acreditar quando eu dizia que não queria ser uma pet-terapeuta.

Assim, desde uma orientação antropológica de investigação, o método etnográfico configura-se na principal via de acesso ao objeto pesquisado, uma vez que interessa nos, sobretudo, pesquisar e refletir etnográfica e antropologicamente. Meu acesso aos locais onde o trabalho de campo foi realizado, foi formalizado através da Anuência da Instituição onde consta o aceite para que a observação se desenvolvesse naquele espaço (ANEXO I). Para realização das entrevistas utilizei o Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO II), em conformidade com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁸ que versa sobre as Diretrizes e Normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Faz-se necessário frisar, antes de falar destes projetos, que não pretendo entrar no mérito da eficiência terapêutica destas práticas no que diz respeito à perspectiva biomédica, isto é, não questiono os argumentos fisiológicos que justificam a eficácia terapêutica pela alteração de enzimas e elementos físicos, mas sim, levo em consideração a existência de tais argumentos como parte de um jogo de poderes que tentam provar a eficácia terapêutica da TAA para a promoção da saúde humana. O que pretendi foi pesquisar qualitativamente o sentido que esses diferentes sujeitos atribuem às interações, em face a práticas e relações já sedimentadas na ordem cultural.

⁸ Link de acesso à Resolução 196/96: <https://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>

Capítulo I

Trajetória Etnográfica

Introdução

A pesquisa está amparada em etnografia realizada em Projetos que desenvolvem Terapia Assistida por Animais, cujo campo fora realizado ao longo de 2011, 2012 e 2013 na cidades de Porto Alegre. Paralelo a isso, visitei o Projeto Pelo Próximo e o Projeto Animallis ambos na cidade do Rio de Janeiro, e o Projeto TAC – Terapia Assistida por cães, em São Paulo. Essas propostas de TAA, serão aqui apresentadas enquanto desenho minha trajetória etnográfica contando um pouco de como eu cheguei até cada um deles.

Minha inserção neste campo aconteceu desde a busca pelas Terapias Assistidas por Animais na cidade de Porto Alegre, em meados de 2011. O que sabia, até então, através de meus estudos anteriores no campo da saúde mental, é que o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), desde 2007, havia incluído nas oficinas do CAPSi⁹ uma sessão semanal da terapia assistida por animais (FARACO, 2009). O trabalho desenvolvido no HCPA fora proposto pela médica veterinária, mestre e doutora em psicologia Ceres Faraco, que desde 2008 até 2009, desenvolveu o projeto Terapia Mediada por Animais¹⁰ - TMA, no CAPSi do hospital, este o primeiro

⁹ CAPS i é um Centro de Atenção Psicossocial e tem o objetivo de atender, durante o dia, crianças e adolescentes com algum transtorno psíquico.

¹⁰ Esta atividade terapêutica foi desenvolvida após aprovação, conforme protocolo 07/273 do Comitê de Ética em Pesquisa, Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A proposta foi apresentada para os responsáveis pelas crianças e solicitada à formalização do consentimento através da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto previa a autonomia do sujeito em participar através de avaliação do médico responsável, da aquiescência dos responsáveis e das crianças e adolescentes participantes. No primeiro encontro era estabelecido um “acordo” com as crianças e jovens. Todos os encontros iniciavam com um breve rapport, retomando a finalidade do encontro, os cuidados e as combinações, fatores necessários para o desenvolvimento das atividades, para interagir com os animais e para com os demais membros do grupo durante a intervenção. Em face de qualquer sinal de alerta, ficou estabelecido que o animal

projeto de terapia com animais em uma instituição de saúde pública da capital gaúcha.

Sendo assim, fui à procura da coordenadora e proponente do projeto acima citado. Ceres Faraco, foi minha primeira interlocutora, embora o projeto desenvolvido por ela houvesse findado alguns meses antes de minha pesquisa começar. Mas ela foi a primeira profissional de TAA com quem conversei e através dela, obtive uma excelente recepção em outros dois projetos de TAA: o Projeto Pêlo Próximo e Projeto Animallis, desenvolvidos no Rio de Janeiro. Assim, antes de iniciar o trabalho de campo em Porto Alegre, porque eu não havia encontrado esta atividade em andamento naquele momento, parti para conhecer as atividades de terapia assistida por animais, na cidade do Rio, como Ceres havia nos estimulado.

Trajetória Etnográfica

Fui ao Rio de Janeiro, em maio de 2012 para conhecer a TAA “na prática”. Eu estava ansiosa para conversar com aquelas pessoas e, se fosse possível, assistir pela primeira vez uma sessão terapêutica. Na agenda estavam: as atividades do Pêlo Próximo, do Animallia, do Centro de Equoterapia Conviver e, uma pesquisa documental no Museu Nise da Silveira, no Hospital Psiquiátrico Pedro II. Estava contente por começar meu trabalho de campo e considerava esses projetos como boas possibilidades de campo, mesmo que para isso tivesse que realizar visitas frequentes ao Rio de Janeiro.

visitante fosse imediatamente afastado do ambiente, e as crianças e adolescentes, informadas sobre as razões desta atitude.

Assim, no 26 de maio de 2012 encontrei com Alessandra, uma das coordenadoras do projeto Pêlo Próximo com quem eu vinha conversado por e-mail. Encontrei ela e a equipe do projeto, na praça Mauro Duarte, em Botafogo. Eles estavam participando de uma feira pet, uma iniciativa que incluía comerciantes do bairro, mas também pequenos panfletos dos patrocinadores como a multinacional Bayer- uma campeã na venda de vermífugos no ramo da veterinária e agricultura sobretudo, cuja instalação no Rio de Janeiro data 120 anos. No Bazar Solidário Pelo Próximo, eram vendidos produtos como calendários com a fotos dos animais terapeutas, botons, camisetas, a bandana que os pet-terapêutas usam e uma série de artigos com a marca do Pelo Próximo.

Figura 2: Bazar Pêlo Próximo.



Foto: Pêlo Próximo

Passei essa tarde me ambientando entre os participantes do Projeto Pêlo Próximo que conta com vários voluntários, são pessoas que se associam a seus animais domésticos para realizarem atividades terapêuticas em casas geriátricas, hospitais, centros de atenção psicossocial e escolas. Por isso o projeto atende somente nos finais de semana, quando os voluntários estão liberados de suas atividades profissionais.

Com esse projeto visitei a Apae de Nova Iguaçu, cidade vizinha ao Rio. Para tal deslocamento consegui uma carona no carro do casal Ana e Luis, com sua cachorrinha Carlota, a pet-terapeuta. O grupo encontrou-se na Casa do Alemão, um restaurante localizado na beira da Rodovia Presidente Dutra e, de lá, partimos todos em caravana para Nova Iguaçu, onde tive a oportunidade de participar da rotina de atendimento deste grupo. Ainda, em outra estada no Rio de Janeiro, em novembro de 2012, tive a oportunidade de acompanhar o Pêlo Próximo em atendimento à Casa Geriátrica Froien Farain. Mais tarde, encontrei as coordenadores Roberta e Alessandra para conversar sobre o projeto e os registros de campo destas visitas estão distribuídos pela tese.

Figura 3: Apae Foz do Iguaçu. Crianças esperando a entrada dos animais.



Foto: Ivana Teixeira

Figura 4: Apae Foz do Iguaçu. Voluntário com animal em atendimento.



Foto: Pêlo Próximo.

Figura 5: Casa Geriátrica Froien Farain, apresentação de Carlota, com Ana e Luis.



Foto: Pêlo Próximo

Ainda no Rio de Janeiro conheci o Centro de Equoterapia Conviver, sob coordenação de Vanessa Brea, psicóloga, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. O local onde o projeto é desenvolvido localiza-se na região periférica de Niterói. Para chegar no Centro Conviver, encontrei com Vanessa em um ponto da estrada, Várzea das Moças, e fomos de carro até o Centro de Equoterapia, que é um espaço de equitação locado pelo projeto, para desenvolvimento das atividades com os cavalos. Neste espaço os alunos da equoterapia misturavam-se aos praticantes de equitação e domadores de cavalos, obviamente cada modalidade

conta com espaços separados por cercas de madeira. As atividades da equoterapia foram por mim observadas em duas ocasiões da pesquisa de campo, momentos em que pude conversar com Vanessa sobre sua entrada no mundo das terapias assistidas por animais e sobre o caminho acadêmico dos estudos neste tema. Conversei, também, com os pais das crianças assistidas pelo projeto e observei as atividades ali desenvolvidas. Na cidade de Porto Alegre eu procurei por projetos de equoterapia, chegando a visitar algumas vezes o projeto Equus Ciape¹¹, localizado no Bairro Aberta dos Morros. Certamente os cavalos interagem com bastante facilidade com o homem e são animais apreciados para TAA, e penso que o estudo antropológico da Equoterapia merece destaque singular.

Depois, visitei o Centronati – Centro de neuropsicologia aplicada à terceira idade. Uma clínica localizada no bairro Ipanema, que visa atender a população de idosos com Alzheimer em estágios médio ou avançado da doença, e tem na base de sua constituição, o projeto Animallis. O Animallis compreende a terapia assistida por animais como um catalisador de processos terapêuticos. É coordenado por Alexandre Monteiro um neuropsicólogo que tive a oportunidade de conversar e, conhecer seus animais em sua residência. Neste encontro, falamos sobre sua trajetória acadêmica, a formação do Animallis, as premissas teóricas de seu trabalho e as dificuldades do campo (terapia com animais). Entanto, não consegui observar as sessões terapêuticas, pois Alexandre viajava aos Estados Unidos, a fim de participar de mais um curso de formação em TAA.

¹¹ Mais informações no site: <http://www.equusciape.com.br/>

Assim, na cidade do Rio de Janeiro, além de acompanhar algumas atividades dos projetos e ter conversas importantes com aqueles que eu considerei meus primeiros interlocutores, tomei conhecimento do trabalho de Karina Schutz. Através de Roberta e Alessandra, coordenadoras do Pêlo Próximo, obtive a informação de que em Porto Alegre, existia uma psicóloga que se ocupava da TAA. Foi assim que conheci Karina, cujo acompanhamento de seu trabalho transcorreu semanalmente desde meados de julho de 2012 paralelamente aos projetos do Rio de Janeiro e São Paulo. Já o projeto de Ceres Faraco, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e o Animalia não voltaram a ser desenvolvidos até o final de meu trabalho de campo.

Depois de algum tempo acompanhando Karina ainda me interessei pelo trabalho de Vinicius Ribeiro, cujas atividades eram desenvolvidas no Hospital de Clínicas de São Paulo. Seu projeto chama-se TAC – Atividade Assistida por cães. A TAC atua num dos maiores hospitais públicos de São Paulo, e procurei Vinicius para conversar com ele e conhecer seu trabalho.

O modo como conheci cada projeto, pela indicação dos próprios terapeutas de TAA é o que em metodologia da pesquisa conhecemos como Método Bola de Neve, e foi esse um dos fatores que contribuíram para que eu houvesse sempre uma boa recepção em cada um deles, assim como a continuidade de nossa conexão.

Projeto Pet Terapia



O projeto Pet Terapia, cujo slogan é “bicho ajudando gente”, desenvolve atividades terapêuticas em ambientes de cuidado à saúde humana, através da atuação conjunta de Karina na companhia de um animal, seja nos atendimentos coletivos, para vários *pacientes* no mesmo espaço, ou de forma particularizada atendendo somente a uma pessoa. Seu trabalho é realizado em casas geriátricas e no Hospital Psiquiátrico São Pedro- HPSP, na cidade de Porto Alegre, mas atualmente a Pet-Terapia ampliou sua atuação em Apaes e escolas. Karina entrou no ramo da pet-terapia a partir de seu interesse por esta modalidade terapêutica que lhe foi apresentada pela professora Ceres Faraco. Karina era estudante da

graduação e, Ceres concluíra doutorado em Psicologia na mesma instituição. Nesta ocasião Karina participou do projeto que era desenvolvido por Ceres, cujo objetivo era levar animais às escolas para promover a interação entre homem-animal. Após essa experiência Karina foi morar em Londres onde ela pode ter outras experiências com a terapia assistida por animais, pois participou de eventos e conheceu as atividades de duas grandes associações que desenvolvem a terapia com animais, a *Dogs for the Disabled*¹² e *Dogs Trust*¹³. Ela também trabalhou com um adestrador e voltou para o Brasil decidida a investir na carreira de psicóloga pet-terapeuta.

Quando Karina voltou de Londres não havia terapia com animais em hospitais ou clínicas, tudo que se conhecia no campo da saúde, em Porto Alegre, era a equoterapia. O lado bom desse cenário é que a proposta dela tinha um bom espaço, mas como em geral não se tinha conhecimento desta terapia, Karina apresentava seu projeto nas instituições de assistência social e de saúde, e não obtinha sucesso:

“as pessoas pediam demonstração eu ficava um tempo trabalhando e chegava no fim do mês na hora de pagar e ninguém pagava. Aí desisti, fui trabalhar com RH (recursos humanos). Até que um dia me ligam do São Pedro, conseguiram meu telefone com a mulher da equoterapia que tinha me conhecido quando apresentei o projeto na Fasc. Aí eu comecei!” (Registro de campo, entrevista 22 de julho de 2013).

Depois vieram as casas geriátricas e Apaes. É importante destacar que acompanhei Karina em seus atendimentos no Solar Anita Garibaldi, uma casa geriátrica em Porto Alegre que oferece TAA quinzenalmente aos seus moradores

¹² Link para acessar o site: <http://www.dogsforthedisabled.org>

¹³ Link para acessar o site: <https://www.dogstrust.org.uk>

desde 2010, no Solar Copacabana em duas sedes, em duas sessões a cada quinze dias e, no Hospital São Pedro.

As visitas ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, embora não tenham se realizado com frequência, visto que meu acompanhamento era vetado pelo estatuto de estagiária que Karina ocupava naquele momento, para quem não era permitido receber outros estagiários (eu). Assim, Karina me relatava toda semana como tinha se passado cada atendimento. O hospital psiquiátrico São Pedro contratou a Pet Terapia semanalmente desde 2011 até meados de 2013 quando mudou a diretoria do hospital e Karina deixou de atender esse espaço.

Figura 6: Hospital Psiquiátrico São Pedro. Phantom passeando com os moradores.



Foto: Karina Schutz

Um dos locais onde eu mais acompanhei Karina foi o Solar Anita Garibaldi, uma casa geriátrica com mais de vinte anos de atuação em Porto Alegre, localizada na Avenida Alvarenga, nº 580 – Bairro, Boa Vista. Nesse espaço eu era considerada como assistente de Karina, pois todos lá pensavam que eu também era pet-terapeuta já que eu estava presente em todas as sessões. Esta casa geriátrica conta com uma equipe de médicos e enfermeiros que assistem as 48 pessoas que lá habitam, a maioria senhores e senhoras idosos, com algum problema de saúde. Os mais velinhos sofrem de doença de alzheimer ou esquizofrenia e estão no Solar por

uma iniciativa da família. Há também alguns senhores, na faixa dos 40 anos que habitam o Solar porque são portadores de alguma doença mental.

Neste local, a terapia começava sempre pela sala de estar, onde os moradores já estavam dispostos quando chegávamos. Depois de uma estada nesta sala de confraternização, passávamos aos quartos para ver aqueles que não podiam ou não queriam deslocar-se até o ambiente coletivo. Era um verdadeiro passeio por toda a casa que tem dois andares: o de baixo destinado àqueles que dependem de cadeira de rodas e o segundo andar para aqueles que não tem problemas de locomoção. A sessão de terapia com animais começava às 16h e estendia-se até 18h ou 18h30min, uma vez por semana.

A casa contratou a Pet Terapia por intermédio de Lilian, a secretária do local que, no intuito de oferecer estímulos variados aos velhinhos, contactou Karina após saber de seu trabalho.

Figura 7: Solar Anita Garibaldi.



Foto: Karina Schutz

Figura 8: Benê e Phantom



Foto: Ivana Teixeira

Figura 9: Ozzy sobre a cabeça de Dona Maria



Foto: Karina Schutz

A Casa geriátrica Copacabana, está localizada no bairro menino Deus, na rua Antenor Lemos 132. Neste local, até o final do ano de 2013, acompanhei as atividades da pet-terapia em duas sedes da geriatria, casas vizinhas uma à outra na mesma rua. No mesmo modelo do Solar Anita Garibaldi, com dois andares, equipe de médicos e enfermeiros, a geriatria Copacabana contratou a Pet Terapia dentro do quadro de atividades ocupacionais para seus internos. Foi neste local que eu percebi maior estranhamento à TAA, por parte dos usuários, pois havia neste local duas senhoras que não gostavam de animais e expunham todo o tipo de questionamento sobre o lugar do animal como terapeuta, obrigando a Karina a proferir verdadeiras palestras sobre a terapia com animais. Muitas vezes, depois de findarmos a sessão terapêutica na casa geriátrica Copacabana, Karina me dizia: *“eu sei que tem gente que não gosta da pet terapia e eu sempre respeito, não posso obrigar a ninguém a interagir com o animal, isso deve ser previamente aceito e acolhido pelo paciente”* (Registro de campo, dia 14 de agosto de 2013).

Figura 10: Geriatria Copacabana. Senhoras do Segundo andar com Faith.

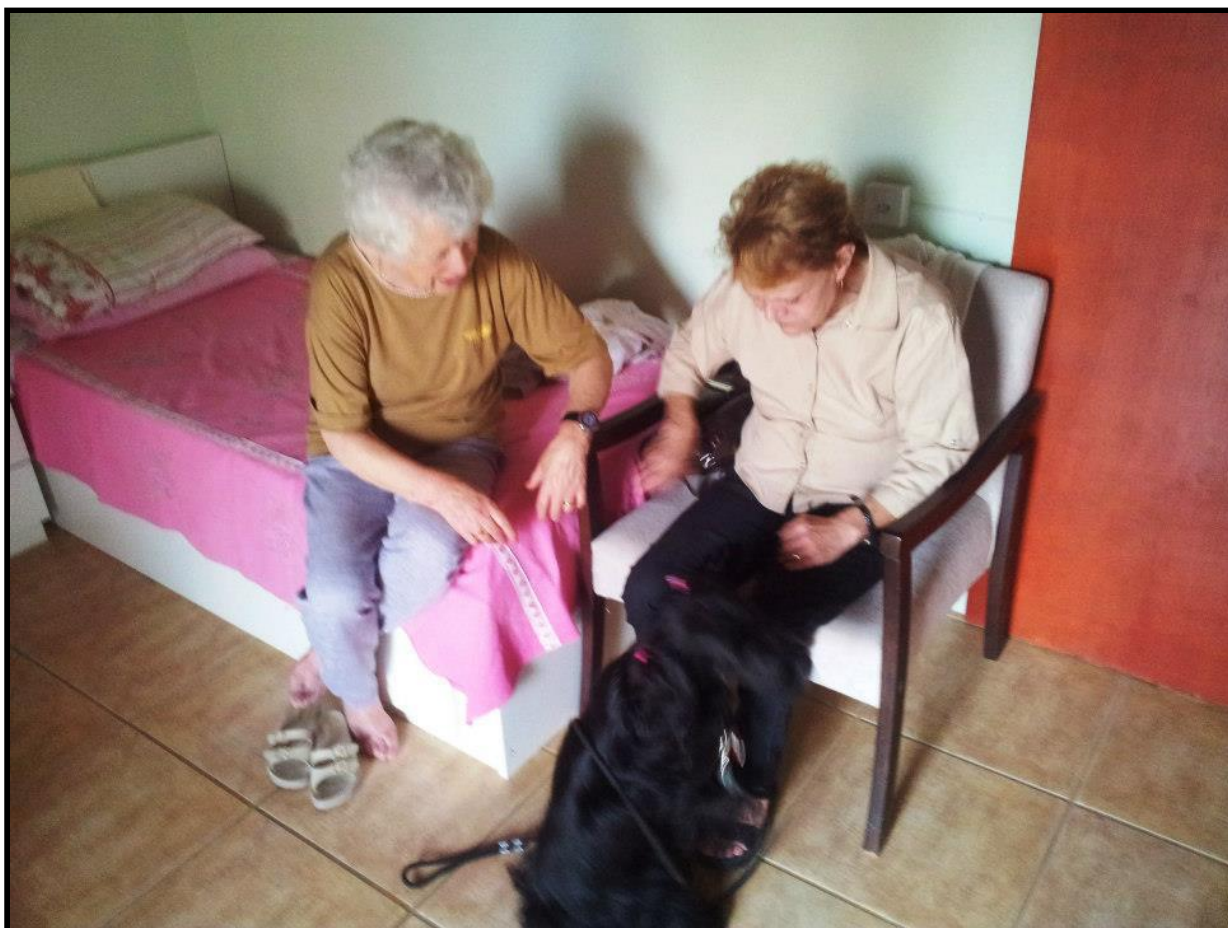


Foto: Ivana Teixeira

Figura 11: Geriatria Copacabana, sede 1.

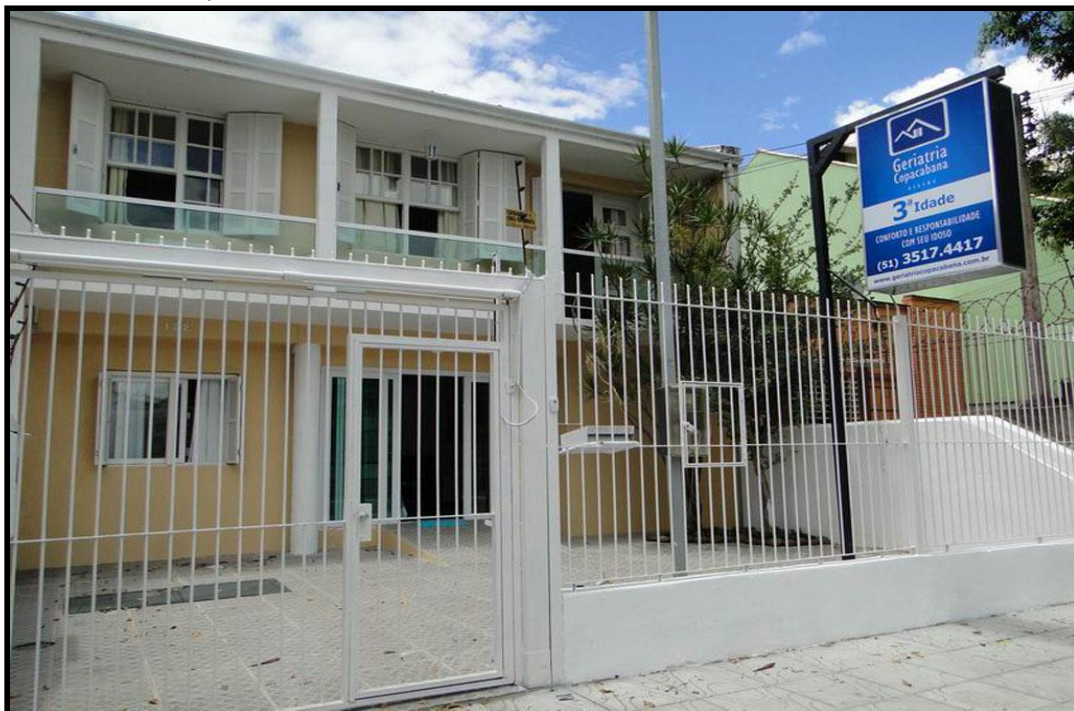


Foto: Ivana Teixeira

Figura 12: Geriatria Copacabana. Coelha Firula quietinha no colo da senhora. Foto: Ivana Teixeira.



Foto: Ivana Teixeira

Como falei anteriormente, de modo geral, a sessão terapêutica tinha duração de uma hora e meia, período durante o qual a psicóloga Karina, junto ao animal, realizava intervenções particulares e coletivas. No que diz respeito às especificidades do trabalho de Karina, segundo a forma de atendimento, destaco a exploração do afeto, carinho e as demais emoções que são compartilhadas entre humano e animal, como disparadores de um processo terapêutico. Durante toda a sessão o contato físico entre paciente e animal era estimulado: os cães e coelhos eram colocados sobre as pernas dos idosos que estavam sentados, da mesma forma os animais eram abraçados como se fossem bebês, a calopsita transitava pelos braços, ombros e cabeça trocando beijinhos e carícias, e o coelho era abraçado, apertado e acariciado para que as pessoas pudessem sentir sua pelagem macia.

Na proposta desenvolvida por Karina, o animal que a acompanha nas atividades é considerado um *co-terapeuta* ou um *pet-terapeuta*, daí o nome do projeto ser Pet Terapia. Os termos utilizados pela psicóloga, para definir o animal da TAA, demonstram que ele desenvolve um papel diferenciado dos animais que não são terapeutas. De acordo com minha interlocutora, os pet-terapeutas são seres “abençoados”, “especiais”, “enviados de Deus” ou “anjos”. O termo *pet-terapeuta* vem sendo cada vez mais utilizado pelos profissionais de TAA, pois esta denominação ameniza os incômodos entre os profissionais de TAA e os conselhos profissionais de psicologia e medicina que questionam constantemente o uso do

termo *terapeuta* ou *co-terapeuta*, para um animal. Os profissionais entretanto estão convencidos que o animal é também um terapeuta.

Quando Karina começa a sessão de TAA, e isso acontece tão logo adentra a instituição, cumprimenta os pacientes/moradores fazendo menção ao animal: - “*Olá!! Olha quem veio ver o senhor/a? É o Oliva!*”. Essa intervenção inicial faz com que os moradores imediatamente prestem atenção no animal que está com ela, neste exemplo, era o Oliva, um papagaio. Mas Karina trabalha com outros animais e são eles: dois cães, um pastor branco chamado Phantom e Faith, uma vira-lata de pêlo preto, estilo Cocker Spaniel; uma calopsita chamada Ozzy; uma coelha chamada Firula e; o papagaio Oliva e, o novo pet terapeuta, um peixe azul chamado Betão.

Na perspectiva adotada por Karina, no seu projeto de pet terapia, o animal é personagem central na dinâmica situacional. Ele é um parceiro de Karina, um sujeito sem o qual ela, Karina, não seria a terapeuta que é, pois sua identidade como pessoa, está ligada à rede de Karina que gira em torno dos animais. São veterinários, pet shops, pet terapia, estudos da relação humano-animal e cursos na área da TAA. A relação que os terapeutas desenvolvem com os animais, de acordo com os interlocutores que eu tive a oportunidade de conhecer, me levam a pensar no conceito de organismo pessoa de Ingold (2002) ou mais recentemente *wayfarer* (Ingold, 2007; 2011: 101) que são categorias que carregam consigo a ideia de um sujeito que se constrói desde sua interação com o mundo em que ele habita, viajando por um trajeto (*wayfaring*), como um viajante (*wayfarer*). Exploraremos estas questões ao longo da tese.

Em outubro de 2013 eu tive a oportunidade de organizar, junto de Karina, um curso de TAA, com duração de um dia, realizado no hotel Plaza São Rafael, no centro de Porto Alegre. Karina teve a ideia de realizar o curso e foi quem se mobilizou buscando patrocinadores (pet shops, empresas de alimentação para animais), disseminando o folder do curso e fazendo as inscrições. Eu fiquei responsável pela divulgação nas universidades e pelo controle financeiro das inscrições, despesas e pagamentos. No dia do curso eu proferi palestra sobre a relação entre humanos-animais em algumas diferentes culturas, Karina expôs como a TAA se organizava nos espaços de saúde e, Ana Lu Acorsi¹⁴, uma psicóloga e terapeuta de TAA que falou sobre a TAA aplicada à crianças com necessidades especiais. Também contamos com a colaboração do esposo de Karina, Rodrigo, que nos deu todo o apoio no que tange à instalações, informática, filmagem e registros fotográficos. Neste Workshop tínhamos a pretensão de explicar para outros profissionais o que era a TAA e como ela funcionava na prática. O curso fora direcionado para os estudantes de psicologia, biologia, medicina veterinária, antropologia, ou qualquer pessoa interessada pela TAA.

Durante este evento, embora eu estivesse envolvida em toda sua proposta e realização, continuei com minha postura etnográfica o que me permitiu escutar as dúvidas de um público interessado em saber das questões de TAA, muitas demandas que eu ainda não havia percebido. Neste workshop pude saber mais das questões de funcionamento da TAA como uma técnica de trabalho, como os cuidados com os animais e questões particulares da convivência com eles. Também

¹⁴ Ana Luísa é também psicóloga pet-terapeuta e quando a conheci, através de Karina, ela havia retornado da Itália, onde morou por alguns anos e especializou em TAA direcionada à crianças.

participei de discussões sobre a regulamentação da atividade da TAA que até o momento encontra-se num limbo burocrático sem a formalização da atividade, o que parece não prejudicar seu intenso crescimento.

Figura 13: Folder Workshop Pet Terapia.



Workshop de Pet Terapia

O animal como facilitador de atividades terapêuticas

A relação humano-animal na visão antropológica
Lidando com Autismo e Síndrome de Down
Superando a fobia de animais
Atividades em geriatrias

19
outubro
9h às 18h
(sábado)

Centro de Eventos
do Hotel Plaza São Rafael
Porto Alegre - RS

informações e inscrições:
workshop@petterapeuta.com.br

R\$ 120,00 até 7/10/2013
R\$ 150,00 até o evento

*serão emitidos certificados

Figura 14: Programa Workshop Pet Terapia.

PROGRAMA		
O WORKSHOP DE PET TERAPIA PROPÕE:		
9h – 9:30h 9:30 – 12h	CREDENCIAMENTO IVANA TEIXEIRA	ANTROPÓLOGA - Doutoranda em Ciências Sociais pela UFRGS - Estudo da relação contemporânea entre humanos e animais <ul style="list-style-type: none"> • Relação Humano-animais em diferentes povos • A visão da Antropologia: História da Domesticação • História da Pet Terapia • Resultados e Estudos • Eficácia terapêutica da Pet Terapia
12h – 13:30h 13:30h -15:30h	INTERVALO ANA LUISA ACCORSI	PSICÓLOGA - Pós-Graduada em Desenvolvimento Humano e Especialista em Terapia Assistida por Animais <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças entre AAA, TAA e EAA (Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais) • Atividades mediadas pela relação do animal com crianças • Os benefícios e aplicação da Pet Terapia para os portadores de necessidades especiais.
15:30h - 16h 16h	COFFEE BREAK KARINA SCHUTZ	PSICÓLOGA - Pós-Graduada em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental e Especialista em Terapia Assistida por Animais <ul style="list-style-type: none"> • O tratamento de fobias com o auxílio dos pets • Animais como co-terapeutas na promoção da qualidade de vida para o idoso.

Figura 15: Workshop Pet Terapia



Foto: Ivana Teixeira

Figura 16: Palestra Karina Schutz.



Foto: Karina Schutz

Figura 17: Palestra Ana Lu Acorsi.



Foto: Karina Schutz

Figura 18: Palestra Ivana Teixeira.



Foto: Karina Schutz

Projeto Pêlo Próximo



O projeto Pêlo Próximo é desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro através de uma proposta itinerante que pretende realizar visitas a diversas instituições assistenciais para crianças, adultos e idosos enfermos ou aqueles que têm algum tipo de deficiência física ou mental. Também define-se como projeto de Cão Terapia, formado a partir de um antigo projeto intitulado Patinhas do Bem (ainda em andamento). Seu principal objetivo é proporcionar uma tarde de alegria, descontração e interação humano-animal através de atividades de lazer, através de pequenos números de adestramento (como a execução dos comandos 'sentar', 'rolar', 'fingir de morto'). De acordo com a psicóloga e coordenadora do grupo, Roberta, os animais realizam atividades para trabalhar o raciocínio, como: a escovação do pêlo, exercícios com arco, boliche e futebol, além da apresentação de shows dos cães. Para as crianças, há ainda o “pet health”, que consiste em tornar os cães, pacientes, para que crianças sejam os médicos. “Eles escutam o coraçãozinho do cachorro, examinam os olhos, dão injeção com seringa sem agulha, enfaixam a patinha” (Excerto de diário de campo, dia 16 de junho de 2012).

As visitas do Pêlo Próximo acontecem aos finais de semana, sábados, domingos ou feriados, porque os participantes são voluntários que trabalham em outras atividades, durante a semana. A visita tem duração de uma tarde, desde 14h até 17h, aproximadamente, e diversas atividades terapêuticas são oferecidas, de modo bastante organizado. São em média 23 cães de diferentes raças e 35 voluntários no projeto. As vagas para voluntários estão abertas o ano inteiro, basta um contato através do bem estruturado site¹⁵ do projeto.

Com o Pêlo Próximo tive oportunidade de assistir a duas intervenções. Como estas atividades têm um caráter mais lúdico que terapêutico, não temos aqui a figura do *paciente* enquanto tal, e isso se deve ao fato de que o Pêlo Próximo admite voluntários de qualquer atividade profissional, e não profissionais da área da saúde exclusivamente. Com isso, no projeto Pêlo Próximo o que mais importa é que os animais sejam testados e aprovados dentro de um perfil ideal para o tipo de atividade. Desse modo, o Pêlo Próximo se enquadra não como *TAA (Terapia Assistida por Animais)* e sim como, *AAA – Atividade Assistida por Animais*, categorização corrente no meio, sobre as quais falarei melhor a seguir.

Por essa conformação, cada intervenção deste projeto exige uma maior preparação dos locais onde eles irão atuar. Numa escola, por exemplo, os alunos serão liberados das aulas e agrupados em um pavilhão, para lá desenvolverem todos juntos, diversas atividades com os 10 a 15 animais que participarão da atividade. Quando a equipe do Pêlo Próximo chega a um local, os alunos já estarão previamente reunidos e com isso a própria chegada do grupo já inicia o evento, pois

¹⁵ <http://www.peloproximo.com.br>

as pessoas já estão esperando, curiosas para ver os animais. O atendimento tem uma estrutura bem definida através de uma sequência quase ritual, em que o grupo do Pêlo Próximo passa por um momento de concentração, em alguma sala previamente reservada. Esse momento é comandado pela coordenadora Renata que explicará como a relação entre os animais e as crianças pode ser regulada, conforme o excerto abaixo:

“o grupo forma uma roda, onde todos estão de mãos-dadas e Roberta explica ou relembra aos voluntários as instruções para proteger os cães de possíveis agressões (tapas, chutes ou puxar o pelo ou as orelhas do animal) advindos das pessoas que serão atendidas. Didaticamente, Roberta explica como os voluntários deverão proceder caso uma criança ou um idoso demonstre rechaço ou medo do cão: *“Vocês devem segurar a mão da criança e dizer: “não faça assim”. Aí você pega a mão da criança e passa no pelo do cão e diz: “veja como o pelo dele é macio!”* (Registro de campo, dia 16 de junho de 2012).

Ainda, os cães pequenos deveriam ser colocados no colo das pessoas, sempre atentando-se para possíveis apertos ou, menos provável segundo Roberta, um ataque do cão, ao *assistido*. Depois das recomendações é chegada a hora da oração. Os voluntários pegam-se nas mãos e Roberta clama pelos bons espíritos para que eles acompanhem e abençoem a intervenção. A maioria dos voluntários se emociona com aquele discurso, ao passo que engata-se um Pai-nosso cheio de energia.

Depois disso, Roberta desloca-se ao local onde os assistidos aguardam, e desde o centro do grande círculo de pessoas, apresenta o projeto. Em seguida com uma voz de comando ela convida os voluntários a entrarem com os cães. Dispostos

em fila, desfilam pelo espaço, mantendo-se distantes dos assistidos. Minutos depois Roberta anuncia: “*abordar!*”, e os cães são aproximados das pessoas, a partir do qual são estimulados contatos como: passar a mão e pentear o pelo, segurar a guia e passear, acariciar, falar sobre o animal sua raça, costumes, perigos, etc. Rapidamente as pessoas que estavam sentadas em círculo passam para o centro e, sentadas no chão, passam a interagir com os animais através de uma sorte de interações.

Além de Roberta, que coordena o momento da apresentação, há também a constante intervenção de Elaine, adestradora de cães. Sua função é observar os sinais (sede, cansaço, irritabilidade) dos animais de modo a garantir seu bem estar durante o evento. Após o passeio e contato das crianças com os animais é feito um intervalo nas atividades para que os cães tenham uma pausa, pois a maioria demonstra cansaço e sede. Enquanto isso, Roberta conduz uma apresentação solo de sua cadelinha Babi, uma poodle caramelo que encanta as crianças executando uma série de comandos, tipo: - sentar, dar a pata, fingir de morta e jogar boliche. Roberta conversa com Babi e, por várias vezes, leva o microfone até o focinho como se ela fosse falar algo. Em seguida há uma série de Agility, uma espécie de apresentação em que o animal deve transpor alguns obstáculos (rampas, saltos, barras, fosso de água, entre outros). Em seguida a apresentação do projeto termina com a uma sessão de fotos entre os participantes e finalmente, os animais despedem-se (são os voluntários que conduzindo seus animais acenam a despedida). Ao grupo é oferecido um lanche após a intervenção seguida dos

agradecimentos que fazem com que os voluntários voltem para casa orgulhosos de seu trabalho e os animais, exaustos, dormindo.

A intervenção proposta pelo projeto Pêlo Próximo, apesar das visitas aleatórias e pontuais, apresenta sua lógica de intervenção estruturada em função do número de pessoas que pretendem atender e no número de animais co-terapeutas em ação. Assim, a escolha metodológica do Pêlo Próximo determina também os tipos de interações que ali ocorrerão, pois os animais utilizados são escolhidos para adequarem-se a um comportamento que corresponda com a demanda do ambiente, neste caso, muitas pessoas e muitos animais juntos; situação diferente da que acompanhei na Pet Terapia, onde há um animal e um humano terapeuta para vários usuários.

No Pêlo Próximo, os *cães terapeutas* são de diversas raças e tamanhos, a maioria de porte médio a pequeno, nem todos aprenderam números de picadeiro, mas todos passaram por um rigoroso processo seletivo (Teste de Campbell a ser melhor apresentado no capítulo III)¹⁶. A seleção tem como principal intuito garantir animais extremamente dóceis e com ótima interação com o homem. Os testes incluem desde certificado de saúde (vacinas em dia, verminoses, porte médio a pequeno) até a observação das atitudes do cão que deverão passar por simuladas situações em que o dono do cão em teste é ameaçado fisicamente e, se o animal atacar o agressor, já não será admitido no time de cães terapeutas do Pêlo Próximo. Esse comportamento de passividade frente a um agressor ao seu dono é completamente diferente do esperado de um cão doméstico, pois ao contrário disso,

¹⁶ O Teste de Campbell será apresentado na Parte III.

os donos esperam que seu melhor amigo lhes proteja em qualquer situação de perigo. No caso do Pêlo Próximo, é necessário minimizar ao máximo as possíveis chances de um ataque, pois a maioria dos cães será conduzido por seu dono e, conforme a metodologia admitida pelo projeto, haverá a interação destes com muitas pessoas e animais ao mesmo tempo.

Figura 19: Projeto Pêlo Próximo em visita à APAE de Nova Iguaçu.



Foto: Pêlo Próximo

Figura 20: Projeto Pêlo Próximo em visita à APAE de Nova Iguaçu, Elaine, adestradora.



Foto: Pêlo Próximo.

Figura 21: Projeto Pêlo Próximo em visita à APAE de Nova Iguaçu, apresentação de Agiliti com a cachorrinha Carlota.



Foto: Pêlo Próximo.

Projeto *Animallis* de Terapia Assistida por Animais

Ainda na cidade do Rio de Janeiro, o **Projeto *Animallis*** é coordenado pelo neuropsicólogo Alexandre Monteiro. Sua especialização profissionalizante foi realizada na Espanha, em uma atividade que chama-se Psicoterapia Assistida por Animais. Ele fez mestrado em neurociências pela Universidade de Barcelona, é especialista em neuropsicologia e demências pela Universidade de Barcelona e também intitula-se psicoterapeuta cognitivo-comportamental e analista do comportamento. Suas atividades em torno da terapia com animais incluem pesquisas sobre qualidade de vida, sobre formas de retardar a progressão do quadro demencial e redução desse comportamento em idosos com demência. Para Alexandre, os animais o ajudam a trabalhar na direção de frear os sintomas destas doenças.

O Projeto *Animallis* foi desenvolvido por um grupo de psicólogos, um biólogo e uma veterinária e iniciou seus trabalhos em março de 2006. De acordo com Alexandre, no período anterior ao início do projeto, foram feitas pesquisas qualitativas durante três anos e trabalhos de Atividade e Terapia Assistida com Animais, além de cursos e estágios fora do Brasil, por alguns integrantes da equipe. Durante três anos o Projeto *Animallis* atendeu aos moradores da Clínica Geriátrica Dignus, localizada em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente o projeto ainda é desenvolvido na APAZ- Associação de Parentes e Amigos de Pessoas com Alzheimer e também na Clínica Geriátrica Vila do Sol, em Botafogo.

O trabalho consiste em levar os animais para uma visita à casa de repouso e trabalhar o que segundo Alexandre é “um complexo estudo das variáveis que podem implicar no comportamento dos idosos no dia da visita dos animais” (registro de campo 23 de outubro de 2012). Alexandre me relata que durante a semana é feito um estudo comportamental dos idosos e, assim, seria possível conhecer quais são os aspectos que devem ser trabalhados no sábado – dia em que os animais participam da terapia. Como a maioria dos idosos favorecidos pelo Projeto Animallis têm algum tipo de demência, o objetivo da sessão é retardar a progressão do quadro demencial, visto que sua regressão seria impossível, segundo Alexandre.

O desenvolvimento das atividades no Centronati – Centro de Neuropsicologia Aplicada à Terceira Idade, se dá com a aplicação de testes neuropsicológicos e terapia cognitivo-comportamental no decorrer da semana e a terapia assistida por animais no sábado: “todos os dados são documentados, avaliados, tabulados e discutidos, gerando dados qualitativos e quantitativos” (Registro de campo, 23 de outubro de 2012). As sessões terapêuticas acontecem semanalmente, no sábado pela tarde, com duração de três horas, nas dependências do Centronati. Os animais utilizados por Alexandre foram escolhidos por remeterem os velhinhos a lembranças remotas da vida, trabalhando assim um dos principais sintomas do Alzheimer, a perda de memória.

São duas calopsitas e dois cães da raça Collie, raça escolhida não aleatoriamente, mas pela identificação com a cachorra Lessie, personagem canina de filmes americanos da década de 80. De acordo com o terapeuta, os usuários facilmente associam os collies à Lessie e com isso outras lembranças vão surgindo,

como recordações de situações da vida: *“eles já não sabem os dias da semana nem reconhecem seus próprios familiares, entretanto, sabem que o dia da TAA é sábado e lembram o nome dos cães”* (Registro de campo 23 de outubro de 2012).

O termo *assistida*, da sigla TAA-Terapia Assistida por Animais, termo instituído como universal para referir-se a este tipo de terapia, denotaria a noção que se quer da participação do animal, como se este fosse uma ferramenta. Alexandre se contradiz em me afirmar que o animal da terapia seria tal qual qualquer outro dispositivo de saúde, mas entretanto conteria um caráter diferenciado: *“eu poderia usar uma maca, um remédio, um objeto qualquer, mas estou usando os animais porque eu acho que eles têm as suas propriedades terapêuticas diferentes desses outros”*, refere o neuropsicólogo (Registro de campo 23 de outubro de 2012). A confusão de Alexandre em situar o status do animal não é inadequada. Na verdade o campo da TAA ainda está construindo o lugar deste animal e tentando explicar o porquê de ele ser considerado, sobretudo pelos terapeutas e pacientes, como uma 'poderosa ferramenta terapêutica', nos termos de Alexandre Monteiro.

Figura 22: Alexandre Monteiro, projeto Animallis.



Foto: Projeto Animallis

Figura 23: Calopsita do projeto Animallis no Centronati, Rio de Janeiro.



Foto: Projeto Animallis

Figura 24: Os Collies do projeto Animallis.



Foto: Projeto Animallis

TAC – Terapia Assistida por Cães



Em outubro de 2013 me dirigi à São Paulo para conhecer o trabalho de Vinicius Ribeiro. Entrei em contato com ele via e-mail, desde a indicação de Karina, e nos encontramos no setor de psiquiatria infantil do hospital de Clínicas de São Paulo, local onde ele estava desenvolvendo a TAA naquele dia. Eu o encontrei acompanhado de Libra, uma cachorra da raça Bernese que foi doada a Vinicius por um canil de Berneses. Segundo Vinicius, Libra foi doada “*por ser uma cadela terapeuta*”, isto é, por demonstrar um comportamento condizente com aquele desejado para um cão terapeuta, calma e amigável. Libra começou atuando em um projeto de TAA após seis meses de treinamento e atualmente é umas dos principais *cães terapeutas* da TAC, sendo (Libra) *especialista* em crianças e adolescentes (Registro de campo, outubro de 2013).

Quanto ao meu interlocutor Vinicius, sua trajetória na TAA começou quando ele era estudante do curso de fisioterapia. Ele me relata que conheceu, em um programa de televisão, o trabalho de uma fonoaudióloga que utilizava cães como motivadores. Vinicius que estava no quarto ano de faculdade e percebeu que a

metodologia poderia ser adaptada para a fisioterapia, então, ele começou um estágio no extinto projeto Cão do Idoso e, no quinto ano de faculdade, fez seu TCC sobre terapia com animais: *“depois disso nunca mais larguei dessa paixão”*, me relata sorridente.

Com Vinicius eu visitei o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, onde ele e Libra estavam atendendo as crianças que estavam internadas. Mas ele tem ainda outros sete cães: a Flora, a Zoah, o Pudim, o Banzé, o Lion, o Rambo e a Xica Maria. Cada um dos animais possui características pessoais que os destacam no atendimento de crianças, ou idosos, ou para os *pacientes* que necessitam de um pouco de atividade com os cães mais *'serelepes'*, como destaca Vinicius.

Para definir o lugar do animal na TAA ele me afirma que prefere o termo *co-terapeuta* pelo fato *“do cão não poder realizar sua atividade sozinho e sempre necessitar de um terapeuta em sua companhia, mas muitas vezes o cão acaba sendo ele mesmo o terapeuta...”* (relato de campo, outubro de 2013). Essa é a mesma opinião de Karina Schutz acerca dos animais da terapia, pois sem os animais não haveria como executar esta prática.

A empresa de Vinicius atua em diversos espaços e conta com a parceria de um projeto de Equoterapia chamado Programa Zilda Arns com o objetivo de utilização de cavalos na reabilitação e desenvolvimento dos pacientes. De acordo com Vinicius esse contato gera independência e bem-estar. Além disso a TAC oferece o projeto de psicoterapia assistida por cães onde os animais são motivadores na reabilitação da saúde mental, autoestima e na comunicação de

crianças e jovens portadores de deficiências físicas e mentais, como: paralisia cerebral, síndrome de Down e autismo.

No hospital de clínicas, Vinicius desenvolve sessões de atividades assistidas pelos cães que deverão interagir com as crianças autistas que aguardam por suas consultas ambulatoriais. A atividade, no hospital, é chamada de *Ludoterapia assistida por cães* ou *brincar terapêutico*, onde o cão é o protagonista das brincadeiras. Ainda no Instituto de Psiquiatria do hospital de clínicas foi criado o projeto Amigos do Bem: “*devido ao sucesso do Projeto Cães e Crianças Autistas a TAC a ampliou seus atendimentos*” explica-me o terapeuta. O Amigos do Bem é baseado em atividades pedagógicas com cães, para as crianças atendidas pelo Hospital Dia Infantil, por meio de sessões de ludoterapia em grupos de até quatro crianças. Em seguida veio o projeto Gerontologia, ainda no Instituto de Psiquiatria do Hospital de Clínicas, para atender aos idosos da enfermagem geriátrica, onde a TAC desenvolve atendimentos de psicoterapia e atividades pedagógicas assistidas por cães com os idosos internados.

Vinicius Ribeiro está traçando uma sólida trajetória no campo das TAA, no Brasil, pois assim como Karina Schutz, desenvolve cursos de formação para profissionais que desejam atuar com os animais. Em São Paulo, a TAC já ofereceu quatro cursos com diferentes módulos de ensino que percorrem desde as informações gerais sobre a TAA, até cursos práticos de manejo dos animais antes, durante e depois da terapia.

Em maio de 2014, a convite da psicóloga Karina Schutz, Vinicius foi convidado para participar, como palestrante, de um curso de TAA oferecido em Porto

Alegre. Este curso foi uma segunda versão daquele que realizei com Karina em 2013. Karina e Vinicius foram convidados, na ocasião, para auxiliar a equipe do deputado Giovani Cherini no desenvolvimento de normas e regras a serem cumpridas para a entrada dos animais dentro dos hospitais. Esta iniciativa é fundamental para a continuidade dos trabalhos com TAA que vem cada vez mais sofrendo o assédio dos comitês de ética, que questionam não somente a eficácia da terapia, mas também o risco de transmissão de doenças através dos animais.

Figura 25: Libra, no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.



Foto: TAC

Figura 26: Cães terapeutas da TAC. Pudim e Xica Maria.

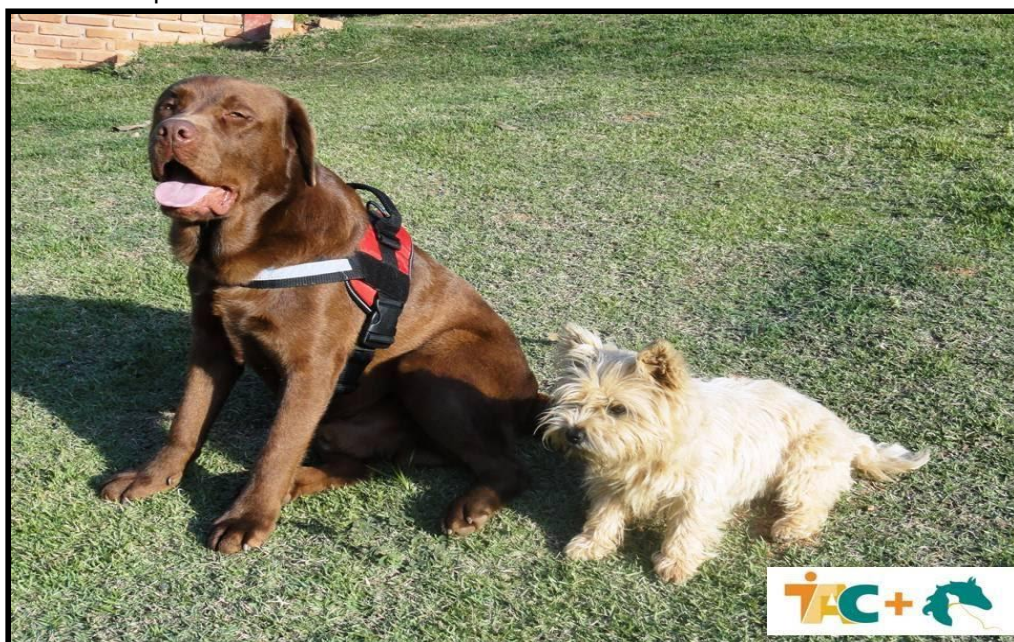


Foto: TAC

Figura 27: Sessão Terapêutica.



Foto: TAC

Figura 28: Banzé na Ludoterapia do HCSP. Foto: Vinicius Ribeiro



Programa de Terapia Mediada por Animais

O Programa de Terapia Mediada por Animais, foi desenvolvido no Hospital de Clínicas de Porto Alegre como uma proposta de Ceres Faraco, minha primeira informante nesta trajetória que tracei para conhecer a TAA. Eu não assisti às suas atividades, pois, o projeto já havia terminado quando a contatei, entretanto, conversamos muito tempo sobre as TMA e eu gostaria de destacar algumas peculiaridades de seu trabalho.

Tomei conhecimento do trabalho de Ceres através do texto “Terapia Mediada por Animais e Saúde Mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre”¹⁷ (Faraco et al, s.d), onde ela relata a experiência do Programa de Terapia Mediada por Animais que foi desenvolvido junto a um grupo de pacientes do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência- CAPSi, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O referido Centro vem oferecendo, desde 2003, atendimento às crianças e adolescentes com transtornos mentais e, em 2008, foi pioneiro no país ao propor e implantar um projeto de TMA para seus pacientes que participavam de encontros semanais, com 50 minutos de duração, no pátio do Capsi. A atividade foi um projeto desenvolvido por Ceres e teve duração de 14 semanas.

¹⁷ Mais informações a respeito desta experiência, no endereço eletrônico: <http://psicologiaanimal.com.br/arquivos/artigos/saudemental.pdf> . Ver também FARACO, C. Interação humano-cão: o social constituído pela relação interespécie. TESE. PUCRS, Porto Alegre, 2008.

Os seguintes animais integraram a atividade: cachorro, tartaruga, periquito, peixe, cabra, hamster, esquilo chinês, coelho e porco da Índia¹⁸ (Faraco, 2009). A seleção dos animais participantes foi cuidadosamente realizada e o controle sanitário dos animais ocorreu por avaliação periódica da médica veterinária, sendo observados protocolos preventivos e de manejo desde a etapa de planejamento das atividades, conforme recomendação da *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* – IAHAIO.

Para Ceres Faraco, o corpo a corpo entre paciente e animal não é o principal estímulo e sim, as práticas objetivadas de acordo com o transtorno do sujeito a ser tratado. A exemplo disso, o caso de uma menina que fora atendida no CAPSi do HCPA, na Terapia Mediada por Animais, parece ilustrativo. Ceres me relata que a menina estava internada, na ala psiquiátrica, em estado grave de anorexia e que fora ‘liberada’ para participar da oficina com os animais, que ocorria no CAPSi (anexo ao hospital). Neste atendimento, diversos animais foram expostos no ambiente, conjuntamente com os pacientes que poderiam interagir com os cães, gatos, peixes, porquinho da Índia, cabra e calopsita. Ao mesmo tempo vários terapeutas ocupavam-se em conduzir a sessão de TAA, como se fosse uma ‘oficina’¹⁹. A menina que sofria do transtorno anorexia (uma dificuldade ou incapacidade de alimentar-se em quantidade suficiente para oferecer os nutrientes necessários à

¹⁸ A utilização de animais em projetos de pesquisa é regulada pela Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde/GPPG/HCPA. Resolução Normativa de abril de 1997 está disponível no endereço eletrônico: <http://www.bioetica.ufrgs.br/res497hc.htm>.




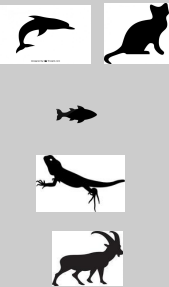
¹⁹ Oficina é um termo utilizado no contexto da promoção da saúde pública para designar aqueles atendimentos coletivos, com vários pacientes e dois ou mais profissionais.

manutenção da saúde), passou a 'cuidar' de uma cabra, cuja atividade principal era alimentar o animal com folhas e vegetais que os terapeutas disponibilizavam ou que era colhido no gramado do CAPSi. De acordo com Ceres, ao perceberem a relação estreita que se desenvolveu entre a menina e o animal, os terapeutas lhe solicitaram que o alimentasse de modo a garantir sua saúde, alegria e exuberância: *“se ele não for ‘bem alimentado’ poderá ficar doente, veja como é importante a alimentação...”*; argumentavam os profissionais (registro de campo, março de 2012). Foi assim que a garota passou a 'cuidar da cabra', alimentando-a como se o animal dependesse da menina para permanecer saudável. Nesse caso houve um esforço de promover uma ligação simbólica e prática entre a menina e a cabra, através do 'problema' da alimentação

O projeto de TMA findou em 2009 pois o HCPA não contratou o trabalho dos profissionais que demandavam a formalização do atendimento, pois até então, trabalhavam gratuitamente. Depois disso, Ceres mantém um site sobre comportamento animal e até tentou desenvolver cursos na formação de terapeutas de TMA, mas desde os primeiros contatos que obtive com ela, até atualmente os cursos estão parados e ela dedica-se à docência na FACCAT- Faculdades Integradas de Taquara.

Síntese do Estudo

Quadro 1: Síntese do Estudo

Projeto	Pet Terapia Porto Alegre	Pelo Próximo Rio de Janeiro	TAC Terapia Assistida por cães São Paulo	Animallis Rio de Janeiro	Em Revisão
Pessoas (faixa etária)	Idosos e portadores de doença mental.	Crianças e idosos	Crianças e idosos	Idosos	—
Denominação das pessoas atendidas.	Paciente	Assistido	Paciente	Paciente	—
Período	2012 e 2013 – Sessões semanais em três geriatrias.	Duas visitas durante junho e novembro de 2012	Duas visitas durante o ano de 2013	Duas visitas durante junho de 2012	- Ratos Terapeutas de Janaina Ribeiro, Curitiba - Doutor Escargot
Animais	Cão, Coelho, Pássaro (calopsita e papagaio). 	Cão, Pássaro (Calopsita)	Cães 	Cão, Pássaro (Calopsita) 	Rato, Golfinho, Peixe, Iguana, Cabra, Gato 
Terceira pessoa	Co-terapeuta e Pet-terapeuta.	Terapeuta e Pet-terapeuta	Co-terapeuta, cão-terapeuta	Ferramenta terapêutica, Co-terapeuta.	Terapeuta ou co-terapeuta
Contato com as pessoas	Durante as sessões	Durante as sessões	Durante as sessões	Durante as sessões	—
Nível	Individual e coletivo	Coletivo	Individual e coletivo	Individual	—
Metodologia	Observação participante; Entrevista semi-estruturada, Observações	Observação participante; Entrevista semi-estruturada, Observações	Entrevista semi-estruturada	Entrevista semi-estruturada	—
Duração	Sessões de 1,5 a 3 horas	Sessões de 3 a 4 horas	—	—	—

Considerações finais

Esse trânsito etnográfico me permitiu conhecer espaços, animais, pessoas que eram 'pacientes' ou 'assistidos' pelos animais e terapeutas que, por questões particulares, como o apreço pelos animais, investiram na formação em terapia com animais, uma alternativa que era possível somente através de cursos oferecidos nos Estados Unidos ou Europa, até três anos atrás. Atualmente, vemos meus informantes, que são pioneiros em TAA no Brasil, oferecendo cursos para não somente formar outros profissionais, mas também ampliarem seu campo de atuação que vai desde os cuidados práticos dos animais (como banho e tosa, caso de Karina que muitas vezes banha e tosa seus animais) como o envolvimento político para formalização da atuação em hospitais, caso de Karina e Vinicius, em Porto Alegre.

Algumas considerações são pertinentes no que tange ao tipo de trabalho desenvolvido por cada um dos projetos visitados. No caso de Karina e Ceres, que trabalharam juntas quando Karina foi sua estagiária na graduação em psicologia na PUCRS, temos uma estrutura de atendimentos com diferenças significativas. Enquanto o trabalho de Ceres, no CAPSi/HCPA, buscava verificar os resultados da TMA em protocolos de avaliações cognitivas, validados por órgãos internacionais. O trabalho de Karina explora e estimula beijos e abraços entre as animais e humanos. Para Ceres, a TMA *“não tem nada a ver com beijinho nos animais”* (Registro de campo, março de 2012), de modo que as ações desenvolvidas na terapia tomavam como base os resultados adequados aos procedimentos de protocolos americanos e

ingleses para verificação da atenção pré e pós terapia, evitando-se carícias e afetos exagerados para com os animais. O trabalho de Karina é exatamente o contrário porque ela se utiliza de elementos subjetivos que se objetivam através das carícias e beijinhos. O esforço de Alexandre Monteiro (Projeto Animallia) busca oferecer à comunidade científica, resultados sobre TAA sustentados cientificamente. Diferentemente, os projetos Pet Terapia, Pêlo Próximo e TAC, demonstram menor preocupação com os preceitos científicos. Nesses casos, a metodologia de atendimento prima pela livre interação entre homem e animal, desde que animal e humano não sofram qualquer dano físico, psicológico ou moral.

Sendo assim, podemos destacar que dentre os projetos visitados existem pelo menos três modos de compreensão e abordagem da prática da TAA:

a) O primeiro diz respeito ao modo de relação do terapeuta, com o animal: nos projetos TMA, Animallia, TAC e Pet Terapia, os animais são de propriedade dos terapeutas humanos e são treinados por eles mesmos para tal desempenho. Além disso as duas espécies vivem juntas e seus estilos de vida estão completamente voltados à terapia. Já no projeto Pêlo Próximo não há terapeutas humanos, eles são voluntários a conduzir um terapeuta animal, pois no Pêlo Próximo os terapeutas são os animais, somente. Desse modo, no Pêlo próximo não vemos a associação mutual que aparece nos trabalhos de Karina (Pet-terapeuta) e Vinícius Ribeiro (TAC) porque esses, diferentemente daqueles, acreditam que é preciso viver com os animais porque “... *é necessário conhecê-lo nos mínimos detalhes. É necessário conhecer o olhar dele para que o trabalho dê certo*” (Registro de campo outubro de 2013).

b) O segundo ponto, trata do modo como a interação paciente-animal é conduzida: na TMA e no projeto Animallis o terapeuta será o mediador da ação entre paciente e animal pelo tempo total da sessão, eles muitas vezes interditam o paciente de pegar o animal incentivando apenas um toque leve e sutil. Os projetos Pêlo Próximo, Pet Terapia e TAC preocupam-se e estimulam contato o físico entre paciente e animal como uma condição sem a qual não se conseguirá atingir o resultado pretendido.

O terceiro ponto que apresenta diferentes nuances entre os projetos é a maneira como os terapeutas conduzem a sessão terapêutica. Para o projeto Pêlo Próximo a sessão de AAA configura-se em uma espécie de “tarde de lazer”. Nessas suas intervenções há música, comidas, dança e até propaganda política (Registro de campo, maio de 2012). Esse contexto jamais foi encontrado no trabalho da Pet Terapia, TMA, TAC ou Animallis, visto que as atividades são desenvolvidas com apenas um animal, em contextos biomédicos, no modelo de atendimento clínico, com uma a duas horas de duração e muitas vezes, dentro de um consultório.

Assim, o que podemos destacar de modo geral destes projetos que acompanhamos, apontando suas especificidades como propostas de associação entre homem e animal, é que a construção da relação entre o animal e os humanos envolvidos sofrerá diferenças de acordo com o tipo de ambiente onde as atividades são desenvolvidas, de acordo com o objetivo dos terapeutas e de acordo com animais e seus modos particulares de ser.

No capítulo seguinte faremos um apanhado sobre o contexto ou *environment* onde a TAA está se inserindo. Veremos a história desta atividade que pretende a

profissionalização dos terapeutas formalizada não somente na legislação, mas entre o poderoso campo da ciência.

Capítulo II

O Ambiente onde a relação se desenvolve

Introdução

Este capítulo explora aspectos do que estou considerando como o ambiente onde a TAA acontece enquanto processo produtor de sujeitos e ações. Não me refiro somente ao contexto biomédico onde as atividades foram observadas, mas também ao campo de negociações que é a produção de conhecimento em torno deste objeto que desenvolve-se em meio à uma rede formada por pesquisadores, profissionais, editoras, congressos, veterinários e animais. A idéia que me acompanha é pensar a produção de mundos viventes, no que concerne aos humanos e animais envolvidos na TAA, como um processo englobante entre os campos espaciais em que estes entes se desenvolvem (Ingold, 2011:3).

Para tanto, me debruço nos trabalhos de Tim Ingold, sobretudo, as célebres obras “*The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*” (2000); “*Lines: a brief history*” (2007) e “*Being Alive: essays on movement, knowledge and description*” (2011). Ingold é professor de Antropologia Social na Universidade de Aberdeen, seu trabalho etnográfico tem se concentrado em áreas circumpolares do norte, entre os Saami e os povos finlandeses de Laplândia. De modo geral, seus ensaios abordam o tema da *percepção* à luz de uma nova antropologia ecológica, preocupação orientadora do antropólogo que insatisfeito com suas experiências no campo das ciências naturais, migrou para a área da Antropologia Social com o intuito de construir uma perspectiva teórica que colapsasse a tradicional e abrangente dicotomia artes/humanidades versus ciências naturais, bem como outras oposições subjacentes, tais como antropologia cultural

versus antropologia biofísica, organismo versus sujeito e, social versus genético. Valendo-se da obra de James Gibson, “*An Ecological Approach to Visual Perception*” (1979) e da ideia batesoniana de que a pele não serviria de estrutura de refreamento para a mente, Ingold desenvolve a noção de *organismo-pessoa* (Ingold 2000). O termo *organismo-pessoa*, que no livro *Being Alive* sofrerá uma atualização a partir da noção de organismo, para o termo *wayfarer* – viajante, andarilho, peregrino - permite a Ingold explicar a interação entre o caçador-coletor junto ao ambiente, que por meio da atenção e *skill*, *negociará* as diferentes agências em contínuo andamento no ambiente. Essa é base do pensamento ingoldiano que unindo pensamento antropológico-relacional, pensamento psicológico-ecológico e pensamento biológico-desenvolvimentista, apresenta e qualifica conceitos-chave, entre eles: *skill*, *dwelling perspective*, *livelihood* (Ingold, 2000:5). Posteriormente, Ingold desenvolve suas conceituações derivadas de uma ideia de “espaço” à hipótese de que noções como *meshwork*, *landscape*, *dwelling*, *lines*, *life* e *movement*, por exemplo, teriam certa centralidade na maneira do autor conceber o que chamou de uma *ecology of life* (Dos Santos, 2013). De acordo com Ingold (2011), o desenvolvimento das noções de *life* e *movement* nos ajudam a conceber um entendimento de vida como uma processualística através de suas formas e ambientes:

“My own work, over the last quarter of a century, has been driven by an ambition to reverse this emphasis: to replace the end-directed or teleonomic conception of the life-process with a recognition of life’s capacity continually to overtake the destinations that are thrown up in its course. It is of the essence of life that it does not begin here or end there, or connect a point of origin with a final destination, but rather that it keeps on going, finding a way through the myriad of things that form, persist and break up in its currents. Life, in short, is a movement of opening, not of closure. (Ingold, 2011: 3, 4).

O vínculo epistêmico que Ingold desenvolve acerca da experiência relacional entre os entes como uma cinética contínua, conforme a conceito espacial de *meshwork*, é um dos maiores investimentos teóricos do autor que nos convida a, antes de procurar os nós associativos que definiriam humanos, animais ou objetos, interessar-nos em mostrar trajetórias que são gerativas de outras linguagens conceituais. Ele mesmo fez isso quando nos mostra a passagem da ideia de *Network* para *Meshwork*. O conceito de *Network* é particularmente associado ao trabalho de Bruno Latour na sua conhecida Teoria Ator-Rede (ANT) e tem como referente uma rede formada por um conjunto de pontos interconectados que relacionalmente formariam uma malha (*Network*).

*“The critical distinction between the lines of flow of the meshwork and the lines of connection of the network has been persistently obscured, above all in the recent elaboration of what has come to be known, rather unfortunately, as ‘actor-network theory’. The theory has its roots not in thinking about the environment but in the sociological study of science and technology. In this latter field, much of its appeal comes from its promise to describe interactions among people (such as scientists and engineers) and the objects with which they deal (such as in the laboratory) in a way that does not concentrate mind or agency in human hands, but rather takes it to be distributed around all the elements that are connected or mutually implicated in a field of action. The term ‘actor-network’, however, first entered the Anglophone literature as a translation from the French *acteur réseau*. And as one of its leading proponents – Bruno Latour – has observed in hindsight, the translation gave it a significance that was never intended. In popular usage, inflected by innovations in information and communications technology, the defining attribute of the network is connectivity: ‘transport without deformation, an instantaneous, unmediated access to every piece of information’ (Latour 1999: 15). But *réseau* can refer just as well to netting as to network – to woven fabric, the tracery of lace, the plexus of the nervous system or the web of the spider. The lines of the spider’s web, for example, quite unlike those of the communications network, do not connect points or join things up. Secreted from the body of the spider as it moves, they are the lines along which it acts and perceives” (Ingold, 2011: 85).*

A teoria de Latour tem suas raízes não no pensamento sobre o meio ambiente, mas no estudo sociológico da ciência e da tecnologia, através de máquinas, mais do que homens ou animais. Neste último campo, muito do seu apelo vem de sua promessa para descrever as interações entre as pessoas (como cientistas e engenheiros) e os objetos com os quais eles lidam (como os objetos do laboratório) de uma forma a não concentrar a mente ou agência em mãos humanas mas sim, leva-a para ser distribuída em torno de todos os elementos que estão ligados ou mutuamente implicados em um campo de ação.

Ingold reconhece que a Teoria Ator Rede não foi criada por Latour e Michel Callon para definir linhas que não se comunicam. Sua inspiração veio, em grande medida, da filosofia de Deleuze, mesma inspiração de Ingold para a noção de 'linha'. Ingold, valendo-se da metáfora da aranha que visa conectar-se à mosca que caiu em sua teia, nos explica que este seres, sobre a teia, não seriam como pontos estáticos, cuja teia ligaria diretamente, mas sim, através da percepção da aranha “que escondida no centro de sua teia sabe que uma mosca pousou em algum lugar nas margens externas” e, entram em conexão. “As linhas da teia enviam vibrações para baixo dos fios que são apanhados pelas, super-sensíveis, perninhas da aranha que poderá, então, correr ao longo das linhas da teia para recuperar sua presa” (Ingold 2011:60). Pois as linhas-fio da teia estabelecem as condições de possibilidade para que a aranha possa interagir com a mosca .

A diferença entre o pensamento de Ingold e o conceito de Latour é que, para o primeiro, esta rede não seria formada por pontos estáticos e sim, por um

entrelaçamento de linhas a qual Ingold chamou de *Meshwork* (Ingold 2011:63). O autor nos propõe que imaginemos duas linhas A e B cuja intercessão das duas origine um ponto P. Isto difere da noção dos referentes A e B como pontos e o referente P como uma linha, que uniria os dois pontos A e B:

“In this depiction there is no inside or outside, and no boundary separating the two domains. Rather there is a trail of movement or growth. Every such trail discloses a relation. But the relation is not between one thing and another – between the organism ‘here’ and the environment ‘there’. It is rather a trail along which life is lived. Neither beginning here and ending there, nor vice versa, the trail winds through or amidst like the root of a plant or a stream between its banks. Each such trail is but one strand in a tissue of trails that together comprise the texture of the lifeworld. This texture is what I mean when I speak of organisms being constituted within a relational field. It is a field not of interconnected points but of interwoven lines; not a network but a meshwork” (Ingold 2007: 80).

Assim, no conceito desenvolvido por Ingold cada linha é descrita como “um fluxo de substância material num espaço que é fluido” (Ingold, 2011:64), pois o organismo (animal ou humano) não deverá ser entendido como uma entidade limitada rodeada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas num espaço cuja fluidez é característica imprescindível para que a vida aconteça. De acordo com Dos Santos (2013), se a vida em Ingold é tomada como uma processualidade englobante, uma cinética de articulações entre entes cujas naturezas estão “acontecendo” dentro desse movimento, então seria possível se perguntar em que cenários ou em que contextos esses movimentos se realizam.

Ingold dedicou mais de duas décadas de seus estudos para entender, a partir das relações entre pessoas e seus ambientes, o que significa o *environment* de um

animal, nesse caso, animal entendido como o animal homem, também. O empreendimento de Ingold, ao reforçar a caráter desenvolvimentista-ecológico da concepção de Ser (a partir de um certo momento Ingold abandona expressões como humanos e não-humanos para referir-se à *organismo-pessoa* ou mais recentemente *wayfarer*), questiona a produção de um conhecimento cuja noção de homem refere-se a um ser que apreende o mundo e o produz de modo diferente dos animais não humanos, por possuir um aparato superior que diz respeito à cognição. Assim, o problema no entendimento da noção de ambiente estaria na forma como a antropologia ecológica construiu seu conhecimento, sobre uma base epistemológica (haja vista o livro de Marshall Sahlins, *Cultura e razão prática* de 1976) que considera que toda relação do homem com seu ambiente está mediada pela capacidade cognitiva humana de definição de um mundo capaz, onde ele possa trocar experiências através de todo um aparato simbólico, a qual denominamos de cultura.

De acordo com Wolf (2012), às concepções assumidas como válidas na produção de conhecimento científico acerca do que é o homem podem ser divididas em quatro arquétipos ancorados num paradigma positivista: o homem cuja a antiguidade grega, representado por Aristóteles, definiu como um organismo vivo que se distingue dos outros por ser dotado de “*logos*” ou, o “animal racional”; o homem da definição metafísica de Descartes, como sendo a união entre uma alma e um corpo; o homem estrutural que pertence à determinada cultura, tem uma língua em comum sendo hora sujeito, ora sujeitado; ou o homem considerado um animal como os outros compartilhando um mesmo patrimônio genético.

Para Ingold a fonte da dificuldade na antropologia em explicar as práticas humanas de adaptação (se a partir do próprio ambiente ou se a partir da cultura) reside na suposição de que as relações humanas com o meio ambiente são necessariamente mediadas pela cultura (Ingold, 2007; 2011: 76). Essa assertiva, desde as concepções de homem antes expostas, exclui completamente os animais da capacidade de realizar uma mediação entre práticas de vida e ambiente, uma vez que, desprovidos da capacidade humana de representação simbólica, seriam desprovidos da razão cultural.

No campo do estudo do comportamento animal, a ideia de que os animais teriam (desenvolveram) cultura não é nova. Conforme nos mostra Lestel (2001) essa noção estaria ligada aos animais superiores (na cadeia biológica), como mostram os estudos do comportamento de pássaros na Grã-Bretanha no fim dos anos 40, ou os estudos japoneses sobre os macacos inventores da ilha de Koshima a partir dos anos 50 e 60, ou os estudos sobre cultura material entre os chimpanzés selvagens, nos anos 90, cujos cetólogos falavam do comportamento cultural entre baleias e Golfinhos (Lestel, 2001:8)²⁰ De acordo com Lestel o que deve-se definir a priori é que não há cultura sem sujeito e dentre a cultura dos animais o que está em jogo é a noção de um sujeito animal, cujas abordagens desenvolverei melhor no capítulo III.

Aqui, após essas considerações, conheceremos um pouco da TAA e seus movimentos num contexto que demanda a construção de contornos específicos a prática clínica mas que, por outro lado, sustenta e deixa visível um campo de

²⁰ A questão se a cultura dos animais seria comparável às humanas.

práticas e conhecimentos que é construído em torno de relações interespecíficas que são desenvolvidas a partir da experiência.

Para compreender esse contexto político e social visitaremos a história da TAA e sua emergência no espaço da clínica mostrando o momento em que ela surge enquanto uma técnica de trabalho. Para tanto, identifico em que condições estas atividades podem sofrer transformações e onde isso leva a TAA, por exemplo, para inserir-se no hegemônico campo da saúde humana. De acordo com o que nos ensina Descola (2002:95), para entender um contexto, devemos tomar como apoio os determinantes físicos e ecológicos de escolha para que ele venha a tomar os contornos específicos que observamos. Em consonância:

“A idéia de escolha não significa portanto nada mais que a proposição quase tautológica, segundo a qual uma técnica emerge e é retida por ser compatível com toda uma série de elementos no interior de uma totalidade considerada fechada por razões puramente analíticas. De direito, essa totalidade não é limitada nem no tempo nem no espaço (tribo, etnia, civilização, área cultural, rede de laboratório, multinacional), mas seu contorno deve ser definido, anteriormente, de modo a conservar uma mesma escala aos fenômenos, dos quais se terá que examinar a compatibilidade” (Descola, 2002:95).

Assim, se considerarmos todos os determinantes para que essa atividade seja colocada em prática, veremos que ela mobiliza um potencial mercado que vai desde a criação e seleção de animais próprios para esse fim até cursos de formação e congressos em torno da temática. Ademais, ser um profissional da TAA é fazer parte de um segmento da indústria animal – porque existe toda uma série de regras a serem seguidas para que o animal possa ser utilizado- e é também ser um profissional da saúde uma vez que a TAA torna-se uma especialidade clínica. Alguns

países como Brasil²¹, França²², Inglaterra²³, Estados Unidos²⁴ e Itália²⁵ já contam com programas de especialização em nível universitário, em terapia com animais. A Itália é pioneira no desenvolvimento desta atividade pois o Ministério da Saúde incluiu a terapia com animais no quadro de ferramentas terapêuticas oficial do sistema de saúde.

²¹ <https://www2.faccat.br/portal/?q=node/1797>

²² <http://medecine.u-clermont1.fr/uploads/sfCmsContent/html/60/Plaqueette%20DU%20RAMA%202014-2015.pdf>

²³ <http://www.iahaio.org/new/index.php?display=history>

²⁴ <http://animaltherapy.net/aat-courses/camden-county-college/>

http://www.crle.org/prog_courses_aat.asp

²⁵ <http://www.centroreferenzapet-therapy.it>

Terapias Assistidas por Animais

Terapias Assistidas por Animais - História

O surgimento da TAA como prática dentro de espaços de recuperação é um dado incerto. Ela tem sido datada do século IX, desde os registros de que os pacientes de um hospital, na cidade de Ghee, Bélgica, eram tratados por pássaros (Matuszek, 2010; Grandgeorge, Hausberger, 2011). Depois disso no final do século XVIII, em torno de 1792, aponta-se que pássaros, gaivotas, falcões e coelhos foram usados em terapias para ajudar pessoas dementes no York Retreat, na Grã Bretanha (Fine, 2000, Serpell, 1996). William Tuke, um *quaker*, que fundou o York Retreat foi quem começou a chamar a atenção para esse tipo de tratamento às pessoas com distúrbios mentais, mudando e incluindo no tratamento dos internos, atividades não somente com animais, mas também leitura, escrita, costura entre outras ocupações.

Depois disso sabe-se que em 1867, o Bethel Institute, em Bielefeld, Alemanha, desenvolveu programas que incluíam atividades com cães, gatos e pássaros, em um centro eqüestre. De acordo com Grandgeorge e Hausberger (2011:399), esse programa era dedicado a pessoas com epilepsia e depois foi estendido para tratar de pessoas com os mais variados problemas físicos e mentais. Nos Estados Unidos, a enfermeira Florence Nightingale, também um trabalho datado da metade do século XIX, observou que os animais domésticos eram excelentes

companhias para os enfermos com patologias crônicas (Jofré, 2005; Halm, 2008). Florence Nightingale, comentou em seu livro que fora dedicado aos cuidados de enfermagem, *que “a small pet is often an excellent companion for the sick, for long chronic cases especially”* (Nightingale, 1860:103), não fazendo outras menções aos animais ao longo das 140 páginas do manual intitulado *“Notes on Nursing. What it is, and what it is not”*, cuja primeira edição data do ano 1860, em Nova Iorque.

Em 1919, o Saint Elizabeth’s Hospital, em Washington, teve autorizada por Franklin Lane, a companhia de animais como parte dos cuidados oferecidos aos pacientes psiquiátricos com o objetivo de “humanizar” o tratamento de saúde oferecido àqueles marinheiros vítimas de traumas advindos de sua participação na I Guerra Mundial (Chandler, 2005). Naquele contexto, a atitude de Franklin Lane foi uma resposta aos apelos de Eleanor Roosevelt²⁶ (1884-1962). A situação repetiu-se com os enfermos da Força Aérea americana, no ano de 1942, quando animais foram incluídos nos programas de reabilitação, através de tarefas realizadas na granja do Hospital, visando minimizar a monotonia do local, além dos animais servirem como alimento e reforço na execução de tarefas laborais do local (Chandler, 2005). Existem, ainda, registros de Fazendas Terapêuticas destinadas aos soldados que regressavam da II Guerra Mundial, nos Estados Unidos (Grandgeorge e Hausberger, 2011; Serpell, 1996; Matuszek, 2010).

²⁶ Eleanor Roosevelt foi uma mulher de classe média alta que envolveu-se politicamente na atenção aos feridos na I GM a partir da Cruz Vermelha, instituição na qual trabalhava. Quando Eleanor visitou o Hospital St. Elizabeth, uma instalação do governo federal para os loucos, chocou com o tratamento ‘desumano’ que era oferecido aos soldados que encontravam-se em estado de choque e, consternada com a qualidade do tratamento dos marinheiros recebido, bem como a falta de auxiliares, suprimentos e equipamentos disponíveis para todos os pacientes do St. Elizabeth, Eleanor Roosevelt, pressionando os militares a oferecerem melhores condições. Maiores informações podem ser encontradas no endereço eletrônico: <http://www.socialwelfarehistory.com/people/eleanor-roosevelt/>

No contexto científico essas terapias aparecem na metade do século XX devido aos estudos de Boris Levinson²⁷, um psicólogo infantil que, no final dos anos 50, em Nova York, ao tentar estabelecer alguma interação com um paciente de 10 anos, com grandes problemas de socialização, percebeu que seu cão “Jingles”, um labrador, havia estabelecido uma interação com o garoto de tal modo que ele até então não havia obtido. Na década de sessenta, Boris Levinson faz um relato acerca dos benefícios que a presença de um animal poderia promover nas sessões clínicas, desde que tomada como relação terapêutica, a relação entre paciente e animal. Por seu envolvimento com essa prática lhe foi creditado o título de primeiro profissional habilitado para “clinar” através da companhia de animais.

No livro, *Pet-Oriented Child Psychotherapy*, cuja primeira edição data de 1969, Levinson descreve que certo dia seu pequeno paciente chegou antes da hora marcada para a consulta e, na sala de espera, Levinson encontrou Jingles, o cão, sendo abraçado pelo menino que conversava com o animal. A experiência motivou Levinson a usar o “doutor Jingles” no tratamento de autismo, pois percebeu que o cachorro propiciava às crianças a oportunidade de expressar suas emoções de modo especial. Assim, passou a registrar o “incremento” que seu cachorro trouxe para as sessões terapêuticas com crianças e jovens, oferecendo numerosos exemplos de como os animais poderiam ser usados para terapia (Levinson, 1969:33).

²⁷ O Dr. Levinson, nasceu na cidade de Kalvarijah, na Lituânia, em 07 de julho de 1907, mas emigrou com sua família para os Estados Unidos vinte anos depois. Sua formação acadêmica iniciou-se no curso de Ciências e foi sendo direcionado para a Psicologia Clínica até que em 1972, já reconhecido professor universitário e terapeuta, aceitou o convite para tornar-se diretor do Human/Companion Animal Therapy, um programa desenvolvido por um centro de tratamento de crianças autistas, no Brooklyn, em Nova Iorque.

Neste livro aparece o termo “Pet-therapy” (Levinson, 1969: 07) que veio a ser adotado como expressão mundialmente utilizada pelos profissionais de TAA, sobretudo que seguem a vertente inglesa deste campo de conhecimento. Na introdução do livro, Levinson afirma que *“the success of this book is that contact with the inanimate and particular the animate world via the pets is most important to a wholesome emotional development”* (Levinson, 1969:12). Num dos estudos citados por Levinson, os pacientes que viviam na enfermaria onde foi permitida a convivência com animais de estimação consumiram metade da medicação que o grupo controle da enfermaria sem animais.

Os trabalhos produzidos pelo psicanalista expostos em seus livros, assim como sua postura em defesa desta terapia, chamaram a atenção da brasileira Nise da Silveira, que manteve contatos com Levinson. Essa psiquiatra brasileira apropriou-se de tais escritos para justificar a permanência dos animais nas dependências do Hospital Psiquiátrico Pedro II – HFP II, localizado no bairro Engenho de Dentro na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil. A doutora Nise da Silveira é uma pioneira no tratamento da esquizofrenia, através de terapias que não lembram nem de longe o (ainda) tradicional eletrochoque ou a supremacia da terapia a base de medicamentos. Pela sua importância no campo das terapias com animais, no Brasil, fui conhecer de perto o seu trabalho a fim de estar no lugar onde ela viveu tantas experiências descritas em seus vários livros.

Conhecendo o trabalho de Nise da Silveira desde meus estudos de mestrado e residência multiprofissional na saúde mental, dirigi-me ao HDPII, me detendo

especificamente ao Museu de Imagens do Inconsciente, fundado pela Dra Nise da Silveira. Ao chegar no hospital, depois de um longo trajeto de trem, tomado na estação Central do Brasil, na tarde ensolarada e escaldante do Rio (Relato de campo 13 de junho de 2012), fui gentilmente recebida por Gladis Schincariol, a coordenadora do Grupo de estudos em psicologia e arte, onde encontravam-se reunidos alguns estudantes do curso da Universidade Federal Fluminense - UFF e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Minha visita foi agendada via e-mail ao diretor do Museu, Luiz Mello, de modo que Gladis já me aguardava, juntamente como seus alunos. A convergência de interesses nos movimentos empreendidos por Nise da Silveira mantiveram o ritmo da conversa aquecida até o momento em que me afastei em direção à biblioteca do Museu cujos livros de Nise²⁸ estão disponíveis para consulta local, todos eles esgotados na editora. Passei dois dias olhando e pesquisando as obras expostas no Museu e na biblioteca do Museu, todas elas produzidas durante as sessões de terapia ocupacional, coordenadas por Nise da Silveira. Nesta visita, além de me ocupar da produção de conhecimento oferecida pela Dra. Nise, fui amplamente sensibilizada pelo seu trabalho com arte e com os animais.

²⁸ SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra, Rio de Janeiro: José Álvaro Ed. 1968.

SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Nise da. Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra. 1986.

SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. Nise da Silveira. Brasil, COGAE/PUC-SP 1992.

SILVEIRA, Nise da. Cartas a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.

SILVEIRA, Nise da. Gatos, A Emoção de Lidar. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

Nise era uma médica psiquiatra entrou na medicina por frequentar um grupo de jovens de classe alta de Maceió, Alagoas, onde a primeira opção era a profissão de médico. Nasceu em fevereiro de 1905 e, em 1944, após exílio político (lugar no qual dividiu cela com Olga Benário Prestes e tornou-se amiga de Graciliano Ramos, que posteriormente a faz uma das personagens em seu livro “Memórias do Cárcere”) de oito anos foi reintegrada ao, como psiquiatra, ao Hospital Psiquiátrico Pedro II. Em entrevista ao seu amigo, o poeta e crítico de arte, Ferreira Gullar²⁹, em 1996, Nise da Silveira fala de sua formação intelectual, sobre o período em que foi presa política e sobre sua relação com os animais.

Os animais como ‘co-terapeutas’ nem sempre foram opção de Nise, que ocupava-se do serviço de Terapia Ocupacional, até então, de competência dos serventes (Silveira, 1992). Suas experiências com arte e esquizofrenia estão registradas em livros e obras de arte - pinturas e esculturas, realizadas nas “oficinas de arte” propostas e coordenadas por ela. Na entrevista que concedeu a Ferreira Gullar (1996), ela narra como iniciou a experiência terapêutica com animais:

“Gullar - Vamos falar de sua experiência com os bichos lá no Centro Psiquiátrico?

Nise - Vamos. Bicho é comigo... Mas antes, quero falar de uma quadra de esportes... Naquele tempo havia intercâmbio que permitia estudantes de um país ir fazer estágio em outro. Então, veio para o CPN um estudante estrangeiro que me ajudou muito chamado Pierre Le Gallais. Ele ficou um tempo a serviço do Maurício de Medeiros, diretor do CPN, mas circulava por todo o hospital. Quando conheceu o nosso trabalho, que estava começando na STOR, e que não tinha nada dos tratamentos em voga naquela época, ele se encantou. Pediu ao Medeiros para ser transferido para o meu setor, onde se estudavam coisas como o espaço e o tempo na esquizofrenia, coisas que ele só tinha visto na Europa. Foi então que tive mais uma de minhas loucuras. Sabendo que ele tinha sido campeão olímpico na França, lhe perguntei: "Pierre, você sabe as dimensões exatas de uma quadra de vôlei? Ele disse: "Claro que sei". E eu: "Então, vai fazer a quadra." Jamais um funcionário do

²⁹ Entrevista disponível no endereço eletrônico: http://www.psicorama.com.br/emfoco_detalhe.asp?ID=19

hospital pegaria numa pá. Ele não teve a menor dúvida. E foi durante essas escavações que foi encontrada a histórica cadelinha Caralâmpia, que tinha sido rejeitada pelos donos. Botei nela o nome de Caralâmpia, que também era um apelido meu, e entreguei a cachorrinha para um doente, o Alfredo, tomar conta. E ele tomou conta tão bem dela que se curou. E eu então peguei-o pelo braço e o levei ao diretor: "Está aqui uma pessoa erradamente internada como doente e que deve ser nomeada monitor". E assim ele, de doente, passou a monitor de encadernação, graças ao tratamento de Caralâmpia.

Gullar - *E depois de Caralâmpia?*

Nise - *Sempre apareciam outros animais que tinham sido rejeitados pelos donos... e nós fomos adotando esses animais. Mas eu não tinha uma pessoa que se ocupasse especialmente deles. O pessoal da cozinha dava comida, outros enxotavam... Foi quando surgiu uma monitora, chamada Nazareth, que se ofereceu para tomar conta deles. Mas alguns médicos, que se opunham à presença dos bichos, ali, fizeram uma denúncia ao Instituto de Veterinária, para que os cães fossem expulsos" (Ferreira Gullar,1996).*

Trago esta entrevista porque me parece bastante elucidativa da sensibilidade de Nise da Silveira para perceber outras formas de sujeitamento, como a relação estabelecida entre humanos e animais. Em sua obra "Imagens do inconsciente" (1981), ela destaca algumas características que podem ser a chave para a boa relação entre pacientes e animais:

"Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia (1955) por um doente que frequentava uma de nossas oficinas, verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente do hospital. Os gatos têm um modo de amar diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem" (Nise da Silveira 1982:81).

Seu trabalho foi desenvolvido ao longo de décadas e tecido com incrível obstinação sempre explorando uma espécie de metafísica da loucura, estimulando

os internos para se manifestassem espontaneamente através da produção plástica de imagens. Ela acreditava que, somente assim, poderia entrar em contato com seus mundos interiores e, conseqüentemente, com a possibilidade da cura e da reintegração a sociedade. Foi Carl Jung quem lhe revelou³⁰ que o esquizofrênico se comunica através de imagens profundas, míticas, arquetípicas – ao contrário dos denominados neuróticos, que costumam tratar-se pela expressão da palavra.

Assim, podemos considerar que, dentro de um discurso clínico de viés psicanalítico, foi esta psiquiatra quem introduziu a TAA no Brasil. Depois da década de 60, os estudos sobre TAA parecem inexpressivos, mas foram retomados no final dos anos noventa e a literatura é atualmente abundante e multidisciplinar concernente aos domínios da medicina, etologia, psicologia, antropologia e sociologia.

Terapia Assistida por Animais – Estado Atual

³⁰ Não há dúvida de que o pensamento e a práxis Junguiana foram introduzidos no Brasil pela Dra. Nise da Silveira, no final da década de 1950. Em 1954, impressionada com a recorrência de mandalas nas pinturas de esquizofrênicos, ela escreveu ao eminente psiquiatra de Zurique, Carl Gustav Jung, comentando deste material, sendo prontamente respondida e ensejada a sua colaboração (Silveira, 1981). Isso a estimulou a apresentar no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique (1957), uma exposição com as pinturas e modelagens dos esquizofrênicos que ocupavam as sessões de terapia ocupacional no então Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (atual Hospital Pedro II). Esta exposição ocupou cinco salas e se chamou A Arte e a Esquizofrenia, que teve na presença e entusiasmo de Jung reconhecimento e prestígio. Jung documentava a linguagem simbólica do inconsciente coletivo, e nada mais eloqüente que sua manifestação na arte espontânea e desengajada nascida dos esquizofrênicos. Ao mesmo tempo, Nise teve a oportunidade de encontrar uma explicação para aquelas figuras e temas tão recorrentes e, assim, ter acesso à uma metacomunicação que abria para ela segredos da esquizofrenia.

Com um apanhado da história da TAA percebemos que o tratamento de doenças e desorganizações físicas e mentais em humanos, através de não humanos animais, parece ter surgido no campo da saúde mental a partir da percepção dos médicos ou enfermeiros de que a relação entre um paciente e um animal, oferecia melhora no quadro psíquico.

Atualmente existe uma larga produção bibliográfica em torno da TAA oferecendo verdadeiros manuais que tentam estruturar a prática. No livro organizado por Aubrey Fine (2000), intitulado “*Handbook on Animal Assisted Therapy. Heretical Foundations and Guidelines for Practice*”, um compêndio de TAA bastante reconhecido no campo, cuja primeira edição fora publicada há dez anos - com duas edições lançadas posteriormente contendo material novo, no sentido de reforçar a eficácia terapêutica da prática. O livro supracitado oferece suporte para os profissionais que desejam trabalhar, implementar e executar *Animal Assisted Interventions* além de apresentar pesquisas que visam disseminar resultados da TAA, em diferentes desordens e populações de pacientes (Fine, 2010).

O livro de Fine (2010) é um apanhado de trabalhos que pretendem definir as TAA como uma prática diferenciada daquelas atividades de caráter recreacional. Observamos aqui um clamor para que a TAA seja desenvolvida por profissionais da saúde, formados em cursos de TAA e atuantes em serviços da saúde, amparados sob o escopo de uma *expertise* que mostre objetivos claros (científicos) de intervenção (Serpell, 2010: 25; Beck & Katcher, 1984; Fine, 2000; Delta Society, n.d.; Psychiatric Service Dog Society, 2003)³¹.

³¹ Citados por Kruger e Serpell (2010:22), no capítulo II de Fine (2010).

O que se entende como terapia com animais é perpassado por uma variedade de práticas com basicamente diferenças concernentes aos seguintes aspectos: objetivos terapêuticos ou trabalho social/recreativo; animal que participa da terapia (cavalos, cachorros, gatos, pássaros); as pessoas que serão atendidas (crianças, idosos, pessoas com doença mental, deficiente físico); o espaço em que acontece a terapia (ambiente hospitalar ou ambulatorial, fora das instituições, campo, clínica médica, casa ou escola); e ainda, se a intervenção é feita em um grupo ou em formato individual.

Essas variantes que atuam diretamente no desenvolvimento da sessão terapêutica, dificultam um consenso acerca da melhor nomenclatura para esta atividade. Embora essas atividades tenham sido classificadas sob diversas denominações, como: *pet therapy*, *four-footed therapy*, *animal-assisted therapy*, *animal-facilitated counseling*, *pet-mediated therapy*, *pet-oriented psychotherapy*, *companion-animal therapy*, e *co-therapy with an animal*, *cinotherapy* (Fine, 2000 apud Serpell, 2010:23), convencionou-se que todos esses tipos de terapias que utilizam animais estariam reunidos sob o mesmo signo, o termo: *Animal-Assisted Intervention- AAI*, dividido em *Animal-Assisted Activities- AAA* e *Animal-Assisted Therapy- AAT* (Serpell, 2010: 25; Delta Society, s.d).

Essa convenção acerca do termo TAA foi sancionada pelo *Delta Society*, instituição que fora formada ainda na década de 1970, em Portland, EUA, por um médico veterinário – Doutor Léo K. Bustad - e dois amigos psiquiatras– Dr Michael J. McCulloch e Dr William McCulloch – cujas opiniões convergiam acerca dos

benefícios terapêuticos dos animais. A partir de 2012 esta instituição mudou seu nome para Pet Partners, visando dar mais ênfase às *Animal Assisted Activities and Therapy*, propondo então a standardização acima citada: Atividades Assistidas por Animais – AAA, com caráter recreativo e, Terapia Assistida por Animais - TAA, com objetivos terapêuticos (Chandler, 2005). Estas nomenclaturas, conforme já referi, foram incorporadas pelos profissionais de TAA que tenho acompanhado no Brasil e são originárias de instituições que visam regular e disseminar a prática da TAA, incidindo sobre as atividades realizadas no Brasil, uma vez que a maior parte dos profissionais de TAA ou especializou-se fora do Brasil, ou utiliza a bibliografia sobre a prática que é hoje majoritariamente produzida nos Estados Unidos e Inglaterra (Michalon, 2013).

A vertente inglesa da TAA denomina a atividade terapêutica com animais de: *Pet Therapy* (terapia com animal de estimação) definida nos anos sessenta por Boris Levinson (1964). Posteriormente este mesmo psiquiatra adotou o nome *Pet psychotherapy* (psicoterapia com animal de estimação), delimitando ou reforçando o campo psi da “relação terapêutica”.

Minha principal interlocutora, Karina, utiliza o termo Pet-terapeuta para designar seus animais e, o tipo de atividade que realiza, como Pet Terapia; herança de suas experiências na Europa onde a TAA é chamada assim, ou Zooterapia.

Terapias Assistidas por Animais – Produção de conhecimento.

A produção literária da TAA está amparada pelo campo de estudos chamado *Human-animal studies* – HAS que configura-se em uma rede de produção de conhecimento sobre a relação humano-animal interligada à universidades americanas, inglesas e australianas, principalmente. Alguns dos principais periódicos que disseminam o conhecimento no campo das TAA, contam com uma boa reputação também no campo antropológico da relação humano-animal como: o *Animal and Society Journal*, o *Annual Review of Anthropology* e a revista *Antrozoös*.

O *Human-animal studies* (HAS), vem de um campo de produção de conhecimento também denominado *anthrozoology* ou *animal studies* e compreende em sua grade de abordagens pelo menos cinco ênfases acerca do estudo das interações e relações entre humanos e não humanos animais.

<p>Animal Rights: Uma posição filosófica assim como um movimento social que advoga a favor de dotar os animais não humanos de um status moral e, com isso, direitos básicos legais.</p>

<p>Animal studies: Uma abordagem que se classifica como ciência natural para referir-se aos estudos científicos ou biomédicos que utilizam os animais não humanos. No campo das ciências humanas este é o termo mais usado sendo sua sigla, HAS.</p>

<p>Anthrozoology: O estudo científico da interação homem-animal e das ligações entre esses seres.</p>

Critical animal studies (CAS): Este é um campo acadêmico que dedica-se ao estudo da abolição da exploração animal, opressão e dominação.

Etologia: O estudo científico do comportamento animal.

(DeMello, 2012:15)

O *Animal and Society journal*, que começou em 1993, é uma espécie de veículo de informação sobre o que está sendo discutido no HAS, sendo ele originário dos movimentos que clamam por mudanças nos direitos civis dos animais, ou da natureza dos animais no código civil. O ASJ havia uma publicação semestral ligada ao campo dos *Critical Animal Studies*, que surgiram em meio aos estudos feministas (*women's studies*) dos anos setenta no EUA e, assim como estes, engajou-se nos movimentos sociais pelos animais (DeMello, 1012; Serpel, 2010).

Na origem destes estudos está o Psyeta - *Psychologists for the Ethical Treatment of Animals*, com sedes no estado de Connecticut e New York, uma rede de direitos dos animais (*Animal Rights Network* fundada em 1979) que atua desde 1975, disparados pela publicação do livro *Animal Liberation*, de Peter Singer³², seguido do livro *The case of Animal Rights* (*University of California Press, 1983*) de

³² Peter Albert David Singer, filósofo e professor australiano, defende que os interesses de todas as espécies, tanto animais como humanas, devem ser considerados do mesmo modo, baseando-se no princípio da igualdade de consideração de interesses. Este princípio afirma que as preocupações pelos outros seres não dependem do seu aspecto nem das suas capacidades. O facto de os animais não pertencerem à espécie humana não é condição significativa para serem explorados, nem para que os seus interesses possam ser ignorados. Peter Singer argumenta que se utilizamos o princípio fundamental da igualdade na luta contra preconceitos, como o racismo ou a superioridade masculina, a base deste princípio não se pode aplicar apenas a seres humanos (Singer, 1975).

Tom Regan³³. Mais tarde o Psyeta mudou seu nome para *Society and Animals Forum*³⁴ de onde, nos anos de 1990, nasce o *Society and Animals Journal*³⁵, para então em 2005 aparecer o *Society and Animals Institute*³⁶.

O *Society and Animals Journal* reúne disciplinas como literatura, psicologia, sociologia, antropologia, dentre outras áreas que têm lugar neste periódico. Até os dias atuais o SAJ vincula-se eticamente a uma firme posição contra a institucionalização dos animais. Tem como presidente executivo e editor o doutor em psicologia clínica pela Universidade de Duke, Kenneth Shapiro. Seu mais conhecido livro, intitulado “*Animal Models of Human Psychology: critique of science, ethics, and policy*” toma como conteúdo empírico desde os casos de desordens alimentares em humanos relacionadas ao consumo de carne (Shapiro, 1998) até o abusivo uso de animais em pesquisas realizadas no campo da Psicologia Comportamental (*behavioral science of psychology*), que se concentra em entender o comportamento e a mente dos humanos e não humanos através da investigação *cognitivo-comportamental*.

³³ Tom Regan, é um conceituado filósofo defensor dos direitos animais. Para ele a experimentação animal não é considerada aceitável em nenhum caso. A principal diferença entre Regan e Singer, é que para o primeiro a experimentação animal nunca deve ser utilizada enquanto para o segundo filósofo é moralmente aceitável se isto causar mais benefícios aos seres humanos do que prejuízos aos animais.

³⁴ <http://www.animalforum.com>.

³⁵ Página eletrônica do Society & Animals Forum de onde surgiu, na década de noventa, o Society & Animals Journal: <http://www.societyandanimalsforum.org/sa/index.html>.

³⁶ O *Animals & Society Institute* desmembra-se em vários “produtos” para além do *S&A Journal*, como uma livraria on line cujos títulos tratam da relação entre humanos e animais em diversos espaços contemporâneos, desde o olhar das diversas disciplinas envolvidas com o Instituto. O diretor executivo do *Animals and Society Institute*, Dr. Kenneth Shapiro, é também o co-fundador e editor do *S&A Journal*, do *Journal of Applied Animal Welfare Science* e editor da *Human-Animal Studies Book*, a livraria online. Shapiro graduou-se em psicologia na Universidade de Harvard e obteve seu PhD em psicologia clínica na Universidade de Duke.

Junto a Kenneth Shapiro no comando dos *Human Animal Studies*, esta Margo DeMello e Molly Mullin (colegas de PhD na *Duke University*). Em 2008, Margo DeMello lança o “*Teaching the Animal: Human-Animal Studies across the Disciplines*”³⁷, com a participação de Shapiro e Mullin. Em 2012, o livro “*Animals and society: an introduction to human-animal studies*” (DeMello, 2012)³⁸, cujo capítulo “*The domestication of Animals*” é de autoria de Mullin e, o capítulo “*Violence to Animals*”, de Kenneth Shapiro. Neste mesmo livro de DeMello (2012), temos o capítulo escrito por Cynthia Chandler: “*Animal-Assisted Activities*”. Chandler é também autora do “*Animal Assisted Therapy in Counseling*” levado a público em 2005 e, atualmente, livro de cabeceira de meus informantes profissionais da TAA.

O segundo periódico que nos interessa é o *Annual Review of Anthropology*, desde 1972 fazendo parte do Annual Review, uma reconhecida plataforma de publicações entre disciplinas como biologia, medicina, psicologia, e está ligado à *Stanford University*. No Annual Review of Anthropology é publicado, em 1985, o artigo intitulado: “*Sustenance and Symbol: Anthropological Studies of Domesticated Animals*”, sob autoria de Eugenia Shanklin do Departamento de Sociologia e Antropologia de Trenton, New Jersey. Neste artigo, Shanklin (1985) faz um apanhado das várias formas como os antropólogos haviam escrito sobre os animais, mostrando que a tendência era que os animais fossem citados como “comida” e não tanto como “símbolos”. Para Shanklin (1985) era preciso que a

³⁷ Link para acessar o livro: <http://www.steinerbooks.org/books/BookDetail.aspx?productID=240449>.

³⁸ DeMELLO, M. *Animals and society: an introduction to human-animal studies*. Columbia University Press: Columbia, 2012.

relação dos humanos com os animais fosse abordada de forma não-determinista integrando outras dimensões de análise. Essas lacunas apontadas por Shanklin foram de algum modo colmatadas por Molly Mullin, que citando Shanklin, destaca alguns destes trabalhos, na própria *Annual Review of Anthropology* de outubro de 1999.

O artigo de Molly Mullin, intitulado *“Mirrors and Windows: Sociocultural Studies of Human-Animal Relationships”*, trata de mostrar que já havia um apanhado de trabalhos sobre a temática humano-animal publicadas no campo da antropologia, até aquele momento (Mullin, 1999). De acordo Mullin, o interesse dos antropólogos por esta área concentrou-se numa questão central para a antropologia: as “fronteiras” (*boundaries*) entre o homem e os outros animais, não apenas quanto à forma como são transpostas mas também quanto ao seu estado de permanente redefinição e conflito (Mullin, 1999). Mullin destaca ainda, que do ponto de vista da antropologia, a distinção entre humano e animal está intimamente relacionada com a oposição fundadora entre ‘civilizado’ e ‘primitivo’, sendo que o ponto de vista dominante entre os primeiros antropólogos era de que o homem está para os animais, como o céu está para a terra, a alma para o corpo e a cultura para a natureza (Mullin, 1999: 203). No ano de 2007 Molly Mullin juntamente com Rebecca Cassidy (Universidade de London) editam o livro *“Where the wild things are now: domestication reconsidered”*, uma obra de referência desde então no campo dos HAS, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra.

Representante do Reino Unido nos *Human animal studies*, o *Antrozoö*³⁹ é um *Journal* de referência para os *animal studies*. Formada a partir do encontro de intelectuais ingleses, em Harrogate, Inglaterra, em abril de 1990, tornou-se o periódico oficial da *International Society for Anthrozoology* (Brandshaw, 1991), e atualmente publica os trabalhos do grupo de organizadores americanos do *Society and Animals Journal* e de Rebecca Cassidy e James Serpell, este último umas das mais citadas referências na *Animal Assisted Therapy- TAA*. As principais obras de James Serpell, são: *In the Company of Animals* (1996), e *Companion Animals & Us* (2000). A maior parte da produção de Serpell está compartilhada com Aubrey Fine autor do livro “*Animal-Assisted Therapy -Theoretical foundations of guidelines for a practice*” (2001), mais um dos livros que orientam os profissionais que acompanhei em campo.

Esses periódicos, como o *Society and Animals Journal* e o *Annual Review of Anthropology*, são aqueles onde encontrei artigos dos autores mais reconhecidos do campo da TAA, e partilham uma rede de produção de conhecimento em torno da moderna relação entre homem-animal ligados através de perspectivas teóricas em convergência.

O circuito que congrega pesquisadores e veículos de comunicação ligados ao *Animal Studies* mostra-se oriundo de um grupo de pessoas que detém de modo irrestrito, mas com bastante força política, a produção de conhecimento daquilo que vem se tornando a zooterapia. Conforme destaca Madel Luz⁴⁰ (2005) em sua obra

³⁹ Página eletrônica da Revista Antrozoös: http://www.isaz.net/pdfs/Anthrozoos_new%20flyer.pdf.

⁴⁰ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1962), mestrado em Sociologia - Université Catholique de Louvain (1969) e doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1978). Professora titular aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade

“Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva. Estudo sobre Racionalidades Médicas e Atividades Corporais”, existe um círculo vicioso das produções científicas em torno da saúde. Essas informações são ratificadas academicamente na hierarquia dos veículos, os autores desencadeiam um processo desenfreado para publicarem seus trabalhos nesses veículos, buscando neles estabelecer-se permanentemente como autores de referência. Como consequência, Luz (2005, 2007) chama atenção para uma tendência à circularidade nas citações de autores que tende a se formar, originando um círculo vicioso, já conhecido academicamente (os mesmos autores citando os mesmos trabalhos/autores) (Luz, 2005:633⁴¹). O que Luz levanta, são critérios de avaliação para as produções científicas que estão inseridos em um contexto de relações de poder acadêmicas permeadas pela produtividade. Assim, publicar um artigo em uma revista referendada como A pelo Qualis, garante *status* e, muitas vezes, até permanência de um professor/pesquisador no meio acadêmico ou em suas instâncias. A lógica da produtividade pode gerar consequências negativas para funções atribuídas a ciência e as universidades.

A produção de conhecimento que circula entre os *Human-Animal Studies*, parece assentar-se sobre noção de bem estar animal. O Bem-estarismo é um dos paradigmas modernos que permeia a relação homem-animal. Em ética animal esse

Federal do Rio de Janeiro, atualmente é colaboradora da UFRGS e colaboradora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFF.

⁴¹ Entretanto, quando os pesquisadores produzem um material científico, espera-se que, dentro do processo de pesquisa, esteja contemplada uma revisão sobre o que já foi escrito acerca da temática. Com o advento da *internet* e a consequente facilitação de acesso a produções de diversas partes do mundo, as bases de dados ganharam muita importância nesse processo. O processo de valorização dessas bases parece estar associado a fatores que, de acordo com Madel Luz (2005:632) estariam ligados ao desprestígio de livros e a valorização de artigos como veículo de difusão e circulação da produção científica.

pensamento defende que o que importa é pensar no bem estar e no sofrimento animal, inclusive para o consumo como alimento. Não que esta ideia seja contrária ao consumo de animais para alimentação, mas clama para que as condições de criação e abate sejam as mais apropriadas no sentido de mitigar o sofrimento animal. Os bem-estaristas são fortemente criticados pelos 'abolicionistas' que os acusam de contribuir para a utilização instrumental dos animais para conveniência humana. Além disso os bem-estaristas são acusados de contribuir para a manutenção da cultura da exploração animal, deixando os animais vulneráveis a uma série de maus tratos.

Um dos críticos do movimento em defesa dos animais é o antropólogo francês Jean Pierre Digard, mostrando em suas obras que o mundo da proteção animal é um nebuloso complexo que compreende uma releitura da noção de “proteção animal”, para um dever de compaixão pelo homem em direção aos animais. Essa compaixão é concretizada nos “direitos dos animais” e através dos militantes mais radicais que “militam” pela libertação animal. O bem-estarismo ou a “*cause animalitaire*”, de acordo com Digard (1999) é uma astuta estratégia para a criação de um pensamento que dá lugar à um lobby extremamente pulsante e defendido por autoridades nacionais e internacionais. De acordo com Digard, um dos exemplos de confusão no discurso dos movimentos em defesa dos animais é a difundida ideia de que o abate de animais para alimentação humana, deve ser 'humanitário'. Em fato, de acordo com o autor, não se percebe nenhuma demanda real coletiva por essa compaixão com os animais (de abate), pois esse clamor seria mais uma postura de

uma pequena parcela da população urbana “que nem sequer conhece um animal de campo”, mas filia-se ao “politicamente correto” discurso animalitário (Digard, 2009).

Juan Salvador (2001)⁴² afirma que a “questão animal” defendida pelos movimentos em defesa dos animais está em íntima associação com a produção de conhecimento em torno dos animais. O autor argumenta que devido à pressão exercida pelas “ciências da natureza e da vida” sobre as ciências do homem, os estudos estariam fadados a cair na mesma negação da fronteira animal/humano que aquela produzida pelos círculos de proteção dos animais, reforçando-a, ao lhe atribuir uma legitimidade científica (Salvador 2001). Para o autor esta relação denota o “retorno da sacralização da natureza” (Salvador, 2001: 110) através de práticas e discursos que protegem alguns animais (cão e gato *versus* todos os outros) em detrimento do sofrimento de outros.

Esse é o tema que Donna Haraway⁴³ coloca em perspectiva, na matança de animais em experimentos laborais científicos, chamando a atenção para a urgente necessidade de compreendermos que as mortes de animais causadas pelos cientistas humanos não são práticas dadas. Ela contrapõe a noção de que ao ser humano seria permitido “matar” outras espécies (em prol de objetivos bem definidos) e confortar-se da “malvadeza”, através da solidariedade e humanismo. Ao contrário, Haraway nos desafia a mudar a chave analítica e considerar que “os seres humanos

⁴² Outra referencia deste antropólogo é a obra intitulada “ *La société inhumaine. Mal-vivre dans le bien-être.* L’Harmattan”, de 2001.

⁴³ Donna Haraway considera-se uma ecofeminista, para o qual ela escreveu o “Manifesto ciborgue” em 1985 e, na mesma perspectiva, assumiu seu lugar em meio a uma comunidade animal de humanos e não humanos – ou de Seres Aparentados (2008: 50, 2009). O referido texto sobre os animais de laboratório publicado na Revista Horizontes Antropológicos de junho de 2011 e intitulado “A partilha do sofrimento: instrumentais entre animais de laboratório e sua gente”.

não têm liberada a necessidade de matar outros significantes e que estão eles próprios respondendo, não apenas reagindo” (Haraway, 2011: 42). É importante destacar no pensamento de Haraway, seu reconhecimento à participação deste outros entes que não seriam inanimados e, sua crítica à 'naturalização' da matança de seres 'mais fracos', como se vivêssemos fora dela:

“O problema não é descobrir a quem tal mandamento se aplica de modo que a matança de “outros” possa continuar como de costume e atingir proporções históricas sem precedentes. O problema é aprender a viver responsabilmente dentro da múltipla necessidade e labuta de matar, para então assumir isso com transparência, em busca da capacidade de responder em inexorável contingência histórica, não teleológica e multiespécies. Talvez o mandamento deva ser “Não tornarás matável” (Haraway, 2012: 21).

Haraway, embora tenha evocado as mortes de animais nas relações científicas instrumentais e desiguais entre humanos e animais afirma que, ao contrário de negar ou proibir esse tipo de prática, deve-se realocar a matança de animais em virtude de razões e em condições toleráveis por causa do cálculo de um bem maior. Ela recusa a escolha de “direitos animais invioláveis” *versus* “o bem humano é mais importante” e parte de ações reais e do modo como são objetivadas, para então mostrar que as relações entre homem e animal são menos românticas que em nossos escritos.

Alguns questionamentos sobre a importância da matança de animais nos estudos científicos já modificaram Leis, que visam controlar mutilações de animais, vivos. Nos estudos do comportamento humano, por exemplo, os animais são

submetidos a toda uma sorte de situações que lhes provocam distúrbios psiquiátricos e doenças neurológicas. Shapiro (1998), critica esta prática afirmando que os psicólogos têm tentado desenvolver um modelo animal que dê conta de praticamente todos os problemas humanos mesmo que alguns lancem remotas semelhanças (Shapiro, 1998:54). O psicólogo afirma ainda, que na grande maioria dos experimentos (como 90% dos casos) são usados roedores e aves (ratos e pombos) onde é injetado todo tipo de substância psicoativa – heroína, cocaína, morfina, barbitúricos, etc. Em animais como os primatas, macacos, cães e gatos, os experimentos não seriam tão frequentes, pois estes, estão protegidos pela lei do bem estar animal; já os ratos e aves, mesmo que a sua fisiologia ou condição psíquica esteja bem mais distante da humana, nem ao menos seriam contados nas estatísticas que visam denunciar a matança de animais em prol do conhecimento científico sobre o homem (Shapiro, 1998).

Assim a produção de conhecimento dos HAS com uma base bem-estarista de pensamento e sua articulação com a TAA, influencia-a em pelo menos dois pontos:

- 1) Na associação da TAA à um discurso que valoriza a *senciência animal*. Acreditar que os animais são seres capazes de sentir prazer, dor ou felicidade, significa admitir de antemão que existe alguma 'consciência' animal, uma vez que o termo senciente esteja relacionado com a articulação entre sensação e consciência. No contexto da TAA essa ideia faz com que os profissionais se preocupem e respeitem 'as vontades' de seus animais, baseados em estudos do campo da zoologia e etologia que destacam o funcionamento psicossocial dos animais. Isso

permite aos profissionais cada vez mais desengajar-se da humanização de seus animais respeitando-os dentro do funcionamento de sua espécie.

2) É engajamento em um campo de disputas políticas, cujo movimento em defesa dos animais tem obtido boas vitórias, haja vista as leis que foram reformuladas e continuam sendo discutidas em torno dos direitos dos animais, uma disciplina independente. Mesmo que a TAA se apóie mais na relação homem-animal e seus benefícios psicofísicos; que nos movimentos de bem-estar animal.

Para além do que foi posto, a TAA compreende um campo de disputas sociais e políticas em torno da chamada 'causa animal' que coloca em perspectiva, entre outras coisas, o lugar do animal em uma sociedade entendida como própria dos humanos desde um esquema naturalista no senso de Descola (2005).

Terapia Assistida por Animais - Campo de negociações

De fato, o pensamento cartesiano é um dos maiores entraves para que esta técnica se legitime como terapia. Uma vez sendo ela oferecida em espaços de saúde que trabalham sob uma perspectiva majoritariamente biomédica (hospitais, clínicas geriátricas ou clínicas psiquiátricas), o processo de adequação à esse discurso positivista, que demanda resultados científicos para a validação da eficácia terapêutica, parece uma longa negociação.

A questão reside também no fato de que a TAA não está regulada por instituições do campo da saúde, mas é regida por órgãos, como a IAHAIO – *International Association of Human-Animal Interaction Organization*, com sede nos Estados Unidos e nascida em conjunção com a Delta Society, da Austrália. Essas são as duas instituições que regulam as atividades em TAA e sua postura política está assentada nos princípios do Bem Estar animal e de um esforço para estreitar os laços com o discurso biomédico.

Os profissionais da TAA seguem o que foi decidido em convenções da HIAHIO e Delta Society (atualmente chamada de *Pet Partners*). Esses terapeutas, na busca por espaço no campo da promoção da saúde humana, travam uma corrida em busca da melhor metodologia terapêutica, visto que essa metodologia (e os animais) deva se adequar à assepsia dos ambientes de saúde e às premissas do discurso biomédico, principalmente através da produção de resultados mensuráveis em modelos positivistas. Essa tentativa na direção de sustentar um argumento biomédico através das práticas, parece uma estratégia bastante plausível se considerarmos que uma vez planejadas e desenvolvidas no contexto da promoção da saúde, busquem certa sintonia, pelo menos discursiva.

Observemos a Equoterapia que é a TAA de maior aceitação e prescrição entre médicos, principalmente como complemento ao tratamento de pessoas com Paralisia Cerebral (PC). Embora meu foco analítico tenha se concentrado em TAAs desenvolvidas em espaços de saúde, trago o exemplo da Equoterapia, que acontece em cabanhas ou haras muitas vezes bem distantes do círculo urbano, para ilustrar o

modo como a interação do homem com o cavalo, consegue atender aos preceitos biomédicos.

A Equoterapia oferece estímulos neuromusculares ao cavaleiro, pois, na tentativa de se manter em cima do cavalo é necessário que sejam acionados uma série de comandos neurológicos para contrair a musculatura e promover estímulos referentes ao equilíbrio, força, tônus muscular, flexibilidade, relaxamento muscular, consciência corporal e coordenação motora. As justificativas acerca das benesses que o cavalo pode oferecer se apoiam mais nos ganhos musculares que na interação subjetiva entre homem e animal. Desse modo, a função do cavalo parece ser bastante instrumental o que facilita a credibilidade da comunidade médica na equoterapia, uma vez que sua prescrição é crescente e cada vez mais centros de equoterapia são abertos. O que confere esta aceitação, em grande parte, são os resultados físicos que ela promove e que são facilmente mensuráveis e observáveis.

Nas situações em que os resultados da TAA são mais abstratos e a realidade dos benefícios não tão concretos, quanto os da Equoterapia, a participação do animal para instalação de um processo terapêutico, ficaria subentendida nas sensações do paciente que pode relatar, o que para ele seria terapêutico. A TAA com outros animais que não o cavalo está constantemente lidando com o impasse gerado por uma inadequação aos métodos avaliativos do ambiente da saúde humana, uma vez que os protocolos não se encaixam perfeitamente na terapêutica com os animais. Nesses casos, parece haver grande esforço dos proponentes em concretizar estatisticamente o benefício que o animal provocou ao paciente.

A questão posta é que quanto mais a Terapia Assistida por Animais se afasta de explicações científicas, mais difícil é sua inserção nos contextos institucionalizados. De acordo com nosso interlocutor Alexandre Monteiro, do Projeto Animallis, o grande impasse para que a terapia com animais se desenvolva no campo da saúde humana é a falta de dados científicos (Registro de campo, outubro de 2012). Ele mesmo escreve um artigo, datado de 2010: “*A cientificidade dos trabalhos de terapia assistidas por animais no Brasil: busca de dados publicados em currículos de profissionais inscritos na plataforma lattes*”⁴⁴; onde realiza uma varredura em busca de dados científicos sobre TAA. A escolha pela plataforma lattes foi estratégica pois, para Monteiro, seria um espaço ligado à produção de conhecimento científico. Suas conclusões são desanimadoras quando percebe que faltam dados concretos para provar os benefícios da TAA e que é urgente que os profissionais da área trabalhem no sentido de produzi-los (embora ele mesmo não os tivesse). Num trabalho seguinte, intitulado: “O uso da terapia assistida por animais como ferramenta para reabilitação cognitiva na doença de Alzheimer: um estudo de caso” (Monteiro *et al*, s/d)⁴⁵, o autor refere-se a TAA como uma “nova ferramenta para o processo de reabilitação cognitiva de idosos com a doença de Alzheimer”. Neste caso foi apresentado o experimento realizado com uma senhora de 84 anos, pianista, diagnosticada com doença de Alzheimer e hospedada em instituição psiquiátrica e geriátrica há 18 anos:

⁴⁴ Acesso ao artigo citado:
<http://www.centronati.com/a-cientificidade-dos-trabalhos-de-terapia-assistidas-por-animais-no-brasil-busca-de-dados-publicados-em-curriculos-de-profissionais-inscritos-na-plataforma-lattes>

⁴⁵ Acesso ao artigo:
<http://www.centronati.com/o-uso-da-terapia-assistida-por-animais-para-a-reducao-de-alteracoes-de-comportamento-na-doenca-de-alzheimer>.

“a senhora foi submetida a duas baterias de avaliação neuropsicológica, espaçadas por 4 meses, para que suas funções executivas fossem identificadas quanto ao seu estado de funcionamento. A primeira foi feita antes do estímulo dos animais e a segunda após 4 meses de estimulação com a Terapia Assistida por Animais. Após a primeira bateria, um teste prático foi feito: a paciente tocou piano com repertório que possuía lembrança. Por cerca de 2 meses, 4 músicas foram executadas pela paciente e a mesma perseverava sem possuir consciência do fato. Após a estimulação com os animais, feita semanalmente e de forma ininterrupta, a paciente chegou a tocar 39 músicas e possuía consciência das que havia executado, não cometendo mais repetições (Monteiro *et al*, *s/d*).

Os dados e resultados trazidos por Alexandre Monteiro, um pesquisador neuropsicólogo, mostra significativos sinais de melhora no que eles chamam de 'quadro cognitivo', principalmente em relação à memória da senhora que antes da terapia com animais tocava apenas quatro músicas e depois, passou a tocar 39. Em verdade Alexandre Monteiro, que apoia-se sobre a linha Cognitivo-comportamental da psicologia, não consegue explicar como se daria essa melhora no 'quadro cognitivo", embora a realidade pareça mostrar essa mudança.

Para Ceres Faraco, também pesquisadora do campo das TAA, coordenadora do projeto que foi desenvolvido no CAPSi do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, parece ter ido mais longe que Alexandre Monteiro. Em 2009 ela publica um artigo cujo um dos objetivos fora validar protocolos para aferir os efeitos da TAA em um grupo de crianças portadoras de transtorno psíquico. Ela utilizou um instrumento de avaliação chamado “Escala de Avaliação Global de Crianças - *Children Global Assessment Scale – CGAS*” (Saffer *et all* apud Faraco, 2009), como critério de ingresso na pesquisa, com o objetivo de estimar o nível de funcionamento global no momento da sua aplicação. Depois disso, foi aplicado o “Questionário de

capacidades e dificuldades – SDQ– *Strengths and Difficulties Questionnaire*” que é descrito como “questionário de *screening* para problemas de saúde mental infantil” com versões para pais, professores e jovens. No estudo de Faraco somente as versões para pais e jovens foram utilizadas. No que diz respeito à aplicabilidade em crianças, esse instrumento foi considerado pela comunidade científica como uma medida de psicopatologia breve e útil para a população (de 4 a 16 anos). O instrumento foi aplicado em dois momentos “pré e pós-intervenção.”, isto é, antes e depois da sessão de TAA. Segundo a autora a aplicação do SDQ,

“teve como objetivo obter dados para traçar a linha de base do padrão de funcionamento das crianças e, se constituiu num marco inicial, para o estudo de seguimento de mudanças ocorridas ao longo do tempo de intervenção. O teste possui 25 itens que são compostos de 5 escalas com 5 itens cada que avaliam sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social. A pontuação global obtida (exceto pontos da sociabilidade) gera o escore do total de dificuldades de cada criança ou adolescente e é interpretado através de bandas provisionais que categorizam o grau de dificuldades expresso pelo participante como normal, limítrofe ou anormal. Segundo os autores, a margem de erro dessa análise é de 10%” (Faraco *et al*, 2009).

O referido estudo de Faraco (2009) contou com vinte e oito crianças e adolescentes dentre os quais 64% estavam em tratamento no CAPSi⁴⁶ e 36% eram novos pacientes que ingressaram no hospital/dia⁴⁷, sem maiores vínculos com outras atividades do CAPSi. Os seguintes animais integraram as atividades: cachorro, tartaruga, periquito, peixe, cabra, hamster, esquilo chinês, coelho e porco da Índia. O ‘experimento’ de Faraco tinha como objetivo validar cientificamente a terapia com

⁴⁶ CAPSi – Centro de Atenção Psicossocial para atendimento de crianças e adolescentes um dispositivo da saúde pública ligado à reforma psiquiátrica que é um movimento que pretende ampliar o tratamento ao doente mental para fora do hospício (Amarante, ..).

⁴⁷ Hospital dia é o nome dado à um tipo de internação em que a criança permanece no hospital somente pelo período do dia e durante à noite lhe é permitido dormir em sua casa.

animais, através de uma matriz avaliativa para o desenvolvimento de habilidades na infância e adolescência, cujos protocolos foram reaplicados para verificar os 'escores' (sensações, transformadas em números estatísticos) do conjunto de dificuldades expressas pelo grupo de crianças e adolescentes dentro dos padrões para normalidade. Os resultados indicaram que houve alteração significativa de categoria entre os escores pré e pós atividade terapêutica, acusando uma tendência para a 'normalidade'.

Ainda podemos citar o relato de Joice Peruzzi, veterinária responsável pela Associação Gaúcha de Atividade e Terapia Assistida por Animais (Ágata)⁴⁸, em Porto Alegre. De acordo com Peruzzi, os estudos que vêm sendo realizados, desde a década de 1960, indicam que o contato do paciente com o seu animal de estimação, ou até mesmo com um animal desconhecido, pode trazer melhorias à saúde e qualidade de vida, que vão desde a redução na pressão sanguínea e nos batimentos cardíacos até a sensação de felicidade e relaxamento. O mecanismo de tratamento estaria assentado no contato com os animais que estão associados à redução de estresse (avaliado a partir dos níveis de hormônio cortisol) e ao aumento de bem-estar relacionado à liberação de ocitocina (hormônio que protege contra o estresse) em tutores de cães, gatos e outros animais. Esses benefícios, muitas vezes, surgiriam pela simples observação de um animal ou de um aquário, por exemplo, e esta tática estaria sendo utilizada em alguns consultórios médicos e odontológicos, para ajudar a relaxar o paciente (Registro de Campo, novembro de 2013).

⁴⁸ ÁGATA é a Associação Gaúcha de Atividade e Terapia Assistidas por Animais, fundada em 2011.

O artigo de Faraco e outros tantos relatos que tentam avaliar as TAA, perdem-se em protocolos e expressões não tão bem definidas como 'padrões de normalidade', 'modos de conduta', 'escore de dificuldades' entre outras expressões que se adequam à uma linguagem característica das ciências médicas dentro do modelo a qual Madel Luz (2005) chamou de uma 'racionalidade biomédica'. A categoria operacional "racionalidade médica", criada por Luz, à moda de um tipo ideal weberiano⁴⁹, é um conjunto integrado e estruturado de práticas e saberes composto de cinco dimensões interligadas: uma morfologia humana (anatomia, na biomedicina), uma dinâmica vital do funcionamento do corpo humano (fisiologia), um sistema de diagnose, um sistema terapêutico e uma doutrina médica (explicativa do que é a doença ou adoecimento, sua origem ou causa, sua evolução ou cura), todos embasados em uma sexta dimensão implícita ou explícita: uma cosmologia.

Através dessa delimitação, feita por Luz, pode-se distinguir entre sistemas médicos complexos como a biomedicina ou a medicina tradicional chinesa, e terapias ou métodos diagnósticos isolados ou fragmentados, como os florais de Bach ou a iridologia⁵⁰, que hoje proliferam na cultura alternativa do pós-anos 60 e da

⁴⁹ O tipo ideal refere-se a uma construção mental da realidade e refere-se a um certo número de característica de um objeto em estudo, a fim de construir um 'tipo'. A exemplo disso, quando pensamos em democracia temos em mente um conjunto de características dando origem a um todo idealizado (o Tipo Ideal). Ao observar um sistema político contrastamos com esse tipo que temos em mente para classificar esse sistema como democrático ou não. Um constructo de tipo ideal cumpre duas funções básicas: a) fornece um caso limitativo com o qual os fenômenos concretos podem ser contrastados; um conceito inequívoco que facilita a classificação e a comparação; b) assim, serve de esquema para generalizações de tipo X que, por sua vez, servem ao objetivo final da análise do tipo ideal: a explicação causal dos acontecimentos históricos (Monteiro & Cardoso, 2002, p. 14). O objetivo de Weber, ao utilizar o recurso "tipo ideal", não era de esgotar todas possibilidades das interpretações da realidade empírica, apenas criar um instrumento teórico analítico. Ainda como exemplo de tipo ideal, temos o "homem cordial", em Sérgio Buarque de Holanda.

⁵⁰ A iridologia, iridodiagnose ou irisdiagnose é uma forma de diagnose (na etimologia: *conhecer através da íris*) na qual a análise de padrões, cores e outras características da íris permite que se conheçam as condições gerais de saúde baseada na suposição de que alterações na íris refletem doenças específicas em órgãos. Os

nova era⁵¹. Essas seis dimensões ao serem aplicadas à realidade (como tipos ideais) permitiram à Madel Luz tecer estudos comparativos entre sistemas médicos de origens culturais diferentes e a medicina ocidental contemporânea. Os sistemas de racionalidades médicas orientais e a homeopatia tomam o ser humano a partir da sua relação com seus pares e seu meio ambiente, buscando uma espécie de equilíbrio dinâmico da 'energia vital', que variará de acordo com os sentimentos, os pensamentos, as relações familiares, sociais e os comportamentos dos indivíduos, estando baseados portanto no chamado 'paradigma vitalista' (Luz, 2005:223) cujo corpo é entendido como uma totalidade bioenergética.

Em contrapartida a medicina ocidental contemporânea, de acordo com a racionalidade médica proposta por Madel Luz, fora construída sob uma cosmologia baseada na noção cartesiana de universo, cujo corpo seria entendido como uma máquina onde prevalece a proposição de leis de aplicação geral e ignora-se a multicausalidade em detrimento de causas lineares (é a ideia de que as patologias seriam causadas por um agente externo -micro-organismos, vírus- ou por um defeito no funcionamento do corpo/máquina). Portanto a noção de homem neste caso estaria dentro do quadro mostrado por Francis Wolff anteriormente descrito, o mesmo tipo de homem criticado por Tim Ingold e tomado pela antropologia clássica.

praticantes dessa técnica utilizam-se de "mapas da íris" ou ainda "cartas topográficas" que divide a íris em zonas que estão relacionadas a porções específicas do corpo humano. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342008000300026&script=sci_arttext.

⁵¹ As terapias '*new age*' são acusadas de pseudocientíficas por estarem caracterizadas por um discurso religioso e metafísico. Expressões como 'acreditar em Deus', 'raptos por óvnis', 'possessões', 'dores primais', 'canalizar', 'milagres' ou outras noções são usadas para tratar de doenças cuja a causa estaria atrelada à um passado.

Assim, a lógica da racionalidade biomédica consoante com o estudo de Luz (2005), assume como foco a diagnose das doenças (dos defeitos), tendência crescente apoiada nos avanços tecnológicos dos últimos 50 anos, fato que leva os profissionais da saúde a deixar a terapêutica em segundo plano, centrando-se na doença e todos os seus limites, de acordo com Luz: “trata-se de uma medicina de maquinas para (preservação de) maquinas” (Luz 2005:235).

De acordo com o que Ceres Faraco e Alexandre Monteiro me falaram sobre seus trabalhos, a metodologia da terapia levaria em consideração mais o tipo de patologia e o animal utilizado, que o método de análise da relação. Dito de outra forma, Alexandre trabalha com animais e usa a TCC⁵² como auxílio porque seus pacientes são portadores de Alzheimer. Ceres Faraco vai primeiro identificar a doença e seus sintomas para depois, direcionar a relação do paciente com o animal no sentido de diminuir os sinais da doença. No caso de Karina Schutz, vemos uma certa conjunção de fatores pendendo menos para os sintomas e mais para o método psicoanalítico. Ela se apoia na terapia cognitivo-comportamental que é um dos instrumentos frequentemente utilizados durante as sessões de TAA, com intuito de aumentar o grau de motivação e conseqüentemente as atividades dos pacientes com os animais. (Schutz, monografia de final de graduação, PUC, 2012: 14-15).

Assim explicações acerca do fazer terapêutico variam entre os profissionais, o que vemos em comum é um esforço coletivo em adequar a linguagem de suas

⁵² Terapia Cognitivo Comportamental de acordo com McMullin (1986): Principal objetivo: identificar crenças disfuncionais e irreais que contribuem para os sentimentos desajustados dos comportamentos do paciente; Abordagem diretiva. Método: identificar os pensamentos disfuncionais, exercícios de confrontação, mudança na forma de se comunicar, modelos e dramatizações de novos comportamentos adaptativos, tarefas para fazer fora da terapia. O terapeuta é visto como um assessor que auxiliará o paciente a descobrir novas maneiras de mudar seus pensamentos autodestrutivos e conseqüentemente seu comportamento e emoções.

atividades à um discurso biomédico, embora a relação terapêutica exposta pela TAA não consiga dar conta. A controvérsia se manifesta quando se é obrigado a definir as respectivas participações do "epistemológico" e da "prática" na formação do modelo científico de TAA. Pois as perguntas que não conseguem ser respondidas com facilidade referem-se ao tipo de interação que subsiste entre eles (?) e se o animal é determinante nos processos de criação e justificação dos resultados da TAA (?).

Meu interesse primeiro não deixará de recair sobre o problema da racionalidade científica, só que não me confinarei ao debate relativo à natureza dos dispositivos de justificação propostos pela tradição epistemológica com o objetivo de definir a chamada legitimidade das teorias que aspiram à TAA. Mas é importante realçar as tensões existentes no campo desse emaranhado de linhas que é a TAA.

Uma possibilidade seria o enfoque preocupado em identificar determinações causais, de origem social, que se manifestam sobre a (re)produção da racionalidade da TAA em choque com o sistema biomédico, por exemplo: a exigência de assepsia para os animais que serão usados na TAA, dentro de hospitais. Para que a Terapia Assistida por Animais seja executada em um hospital é necessário antes de tudo, estar em acordo às exigências dos Comitês de Ética que demandam a maior garantia possível de que o animal não contaminará os pacientes com ácaros, fungos ou vermes vindos dos animais.

Outra possibilidade seria a abordagem que se empenha em demonstrar que existem funcionalidades análogas à formação do consenso, pois entre a totalidade

dos profissionais de TAA prossegue a sensação de que o componente terapêutico da relação na TAA seria da ordem da percepção individual.

A exemplo disso, citamos a *Fundación Bocalan*⁵³, uma das maiores instituições europeias que trabalham com atividades assistidas por cães, há duas décadas. A sede da Bocalan localiza-se em Madrid, mas seu campo de atuação vai bem além das fronteiras espanholas porque ela atua em toda América Latina com diferentes ênfases no desenvolvimento das atividades em cada um deles: na Espanha dedicam-se a transtornos como autismo, deficiências físicas entre outros; nos países latino-americanos dedicam-se a tratamento de traumas como abuso sexual na infância. De acordo com a proposta da fundação podem beneficiar-se desta terapia diversos grupos: indivíduos autistas, cardiopatas, pessoas com paralisia cerebral, pacientes com enfermidades terminais, com enfermidades mentais, com transtornos de comportamento, população de idosos, população penal, vítimas de violências, dentre outros. Os profissionais são formados em cursos, promovidos pela própria Fundação, que tem parceria com a Universidade de Barcelona. Vejamos o que a Bocalan apresenta como objetivos e benefícios da TAA:

“Los objetivos principales de la TAA no son solo físicos: mejorar las destrezas motoras; sino también de salud mental: incrementar la interacción verbal, incrementar la autoestima y reducir la ansiedad y el sentimiento de soledad; educativos: incrementar el vocabulario, la memoria, aportar conocimiento de conceptos como tamaño, color, forma, etc; y emotivos: e incrementar el deseo de ejercitarse en algún juego básico” (Fundación Bocalan).

⁵³ <http://www.bocalan.org/faatdogs.html> Assim, consideramos que, de um modo geral, a terapia com animais é tomada pelos seus proponentes sob o argumento de que o animal consegue ‘instigar’, no homem, o que outras terapias falham, permitindo assim, acessar um registro afetivo e emocional mais facilmente. As explicações recorrem a todo tipo de aspectos sociais, psicológicos e subjetivos, em detrimento.

“El adiestramiento avanzado y específico de los perros que integran estos programas, junto con la excitación positiva provocada en los pacientes por la presencia de estos animales, hacen de este tipo de terapias un complemento magnífico para todo proceso terapéutico y educativo [...]Las sesiones están –todas- dentro de un marco de rigor científico y son diseñadas en conjunto con el terapeuta profesional, educador y/o psicólogo. Se fijan unos objetivos a cumplir –conjuntamente-, se guía la interacción entre el animal y el paciente, y desde el comienzo se mide y evalúa todo el proceso” (FUNDACIÓN BOCALAN).

A também espanhola *Fundación Affinity*⁵⁴, que desde os anos oitenta (1987) atua no mercado de alimentação animal e nos três últimos anos tem se dedicado ao estudo e difusão dos benefícios da convivência com animais para a saúde humana, criou um centro de estudos em parceria com a Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) dedicado à investigação, divulgação e formação de profissionais em ciências da saúde. O foco investigativo dos estudos⁵⁵ desta fundação direcionam-se para tentar entender a natureza dos vínculos entre pessoas e animais de companhia, no sentido de gerar dados absolutos sobre a relação humanos-animais, como os que seguem:

“El 63% de los propietarios de mascotas le dice cosas a su perro que no dice a nadie más. El 46% de los hogares españoles conviven con una mascota. 9 de cada 10 propietarios asegura que si todos le abandonaran, su perro seguiría a su lado. El 76% dice besar a su perro como mínimo una vez al día. A mayoría asegura que su perro es un motivo para levantarse cada día. 8 de cada 10 niños españoles prefieren jugar con su gato o su perro antes que con los videojuegos” (Cátedra Fundación Affinity Animales y Salud, España 2013).

⁵⁴ <http://www.fundacion-affinity.org/la-fundacion/la-catedra>

⁵⁵ I Estudio sobre la convivencia con el perro, basado en el estudio Owner – Companion dog interactions, Monash University 2006 (Cátedra Fundación Affinity Animales y Salud, España 2013).

Os trabalhos produzidos pela Affinity chegam a afirmar que esses dados encontrados por seus pesquisadores revelam que existência de *“fuerte vínculo emocional entre propietarios y sus animales de compañía, hasta el punto de que el 63% de los propietarios afirma contarle a su perro cosas que no comparte con nadie más”* (Cátedra Fundación Affinity Animales y Salud, España 2013:1). Em acordo com estes argumentos diversos projetos de TAA disseminam o 'vínculo' como um dos fatores terapêuticos do animal junto a estímulos multissensoriais e *reforço positivo*⁵⁶

“O objetivo de um trabalho de TAA como este é diminuir a institucionalização imposta pelos asilos psiquiátricos, estimular a convivência e a comunicação entre os idosos, além de favorecer a oportunidade de que eles sejam ouvidos por outros hóspedes e, até, por seus familiares, que constantemente relatam preferir se afastar a aceitar as desordens causadas pela evolução da doença” (Monteiro, Barreto e Anunciação, s.d.)⁵⁷.

“A vantagem do cão é que o amor dele é incondicional. Para ele não tem preconceito. Em visitas a idosos, você vê um idoso que não levanta a mão pra pegar um copo de água, mas ele abaixa o tronco pra fazer carinho no cachorro, ele penteia o cachorro, que é um exercício de extensão dos membros. Se é cadeirante, é um tipo de exercício, se é idoso, é outro” (relato de Roberta, Pêlo Próximo).

Essas terapias apresentam trajetórias diferenciadas no que tange ao estatuto do discurso sustentado para legitimar a TAA. De um lado temos a equoterapia que, justamente por ser abordada via os argumentos neuromusculares, dedica ao cavalo um registro mais objetual, sem apoiar-se no argumento do vínculo afetivo; de outro, temos os demais casos de TAA, utilizando-se de pequenos animais e sendo desenvolvidas em espaços de promoção da saúde cujo motor terapêutico parece ser

⁵⁶ Análisis Científico sobre el Vínculo entre personas, perros y gatos. http://www.fundaciobocalan.cat/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=55&Itemid=50&lang=es

⁵⁷ <http://www.centronati.com/taa>

justamente o vínculo emocional entre homem e animal: Projeto Animallis, Projeto HCPA, *Fundación Bocalan* e Projeto Pêlo Próximo, TAC. Quanto mais as abordagens de TAA ressaltam a importância da *intervenção do animal*, num registro mais subjetivo de benefícios, mais difícil é desvencilhar-se da cruzada científica que hegemonicamente aprova ou rechaça novidades que pretendam disputar espaço no campo da saúde humana.

O trabalho de Jérôme Michalon (2013), um sociólogo que desenvolveu tese de doutorado, na Universidade de Lyon, intitulada: “*L’animal thérapeute » Socio anthropologie de l’émergence du soin par le contact animalier*”; chama a atenção para que a lógica de intervenção descrita na produção científica sobre a TAA, corresponde a um movimento de inclusão dos animais nas instituições enquanto espaços de saúde (porque as práticas fora do hospital não são tão reguladas) principalmente apoiados na questão sanitária, que configura-se como um obstáculo para o desenvolvimento destas práticas. Michalon, percebeu em seu estudo, desenvolvido na França, que existem diferentes maneiras de registrar o animal de acordo com a 'presença', com a 'atividade' e de acordo com a 'intervenção'.

De modo geral a TAA tenta coordenar diversos conhecimentos que perpassam a prática da terapia como: a psicologia e a psicanálise, a etologia, a fisiologia e a mecânica do movimento. Minha questão não centra-se na *cientificidade* ou não das práticas de TAA, mas em chamar a atenção para *as linhas* que constituem este objeto. Ainda, a *cientificidade* existe em diferentes modalidades (ciências humanas, ciências exatas, ciências entre outros variantes) e em diferentes graus de *cientificidade*. Com isso, na briga entre conhecimento científico e

conhecimento produzido sobre a TAA, existe uma falta de conhecimento “simbólico”, que implica na ausência de formação específica e soma-se à percepção de outros profissionais que apontam os perigos que representa o trabalho com um animal. A questão da regulamentação sanitária é frequentemente percebida como dificilmente compatível com a presença de um animal nos espaços biomédicos. Diante destes obstáculos, a presença de animais em hospitais como parte no tratamento de pacientes, comum em países como França, Estados Unidos e Inglaterra, ainda engatinha no Brasil.

Terapia Assistida por Animais – Regulamentação da atividade

A ISAAT – *International Society for Animal-Assisted Therapy*⁵⁸, uma parceira do Delta Society (atualmente sendo nomeado de *Pet Partners*), mas exercendo uma intervenção sobre as práticas de TAA no que tange à formação de profissionais é uma das instituições cujos os profissionais brasileiros, que conheci, se apoiam na briga política pelo exercício de sua profissão regulamentada. A ISAAT, dissemina uma regulamentação para o uso de animais em terapias que foi publicada no *Society for Healthcare Epidemiology of America* (SHEA), uma instituição de cunho sindical que tem enorme força política. De acordo com o SHEA, este guia para TAA foi endossado pela *Association for Professionals in Infection Control and Epidemiology* (APIC), com mais de 15 mil infectologistas associados.

⁵⁸ http://www.aat-isaat.org/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=10

Assim, no *Infection Control Experts Outline Guidance for Animal Visitations in Hospitals*⁵⁹ (SHEA, 2015), definiu-se que acerca das terapias com animais:

“Facilities should develop a written policy for animal-assisted activities. An animal-assisted activity visit liaison should be designated. Allow only dogs to serve in animal-assisted activities, such as pet therapy. Animals and handlers should be formally trained and evaluated. Animal interaction areas should be determined in collaboration with the Infection Prevention and Control team and clinical staff should be educated about the program. Animal handlers must have all required immunizations, restrict contact of their animal to patient(s) visited and prevent the animal from having contact with invasive devices, and require that everyone who touches the animal to practice hand hygiene before and after contact. The hospital should maintain a log of all animal-assisted activities visits including rooms and persons visited for potential contact tracing” (SHEA, 2015) .

Estas determinações estão amparadas na legislação americana, a chamada Lei sobre Estadunidenses com Discapacidades, de 1990, conhecida como *Americans with Disabilities Act* (ADA). Promulgada pelo Congresso dos Estados Unidos tentando mitigar a discriminação por incapacidades físicas ou mentais, esta lei faz referência a utilização de animais relacionando-os a serviços assistenciais que beneficiariam a saúde humana, como: cão-guia, assistências e serviços. Essa perspectiva apresenta um caráter mais utilitarista e descreve o serviço animal como *“any guide dog, signal dog, or other animal individually trained to provide assistance to an individual with a disability”* (ADA, 1990 s.d.).

Defensores da TAA , como James Serpell (2010: 25), criticam a maneira como a *Americans with Disabilities Act* definiu a relação homem-animal no contexto da

59

<http://www.shea-online.org/View/ArticleId/342/Infection-Control-Experts-Outline-Guidance-for-Animal-Visitations-in-Hospitals.aspx>

saúde, pois eles a julgam reducionista. Essa lei, do modo como foi escrita, destaca a presença do animal como um suporte físico, mas desconsidera a relação psicológica que permeia as trocas entre humanos e animais. Para Serpell (2010:25) e seus interlocutores, 'esses serviços animal' são normalmente vistos como ferramentas terapêuticas em vez de tratamentos e, portanto, não constituiriam uma Intervenção Assistida por Animais. A Terapia Assistida por Animais está inserida em um campo interdisciplinar que, conforme DeMello⁶⁰ (2012), explora os espaços que os animais ocupam no mundo cultural e social dos humanos desde as interações que os humanos desenvolvem com eles.

Na Europa, se seguirmos a ESAAT- *European Society for Animal Assisted Therapy*⁶¹ (versão europeia da anteriormente citada ISAAT) que desde 2004 intervém no campo da TAA, poderemos considerar que as recomendações que visam regular o exercício da TAA, como labor, centram-se exclusivamente no animal e no modo como ele deve ou não ser tratado. As recomendações baseiam-se no “*European Convention for the Protection of Pet-Animals*”, documento emitido pelo *Council of Europe* (em francês *Conseil de l'Europe*)⁶². Embora seja fundada em Viena sua atuação por toda a Europa é significativa uma vez que a maioria dos

⁶⁰ Margo DeMello é doutora em Anthropologia Cultural pela UC Davis, University of California desde 1995. Atualmente ela é professora no mestrado em Anthrozoology no Canisius College uma universidade privada no estado de New York e no Central New Mexico Community College. Além disso ela é diretora do Human-Animal Studies e do Animals & Society Institute.

⁶¹ Principios para o trabalho com TAA segundo a ESAAT: http://www.en.esaat.org/uploads/media/esaat_principles.pdf

⁶² Trata-se de uma organização internacional fundada em 1949, com sede em Estrasburgo, França. Seus propósitos são a defesa dos direitos humanos, o desenvolvimento democrático e a estabilidade político-social na Europa. Tem personalidade jurídica reconhecida pelo direito internacional e serve a cerca de 800 milhões de pessoas em todos os estados que formam a União Europeia.

projetos de TAA europeus seguem suas definições. No Brasil, os profissionais também a tomam como referência, fato que me fez procurar suas articulações.

Segundo as recomendações da europeia ESAAT, o proprietário tem total responsabilidade em adequar o animal ao local de desenvolvimento da terapia, assim como plena responsabilidade por propiciar condições de cuidado, ao animal, em acordo com a *European Convention for the Protection of Pet-Animals*. Destaca-se a preocupação da ESSAT com o bem-estar do animal para o qual ela determina a obrigatoriedade do profissional, em interromper as atividades, caso o animal mostre sinais de cansaço ou estresse. Essa intuição, que caracteriza-se como uma Organização não Governamental-ONG, emitiu um documento estabelecendo os princípios da TAA com animais domésticos, regulando a atuação de diferentes animais como: porcos da Índia, coelhos, ratos, gatos, cachorros e cavalos (ESSAT, julho de 2010)⁶³. Assim, os princípios gerais da TAA, de acordo com a ESAAT, são:

“The following principles apply for all species and breeds, used in the context of animal-assisted work:

The animal must have a socially acceptable behaviour towards humans to be qualified for use in animal-assisted work.

When handling pups or other young animals it is very important ,that neither the well- being of the female nor that of the young will be affected.

Sick animals or animals that are hurt, must be be examined by a Veterinarian immediately and if possible of course must be treated. Training of the animal must comply with training guidelines by the “Verein Tiere als Therapie” 1(association of animals for therapy), if they are already set up.

⁶³ Princípios para o trabalho assistido por animais com animais domésticos e pets. http://www.en.esaat.org/uploads/media/esaat_principles.pdf

Due to the extensive experience of TAT (Tiere als Therapie) in the training of human/animal teams ESAAT has adopted their educational and training guidelines.

The qualification of an animal must be evaluated, tested and documented according to the TAT- test or a test from another training center accredited by ESAAT.

Only examiners who have demonstrated and proofed necessary theoretical knowledge and practical experience are allowed to administer these tests and potential re-checks.

Courses to obtain and certify for these qualifications may be offered by ESAAT; ESAAT may also certify and recognize courses offered by its members.” (Principles for animal-assisted work with domestic animals and pets. ESAAT, 2010).

Observemos ainda, que a descrição acima nos mostra que a certificação do animal deve seguir os Testes documentados no TAT (*Tiere als Therapie*) uma bateria de exercícios para testar as ações do animal frente à diferentes estímulos psicológicos e sensoriais, proposto por uma instituição de TAA alemã, cujo um dos objetivos é “promover a ancoragem do termo 'terapia animal', na lei, para dar origem a profissão “terapeuta animal” (TAT, 2015)⁶⁴

Poderíamos citar ainda, como exemplo deste tipo de instituição, a francesa *Fondation Adrienne et Pierre Sommer*⁶⁵; o *Centro di referenza nazionale per gli interventi assistiti con gli animali (CRN IAA)*, que originou-se de um laboratório de experimentação animal sediado em Padova⁶⁶; e o INAATA, que é o Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais, em São Paulo, onde Kátia Aiello, uma psicóloga que trabalha com treinamento de cães para TAA, trabalhou até 2014.

⁶⁴ <http://www.tierealstherapie.at/tat/aufgaben-und-ziele/>

⁶⁵ <http://www.fondation-apsommer.org>

⁶⁶ <http://www.izsvenezie.it/temi/altri-temi/interventi-assistiti-con-gli-animali/>

Kátia Aiello é uma referência profissional para meus informantes e atualmente segue com uma proposta de 'treinamento de cães para TAA'.

Assim, essas instituições como a ISSAT, ESSAT, Bocalan, Affinity, INAATA, Pierre et Sommer, são parceiras no intuito de moldar a TAA em contornos bem específicos. Esses contornos vão se delineando de acordo com as demandas sociais entre interesses corporativos, que são justificados dentro de uma 'racionalidade biomédica'; em contraste com a TAA que, na prática, não apresenta-se adequada às exigências explicativas do paradigma hegemônico, tanto de ciência como da medicina. Contudo, a validação das regras relativas ao trabalho de pet terapeuta se dá internamente nos meandros da TAA através de fóruns, conferências, reuniões e congressos, onde estas instituições se encontram e formam documentos com força política e legislativa.

Terapia Assistida por Animais - Legislação

Após discorrer sobre as articulações discursivas em relação ao cuidado prestado pela TAA e as demandas regulamentares da atividade, vamos conhecer alguns movimentos políticos em prol da regulamentação da profissão de 'terapeuta animal', pois, embora a atividade esteja bastante midiaticizada, poucas instituições no país têm certificação internacional que autorize a entrada de animais nesses estabelecimentos. No Brasil, o Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, obteve em 2013 a autorização para que animais (de pacientes internados ou em unidades semi-intensivas) pudessem transitar em seus corredores. O Albert Einstein

promoveu esta ação, em 2009, a partir de sua adesão à proposta da certificação *Planetree*⁶⁷, uma organização americana que investiga, reconhece e valida o atendimento de saúde humanizado. Uma das propostas da Planetree para humanizar os espaços de saúde é a presença de animais. Mas o Albert Einstein não foi o primeiro a permitir a presença de animais nas dependências do hospital (se bem que o primeiro foi o Pedro II no Rio de Janeiro através dos trabalhos de Nise da Silveira), antes, em 2008, o Hospital Pequeno Príncipe, de Curitiba, recebeu os animais do projeto “Amigo Bicho” na ala psiquiátrica infantil, como recreação. Em São Paulo, a TAC de Vinicius Ribeiro atende desde de 2009, a ala psiquiátrica e pediátrica do Hospital de Clínicas da capital paulista. Assim como Karina Schutz, que em 2010 começou sua atividade de terapeuta de animais no hospital São Pedro, em Porto Alegre. Entretanto, se a profissão não é regulamentada, nem são permitidos animais nos hospitais, como eles entraram nesses locais, qual o tipo de contrato?

A forma de entrada da Terapia com Animais tem se dado através de *Projetos* apoiados no selo de Organização Não-Governamental. Assim, na prática, os hospitais aceitam que essas atividades sejam desenvolvidas, apoiados na ideia globalizada de humanização na saúde pela noção de Integralidade⁶⁸ do conceito de saúde e do conceito de assistência que permeia as diretrizes do SUS.

Entretanto, para a entrada dos animais ser autorizada, é necessário seguir um protocolo rígido, baseado em normas de higiene da Organização Mundial da Saúde

⁶⁷

<http://www.einstein.br/qualidade-seguranca-do-paciente/sistema-einstein-de-qualidade-e-seguranca-do-paciente/acreditacoes-e-certificacoes/Paginas/hospital-afiliado-planetree.aspx>

⁶⁸ Integralidade nos atendimentos em Saúde, um dos princípios do SUS. Emerson Merhy e Ricardo Ceccim.

(OMS), cujos hospitais, demandam do profissional uma autorização do Centro de Zoonoses⁶⁹ assegurando que o animal esteja 'limpo'. No caso da TAA o controle de zoonoses, demanda a vacinação e vermifugação, obrigatórias, bem como, a submissão do animal a exames de rotina, limpeza, escovação e visitas periódicas ao veterinário que deve emitir um atestado de que o animal esta livre de: pulgas, carrapatos, raiva, leishmaniose e leptospirose.

Em entrevista com Karina Schutz, ela me relata o que seria importante na introdução do animal terapeuta dentro do hospital:

“[...] o importante é o animal ter todas as vacinas em dia, não ter problema de pele, ser banhado antes de entrar em contato com os pacientes principalmente imunodeprimidos é importante ter um vínculo com algum veterinário porque qualquer coisa esse veterinário pode dar um atestado um atestado clínico.... um atestado dizendo que esse animal tem todos os procedimentos sendo realizados em dia com ele” (Entrevista, julho de 2013).

As dermatomicoses são ocorrências superficiais causadas por fungos, a mais comum é a *Microsporum canis* transmitida por cães e gatos. Constitui uma importante doença transmitida por animais, sendo que é responsável por até 30% dos casos de micose humana⁷⁰. Diante destes entraves os projetos desenvolvem-se muitas vezes sob a tutela dos diretores dos hospitais, que tocados pela questão

⁶⁹ Os Centros de Zoonoses são a opção adotada pelo governo para garantir o bem-estar de animais e da população. Agindo no controle das zoonoses (doenças que podem ser transmitidas de animais para seres humanos) e na prevenção de epidemias. Tais unidades de saúde já podem ser encontradas hoje em todos os estados do País. Embora nem todo mundo saiba exatamente como funciona ou qual é o trabalho realizado pelo centro de zoonoses, muitos se sentem mais familiarizados com o tema quando se fala em “carrocinhas”.

⁷⁰ <http://www.einstein.br/einstein-saude/bichos-e-a-nossa-saude/Paginas/micoses-transmitidas-por-animais.aspx>

animal e simpáticos aos argumentos da TAA, contratam os serviços destes profissionais, mesmo que eles não sigam exatamente as demandas sanitárias.

O primeiro projeto de lei em nível federal é a PL N° 264/2010⁷¹ (Brasil, 2012b), dispondo sobre a TAA e refere-se à equoterapia. Foi proposto pelo senador paranaense Flávio Arns (PSDB), atual Secretário de Assuntos Estratégicos do Paraná. Essa PL passou para o senado como PL. 04761/2012, e no início do ano de 2014, a Comissão de Seguridade Social e Família aprovou o projeto de lei (4761/12) que regulamenta a prática desta atividade (DSF, em 05/11/2010)⁷².

Em âmbito estadual temos em 2012 o Projeto de Lei N° 4.455/2012 (Brasil, 2012a), dispondo sobre o uso da TAA nos hospitais públicos, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde – SUS. Foi proposto pelo deputado Giovani Cherini (PDT), que como componente da Frente Parlamentar de Práticas Integrativas em Saúde, defende que a *pet terapia* seja uma prática integrativas em saúde (SUS), porque estaria embasada em um conjunto de elementos que auxiliam a cura e previnem doenças, promovendo o bem-estar (Brasil, PL-4455/2012). Meus informantes Karina Schutz e Vinicius Ribeiro engajaram-se nesta proposta.

Nos municípios temos a pioneira Lei N° 8151, de 06 de agosto de 2014, criando o Programa de Terapia Assistida por Animais (TAA). Aprovado pela Câmara de Vereadores, o projeto de lei do vereador Carlos Szulcsewski (PSDB) e diz no texto inicial que a terapia seria desenvolvida apenas com crianças, mas, a pedido dos próprios pacientes, será estendida também aos adultos. A inspiração veio do

⁷¹ http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=98258

⁷² <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/460788-COMISSAO-APROVA-REGULAMENTACAO-DA-PRATICA-DA-EQUOTERAPIA.html>

Hospital Albert Einstein, de São Paulo e está dentro da proposta de humanização dos pacientes defendida pelas políticas de saúde pública. A TAA ficará submetida ao regular funcionamento do programa de TAA e observará as normas previstas pelo Conselho de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (CREMERS), como determina o Artigo 2 da Lei.

Em Porto Alegre, em junho de 2015, a câmara dos vereadores reuniu-se para a discussão do Projeto de Lei Complementar do legislativo - PLCL 008/14 que altera o art. 140 da Lei Complementar n. 395, de 26 de dezembro de 1996. A alteração à LC 395, que institui o Código Municipal de Saúde do Município de Porto Alegre, visa suprimir a redação do caput, as palavras "estabelecimentos de saúde". O caso é que o artigo 140 da LC 395, diz que não é permitida a entrada de animais em estabelecimentos de saúde.

Assim, o PLCL 008/14 visa corrigir esta interdição aos animais e estabelecer o regramento legal no município de Porto Alegre, para a prática da pet terapia e foi Karina Schutz, do projeto pet terapeuta, quem entrou em contato com o vereador professor Garcia para propor uma alteração na Lei. A última reunião levou uma turma de profissionais e usuários de TAA a dialogar com médicos, veterinários, psicólogos, enfermeiros e advogados para discutir a viabilidade de alterar essa lei, sem prejudicar o ambiente clínico e hospitalar.

Além disso, os profissionais de TAA devem enfrentar um grande impasse junto aos conselhos de psicologia ou veterinária. O caso é que a profissão não é uma atividade reconhecida nem pelo conselho de psicologia, nem pelo conselho de medicina veterinária, nem por nenhum sindicato profissional, embora tenhamos

observado que a TAA está amparada por instituições de cunho nacional e internacional com caráter sindical. Para ilustrar esta questão, mais uma vez recorro aos acontecimentos que meus informantes se envolveram, e trago o caso de minha informante Karina: ela entrou em contato com o Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, para esclarecer-se sobre como enquadrar sua atividade profissional. O CRP lhe respondeu a demanda com uma convocação urgente, acusando-a de exercício ilegal da profissão e solicitando-lhe que retirasse todo seu material publicitário em circulação. Karina compareceu ao encontro marcado com o diretor do CRP 'armada' para explicar e provar que sua atividade era legítima, como terapia de tratamento. Segundo ela mesma me relatou, dos cinco representantes do Conselho que a interpelavam, no dia da convocação, ela conseguiu convencer à quatro sobre a relevância de seu trabalho, menos o diretor do CRP que argumentava que Karina não poderia chamar o animal de 'terapeuta ou co-terapeuta'.

Em suma, o impasse entre o trabalho de Karina e a regulação do CRP, assim como as mudanças legislativas necessária para que a TAA seja desenvolvida legalmente nos hospitais, marca uma disputa social por um campo de conhecimento e pela legitimação de um tipo de atividade entre homens e animais que provocará ainda diversos embates. Entre os profissionais de Psicologia e de Medicina Veterinária há uma aquecida discussão para definir se a TAA deve ser atividade própria do campo psi, argumentos que levam em consideração a demanda de um bom conhecimento dos transtornos mentais, para tratar dos pacientes; e a medicina veterinária, argumentando que a terapia só seria possível se o terapeuta humano conhecer as possibilidades de interação do animal com o mundo.

Políticas que regem a relação humano-animal

Apesar de todas as incongruências nas discussões em torno dos direitos dos animais (por exemplo a discussão sobre o consumo de carne entre bem estaristas e abolicionistas), principalmente no que diz respeito à amplitude do conjunto de sujeitos de direito, uma vez que a postura majoritária não abrange todos os animais e sim apenas os animais sencientes, consideraremos o movimento em prol dos animais desde os movimentos da década de 1960 (conhecida pela revolução dos direitos, nos EUA) que fora impulsionado pelos resultados dos movimentos de emancipação civil (movimento feminista, por exemplo ou desconstrução dos mecanismos de dominação social presentes num contexto punk).

O tema "direitos animais" começou a ser discutido como movimento social no início da década seguinte por um grupo de filósofos da Universidade de Oxford, do qual faziam parte Peter Singer e o psicólogo Richard D. Ryder. Deste encontro surge na década de 70 o que vem a ser uma das obras mais conhecidas na história dos direitos dos animais, o livro 'Libertação Animal' (Singer, 1975); no ano seguinte vem a público a obra "*Animal rights and human obligations*" de Singer, em Parceria com Tom Regan, este último, professor da Universidade da Carolina do Norte.

A maior herança deste movimento foi a introdução, por Peter Singer, do conceito de "especismo" que designa um comportamento visando a negação do estatuto de 'ser vivo' digno de uma igual consideração moral (Singer, 1975) às

espécies que não a humana. Esse argumento se articula em torno da concepção de Ser Vivo, vinda da biologia e sustentada, nesse pensamento, pelo paradigma cognitivista de que os humanos são animais como todos os animais. Ora, de acordo com essa ideia a expressão científica para designar os humanos não seria então, humanos, mas sim 'animais humanos' e não, o usual 'humanos e animais não-humanos'.

Alguns anos após, em 1983, Regan lança o livro “*The case for animal rights*” e, nesta obra, Regan começa mostrando que alguns animais, tais como os mamíferos com pelo menos um ano de idade, já seriam seres sencientes, por possuírem interesses na vida (instintos de defesa e preservação da própria vida e da vida dos outros) e outros desejos que os tornariam, no mínimo, pacientes morais (atualmente ele estende a senciência também às aves) (Regan, 1983).

De acordo com Oliveira (2004) algumas questões centrais no domínio do que se tem por Direito dos Animais, nessas duas propostas, de Singer e Regan, tem caminhos diferentes. Com relação ao consumo de carne, enquanto Singer admite que se mate um bovino para comer sua carne, desde que isso não implique em sofrimento ao animal; Tom Regan não admite esta hipótese, uma vez que bois e vacas também são '*sujeitos de uma vida*', *classificação* que utiliza para referir-se, de acordo com sua perspectiva, aos animais que seriam titulares de direitos. Conforme Regan:

“individuals are subject-of-a-life if they have beliefs and desires; perception, memory, and a sense of the future, including their own future; an emotional life together with feelings of pleasure and pain; preference and welfare-interests; the ability to initiate action in pursuit of their welfare in the sense that their experiential life fares well or ill for them, logically independently of their utility

for others and logically independently of their being the object of anyone else's interests." (Regan, 1983:245)

Então vemos uma forte crítica à chamada escola dos "deveres indiretos," cujo representante é o filósofo alemão Immanuel Kant - a abordagem de que os animais seriam apenas meios para um fim: os humanos, e que nós deveríamos ter compaixão aos não-humanos, não em reconhecimento aos interesses destes seres, mas porque de outra forma ficaríamos embrutecidos e isso poderia prejudicar outros humanos no futuro.

Regan critica, ainda, a escola utilitarista de "deveres diretos," cujo representante é Peter Singer, apresentando a teoria de direitos com base numa extensão da ética de Kant, dessa vez considerando a noção de animais como *sujeitos-de-uma-vida*, isto é, seres sencientes com características cognitivas avançadas. De acordo com Oliveira (2004), essa ética é deontológica, isto é, é uma ética na qual o conceito de dever é mais importante do que as consequências resultantes das ações. O ponto de partida de Regan é a questão do valor do indivíduo como sujeito de uma vida.

O modo racional de evitar injustiças em Regan, segundo Jamieson (2000), é postular que todos os indivíduos possuem, na mesma medida, valor em si mesmos: todos os indivíduos possuem igual valor inerente, com isso tornam-se irrelevantes sexo, raça, local de nascimento, habilidades, inteligência, personalidade, saúde ou patologia. O valor inerente é absoluto: independe da utilidade que um indivíduo possa ter para outros. Regan, mantém e amplia a recomendação kantiana: ninguém será tratado como meio, coisa ou recurso para a satisfação de outrem. A base da

ação moral será o respeito ao valor inerente do indivíduo, que se torna ao mesmo tempo a base de “um igual direito de ser tratado com respeito” (Regan, 1983:70).

O próprio Regan, no livro *Jaulas Vazias* (2006) alarga a categoria de *sujeitos-de-uma-vida*, para pássaros e peixes. Regan afirma que para possuir o direito básico a ser respeitado, direito este inato a todos que o possuem, é impossível utilizar-se o conceito de pessoa, por exemplo, porque exclui da consideração moral milhares de seres humanos incapazes de racionalidade.

Dessa forma, o movimento dos direitos dos animais, desde reivindicações anteriores que eram restritas à melhoria do bem-estar dos animais, passa à mudanças de paradigmas sobre o estatuto jurídico dos animais. O discurso assume uma postura bastante humanista ao considerar que o homem tem a obrigação de respeitar todos os animais e de considerar sua suscetibilidade ao sofrimento e à dor como se humanos fossem, embora reconheça que da mesma forma que animais são utilizados para alimentação, vestuário e transporte, também podem ser necessários ao desenvolvimento da ciência em prol da saúde do homem e dos próprios animais. Como afirma Oliveira (2013:24), a posição prevalente nos direitos do animais é a ética da senciência.

Exemplo disso pode ser visto na Declaração Universal dos Direitos Animais, proclamada pelo UNESCO em 1978. Um dos artigos desta declaração de direitos é emblemático ao explicitar a possibilidade de uma 'violação de direito fundamental por motivo arbitrário", no caso dos animais criados para abate:

"ARTIGO 9: Nenhum animal deve ser criado para servir de alimentação, deve ser nutrido, alojado, transportado e abatido, sem que para ele tenha ansiedade ou dor.

ARTIGO 10: Nenhum animal deve ser usado para divertimento do homem. A exibição dos animais e os espetáculos que utilizem animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

ARTIGO 11: O ato que leva à morte de um animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um crime contra a vida" (Unesco, ONU, 1978).

No Brasil a primeira vez que o estado legislou sobre a relação humano-animal foi em 1934, quando Getúlio Vargas assina o Decreto 19.398 de novembro de 1930, atribuindo medidas de proteção animal tanto no contexto urbano quanto rural, desaprovando atos de violência, abandono e maus tratos contra os animais. O primeiro artigo deste decreto, que foi revogado em 1991 pelo Decreto nº 11, de 18 de janeiro de 1991, afirmava que “todos os animais existentes no País seriam tutelados do Estado” (Brasil, DEC 24.645/1934).

Na Lei nº 6.638, de 08 de maio de 1979, pela primeira vez aparecem normas a estabelecer didáticas da vivissecção de animais, permitindo somente aos estabelecimentos de ensino superior, realizar atividades didático-pedagógicas com animais. Esta Lei foi revogada em 2008 pela Lei 11.794/2008 que regulamenta, no inciso vii do parágrafo 1º do art. 225 da constituição federal, os procedimentos para o uso científico de animais. Publicada no Diário Oficial da União, no dia 8 de outubro de 2008, a lei Arouca, proposta inicialmente pelo deputado e sanitarista Sérgio Arouca, em 1995, foi um projeto de lei que ficou anos parado, sofreu alterações e gerou muita polêmica. Ainda hoje aguarda deliberação da Casa Civil. A lei prevê que os laboratórios tenham dois anos – a partir da publicação - para se adequar às normas internacionais que restringem o uso de cobaias apenas para pesquisas que tenham como finalidade melhorar e prolongar a vida do ser humano. Também é

permitido o uso de animais em experimentos que testem a segurança e eficácia de fármacos desenvolvidos para o tratamento de doenças. Em ambos os casos, as pesquisas devem obrigatoriamente prezar pelo bem estar do animal utilizado. Esta lei, embora tenha claro cunho utilitarista vai ao encontro dos anseios dos defensores do bem estar animal, uma vez que não proíbe a prática da vivisseção, mas regulamenta sua utilização.

No entanto, está na Constituição de 1988, as normas de direito ambiental com estatuto constitucional, que sujeita o Poder Público bem como a coletividade a preservar o meio ambiente e sua fauna, vedando toda e qualquer prática que submeta os animais a crueldade humana ou científica. A Constituição Federal promulgada em 1988, em seu artigo 225, inciso 1º, parágrafo VIII, reconhece que os animais são dotados de sensibilidade, impondo a sociedade e ao Estado o dever de respeitar a vida, a liberdade corporal e a integridade física desses seres, além de proibir expressamente as práticas que coloquem em risco a função ecológica, provoquem a extinção ou submetam à crueldade qualquer animal.

A norma constitucional atribui um mínimo de direito ao animal, ou seja, que o homem não submeta seres sencientes a tratamentos cruéis, práticas que coloquem em risco a sua função ecológica ou ponham em risco a preservação de sua espécie, comando este assimilado pela Lei federal n. 9.605/98, ao criminalizar a conduta daqueles que abusam, maltratam, ferem ou mutilam animais em seu artigo 32. Também está na Constituição de 1988, artigo 127, que a defesa da ordem jurídica compete ao Ministério Público. Não obstante isso, já previa o Decreto Federal n.

24.645/34 em seu artigo 2º, § 3º que os animais: "serão assistidos em juízo pelos representantes do Ministério Público" (Brasil, DEC 24.645/1934).

Projeto de Lei nº 121, de 1999, foi substituído pela Lei da Posse Responsável que estabelece uma disciplina legal para a propriedade, a posse, o transporte e a guarda responsável de cães. A autoria da Lei foi do Deputado Federal, Cunha Bueno (PPB/SP).

No âmbito estadual destaco a criação da Lei nº 11.915, de 21 de maio de 2003 que institui o Código Estadual de Proteção aos Animais, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Essa Lei foi atualizada até a Lei nº 12.131, de 22 de julho de 2004, que acrescenta parágrafo único ao artigo 2º da Lei nº 11.915 permitindo que religiões de matriz africana mantêm animais em seus cultos. Em abril de 2015 foi votado um projeto de lei n. 21/2015, de autoria da deputada Regina Becker (PDT), que retoma a redação original do Código Estadual de Proteção Animal para suprimir o artigo 2 da antiga lei, tendo o apoio de ativistas da causa animal de maneira expressiva, sobretudo na capital gaúcha⁷³.

Além destas citadas normas legislativas que aparecem e são modificadas em torno da relação homem-animal, citamos ainda o Conselho Federal de Medicina Veterinária que, em 2008, através de da Resolução nº 877, manifesta-se sobre os procedimentos cirúrgicos em animais de produção e em animais silvestres, assim como cirurgias mutilantes em pequenos animais proibindo determinadas incisões em prol do bem estar animal. No mesmo momento emitem a Resolução nº 878 que

73

<http://anda.jusbrasil.com.br/noticias/180795683/ativistas-tiram-a-roupa-novamente-contramortes-de-animais-em-rituais-religiosos-no-rs>

regulamenta a fiscalização de pessoas jurídicas cujas atividades compreendam a prestação de serviços de estética, banho e tosa animal afetando diretamente o trabalho das pet shops e atividades como a cinofilia (criação e comercialização de cães de raça pura).

Assim sendo, o Brasil é um dos poucos países do mundo a proibir, na própria Constituição os maus tratos aos animais, reconhecendo o dever de respeitar a vida e a integridade física dos animais. Grande parte das leis estaduais, seguem a Constituição Federal, proibindo, assim, a submissão de animais a atos cruéis. Essa ação é mediada pelo Ministério Público que deverá se responsabilizar pela garantia a preservação de uma postura frente aos animais fazendo-os dignos de respeito e consideração por parte do Estado e da sociedade humana.

Considerações finais

Até aqui tentei dar um panorama do que significa estar envolvido no contexto da TAA, foi por isso também que fiz uma revisão da legislação em torno dos animais, para citar os eventos que parecem estar mais diretamente ligados. Minha trajetória etnográfica teve também o intuito de conhecer essas leis, as instituições e o modo de fazer a TAA num contexto social e político. Assim, foi possível perceber algumas de suas articulações, dissonâncias e consonâncias que contribuem para que esta prática seja 'legítima' no contexto onde ela se pretende.

Neste capítulo que se encerra, sugeri que as TAA despontam como uma terapêutica emergente no campo da saúde humana como possibilidade de tratamento convergente com uma noção de doença que transcende o conhecimento biomédico. Entretanto, existe um esforço considerável em levantar dados físicos e fisiológicos mensuráveis para provar a eficácia terapêutica da prática. De uma parte parece que falta informações “sérias” oferecidas pelos profissionais citados. Os diretores dos estabelecimentos relatam que sentem falta de recursos científicos compreensíveis para justificar a presença do animal, ainda mais, num programa de terapia associado a um animal. Isso resulta que os profissionais que têm a iniciativa de propor uma atividade de cuidado animal, ou mesmo aqueles que simpatizam com a ideia, se encontrem 'desarmados' face essa hierarquia de saberes e poderes que demanda justificativas cabíveis à um saber científico.

Vimos também que embora a TAA tente se inserir em uma razão médica de eficácia terapêutica, condizente com os preceitos do que referi como biomedicina, a medicina convencional, ela apresenta-se com uma razão própria, coerente com a relação humano-animal que a produz, mas não por isso ineficaz terapeuticamente, contradizendo o senso comum de que somente a biomedicina seria portadora de racionalidade.

O que aponto é uma necessidade de aproximar a TAA das grandes questões sobre a organização da atenção em saúde, enfrentando, por exemplo, o rompimento com o paradigma biomédico e asséptico da saúde. Isso permitirá a TAA sustentar-se como um campo de conhecimento e prática apto a atuar em toda a linha do cuidado

em saúde: dimensões primária, secundária e terciária da atenção (dentro do modelo do SUS).

Além disso, em termos antropológicos, estamos olhando para o campo das TAA desde o prisma do que Ingold chamou de “*potentials of life*” (Ingold, 2011:3); cuja tradução nos leva à uma ideia de abordar a vida a partir da sua potência criativa e inesperada, na sua construção em aberto, a partir das histórias que criam campos mutualísticos entre unidades animais e objetais (Dos Santos, 2013:62).

Para tanto continuaremos analisando a TAA, desde os dados etnográficos, como fizemos até agora, mas focaremos nossa atenção na descrição e análise da sessão terapêutica da TAA. Como minha experiência de campo foi bastante imersiva ao acompanhamento das atividades do projeto Pet-terapia, em Porto Alegre, poderemos ver que a TAA mostra manifestamente, que as características das espécies ditam o cuidado que nós teremos com eles. Isso contradiz, por exemplo, o que Haudricourt (1962) afirma em seu seminal estudo “*Domestication d'animaux, culture de plantes et traitement d'autrui*”, sobre o tratamento do outro e da natureza; em que o homem trataria os animais, modelado sobre seu comportamento para com outros homens (Haudricourt, 1962; Ferret, 2012).

Centrarei a atenção sobre o estatuto de um animal que é capaz de oferecer 'cuidado em saúde' e farei isso explorando as ações que são necessárias para produzi-los, assim como para mantê-los em atividade. Este exercício mostrou-se frutífero (e continua em andamento), sem ignorar as modalidades pelas quais o

animal torna-se um 'terapeuta', no modo como os profissionais e pacientes da TAA o entendem.

Capítulo III

Análise Técnica das Ações e da Corporalidade na Terapia Assistida por Animais

Introdução

Neste capítulo explorarei a TAA como uma técnica de trabalho formada por ações que descrevem um processo carregado de sentido, em relação ao ambiente social onde ela se desenvolve. A partir da abordagem técnica da relação estabelecida entre os seres envolvidos na sessão terapêutica de TAA, desejo mostrar que a antropologia oferece descrições e instrumentos conceituais úteis para evidenciar uma das diferentes concepções de animal, presentes na sociedade contemporânea. O trabalho de campo priorizou a observação e descrição do saber/fazer do terapeuta de TAA em correspondência com um saber/fazer advindo do animal, tendo em vista não somente seu adestramento, mas também seu comportamento próprio atribuído à diferentes instâncias deste ser vivo como espécie e personalidade. Entendendo que as habilidades (Ingold, 2010) estão presentes em todos os participantes de um processo agentivo que pragmaticamente é objetivado em conjunto de técnicas e saberes. A noção de processo agentivo (Pitrou, 1014) das ações entre os seres envolvidos no sistema da TAA nos permite pensar que *“all living things are agents with respect to themselves in that their growth and form may be attributed to their own agency”* (Gell, 1998:41). Para o antropólogo americano Alfred Gell, em sua abordagem *“Art and Agency. An Anthropological Theory”* (Oxford, Clarendon Press, 1998), *agents*, iniciam ações que são 'causadas' por eles mesmos, por suas intenções, não por leis da física ou do cosmos (1998:16). Nesse caso a intenção é a causa, a ação é o efeito. Assim, partindo do princípio de que os seres humanos é que seriam capazes de iniciar ações nesse sentido, Gell admite que o

organismo estaria distribuído em torno de uma série de objetos-artefatos inscritos por intenções originadas por humanos, mas que, em seguida, estes artefatos passariam de agentes secundários, para agentes primários e iniciadores das ações humanas. Nem todos concordam com Gell que as ações são os efeitos de intenções primárias, pois a intencionalidade e a agência não seriam exatamente uma consequência uma da outra pois, os seres da relação não possuiriam agência em si, mas “*they are rather possessed by the action... they are swept up in the generative currents of the world*” (Ingold, 2011: 214).

Assim, para compreender o papel do animal na TAA, foi imprescindível me ocupar das ações trocadas no momento em que ele atua como terapeuta. Para tanto, me inspirei nas bases de uma antropologia da ação, que se pretende ancorada no concreto, procurando saber como as pessoas agem em relação à natureza. Minha atenção, não visará, neste capítulo, problematizar quem são os homens ou animais e no que eles acreditam, mas quais são as suas maneiras de proceder. No caso da TAA, os fatores relevantes para a escolha das ações não as fazem deliberadas, uma vez que, havendo um outro ser vivo com a qual o homem estabelece uma relação de sentido prático, haverá uma maior ou menor complexidade de causas envolvidas no processo que será construído em parceria com um outro.

Foi Marcel Mauss (1974:41) quem incluiu, na antropologia, sob o nome de técnicas do corpo⁷⁴, todos os hábitos musculares socialmente adquiridos: forma de

⁷⁴ A noção de *fato social total*, como Mauss (1974) a definiu, tomou um sentido mais amplo que o *fato social* (Durkheim, 1989) porque Mauss passou a pensar as práticas sociais em uma dimensão estética, também. Para ele, os modos de ser no ambiente social são construídos conjuntamente. Isso possibilitou a Mauss

caminhar, de sentar, de dormir, de nadar. Com ele, a antropologia deu um passo à frente para além do horizonte habitual da etnografia, que analisava sobretudo objetos construídos pelo homem, e o controle sobre a natureza apresentada era tomado com os contornos de um paradigma da razão instrumental, que se sustentou por meio da cisão entre corpo e espírito⁷⁵.

Para Ingold, as habilidades ou aptidões para a ação como caminhar, falar, ouvir ou tocar instrumentos musicais, emergem dentro de um processo de desenvolvimento do organismo (Ingold, 2010), processo que longe de construir o indivíduo particularmente fechado em seu mundo, tem como pré requisito, desde um conjunto de relações baseadas no social, a imersão individual no momento exato do nascimento de um ser, em um campo social relacional. No livro *“The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations”*, conjunto de textos reunidos em 1983, Ingold, argumenta que não somos os únicos dotados de subjetividade. Partindo da noção de Marx, em que a existência corporal constituiria a condição de seu propósito consciente e intencionalidade no agir humano, Ingold estende essa noção aos animais. Marx estava de acordo que a relação entre homem e animal é pois uma *'human-animal relations of production'* (coleta, pastoreio, agricultura e produção urbano-industrial). Portanto, dedicando o lugar de meras

pensar o homem dentro de uma tríade formada pelos aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos de forma indistinta estabelecendo uma idéia de totalidade do homem, compreendido a partir das três esferas que o compõem.

⁷⁵ Merleau-Ponty (2000), consegue fugir dessa percepção ao afirmar que - existe natureza por toda parte onde há uma vida que tem um sentido, porém, não existe pensamento; daí o parentesco com o vegetal: é natureza o que tem um sentido, sem que esse sentido tenha sido estabelecido pelo pensamento. É a autoprodução de um sentido. A Natureza é diferente, portanto, de uma simples coisa; ela tem um interior, determina-se de dentro; e daí deriva a oposição de “natural” e “acidental”. Fica-se, pois, com a idéia de que natureza é a autoprodução de um sentido. Nesta interpretação, a natureza é expressa como uma construção social, pois como afirmou o autor, natureza é tudo que não é individual, isto é, natureza é tudo aquilo que permite a localização do sujeito-corpo no mundo (social) (Merleau-Ponty, 2000:4).

máquinas aos animais que, pela falta de 'vontade', seriam como ferramentas primitivas (Tapper, 1994:52). Ingold, apontou que: *“I have argued elsewhere, contra Marx, that the domestic animal in the service man constitutes labour itself rather than its instrument, and hence that the relationship between man and animal is in this case not a technical but a social one”* (Ingold, 1983: 19-20; também 1980:88).

As relações consideradas por Ingold são especificamente aquelas que envolvem três aspectos da domesticação: doma, pastoreio e criação (*breeding*). O caçadores coletores de Ingold vivem em complementaridade relacional com as outras espécies animais em seu ambientes, não fechados nas habilidades humanas, mas com um extenso conhecimento sobre os modos de vidas e hábitos dos animais, sobretudo como uma produção mútua em cooperação com o outro, uma troca recíproca (Ingold, 1983: 53).

Portanto a experiência de estar no mundo agindo, constrói uma “intenção consciente” sendo as habilidades, tanto dos animais não humanos como dos humanos, incorporadas na prática do treinamento configurando a aprendizagem, embora expressas em distintas maneiras de saber/fazer.

Desse modo, para trazer os dados de campo, trabalharei com as noções de técnica dirigida aos animais, tendo como texto base o reconhecido trabalho de André-Georges Haudricourt (1911-1996) um etnólogo (também botânico e linguista) que fez parte, entre as décadas de 70 e 80, da direção da revista *L'Homme* junto à Émile Benveniste e Claude Lévi-Strauss. Seu trabalho, dentro de uma antropologia que visava dar conta da riqueza das sociedades humanas, não explicando seu

pensamento, mas a vida corrente e as expressões técnicas quotidianas, será caro nesta tese por permitir compreender e tirar algum partido de sua posição entre *ação direta positiva* e *ação indireta negativa*, que o homem pode exercer sobre a natureza. Isso nos ajudará a pensar como essas duas categorias poderiam ser exploradas a fim de trabalhar em direção de uma antropologia da ação.

Também seguiremos o trabalho da etnóloga Carolle Ferret (2012), cujo trabalho de campo foi desenvolvido na Sibéria observando a relação dos Yakoute com os animais da criação de cavalos. Seu seminal artigo intitulado “*Vers une anthropologie de l'action: André-Georges Haudricourt et l'efficacité technique*”, foi de suma importância para que eu pensasse as ações da TAA, uma vez que Ferret, baseada na categorização de Haudricourt, oferece um caminho metodológico mais amplo para abordar ações dirigidas aos animais.

Ainda, me debruço sobre o trabalho de Perig Pitrou, desenvolvido entre os Mixe, uma comunidade de cerca de cento e trinta mil ameríndios, localizada na parte oeste do estado de Oaxaca, no México. Seu recente artigo publicado no Journal of the Royal Anthropological Institute, intitulado “*Life a process of making in the Mixe Highlands (Oaxaca, Mexico): towards a 'general pragmatics' of life*”, contribuiu substancialmente para que eu objetivasse meu pensamento na direção de descrever as ações na sessão de TAA.

Assim, a partir de estudos como de Haudricourt (1962), Ferret (2012) e Pitrou (2014) levarei os leitores a vislumbrar a objetivação das ações da TAA, no momento da sessão terapêutica. Essa tomada de posição permite abordar a TAA, não

somente a partir de uma posição antropocêntrica, no sentido de olhar somente para as ações humanas sobre os animais, ignorando sua participação nos processos, mas pensar o animal como um agente, como aquele que é um *terapeuta*.

O animal que produz cuidado – fases do processo

A Terapia Assistida por Animais parte do princípio de que o animal, sendo ele um ser vivo dotado de características próprias, oferece inúmeros benefícios à saúde humana, podendo, assim, ser chamado de 'terapeuta'. Isto justifica-se, porque, na história da TAA, como vimos, algumas pessoas em estados de 'adoecimento' apresentaram melhoras em sua condição geral de saúde, a partir da relação com animais, dentro do ambiente clínico em que se encontravam.

Quando comecei a etnografia na TAA, me chamou a atenção o endereçamento que se dava ao animal: ele é chamado de *co-terapeuta* ou *terapeuta*. Frequentemente eu escutava de meus interlocutores: “*ah! Eu digo que eu sou a terapeuta, mas o terapeuta é ele (o animal)*” (Relato de Karina Schutz, diário de campo 14 de junho de 2013); ou o comentário de Vinicius Ribeiro quando pergunto sobre o estatuto dos cães da TAC, “*confesso que não tenho definido como chamar os cães... prefiro o termo co-terapeuta, mas muitas vezes o cão acaba sendo ele mesmo o terapeuta...*” (caderno de campo, outubro de 2013). Essas afirmativas referem-se à troca de comunicação e ações que acontece entre paciente/animal/terapeuta, no momento da terapia. Assim, antes de pensarmos numa espécie de substância que seria transferida entre os corpos, pensaremos nas

modalidades de ação pelas quais os envolvidos na TAA realizam esse animal como *terapeuta*.

Para tanto vou recapitular a sessão de TAA e tentar observar as ações que a constituem enquanto prática. A sessão de TAA, se desenvolve basicamente em três momentos: primeiramente deve-se escolher o animal, prepará-lo para sua chegada ao local de atendimento; um segundo momento, no qual o animal já estará com o paciente e a interação entre eles é privilegiada, desejada, facilitada e estimulada pelo terapeuta; o terceiro momento quando o terapeuta humano se vincula ao paciente e ao animal e realiza intervenções baseado em seus conhecimentos teórico analíticos.

A proposição que trago, de uma categorização e descrição das ações que fazem da TAA uma técnica, é uma abordagem que foi tomando corpo e sentido em minhas análises, desde as inquietações trazidas pela professora Ana Luisa da Rocha, na disciplina 'Oficina de Etnografia', ministrada por ela e pela professora Cornelia Eckert, durante o primeiro semestre de 2013, no PPGAS/UFRGS. Naquela disciplina, que visava o acompanhamento da produção etnográfica dos alunos, enquanto discutíamos sobre a escrita nos cadernos de campo, a professora Ana me sugeriu que eu começasse a registrar as sessões de TAA, descrevendo o que o animal fazia. Ela pediu que eu invertesse a chave analítica e, em vez de olhar a atividade desde o ponto de vista humano, eu olhasse desde o animal. Em princípio a tarefa me pareceu impossível (e de certo ponto de vista é mesmo impossível), mas saí a procura de relatos sobre o comportamento dos animais. Depois de procurar

descrições de etólogos, biólogos e zoólogos, foi na literatura romanesca brasileira que dei um *start* nesse tipo de narrativa, como, por exemplo, as descrições realizadas por Graciliano Ramos, acerca da cachorra Baleia, no livro *Vidas Secas* (1938).

Nesse clássico, Baleia é descrita e tratada como um membro da família e tem mais destaque na obra do que os dois filhos do protagonista Fabiano. O capítulo mais dramático do livro narra a morte da cadela, um trecho onde é possível encontrar elementos da humanização de Baleia, que pensa, age e até anda como gente, mas chamo a atenção para o modo como a forma de escrita coloca a cachorra no primeiro plano narrativo.

“Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às painéis de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis. (...)

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera” (Graciliano Ramos, 1938:40-41 .

O livro *Vidas Secas* é uma obra prima de Graciliano Ramos que embora tenha sofrido inúmeras críticas pela 'humanização' (Ribeiro, 2010)⁷⁶ de Baleia, sendo acusado de antropocentrismo, nos permite colocar o animal em um campo referencial primordial na narrativa. Era isso que eu buscava desenvolver em meus registros de campo, todavia concordando com Rocha e Eckert (2008) que

“a leitura dos clássicos, tal qual se apresenta no espaço livresco não pode ignorar que a realização de um trabalho etnográfico necessita a prática de um dispositivo de pensamento especulativo preliminar onde a escrita exploratória e ensaística é fundamental para o seu processo de pensar seu próprio pensamento” (Rocha e Eckert, 2008:10).

Assim, no desenvolvimento da pesquisa de campo junto às TAA e tentando resolver o problema de como descrevê-la, fui pesquisar entre a produção

⁷⁶ Emílio Soares Ribeiro. A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro *Vidas Secas* para o cinema. DARANDINA revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 1 – número, Juiz de Fora, 2010.

bibliográfica em torno da TAA buscando registros de sessões terapêuticas feitas pelos profissionais ou usuários. No excerto que segue, Boris Levinson, em 1962, descreve o modo como a relação entre um paciente e um animal tomaram contornos de terapia. O texto original foi publicado na revista *Mental Hygiene*: "Os cães como co-terapeutas":

"Enquanto eu recebia a mãe, Jingles correu em direção à criança e começou a lambê-la. Para minha surpresa, o menino não se assustou senão que abraçou o cachorro e começou a acariciá-lo. (...) Durante várias sessões brincou com Jingles, aparentemente alheio à minha presença. De qualquer maneira, mantivemos muitas conversações durante as quais estava tão absorto com o cachorro que parecia não me escutar, ainda que desse respostas coerentes. Finalmente, parte do afeto que sentia pelo cachorro recaiu sobre mim e fui conscientemente incluído nos jogos. Lentamente, atingimos uma forte compenetração que possibilitou meu trabalho para resolver os problemas da criança" (Levinson, 1969: 35).

Levinson descobriu, então, que poderia obter importantes progressos no tratamento de crianças que sofriam de problemas mentais a partir da participação de seu cachorro Jingles, nas sessões de terapia. Embora o relato de Boris Levinson seja de diferente natureza daqueles que elaborei em campo, e que mostrarei a seguir, o psicólogo nos explica o caminho, o "processo agentivo", sob a ótica da psicanálise. Boris Levinson explica o papel do animal nesse processo desde a perspectiva winnicottiana, considerando que o animal ocuparia um lugar de "objeto transicional" no desenvolvimento infantil. O conceito de "objetos transicionais", de Winnicott, refere-se aos objetos que aparentemente são artefatos macios e fofos,

como os ursinhos ou cheirinhos, que as crianças entre 4 e 12 meses, adquirem. De acordo com Levinson:

“[...] os animais representam uma estação no meio do caminho de volta para o bem estar emocional. A necessidade de um objeto transicional é normal e indica que o início da ‘cura’ está começando, fazendo a reconciliação entre realidade e fantasia” (Levinson, 1969:19).⁷⁷

Da mesma forma, me interessei pela descrição onde, Nise da Silveira, mostra que a ligação de Abelardo com o cão Wolf lhe permitiu reelaborar seus delírios psicóticos. No extrato a seguir eu insisto no modo como Nise da Silveira nos fala sobre Abelardo, ressaltando na sua estrutura narrativa as transformações em torno dos atores.

“Os cães falam tudo, aprendem tudo, aprendem tudo”, diz Abelardo. ‘Só é uma pena que para eles estejam fechadas as portas da escola do sorriso’. (Abelardo) cuidou carinhosamente da gata Shelton, do cão Tomatinho, da cadela Bolinha e do seu preferido cão Wolf (esses nomes foram escolhidos por ele). Wolf desapareceu durante alguns dias. Abelardo procurou-o com ansiedade por toda parte. E quando Wolf voltou “disse” a Abelardo que tinha ido a ‘Aruanda, terra de seus ancestrais, onde aprendeu muitas coisas’. Às vezes Abelardo queixa-se de Wolf porque o cão não ataca seus perseguidores (os perseguidores de seus delírios que para ele têm concreta realidade). Um amigo é para dar a vida pelo amigo e Wolf apenas ladra para assustar os inimigos implacáveis” (Nise da Silveira, 1982:81).

⁷⁷ Tradução minha.

De acordo com Silveira (1982), essa parceria conduziu Abelardo à uma reorganização psíquica calma e perene, pois foi ele mesmo que significou que o desaparecimento de Wolf estaria ligado aos seus fantasmas.

Além destes excertos, trago um diálogo entre minha interlocutora Karina e uma senhora internada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre.

-O passarinho tá quente!

K- E o que quer dizer ele estar quente?

Que ele tá cheio de vida!

K- E como é ser cheio de vida?

É viver a vida! Tudo que ele faz é pra viver a vida!

K- E o que será que é viver a vida pra ele?

É ser feliz, não reclamar, aproveitar, trabalhar no que se gosta... essas coisas.

K- E o que tu não gosta de fazer?

A parte do trabalho.

K- E como será o trabalho dele?

É bonito o trabalho dele! As crianças tudo se juntam pra ver ele. E ele diverte as crianças.

K- E o que tu faz no teu trabalho que também é legal?

O passarinho, por exemplo, é uma coisa que eu gosto. É uma gracinha tudo que ele tem e todo mundo ama. Mas ele, de certo, também não gostava de ficar indo nos ombros desse monte de louco. Agora a gente vê que ele gosta e se diverte até (risos). A gente agora faz bem pro passarinho.

K- O que tu acha que fez com que ele começasse a gostar de ir nos ombros de muitas pessoas.

Ahhh. acho que é porque ele não precisa descer na terra! Ele fica só nos nossos ombros. Aí ele não se suja! E os pezinhos dele ficam limpinhos.

K- A gente faz a nossa parte e ele faz a dele! A gente cuida dele pra ele cuidar da gente!

K- Que bacana essa troca né?

Sim. É muito bacana! Agora eu acredito que eu também sou importante aqui é que eu também devo fazer coisas que as pessoas gostam com o meu trabalho!

K - Isso aí! Com certeza! E como é cuidar dele?

Aí é como eu estava dizendo desde lá no início. Eu cuido dele enchendo ele de vida. E como ele também é cheio de vida, ele me enche de vida de novo! Ai eu fico tão cheia de vida e amor que saio por aí com vontade de abraçar todo mundo! (Schutz, 2012:17-18).

Karina Schutz traz esse exemplo em sua monografia para referir-se a aplicação da Terapia Cognitivo Comportamental - TCC, junto à TAA. Ela chama a atenção para a técnica da “descoberta guiada” cujo objetivo é promover uma

ativação comportamental através do processo de mudança do pensamento. Nesse exemplo, Karina explora uma percepção da paciente em relação ao animal, mas é a paciente mesma que ressignifica algumas questões relativas à vida na unidade psiquiátrica em que ela reside.

Por último, trago um excerto do caderno de campo, visando descrever uma situação de TAA e a interação entre os participantes Karina, Faith e senhora Rosa. Foi dessa maneira que passei a registrar as experiências de campo, desde de meu intuito em reconhecer um lugar “ativo” do animal que participa do momento terapêutico. Será um relato um tanto extenso para oportunizar ao leitor o acompanhamento de toda a sessão de Pet Terapia. A cena ocorreu no Solar Anita Garibaldi, que localiza-se no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre, dia 12 de abril de 2013. O animal em ação é a cachorra Faith.

Hoje, quando cheguei ao Solar Anita, a terapeuta acabava de entrar com a cachorra Faith. Sua pelagem negra reluzia no sol intenso que esquentava aquela tarde de outono, e seus olhinhos faceiros eram um convite a um carinho. Faith me recebe efusiva e salta nas minhas pernas como se estivesse me dando boas vindas (...) A cachorra, agitada adentra o local que ela já conhece, porque várias sessões terapêuticas já foram desenvolvidas por ela e Karina, neste local. Faith caminha com ansiedade dirigindo-se para dentro da casa onde há uma dezena de velinhos esperando sua presença. Quando adentramos o local a cachorra hesita um instante diminuindo seu ritmo, antes apressado, olha e fareja o ambiente (talvez reconhecendo o lugar). Ao escutar a voz de Karina que diz: “olha quem veio visitar vocês! É a Faith!” A cachorra abana o rabo e avança sala adentro encontrando os braços receptivos de Sr José: “ele adora a Faith!”, me diz Karina com um sorriso nos olhos. A diversão de Sr. José e Faith, que já se encontrava no colo do simpático senhor, é bruscamente interrompida pela guia que leva Faith em direção aos dormitórios da parte externa da casa. A cachorra que se divertia

com os senhores da sala, rapidamente parte em direção ao caminho apontado pela guia.

Ao entrar no quarto de Rosa, Faith dirige-se à senhora que se encontra deitada em sua cama, de olhos fechados como se estivesse dormindo. Mas Faith não respeita seu sono, salta sobre a cama e suas lambidas e fungadas, no rosto de Rosa, fazem a senhora abrir os olhos e ao observar a cachorrinha preta enfiando seu focinho pelo cobertor, um sorriso a desperta.

- Ola, D. Rosa, olha quem veio visitar a senhora!” (Karina fala forte com intenção de acordar Rosa).

Faith está sentada no chão, em frente à cama de Rosa que, apesar do sorriso, afirma que não sairá da cama: - eu já vou avisando que hoje não vou sair do quarto, eu não estou bem!. Ao comando de permanecer sentada, a cachorra bate com a cauda no chão hesitante, mas excitada, como se a qualquer momento fosse levantar e voltar a lambar o rosto de Rosa. Enquanto isso a conversa segue, pois a senhora resiste em sair do seu quarto enquanto nós, eu, Karina e Faith insistimos no passeio até o jardim na frente da clínica. Faith levanta-se, cansada daquela conversa que parece não levar a lugar algum e, sentindo o cheiro do gato que mora no Solar, puxa a guia, desvencilhando-se da mão que a limitava e dirige-se até o corredor, atrás do gato. Karina aproveita esta ‘fugida’ da cachorra e novamente insiste com Rosa: “Dona Rosa vamos sair, nem a Faith aguenta ficar neste quarto, olha só, ela está querendo sair”!

E Faith foge! Precipitada pelo instinto, correndo corredor afora e fazendo Karina desconcentrar-se de Rosa para buscá-la, já há muitos metros de nós, no pátio da casa. Ela passou pelo corredor que fica no segundo andar, uma espécie de passarela que liga duas casas e meteu-se num vão de escada, avançando contra uma porta de vidro que a impedia de realizar seu desejo: pegar o gato gordo que tomava sol no jardim. Essa movimentação atrás da cachorra, fez com que Rosa saísse daquele estado de torpor e sonolência, pois interessou-se em saber o que estava acontecendo. Eu que havia ficado parada na porta do quarto, intermediando a saída inesperada do animal e de Karina, relatava a caçada para a senhora que já estava quase sentada na cama apoiada nos cotovelos: -”o que aconteceu?”, me interpela Rosa. “A Faith quer pegar o gato que está lá embaixo!”, respondo à senhora que esforçava-se para ver a cena pelo vão da porta de seu quarto. Em seguida, Faith retorna meio contrariada, mas quando adentra o quarto, Rosa lhe diz:

“tu fugiu é .. ia me trocar por aquele gato?”. A cachorra sente que a senhora dirige a palavra a ela e volta a balançar o rabo subindo na cama da senhora que, meio deitada, meio sentada não consegue equilibrar-se até que Faith joga seu corpo para fora da cama, olha para mim, olha para Karina já balançando o rabo. Até que Rosa levanta sua cabeça e diz: “essas praguinhas venceram!” Eu sorrio e Faith dirige-se até mim, novamente agitada e faceira caminha até a porta tentando sair para a rua. Faith ficou tão agitada quando percebeu que a rua era nosso destino que começou a espirrar: - “olha a felicidade da Faith!”, exclama Karina. “É ela não aguentava mais tu me incomodando pra sair do quarto”, retruca Rosa. “Mas é que ela sabe O que é melhor pra senhora! Vamos pra rua!”, finaliza Karina. E Faith vai à frente, praticamente tracionando a cadeira de rodas cambaleante através de sua guia que fora presa, por Karina, em uma das hastes. (Registro de campo, abril de 2013).

As descrições da TAA, expostas pelos profissionais anteriormente citados, e aquela que desenhei em meu caderno de campo, são de naturezas diferentes, mas terão em comum a manutenção de uma estrutura narrativa que visa mostrar as transformações ocorridas em torno dos atores através da manutenção de uma estrutura discursiva “referente ao lugar e tempo onde ocorrem as projeções de enunciação” conforme Fiorin (1997:31)⁷⁸. Assim tentei manter os relatos em torno do animal, do terapeuta e do paciente, respeitando os códigos de uma prática que se desenvolve em uma instituição asilar (Goffman, 1987), com duração e estrutura pré definidas.

⁷⁸ Sobre o percurso gerativo de sentido na produção de textos, concebidos como um processo de produção de sentidos ver: FIORIN, José Luiz. "A Noção de Texto na Semiótica". In: Organon/ Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 1995. Vol. 9, nº 23.

A partir desses excertos, irei explorar a articulação de sujeitos tomando como ponto de referência a interação em afinidade dos três sujeitos, durante a sessão de terapia. No relato sobre Faith, as ações da psicóloga durante a sessão estavam vinculadas às atitudes da cachorra e eram dirigidas aos pacientes que, por sua vez, respondiam às investidas da dupla de terapeutas, sendo esta a condição mínima para a continuidade da sessão.

Para problematizar essa relação com base nas ações executadas desde o homem em direção do animal, iniciadas pelos humanos ou como respostas humanas à uma iniciativa animal, irei considerar todo o processo que determina o animal terapeuta.

Destaco, então, que a sessão de TAA pode ser abordada, de um modo mais amplo, como um processo agentivo, compreendendo três momentos a serem desenvolvidos: *a) Preparação e aproximação do animal, b) relação entre o animal e o paciente; c) atuação do terapeuta junto ao animal e paciente.* Obviamente esses passos não se apresentam separados e isolados, mas parece ser uma estrutura recorrente ao formato deste tipo de atendimento tendo um ritmo que varia de acordo com a disposição do animal, do paciente e do terapeuta.

Modalidades de ações humanas (tipologia)

Com a intenção de categorizar os ações trocadas entre homem e animal no contexto médico em que a TAA se desenvolve eu precisava de uma grade que me permitisse analisar as ações humanas em direção ao animal (natureza) de uma forma suficientemente formal (com algum rigor analítico) e objetiva (para auxiliar a categorização de uma realidade extremamente complexa) de modo que esta grade pudesse servir para variados tipos de atividades humanas.

Nesse horizonte, a antropologia tem no trabalho de André-Georges Haudricourt (1962, 1969) uma das primeiras tentativas de descrever tais ações associando-as ao modo como o homem liga-se ao mundo que o entorna. Sua abordagem parte de uma distinção entre ações diretas positivas e indiretas negativas, opondo a criação de ovelhas e o cultivo do inhame, como os arquétipos de dois modelos de ação.

Haudricourt afirma que nas sociedades há uma predominância para o desenvolvimento de certos tipos de ações ligadas ao tratamento da natureza que seriam análogas às ações que desenvolvemos no tratamento para com outros homens. O campo geográfico de sua pesquisa inclui duas grandes áreas, os pastores de ovelhas da região do mediterrâneo e os agricultores de inhame na Oceania, estabelecendo uma relação entre o modo “*pastoral*” e o modo “*horticole*” de tratar os vegetais, animais e pessoas, segundo o qual a ação seria, respectivamente, “*à gouverner*” ou “*à cultiver*” . Ele explica essa bipartição dando a entender que a criação de ovelhas, contrariamente ao cultivo do inhame, exige um contato direto e permanente do homem com o ser domesticado o que faz com que o pastor tenha que acompanhar o rebanho exercendo sobre os animais contatos

físicos seja com a mão, com um bastão ou através da ajuda de um cão (Haudricourt, 1962:42). Além disso, a ação do pastor sobre as ovelhas é constantemente imposta uma vez que a domesticação (ou sub domesticação como refere-se Haudricourt) destes animais os realoca em regiões planas, diferentemente de seu habitat natural que são as montanhas rochosas, deixando-os suscetíveis aos predadores (lobos), portanto, uma das funções do pastoreio é proteger a integridade vital dos animais. A alimentação destes animais também encontra-se comprometida quando eles são tirados das montanhas cuja a altitude assegurava a alimentação permanente, obrigando o homem, então, a fornecer-lhe sistematicamente do que se alimentar. A ação *direta* e *positiva* estaria representada na técnica constitutiva da criação de ovelhas e em domínios sociais distintos. Desse modo, a ação será *direta* quando existir um contato físico ou permanente entre homem e natureza/outro, permitindo que aquele aja sobre o ser domesticado, sobre o seu corpo.

“Le berger accompagne nuit et jour son troupeau, il le conduit avec sa houlette et ses chiens, il doit choisir les pacages, prévoir les lieux d’abreuvoir, porter les agneaux nouveau-nés dans les passages difficiles, et enfin les défendre contre les loups. Son action est directe : contact par la main ou le bâton, mottes de terre lancées avec la houlette, chien qui mordille le mouton pour le diriger. Son action est positive: il choisit l’itinéraire qu’il impose à chaque moment au troupeau” (Haudricourt, 1962:42).

A *ação indireta negativa*, reporta-se à resposta humana a uma demanda da natureza ou do outro. Haudricourt nos relata que esse processo está instalado em torno da produção do inhame gigante, pois, após a introdução, na Nova Caledónia, da criação de gado que pisoteia as plantas levando-as à morte e ao apodrecimento,

foram necessárias ações que protegessem o inhame. Esses tubérculos quando mortos, apodrecem e acabam por contaminar os sadios, levando-os também à inutilidade:

“[...] il faut y avoir aménagé un vide (place) que celui-ci remplira. Les grandes rames seront plantées à une certaine distance du tubercule pour ne pas gêner la croissance de celui-ci, et on placera ensuite une baguette inclinée qui permettra à la tige volubile issue du tubercule d'atteindre la rame. La récolte se fait en déterrants avec précaution le tubercule, puis en l'enveloppant de feuilles; dans le cas des tubercules géants, il faut ouvrir le talus du billon, coucher délicatement le tubercule sur un lit de paille, l'enrober d'un tressage de feuilles de cocotier et le fixer à une perche pour le transport” (Haudricourt, 1969:41).

Todo esse procedimento acontece porque em estado selvagem o inhame é protegido por arbustos espinhosos ou por um mato que se acumula em cima das plantas. Nesse caso, a *ação indireta* ocorrerá quando o homem agir não sobre o ser domesticado, mas sobre o meio que o rodeia e o influencia. Com isso, vemos que a ação será *positiva* quando o homem impõe um caminho *a priori*, e será *negativa* quando ele se contenta em atuar em algumas vias, sem julgar o resultado que virá *a posteriori*.

Haudricourt, argumenta que encontraremos os mesmos arquétipos na relações que os governantes desenvolvem com os sujeitos nos locais estudados.

Seu

quadro de ações se apresenta categorizado da seguinte maneira.

Quadro 2: Os dois modelos de ação definidos por André Georges Haudricourt

Action directe positive	Action indirecte négative
<i>Dans le domaine du traitement de la nature</i>	
archétype : élevage du mouton dans la région méditerranéenne	archétype : culture de l'igname en Nouvelle-Calédonie
directe / indirecte	
contact étroit avec l'objet domestiqué	absence de contact avec l'objet
pas ou peu d'action sur le milieu "préparation du terrain minime"	action sur le milieu "sol très travaillé"
brutalité décimage, arrachage ou sciage, dépiquage des céréales par piétinement	délicatesse horticulture précautionneuse
permanence "le berger accompagne nuit et jour son troupeau"	pas de simultanéité dans le temps avec l'être domestiqué
action directe de la chirurgie	action à distance de l'acupuncture
positive / négative	
cheminement imposé "le berger conduit le troupeau" ; "il choisit l'itinéraire qu'il impose à chaque moment au troupeau"	on se contente de barrer certaines voies "si l'on veut obtenir un tubercule géant, il faut y avoir aménagé un vide que celui-ci remplira" ; rames plantées à distance pour "ne pas gêner la croissance" du tubercule
suivant modèle <i>a priori</i>	résultat jugé <i>a posteriori</i>
taille géométrique des plantes dans le jardin à la française	croissance des plantes freinée dans le jardin à la chinoise
résultat artificiel , "surdomestication"	résultat paraissant naturel
logique soustractive du sélectionneur	logique additive du collectionneur
<i>... et dans le domaine du traitement d'autrui</i>	
commandement du chef, "gouverner", le maître planifie avec précision le travail de l'esclave	exemplarité du sage "le prince ne choisit pas les ministres, il les attire"
mérite positif "il a acquis des mérites en combattant sur les frontières"	mérite négatif "il a laissé diminuer le nombre des soldats"
paternalisme le sujet (berger) défend l'objet domestiqué (moutons) contre les prédateurs (loups)	l'objet domestiqué (buffles) défend le sujet (l'enfant qui les garde) contre les prédateurs (tigre)
xénophobie Endogamie du cultivateur de céréales qui "sépare le bon grain de l'ivraie"	xénophilie du cultivateur de tubercules qui collectionne les clones et manifeste de l'intérêt pour l'étranger "à cultiver"

Entretanto, guardadas as especificidades do seu plano teórico a sua época, sua análise não opera por uma generalização dos domínios de distribuição dos entes, como sujeito/objeto e seus derivados, mas está centrada nas ações que ocorrem na interação entre humanos, animais, plantas e coisas. Assim, ele não parte da análise dos objetos, mas “do motor que faz com que a ferramenta seja eficaz” (Echelany, 2012: 249). Este é um ponto central da perspectiva analítica de Haudricourt que parecia estar preocupado em estudar a origem e a forma das forças motrizes nas suas diferentes manifestações em uma sociedade.

Carole Ferret (2006), debruçou-se sobre o trabalho de Haudricourt para analisar a técnica da criação de cavalos entre os lacutos (Yakuts), na Sibéria. Ela critica o modelo binário de Haudricourt, por apresentar tipos extremos que “dividiriam o mundo em relações diretas positivas e indiretas negativas” cuja complexidade das práticas “não se reduzem a ovelhas e inhames”.

Ferret, destaca que a análise das ações concretas, seja a objetos (no seu estudo, os animais), seja ao outro (homem), deve considerar que “a ação exercida sobre um ser vivo”, em seu estudo o cavalo, não se exprime somente em termos de “fazer” mas também, frequentemente, em termos de “fazer fazer” pois o paciente é igualmente um agente. Nesse caso, “o sujeito humano exerce uma ação sobre um objeto animal que executará o objetivo humano” (Ferret, 2006: 22; 2012:125). Esta noção vem da semiótica de Greimas⁷⁹ de onde a antropóloga retira o termo *manipulação* para referir-se à uma ação do homem sobre os outros homens; se

⁷⁹ Ver Greimas e Courtés (1979, 2008).

diferenciando de *operação* que refere-se a uma ação do homem sobre coisas⁸⁰ (Greimas & Courtés, 1979). A manipulação seria a delegação de um objetivo (conduzir o animal) com o intuito de fazer fazer; e a operação seria fazer diretamente sobre o objeto, como a marca a ferro quente.

De acordo com Ferret (2006, 2012), para garantir uma distinção mais clara das ações, é conveniente respeitar os seguintes passos :

“deter-se à análise de ações concretas e situadas. Não procurar analogias ou senso correto do termo (comparações indígenas entre homens e plantas ou homens e animais);
 analisar as formas de ação, mais que os conteúdos, a fim de evitar os julgamentos de valor e facilitar a aplicação de uma mesma grade de leitura aos diversos domínios da atividade humana;
 limitar o campo de comparação para evitar grandes generalizações opondo caricaturalmente Ocidente e Oriente;
 Afinar a tipologia de ação para melhor dar conta da complexidade da realidade” (Ferret, 2012: 132).

Através desta metodologia, Ferret tomou as categorias *direto positivo* e *indireto negativo*, para então dissociá-las em outras dimensões como (Ferret, 2006; 2012: 134):

ação intervencionista/ativa/passiva;

ação endógena/exógena/participante;

ação direta/indireta

ação positiva/negativa/contrária

⁸⁰ Greimas e Courtés (2008, p. 327-329) concebem a narrativa, fundamentalmente, como uma sucessão de ações. Uma narrativa simples, em Semiótica, define-se como a passagem de um estado anterior a um estado posterior. Portanto, o conceito de narratividade é “o princípio organizador de qualquer discurso” (p. 330), pois é por ele que ocorrem mudanças de estado.

ação interna/externa

ação *a priori*/ *a posteriori*

ação contínua/descontínua, etc.

Quadro 3: Os dois modelos de ação definidos por André-Georges Haudricourt em comparação com a grade de Carole Ferret.

	Modèles d'action définis par Haudricourt	Correspondance avec ma typologie		Modèles d'action définis par Haudricourt	Correspondance avec ma typologie
A C T I O N D I R E C T E P O S I T I V E	contact étroit avec l'objet domestiqué	action interne	A C T I O N I N D I R E C T E N É G A T I V E	absence de contact avec l'objet	action externe
	pas ou peu d'action sur le milieu : "préparation du terrain minime"	action interne		action sur le milieu "sol très travaillé"	action externe
	brutalité : décimage, arrachage ou sciage, dépiquage des céréales par piétinement	action délétère ou transformatrice		délicatesse : horticulture précautionneuse	action neutre ou d'entretien
	permanence : "le berger accompagne nuit et jour son troupeau"	action continue		pas de simultanéité dans le temps avec l'être domestiqué	action discontinue
	"il le conduit"	action directe		"si l'on veut obtenir un tubercule géant, il faut y avoir aménagé un vide que celui-ci remplira"	action indirecte
	"il choisit l'itinéraire qu'il impose à chaque moment au troupeau"	action positive		rames plantées à distance pour "ne pas gêner la croissance" du tubercule	action négative
	action directe de la chirurgie	action directe		action à distance de l'acupuncture	action indirecte
	taille géométrique des plantes dans le jardin à la française	action positive		croissance des plantes freinée dans le jardin à la chinoise	action négative
	résultat artificiel, "surdomestication"	action interventionniste		résultat paraissant naturel	action tendant à la passivité
	"il a acquis des mérites en combattant sur les frontières"	action active et constructive		"il a laissé diminuer le nombre des soldats"	action passive et réparatrice
	commandement du chef, "gouverner", le maître planifie avec précision le travail de l'esclave	action directe, positive, <i>a priori</i>		exemplarité du sage "le prince ne choisit pas les ministres, il les attire"	action indirecte et participative
	paternalisme, le sujet (berger) défend l'objet domestiqué (moutons) contre les prédateurs (loups)	action endogène		l'objet domestiqué (buffles) défend le sujet (l'enfant qui les garde) contre les prédateurs (tigre)	action participative

Assim, além das ações diretas/indiretas, positivas/negativas, se dividem, ainda, três tipos de ações, em função da atividade empregada, indo da ação

passiva, onde o sujeito se abstém de agir, deixando as coisas se fazerem (por exemplo quando os cavalos se retiram do entorno da casa em busca de alimentos, e passam até três meses livres, sem intervenção dos criadores, que aguardam o retorno voluntário dos cavalos), até a ação *intervencionista*, quando o humano interfere vigorosamente no curso das coisas.

A ação de *deixar fazer* foi denominada *passiva*, porque “o sujeito (o homem) não faz nada, ou melhor, ele faz, ele coloca uma ação sobre o objeto porque ele o deixa tomar seu tempo” (Ferret, 2012:126). Ora, esse tempo de repouso onde o sujeito fica passivo, não seria uma estagnação pura e simples, porque o objeto se transforma. De acordo com Ferret, essa transformação pode ser provocada **pelo objeto mesmo** ou por um fator exógeno como o tempo ou transformações no ambiente.

As ações poderão ser ainda, *endógenas* (quando o sujeito age sozinho), *exógenas* (quando é ajudado por um fator exterior) ou **participante (quando o objeto participa da ação)**. Destaco, ainda, a ação *contrária* que consiste em exercer uma ação sobre o “objeto-ator” (Ferret, 2012) com o intuito de obter uma reação contrária à estimulada, a exemplo disso, o caso do cavaleiro que faz o cavalo marchar em zigue-zague para que ele aprenda a andar em linha reta. E por fim, as ações do tipo *deletérias* (quando deterioram o objeto), de *manutenção* (benefícios ao objeto), de *transformação* (modificando o objeto) e a ação *neutra* (nula sobre o objeto).

O objetivo de Carole Ferret não foi mostrar um determinismo da natureza sobre a cultura, assim como meu objetivo nesta tese também não o é, mas sim, ao

contrário de Carole Ferret, gostaria de colocar a questão de que a natureza não é inerte, ela participa do processo de produção de sentido de uma técnica. A TAA nos mostra que em vez do comportamento do homem sobre o animal ser modelado no tratamento do homem, em um senso único, o que vemos mais é uma relação recíproca.

Assim, ao nos apoiarmos sobre o trabalho de Haudricourt e Ferret poderemos discriminar, dentro do quadro analítico oferecido pelos autores, alguns tipos de ações que compõem a TAA. Vamos considerar as três etapas do desenvolvimento da sessão da TAA, considerando que a proposição da técnica é um objetivo do humano terapeuta que se mistura com respostas ativas de um sujeito-animal e de um sujeito-paciente. Nesse sentido, retomo as etapas: *a) aproximação do animal e terapeuta b) relação entre o animal e o paciente; c) relação terapeuta-animal-paciente*

O que estou me referindo como *preparação e aproximação do animal* compreende uma série de ações para escolher, adestrar, socializar higienizar o animal da TAA. Ele deverá passar por uma bateria de testes ainda pequenininho, na ninhada e, se escolhido receberá um treinamento em que deverá aprender a executar “comando básicos” como parar e sentar. Os cuidados veterinários serão constantes como vacinas, banhos, tosas e demais procedimentos médico-estéticos.

A seleção dos cães começará desde a ninhada através de testes e observações das ações e reações dos filhotes frente a determinados estímulos sensoriais. O protocolo utilizado para tais testes chama-se “Teste de Campbell”⁸¹ e é

⁸¹ William Campbell foi um psicólogo especializado em etologia (estudo do comportamento animal) e criou uma série de testes para descobrir e selecionar os comportamentos individuais dos animais (Dotti, 2005:58).

aplicado somente aos cães, tendo por objetivo determinar a tendência do temperamento do filhote, bem como definir sua personalidade (Guisado *et al*, 2008; Soares *et al*, 2010). Os testes são realizados em poucos minutos para cada cão e divide-se em cinco etapas, cada uma delas correspondente a um tipo de manipulação feita com o filhote na qual sua resposta será avaliada e classificada como: *muito dominante (dd)*, *dominante (d)*, *submisso (s)*, *muito submisso (ss)* e *independente/medroso (i)*. As etapas do teste são bastante conhecidas estando elas disponíveis na maioria dos livros e sites de projetos de TAA.

Quadro 4: Campbell (1972, apud Soares et al, 2010:206).

Atração social: em uma área de no mínimo três a dois metros, o examinador posiciona o filhote de frente para uma parede, se afasta cerca de um metro, se agacha e chama o filhote batendo palmas sem fazer muito barulho, observa se o filhote atende ou não esse chamado e como ele o faz.

As respostas possíveis incluem: (dd) o filhote vem prontamente, de cauda erguida, buscando contato com o examinador; (d) o filhote vem prontamente, de cauda erguida e não faz contato com o examinador; (s) o filhote vem prontamente, de cauda abaixada; (ss) o filhote vem hesitante, de cauda abaixada; (i) o filhote não vem ou foge.

Seguir o examinador: na mesma área da etapa anterior, o examinador posiciona o filhote encostado na parede, mas virado para si, tendo certeza que tem a atenção do filhote e começa a andar para o centro da área, observando se o filhote o segue e como o faz.

As possíveis respostas incluem: (dd) o filhote segue prontamente o examinador de pé, cauda erguida, tentando brincar; (d) o filhote segue prontamente o examinador de pé, cauda erguida; (s) o filhote segue prontamente o examinador com a cauda abaixada; (ss) o filhote segue hesitante; (i) o filhote não segue examinador ou foge dele.

Contenção: o examinador posiciona o filhote em decúbito dorsal, o contém nesta posição por aproximadamente 30 segundos e observa sua reação.

Respostas possíveis incluem: (dd) o filhote se debate vigorosamente mordendo ou rosnando, com a cauda balançando; (d) o filhote se debate vigorosamente, com a cauda

balançando, sem morder ou rosnar; (s) o filhote se debate e depois se acalma; (ss) o filhote não se debate e pode lambe a mão do examinador.

Dominância social: o examinador posiciona o filhote em decúbito ventral, em posição de esfinge, com uma mão o contém na nuca, com a outra afaga seu dorso por aproximadamente 30 segundos e observa a reação do filhote.

Respostas possíveis: (dd) o filhote se agita, rosna ou tenta morder; (d) o filhote se agita, mas não exhibe comportamento agressivo; (s) o filhote se agita por um curto período de tempo; (ss) o filhote assume o decúbito dorsal; (i) o filhote foge e não volta.

Dominância Elevada: o examinador contém o filhote com as mãos em torno do tórax do animal e o levanta do solo aproximadamente 20 cm e observa a reação do filhote.

Respostas possíveis: (dd) o filhote se debate vigorosamente rosnando ou tentando morder; (d) o filhote se debate, mas não exhibe comportamento agressivo; (s) o filhote se debate depois se acalma e/ou lambe as mãos do examinador; (ss) o filhote não se debate e pode lambe a mão do examinador.

Nos testes expostos, acima, no protocolo de Campbell, temos um exemplo de ações diretas e internas que denotam a manipulação direta do animal como, pegá-lo nas mãos e posicioná-lo em determinado local, ou ações à distância, em que observa-se a atitude do animal frente à um estímulo produzido. Entretanto, a pesquisa de campo mostrou que nem sempre o teste garante que o animal escolhido seja realmente o mais adequado ao trabalho da terapia. Um exemplo disso é a cachorra Faith, de Karina (Pet Terapia). A performance do animal na TAA costuma ser elogiada pela terapeuta que não cansa de referir que Faith é seu melhor animal, pois é *“dócil e interage com humanos com facilidade”* (Registro de campo, 2012). Entretanto, essa cachorra não passou nos testes de Campbell motivo pelo qual Karina quase desistiu de Faith, pois *“ela não pode ver outro cachorro que avança,*

vira uma fera! Mas na terapia, os pacientes podem virar ela de pernas para cima, que ela deixa” (Excerto de relato de campo, dia 11 de abril de 2012).

Por vezes o animal passa no teste de Campbell, mas ainda assim não se encaixa nas exigências da TAA, pois este recurso apenas aponta uma tendência comportamental ou uma pré-disposição do animal, nesse caso parece que a dinâmica da TAA que coloca o animal em contato físico com diferentes humanos (no momento da terapia) não consegue ser prevista através de Campbell. Esse foi o caso de Pincel, considerada por minha interlocutora como sua cachorrinha mais dócil e comportada em espaços públicos, entretanto, Karina não consegue fazer a TAA com Pincel por uma questão atribuída à personalidade do animal:

“Ah Pincel!!! A Pincel é a minha melhor cachorra pra levar ao parque, ela não briga com nenhum cachorro, ela não agride ninguém, ela é tri na dela, ela adora, ela faz carinho, ela lambe todo mundo e ela não gosta da pet-terapia, ela não gosta, não gosta, não adianta..” (Entrevista dia 22 de julho de 2013).

Podemos ponderar que o fato de o animal “não gostar” da terapia não parece estar ligado a espécie exatamente, uma vez que conheci terapeutas animais: cães, gatos, cavalos, pássaros diversos, cabras, iguanas, porquinho da Índia, coelhos, cobra e caramujos e dentre todas estas espécies, os terapeutas são convictos que alguns animais se prestam a participar da terapia e outros não, simplesmente porque este tipo de atividade não os agrada. Assim a utilização do teste de Campbell é uma, mas não a única, forma de **ação direta, interna e positiva** do homem em direção ao animal da TAA.

Depois que o animal passou no teste de Campbell será iniciado um processo de adestramento que pretende ensinar o animal a reconhecer comandos básicos para sentar, parar ou deitar, no caso dos cães. Os pássaros serão socializados com outros humanos desde a mais tenra idade e deverão cantar algumas músicas conhecidas, como “atirei o pau no gato”. Esse processo não desconsidera o animal, ao contrário, os profissionais buscam rodear-se de toda a informação disponível sobre seus animais. Meus interlocutores, quando não vieram de uma formação na área da veterinária, são, mesmo assim, verdadeiros especialistas nas espécies que os acompanham, participando de cursos e congressos em disciplinas como veterinária, psicologia animal e comportamento animal. Assim, respeitados os processos de maturação dos filhotes, o processo de socialização se iniciará muito lentamente começando na residência onde o terapeuta estimulará o contato físico do animal com as pessoas de sua família e visitantes. Os terapeutas humanos também incitarão o animal, desde cedo, a interagir com os outros animais da casa para, mais adiante, o inserir na terapia junto com os outros que já estão acostumados, de modo que o novato aprenda com os mais experientes, configurando o quadro de **ações do tipo exógenas**.

O período de adaptação do animal servirá para que o terapeuta avalie se poderá ou não trabalhar com o novato, uma vez que suas ações de fuga, esquiva, irritação, entre outras, serão interpretadas como demonstrações de que ele não quer participar da atividade porque está cansado ou por algum outro motivo particular do animal. Para o animal que já participa da terapia, esses sinais servirão para indicar que o terapeuta deverá encerrar a sessão de terapia. A questão posta aqui é que

“quase todos os animais podem ser usados para TAA”, como disse minha interlocutora Karina Schutz, *“mas alguns animais não podem, como os peçonhentos ou aqueles que, simplesmente, não querem”* (Caderno de Campo, 22 de julho de 2013). Assim o comportamento do animal associado à suas necessidades e intencionalidades é uma **ação do tipo participativa**, no caso do animal que não se adapta a TAA ou porque não passou no teste de Campbell ou por que “não gosta” desta atividade.

Da interação humano-animal subjacente à terapia existem alguns inconvenientes como os sinais de alergias ou a transmissão de zoonoses dos animais para os pacientes. Desse modo, as ações como o atestado veterinário de vacinas e doenças (a ser apresentado ao setor de controle de zoonoses do hospital), assim como todo o trabalho de banho e tosa serão aqui considerados como **ações externas intervencionistas** porque são procedimentos para que o animal possa adentrar o hospital ou clínica, cuja demanda exige: A castração (cães e gatos) pode ser considerada, como observou Carole Ferret em meio a criação de cavalos, como uma **ação deletéria, direta e positiva** que visa abrandar os sinais de agitação hormonal, mas por outro lado, provoca a impossibilidade de reprodução daquele que é considerado um animal “bom para a TAA”. Por isso considero que a castração caracteriza-se também como uma **ação contrária**. O corte das asas (pássaros) e o corte das unhas (cães, pássaros, gatos e coelhos) são **ações diretas deletérias e transformadoras**.

Depois de tudo isso, a sessão terapêutica poderá ser iniciada e dentro do quadro de ações considerarei que a presença do animal no contexto é uma ação do

tipo direta, positiva e intervencionista, pois o humano maneja o animal até o local (diferentemente de Boris Levinson e Nise da Silveira que trabalharam com animais que já habitavam o contexto). O uso da guia, durante a sessão de TAA, que serve para que o animal não se distancie do terapeuta e para que os pacientes caminhem com ou segurem o animal é um exemplo de *ação direta intervencionista*.

Figura 29: Ação direta: Karina manejando Faith para ficar sobre as pernas de Dona Rosa.

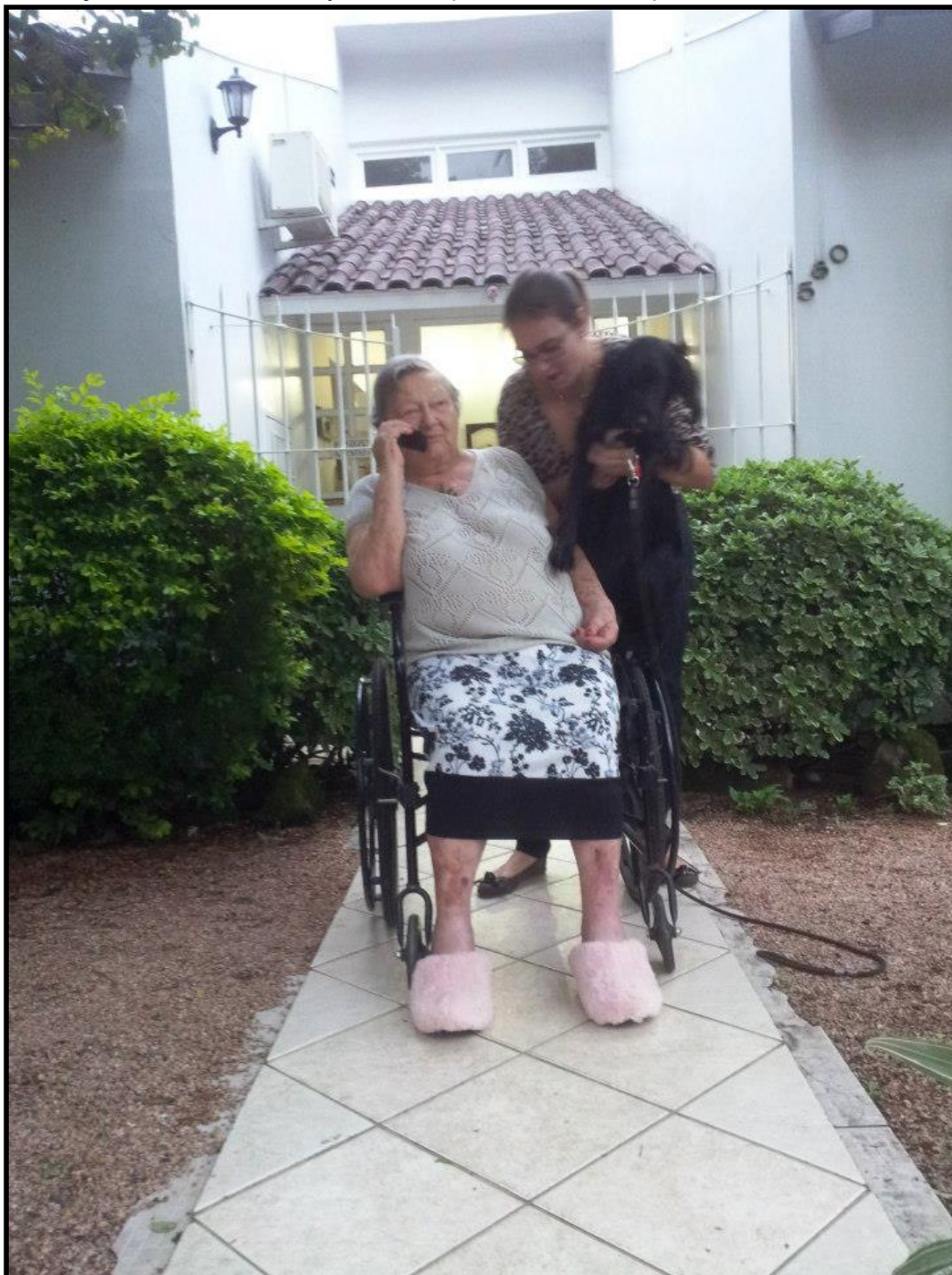


Foto: Ivana Teixeira

Figura 30: Uma ação passiva: a terapeuta se afasta e deixa que o animal interaja com o paciente. Moradora da casa geriátrica passeando com Phantom, pela guia. E uma ação positiva direta, a senhora maneja o animal pela guia.



Foto: Ivana Teixeira

Figura 31: Ação direta interna: Karina segura Phantom para que uma criança seja colocada sobre ele.



Foto: Karina Schutz

Figura 32: Ação externa: Karina com os três animais juntos no intuito de socializar a pequena calopsita.



Foto: Ivana Teixeira

Tipologia das Ações da TAA

Quadro 5: Aplicação da Grade analítica nas ações da TAA.

Tipologia: modelo de ação definido por Ferret	Correspondência com as ações da TAA
Ação direta/ interna/ positiva	Teste de Campbell
Ação direta/interna	Adestramento via comandos
Ação exógena	Adestramento via socialização
Ação participativa	Insucesso no Adestramento
Ação externa/ intervencionista	Atestado de Vacinas e doenças
Ação direta/ deletéria e contrária	Castração
Ação direta/ deletéria/ transformadora	Corte de asas, pelo, unhas; banhos e penteados
Ação direta/ intervencionista	Uso da Guia
Ação direta/ positiva/ intervencionista	Presença do animal no ambiente
Ação participativa	Ações do animal junto ao paciente

A produção deste quadro visou adequar algumas ações técnicas fundamentais para o desenvolvimento da TAA, baseando-nos na tipologia proposta por Carole Ferret. Entretanto, guardadas as especificidades do campo desenvolvido por Ferret (observando a criação de cavalos na Sibéria) e a realidade das TAA, destaco que a qualificação de uma ação é, pois, relativa, uma vez que cada uma delas estará envolvida com outras ações alternativas visando o mesmo objetivo, haja vista as diferentes formas de domar cavalos ou os possíveis adestramentos de um cão. Sempre haverá maneiras de fazer a mesma coisa, mas o que levantamos aqui é a escolha por determinada ação dentre outras possíveis.

Assim, gostaria de explorar mais detalhadamente a categoria **ação participativa** e **ação passiva**. O modo como estas categorias foram empregadas por Carole Ferret, denotam, respectivamente, uma ação (voluntária) do animal para que o objetivo humano seja alcançado; e a ausência de ação humana que permite que as “coisas aconteçam”, sem intervir na ação do animal. Estes dois tipos de ação são muito claras no contexto da TAA, porque o terapeuta constantemente permite (passividade) que o animal desenvolva uma “troca” com o paciente, sem intervir na relação, por um período de tempo que varia de acordo com o tempo da sessão, do número de pessoas a serem atendidas e da disposição dos entes em interagirem entre si.

Desse modo, entendemos que a ação *passiva* do humano terapeuta que deixa o animal em “livre atuação” sem maiores estímulos para tanto⁸², mesmo que

⁸² Lembremos que os relatos de Boris Levinson e Nise da Silveira referem-se a animais que viviam no contexto dos atendimentos clínicos, sem qualquer associação dos mesmos a qualquer tipo de terapia. As atividades de Levinson e Nise não direcionavam a relação do animal com o paciente, embora a tendência tenha sido de haver cada vez mais controle por parte do terapeuta-humano.

seja uma ação com duração de alguns minutos ou uma sessão inteira, não visa outra coisa senão permitir que o animal interaja com o paciente de modo que, desde esta interação entre os dois, a partir da resposta do paciente, se produza algo que poderá ser tomado como material analítico pelo terapeuta.

Na sessão de TAA, o papel do terapeuta-humano se alterna entre *ações diretas/positivas e intervencionistas* para promover a aproximação do animal (manejar até o local, propor atividades); passando por *ações passivas* quando ele deixa o animal livre com o paciente, à *ações intervencionistas que aparecem* quando o animal realiza ações sem o comando do terapeuta (pular nas pernas, em cima da cama, lamber, cantar, pular, fugir, etc). Depois disso há um momento em que o terapeuta-humano apropria-se da *ação direta para conter o animal* (se ele ainda estiver agitado, embora o que ocorra na maioria das vezes é que, após a fase em que ele atua mais livremente, o animal se acomoda no colo do paciente que ele estava interagindo, permanecendo quieto, ali).

Certamente essa interação entre o paciente e o animal já foi previamente modelada uma vez que todo o processo de seleção do animal (teste de Campbell) e o adestramento, terão garantido um certo quadro de ações, algumas serão estimuladas, outras mitigadas, outras serão recebidas como imanências do próprio animal e das suas características biológica e temperamental na *ação participante*.

Existe então uma inversão de relação nos transcorrer da terapia, porque o mediador da ação é ora o humano, ora o animal. Justamente por isso que o nome de “Terapia Mediada por Animais”, foi abandonado pela comunidade da TAA, uma vez que a palavra *mediada* denotava um lugar secundário ao animal.

O termo *terapeuta*, aplicado ao animal, apresenta uma modificação semiótica, uma vez que não teremos uma mudança de "imagem acústica" (Fiorin, 1997), nem uma troca de conceito, o terapeuta continua sendo alguém que trata de alguém doente, mas mudará o sujeito. A simbologia já não está mais endereçada à imagem humana, mas sobre a imagem de um animal, para o uso do termo no cuidado humano, assim temos:

significante: terapeuta = significado: humano que trata de alguém doente

Significante: terapeuta= significado: animal que trata de alguém doente.

O *signo*, não sofre mudanças, afinal continuamos havendo a mesma sonoridade e mesmo significado. Do contrário, o *símbolo* mudou, ao invés de vermos uma mulher ou homem vestido de médico, vemos um animal não humano associado à figura do cuidador.

Figura 33: ATEAC- Instituto para Atividades, Terapias e Educação Assistida por Animais, de Campinas.



Figura 34: Projeto Medição atua voluntariamente na área de terapia para humanos com o auxílio de animais



Figura 35: Animais Terapeutas. Revista Mente & Cérebro ed. 169 - Fevereiro 2007.



Assim, no momento em que as *ações passivas* acontecem na TAA, temos como resultado as *ações ativas* dos animais que se dividem nos mais diversos movimentos que são trocados com o paciente permitindo-lhe compreender a linguagem animal desde o seu ponto de vista, o terapeuta humano irá se abster ou mediar a interação do animal, através de comentários que explorarão os frutos da relação desenvolvida com o paciente.

Um dos pré requisitos demandados a um animal que tornar-se-á um terapeuta é que ele seja calmo o suficiente para suportar o toque e o manuseio humano, por pelo menos uma sessão (entre quarenta e cinco minutos até três horas), mas nem todos os animais dóceis e calmos “aceitam” ou “aguentam” a tarefa de sustentar por um determinado tempo a performance demandada para tal ofício. De acordo com o que nos relatou Karina Schutz, será necessário conhecer o animal para também conhecer seus limites físicos e psicológicos e saber a hora de parar. Nos livros de TAA encontramos recomendações de pausa, para os animais, a cada 20 minutos de trabalho.

O trabalho etnográfico permite considerar que o adestramento do animal, na terapia assistida por animais, o conduz a comportar-se de forma docilizada, pelo menos a maior parte do tempo. O comportamento esperado do cão assemelha-se à ausência de selvageria ou animalidade, no que tange à agressividade, mas outras características que também estariam ligadas à sua animalidade, são bem vindas.

Na prática, esse adestramento tem como objetivo afastar a possibilidade de reações violentas do animal dirigidas ao humano, mas isso não significa negar ou desvalorizar a capacidade de ação e de agenciamentos do animal. Com os cães, por

exemplo, os responsáveis cercam-se de todas as garantias de que nenhum cão atacará ou latirá ou rosnará para os usuários, mas eles podem latir para outros animais, eventualmente. De igual maneira tomam todas as medidas para que o animal não faça suas necessidades fisiológicas no meio das crianças ou idosos, conforme destaca a coordenadora do projeto Pêlo Próximo, Roberta: *“qualquer uma destas atitudes do animal, acabaria com a relação terapêutica”*.

Assim entre a permissibilidade e a censura ainda temos uma série de ações que deverão ser executadas e outras que eventualmente acontecem, sem o planejamento do terapeuta, mas em acordo com o animal. Em meu trabalho de campo tive a oportunidade de acompanhar, sistematicamente, três espécies de animais: pássaro (calopsita e papagaio), coelho e cão, cada um deles desenvolvendo performances com diferentes respostas entre os humanos. mesmo nas situações imprevistas, como a presença do gato e a fuga de Faith. Esses imprevistos são comuns, eu poderia citar inúmeros exemplos, como a calopsita Ozzy que saiu voando inesperadamente, ou o dia em que a coelha Firula fugiu para o meio do jardim e se pôs a rolar sobre a terra molhada. Essas atitudes não fazem parte do conjunto de ações a serem ensinadas e estimuladas aos animais terapeutas, pois eles recebem um adestramento básico e uma socialização intensa entre pessoas e outros animais com o propósito de evitar fugas ou ataques. Entretanto, mesmo quando essas ações características da espécie animal acontecem, elas são bem vindas e geram uma movimentação bastante grande entre a maioria das pessoas presentes no ambiente. Esses parecem ser os momentos em que ‘aquilo que não foi planejado’, isto é, quando as ações não-humanas que

escapam ao adestramento passam a ser circunscritas de intencionalidade ocupando um lugar central na ativação de ações humanas no transcorrer da sessão terapêutica.

Essas observações e algumas orientações teóricas, nos ajudam a pensar que uma abordagem sobre a relação humano-animal não segue uma via unitária. No discurso (ritual) da sessão de TAA vê-se que o processo de 'criar o dispositivo terapêutico' mobiliza uma grande variedade de categorias de ações, as quais são realizadas a partir de diferentes níveis de discurso e são aplicadas a indivíduos e sistemas relacionais. (Pitrou, 2014 p. 9)⁸³. De acordo como o trabalho desenvolvido por Perig Pitrou, entre os Mixe, no México, para pensar a configuração agentiva sobre não humanos é necessário pensar na pluralidade do fenômeno que, embora apareçam muitas vezes sobre um mesmo organismo, são irreduzíveis um ao outro.

Desde essas colocações os problemas levantados através dos dados etnográficos, sobre a agentividade dos animais são:

1) Dado o papel das ações sobre o animal, ele acaba por ser crucial para explicar, na antropologia das relações humano-animais, o estatuto de humano e de animal que se desenha na TAA.

⁸³ A produção da “vida” (Pitrou, 2014) não é só um envolvimento com o material e neste caso específico da tese, com o animal, também implica a participação de diferentes agentes cujos poderes devem ser coordenados (estado, campo da saúde..). “Appear, depend on the observation protocols and paradigms that guide the inquiry. To give a sense of the scope of this contrast, I will first examine the approach of Tim Ingold – who sees the form of certain artefacts as the sign of a continuity between life and technique – and the approaches defended by authors such as Pierre Lemonnier or Ludovic Coupaye, who see the production of living beings or artefacts as a process that is comprised of discontinuities and can only be understood through the restitution of an ‘operational sequence’ (*chaîne opératoire*)”. (Pitrou, 2014, p. 12).

2) Em seguida, cabe-nos aproveitar a coordenação que existe entre as ações dos animais que 'produzem saúde' ou que 'produzem cuidado' e as ações dos seres humanos a exercer influência sobre eles.

Assim, inspirada no caminho metodológico apresentado por Pitrou (2014), me perguntei quais os animais que 'tratam' (transformam) os outros ou eles mesmos através da mediação da ação? Quem são os atores em jogo e quais são as ações entre esses diversos atores? Quais habilidades eles devem ter na hora da ação?

Essas orientações permitiram dividir as atividades executadas pelos animais, durante a interação na sessão de TAA, para tentar mostrar quem são os agentes não-humanos que participam no processo e quais são exatamente as ações que eles devem performar. A partir dessas ações dos animais ainda podemos citar, os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos.

Agentes não-humanos que participam do processo, as ações que eles devem performar e os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos.

O cão – Faith e Phanton

Quadro 6: Ações desenvolvidas pelo cão

Os agentes animais implicados no processo.	Ações que os animais devem ou podem efetuar.	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).	Ação que os animais não devem efetuar	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).
Cachorro	Passividade (Temperamento tranquilo, calma).	Manipulação dos animais, Interação física entre o homem e o animal.	Incitar, entusiasmar, encorajar, provocar e impulsionar a interação entre o animal e o paciente.	Agitação	Temor, medo.	Ansiedade, preocupação (esforça-se para acalmar o animal).
	Docilidade (Aceitar a interação com os humanos).	Pentear o animal, apalpar seu corpo, acariciar seu pelo.	Satisfação, aprazimento, contemplar, analisar, assistir.	Agressividade (rosnar ou tentar morder)	Repulsa, pânico, temor.	Preocupação, cólera, irritação, desapontamento, temor.
	Demandar, desejar (Pedir colo ou saltar sobre as pessoas).	Obriga a uma interação física entre os pacientes e o animal (animais sobre as pernas, sobre a cama, sobre a cabeça dos pacientes).	Satisfação, aprazimento, controle, atenção	Esquivar-se, fugir, negar, recusar-se, desaparecer.	Sensação de Frustração , desencantamento, desgosto (ele não quer brincar comigo/conosco).	Estranhamento e preocupação com as necessidades do animal ou porque ele está agindo assim?
	Silêncio (ausência de latidos ou rosnadas).	Conversar com o animal exprimindo comentários como se fossem dele.	Tranquilidade.	Latir, rosnar	Susto, horror, fobia, preocupação, curiosidade.	Estranhamento e preocupação e aborrecimento (porque ele está agindo assim?)
	Controlar necessidades fisiológicas ou fazê-las em um local externo ao local (grama).	Percepção do animal como ser vivo instruído, preparado, apto, apropriado.	Convencional, costumeiro	Urinar ou defecar dentre os pacientes ou no interior dos locais.	Enojamento, repulsa, desgosto, inadequação, desajustado, indevido, impróprio	Estranhamento e preocupação e aborrecimento (porque ele está agindo assim?)

O pássaro – Oliva e Ozzy

Quadro 7: Ações desenvolvidas pelos pássaros

Os agentes animais implicados no processo.	Ações que os animais devem ou podem efetuar.	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).	Ação que os animais não devem efetuar	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).
Pássaro	Cantar (sonidos, barulhos, cânticos).	Cantar Imitar o animal Conversar com o animal atribuindo-lhe ideias.	Cantar Imitar o animal estimular a 'conversa' entre o animal e o paciente atribuindo-lhe idéias.	Permanecer em silêncio	Sensação de Frustração , desencantamento, desgosto (ele não quer falar comigo).	Instigar o animal e cantar.
	Permanecer no ombro ou em alguma parte do corpo.	Obriga a uma interação física entre os pacientes e o animal (animais sobre as pernas, sobre a cama, sobre a cabeça dos pacientes).	Satisfação, aprazimento, controle, atenção	Fugir	Sensação de Frustração , desencantamento, desgosto (ele não quer interagir comigo).	
	Voar em direção à alguém.	Animação, excitação (Sensação de ter sido escolhido; satisfação, interação com o animal).	Satisfação, aprazimento, controle, atenção	Voar em direção à janela ou ao exterior do ambiente.	Susto, preocupação, desencantamento, desgosto (ideia de que ele quer fugir).	Atenção, controle do animal, desgosto.
	Mordiscar, roer, debicar, picar levemente.	Representações como: conversas, massagem curativa.	Satisfação, aprazimento, controle, atenção	Bicar forte	Susto, horror, fobia,	Preocupação, cólera, irritação, desapontamento, temor.
	“Cafuné” - baixar a cabeça para receber carinho na nuca, na bochecha ou no pescoço.	Acalma, tranquiliza. Afago. Concentração.	Satisfação, aprazimento, calma e tranquilidade.	Evitar o cafuné	Tristeza Desapontamento	Desgosto
	Comer na mão	Alegria, satisfação e concentração.	Satisfação e aprazimento.	Evitar a comida.	Desgosto e desapontamento.	Convencional ou costumeiro: “ele não está com fome”.

O coelho - Firula

Quadro 8: Ações desenvolvidas pelo coelho

Os agentes animais implicados no processo.	Ações que os animais devem ou podem efetuar.	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).	Ação que os animais não devem efetuar	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).
Coelho	Passividade (Temperamento tranquilo e calma).	Manipulação dos animais, Interação física entre o homem e o animal.	Incitar, entusiasmar, encorajar, provocar e impulsionar a interação entre o animal e o paciente.	Agitação	Temor, medo.	Ansiedade, preocupação (esforça-se para acalmar o animal). Conclusão de que o animal não está bem para a terapia naquele dia.
	Docilidade (Aceitar a interação com os humanos).	Pentear o animal, apalpar seu corpo, acariciar seu pelo.	Satisfação, aprazimento, contemplar, analisar, assistir.	Fugir ou esconder-se	Insatisfação	Preocupação, cólera, irritação, desapontamento, temor.
	Comer na mão	Alegria, diversão e satisfação.	Induzir o paciente a dar de comer ao animal. Trabalhar questões de alimentação, nutrição e comida.	Comer as plantas do jardim.	Diversão Aborrecimento.	Atenção e controle do animal.
	Permanecer de barriga para cima para ser acariciado	Acalma, tranquiliza . Afago no animal (fazer 'cosquinha').	Satisfação e aprazimento. Oferecer o animal para ser acariciado.	Chutar, arranhar ou morder	Intimidação, desgosto e tristeza.	Constrangimento, Irritação, cólera e desapontamento.
	Exibir pelagem exuberante	Fascínio, curiosidade e desejo de tocar o animal.	Satisfação e aprazimento. Oferecer o animal para ser penteado.	Arrancar seu pelo.	Desencantamento, decepção.	Inabilitar o animal até resolver o problema.
	Cheirar e mexer o nariz	Diversão, interesse e curiosidade.	Curiosidade, explicação, conversa.	Cheirar e mexer o nariz excessivamente	Incapacidade de interação.	Controle, curiosidade, preocupação, atenção.
	Cavar	Contato com a terra e com o exterior da casa ou do hospital.	Curiosidade, explicação, conversa	Fugir para cavar	Incapacidade de interação.	Controle, curiosidade, preocupação, atenção.
	Lamber	Sensações táteis e troca de carinho.	Satisfação e aprazimento e atenção	Morder	Susto, medo.	Constrangimento, Irritação, cólera e desapontamento.

Quadro Geral de ações

Quadro 9: Ações que observadas em todos os animais

Os agentes animais implicados no processo.	Ações que os animais devem ou podem efetuar.	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).	Ação que os animais não devem efetuar	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (pacientes).	Os efeitos visíveis que eles produzem nos humanos (terapeutas).
Cachorro Coelho Pássaro	<p>Todo movimento inesperado interpretado como característico do animal:</p> <p>a) interação com outros animais; b) cuidados de saúde; c) necessidades fisiológicas; d) alimentação.</p>	<p>Discussões entre os pacientes sobre o comportamento animal e sobre as características peculiares de cada espécie.</p>	<p>Oportunidade para expor a 'animalidade' do bicho, falar das fronteiras entre humano e animal.</p> <p>Oportunidade para controlar o animal e humanizá-lo.</p>	<p>Brigar com outros animais que habitam no ambiente.</p>	<p>Medo</p>	<p>Controle do animalidade</p> <p>Final da sessão</p>
	<p>Preferir os espaços exteriores ou específicos - exterior da casa, o jardim, a rua, dentro d'água.</p>	<p>Permite encorajar uma sociabilidade exterior ao espaço do quarto. Exercitar-se com o animal.</p>	<p>Passear com o paciente 'para fora'.</p> <p>Exercitar o paciente fisicamente.</p> <p>Fazer o paciente tomar sol.</p>	<p>Esconder-se ou fugir.</p>	<p>Desapontamento</p>	<p>Irritação e preocupação.</p>
	<p>Presença do animal no ambiente.</p>	<p>Provoca nos pacientes lembranças de sua relação passada e de suas relações anteriores com os animais.</p> <p>Sair do quarto, sair do espaço costumeiro:</p> <p>(da cama, do quarto, do andar de baixo para o andar de cima onde localiza-se a sala de convivência).</p>	<p>Circunstância, requisito é premissa para a TAA.</p>	<p>Ausência de um animal.</p>	<p>Não identificação do terapeuta; Menosprezar o terapeuta, Renunciar à atividade, Aborrecimento.</p> <p>Sedentarismo</p>	
	<p>Maior interesse para algumas atividades;</p>			<p>Apatia do animal.</p>	<p>Apatia.</p>	

		maior disposição para 'fazer algo'.				
--	--	-------------------------------------	--	--	--	--

Ao acompanhar as atividades das terapias assistidas por animais pode-se considerar que a relação entre homem-animal estabelecida entre os interlocutores que participam desta atividade têm reflexos nos comportamentos de ambos: a cada interação, cada “sócio” desta parceria terá mais conhecimento sobre o outro e sobre como o outro responderá ao encontro ou, o que o próximo encontro poderá induzir. A sucessão de interações e seus devires determinarão a qualidade da relação, e isso é uma base nuclear dos laços sociais intra-específicos, mas também das trocas inter-específicas (aqui homem-animal) em uma frequência que permita tal acumulação de conhecimento e de experiências entre os entes.

Nesta direção, ao observar e descrever os aspectos concernentes a esta prática particular, pode-se afirmar que o que está em jogo são relações entre ocupantes de posições sociais e entre personagens que conferem senso à TAA, onde temos a agência de um animal como chave de eficácia. O quadro apresentado é uma mostra da descrição da TAA a partir das intencionalidades e ações das partes envolvidas no momento dito terapêutico da TAA.

No quadro que chamei de “quadro geral das ações”, estão elencados os efeitos que a simples presença do animal no ambiente institucional de saúde, parece produzir. Observa-se que durante a sessão terapêutica, mesmo as pessoas que não desejam interagir diretamente com o animal, interagem indiretamente através de

comentários – às vezes pejorativos - sobre o animal ali presente e sobre suas histórias e experiências, não raramente alavancando verdadeiras discussões acerca do animal e de sua condição como ser vivo animado.

Considerações finais

A TAA aqui foi abordada desde um ponto de vista bastante pragmático e esse movimento foi um esforço de aproximar a análise desta tese a uma antropologia da técnica, uma vez que esse aspecto da TAA era fundamental para objetivar um tipo de relação que é bastante nebulosa dada a participação do animal que tem um status social bastante especial, em diferentes sociedades e em diferentes abordagens. Neste capítulo que se encerra, me apoiei sobre o seminal trabalho de Haudricourt e na releitura feita por Carole Ferret, para organizar as condições técnicas de funcionamento desta atividade da TAA. Assim, dado que a maioria das ações são do tipo *ações diretas* do homem na direção do animal, poderia nos parecer, desde uma análise mais rápida, que o animal é um objeto dominado pelo humano que o explora das mais diversas formas, como uma ferramenta. Carole Ferret descreveu outras formas de relação mas se ateu aos movimentos humanos, sem conseguir considerar os animais como seres participantes de um processo agentivo para ambas espécies.

Obviamente, reconheço que a comunicação entre homem e animal é ainda incerta para a maioria dos especialistas do comportamento animal e humano, e continuamos a questionar se o pensamento humano poderia apreender as

comunicações animais com a linguagem humana, como bem destaca Dominique Lestel (2007:169), *“nous estimons implicitement que ce dernier peut rendre compte de façon satisfaisante de systèmes de communication complexes qui lui sont très différent”*.

De todo modo, foi conhecendo esses impasses que me propus a mostrar as ações trocadas entre o animal, o terapeuta e os pacientes, através de uma série de respostas humanas às ações que são endereçadas à uma imanência animal. Foi através do quadro das ações dos animais, do modo como lhes foi apresentado, que consegui expor esse esquema, me apoiando na experiência que vivi junto aos animais que mais acompanhei: o cão, o coelho e os pássaros (calopsita e papagaio).

Faço importante citar que os animais parecem escolher os pacientes com quem irão interagir, uma vez que eles não permanecem com todos aqueles que querem interagir com eles. Normalmente, Karina aproxima-se com o animal junto dela e, em seguida, oferece-o ao paciente e, oferece o paciente ao animal que, por muitas vezes, não interessa-se. Nesse caso, se Karina insiste para o animal ir com a pessoa que o demanda, ele sai para o lado contrário. Os pássaros, quando não desejam permanecer no ombro ou no braço de alguém, jogam-se para longe, já outros, eles procuram, eles obrigam Karina a estender o braço e passá-los para seus 'amigos'.

Neste sentido, vi os animais chegarem no local da terapia e partirem, sozinhos, à procura dos pacientes que eles “preferem”. O acompanhamento constante das sessões me permitiu remarcar que os cães, quando chegam nos

locais onde a terapia já acontece a um espaço de tempo relativamente longo, avançam espaço a dentro ao encontro dos pacientes com quem eles normalmente interagem mais.

Por essas atitudes e pela confiança depositada no animal tanto pelo terapeuta, quanto pelo paciente, desde que eu me apercebi de tais compreensões por parte de meus interlocutores, eu jamais pude considerar o animal da TAA como um ser passivo, ou um animal-máquina, ou um objeto. No capítulo seguinte continuo a desenvolver essa ideia.

Figura 36: Ozzy trocando cafuné com senhora.



Foto: arquivo Pet terapeuta.

Figura 37: Phantom assustando.



Foto arquivo pet terapeuta.

Figura 38: Faith e Senhora. Solar Anita Garibaldi março de 2013.



Foto arquivo pet terapeuta.

Capítulo IV

O que diz a Antropologia sobre a Relação Natureza-Cultura

Introdução

Vimos que a Terapia Assistida por Animais é perpassada por uma série de campos de conhecimento e nos capítulos anteriores tentei mostrar esses engajamentos que me parecem visíveis desde, por exemplo, a ligação entre a noção de animal senciente e a produção científica dos *Human Animal Studies*; ou os movimentos sociais e a criação de leis baseadas no mesmo princípio do animal senciente. Depois, tentei mostrar no capítulo III que a prática da terapia envolve um processo agentivo das partes envolvidas, que pode ser organizado em uma codificada troca de ações e sensações entre os seres envolvidos no processo.

Relações entre espécies levam em conta características morfológicas, sociais e comportamentais que permitem diferentes formas de interação. Um dos aspectos mais conhecidos é o tamanho das espécies que impede muitos humanos de manterem um determinado animal no espaço doméstico. Um outro fator, a forma de interação de cada espécie, nos mostra que enquanto os cães interagem de forma tátil com mais facilidade, os cavalos interagem por uma proximidade espacial (Serpell, 1996; Digard, 2004). Afora essas especificidades, o que tem-se como consenso é que inúmeros animais são espécies sociais e justamente sobre aqueles que apresentam sociabilidade em sintonia com a humana, os homens obtêm maior sucesso em associar-se, seja para trabalho, lazer ou companhia. Sem dúvida estas espécies companheiras, em acordo com o termo defendido por Haraway, desenvolveram competências sociais e necessidades que os ligam aos humanos,

assim como, os homens desenvolveram outras necessidades que os ligam aos animais.

Estas tendências gerais podem ser encontradas em nosso contexto ocidental considerando, por exemplo, que ovelhas e bovinos encontram-se sobretudo em campos de fazendas, desenvolvendo com os humanos um tipo de contato que tende mais para o trabalho, enquanto os cães e os gatos encontram-se dentro dos lares de milhões de homens. Podemos citar também as associações entre homem-animal que tomam uma característica de comensalismo, onde ambas espécies terão benefícios mútuos (como a convivência entre humanos, ratos e pombos, nas cidades, os quais se servem dos restos de comida produzidos pelos humanos oferecendo uma espécie de limpeza), mas sem uma necessidade de estabelecer uma ligação direta entre eles.

Por outro lado, sabemos que o homem vem realizando desde há muito tempo uma verdadeira seleção comportamental escolhendo as raças de animais que teriam qualidades apreciadas pelos humanos. Embora isso tenha um caráter bastante inconsciente, os efeitos deste tipo de seleção, ao longo dos séculos, em seus tipos morfológicos e comportamentais, nos gerou tipos específicos de cães, gatos (e vacas, cavalos, porcos, etc). Em estudo que realizei no ano de 2011, sobre o circuito da cinofilia, na cidade de Porto Alegre, observei o quanto os cães mais apreciados para essa atividade sofrem a intervenção e seleção humana, desde modificações genéticas, modificações físicas por cirurgia ou penteados e tingimento do pelo, de forma desenfreada. Isso levou o conselho de Medicina Veterinária intervir nas atividades da cinofilia, no sentido de frear as intervenções humanas nos animais

(Conselho Federal de Medicina Veterinária que, em 2008, através de da Resolução nº 877).

Aliás, os cães, a exemplo de meu campo de pesquisa, ultrapassaram a posição de companhia para auxiliarem pessoas portadoras de necessidades especiais, pacientes psiquiátricos, diabéticos, epiléticos e tantas outras pessoas com problemas crônicos diversos. Assim, a relação humano-animal, e os respectivos status destes entes nos diferentes sistemas culturais, antes de ser negligenciada pela antropologia, tem sido tratada desde uma relação maior, que funda a antropologia como um campo de saber propriamente, qual seja, a relação entre Natureza e Cultura (Lévi-Strauss, 1949). A partir desta abordagem, para além das categorias ocidentais dualistas, despontam noções incluindo outros seres nos campos de análise das humanidades e da antropologia, cujas discussões atuais acerca das relações entre natureza e cultura, recolocam os animais (e outras alteridades) enquanto agentes em campos de práticas, mais do que meros símbolos que inspiram e fazem pensar a humanidade (Ingold, 2005, 2011; Kohn, 2007).

As abordagens teóricas sobre as quais me apóio para analisar os dados desta pesquisa, embora contem com suas especificidades teórico-metodológicas imanentes das etnografias destes trabalhos – diga-se em especial as especificidades de etnografias melanésias, ameríndias, do círculo polar ártico, ou dos processos de domesticação e caça de animais na Europa – permitem colher elementos para análises e reflexões acerca dos modos de composição do social que incluam humanos e não humanos como sujeitos dotados de intencionalidade e agência.

Antropologia e animais

Na antropologia clássica, os antropólogos, frequentemente, dedicaram grande atenção aos animais com o objetivo de investigar a evolução dos seres humanos e suas relações com outros humanos e ambientes. Em verdade, a antiguidade do tema oferece uma conveniente vantagem para o levantamento da história da disciplina e de importantes conflitos e mudanças conceituais. Nesse sentido, Samuel Lezé (2002:3) destaca que a antropologia, embora não tenha negligenciado a presença dos animais nas sociedades estudadas, reservou-lhes o que as abordagens *representacionais* poderiam oferecer, vendo os animais como símbolos; ou o que as abordagens *funcionais* apresentaram, como no materialismo cultural de Marvin Harris onde os animais são fonte de energia, numa racionalidade utilitarista (Harris, 1978; White, 2006); ou cumprindo funções necessárias à coesão social (Evans-Pritchard, 2008) - em detrimento de uma perspectiva *interacionista*, que mais recentemente, parece ser acolhida no campo da disciplina.

Entretanto outras orientações foram apresentadas, na antropologia, sendo os animais, significados como metáforas humanas, como bem observou Lévi-Strauss em *O Pensamento Selvagem* (1976), ou ainda nas analogias de Geertz (1989) entre os galos de rinha e a masculinidade balinesa. Quando lançado o livro “O pensamento selvagem”, publicado em 1962, Lévi-Strauss (2008) desafiou as análises funcionalistas que objetivavam os animais e plantas como meramente

'coisas' úteis e funcionais para afirmar que "animais são bons para pensar"⁸⁴ (Lévi-Strauss, 2008: 128). Essa afirmação de Lévi-Strauss contrariava aquilo que um dos pioneiros da etnografia havia dito antes: para Malinowski os animais eram "bons para comer", justamente. O prisma de possibilidades analíticas da relação entre homens e animais se ampliava consideravelmente a partir das proposições de Lévi-Strauss e, em seu livro "O Totemismo Hoje", ele revisita o tema do totemismo (já tratado por reconhecidos antropólogos como o inglês Radcliffe-Brown ou Malinowski) mostrando que ao contrário do que a abordagem naturalista-funcionalista defendia, o Totem (o animal que representa o grupo-clã) não seria escolhido por ser "bom para comer", pois nos sistemas totêmicos observados por Lévi-Strauss os totens não possuem funcionalidade, no sentido da alimentação. Os totens seriam, então, como símbolos de um grupo e com tal status ontológico, somente poderiam "ser bons para pensar" as diferenças. Na explicação do totemismo a interferência natureza/cultura teria o papel crucial de conciliar dualidades internas da sociedade, que poderiam ser um obstáculo para a vida dentro do grupo.

A abordagem levistraussiana não traz como questão a existência de dispositivos inatos especializados, nem para parentesco, arte, ritual, nem para o simbolismo. Na concepção de Spenser (*Le symbolisme en général*) o que está colocado em questão, para Lévi-Strauss, são mais as continuidades e descontinuidades, a tendência às classificações binárias, as operações de

⁸⁴ Estas expressões dirigem-se polemicamente a Malinowski e à sua explicação funcionalista do totemismo.

combinação, de seleção e de transformação, de simetria e de inversão (Dan Spenber, 1974).

Depois dessa abordagem tem-se notado o crescimento de novos paradigmas em antropologia, marcados, justamente, pela problematização dos clássicos binarismos natureza/cultura, humanidade/animalidade, e destacamos os seguintes:

1. o programa de pesquisa em sociologia da ciência e da técnica desenvolvido por Bruno Latour, Michel Callon e Madeleine Akrich, na *École de Mines* de Paris, apoiado na *théorie de l'acteur-réseau* que viabiliza a inserção de objetos nas análises sociológicas, para além dos humanos;
2. as antropologias ecológicas de Tim Ingold, na Universidade de Aberdeen (Escócia) e Gísli Pálsson, na Universidade da Islândia, que chamam à atenção do leitor para uma nova 'ecologia da vida' (Ingold 2000: 16). Unindo abordagens do campo da antropologia relacional, psicologia ecológica e biologia desenvolvimentista procuram reintegrar questões como a interação homem/meio, cultura/ambiente, a partir de um paradigma relacional, interativo e não-determinístico. As modernas abordagens inspiradas na Antropologia da Vida, consideram que os modos pelos quais seres ou objetos são significados percorre uma 'rede operadora' (*pensée opératoire, chaîne opératoire*) como as ideias de Ingold a respeito do 'organismo-pessoa' e seus conceitos de *engagement* e *dwelling perspective* (2000),
3. a crítica à mobilização da oposição ideal entre natureza e cultura para se compreender as cosmologias ameríndias, proposta por Philippe Descola

(1996, 2005) e Viveiros de Castro (2002), no campo da etnologia indígena, análises estas com estatuto de universalidade;

4. também, a proliferação cada vez maior, no circuito Francês de uma antropologia das relações humano-animais, representada, entre outros, pelos trabalhos de Albert Piette (2003), Samuel Lezé (2002; 2003), Nathalie Blanc (2003), Jean-Pierre Digard (1999) e Dominique Lestel (1996, 2007); ao lado da discussão sobre a agentividade distribuída entre diversos seres que unem-se em uma comunidade híbrida. Importante destacar, neste circuito, a antropologia da técnica direcionada ao tratamento da natureza representado pelo trabalho de Carole Ferret (2012) e Haudricourt (1962, 1969); ainda, destacamos a abordagem sobre configuração agentiva nos trabalhos de Perig Pitrou (2014) em direção à uma antropologia da vida como, também, a *multispecies ethnography* de Kirksey e Helmreich (2010) no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e a proposta de uma antropologia da vida elaborada por Eduardo Kohn (2009) na sua *transpecies ethnography*.

Nos Estados Unidos, na Universidade da Califórnia, destacamos a noção de *nature cultures, companion species* (Haraway, 2003 e 2008); além da perspectiva de Molly Mullin (1999, 2007) e Nerissa Russel (2007) sobre a necessidade de pensar a “domesticação” em seus casos particulares, de acordo com os aspectos que envolvem esse conceito multifacetado.

Todas essas abordagens tratam da relação humano-animal como um sistema em um ambiente onde o animal e o homem transpassam a barreira organizativa das

relações do homem moderno com a natureza, para um tipo de associação que concede um lugar de ser ativo, para o animal.

Philippe Descola, seguindo as pistas deixadas por Lévi-Strauss, sobretudo aproveitando o conceito de totemismo e a idéia de que a cultura mediará a relação com a natureza, mostrou-nos que o “mundo natural” poderia ser significado de modos diferenciados ao totemismo e ao naturalismo. Sua proposta teórica foi construída sobre um trabalho etnográfico junto às tribos Achuar, na alta Amazônia, e teve duração de aproximadamente três anos, permitindo-lhe vislumbrar que a agregação dos humanos e dos não-humanos é mais rica que o dualismo natureza/cultura, uma vez que na maioria das sócio-cosmologias ameríndias, a separação identificada e em nossa sociedade moderna, não seria identificada, mas sim, ordenada em diferentes ontologias⁸⁵

⁸⁵ Ontologia (em grego *ontos* e *logoi*, "conhecimento do ser") em sua acepção filosófica implica diferentes teorias da realidade referindo-se ao estatuto dos seres enquanto seres. A história do termo aponta sua origem na Grécia antiga, embora a palavra seja de raiz latina. Na segunda metade dos anos noventa, em particular desde os trabalhos de Tim Ingold, o conceito de ontologia tem sido utilizado para romper com a epistemologia do conhecimento em antropologia. Isto implica em mudanças no estudo das representações que são feitas das outras sociedades e de nós modernos, nos sentido de conhecer outros 'mundos' para reconhecer uma pluralidade de mundos (LOUX, M.; ZIMMERMANN, D. (Ed.). *The Oxford handbook of Metaphysics*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2003). Nesse sentido o conceito de ontologia é usado para romper com o conceito de cultura, uma vez que cultura tenha sido definida como um sistema de representações coletivas -um mundo (realidade) e diversas visões de mundo- o conceito de ontologia permite explorar diversos mundos (realidades) e diversas visões de mundo. A chamada 'virada ontológica' tem sido discutida questionando-se o lugar dado, por grande parte de etnólogos, a uma pluralidade de naturezas que compartilham uma mesma cultura com outras formas de vida como animais ou artefatos. A controvérsia está assentada, principalmente, sobre a nossa relação com os não humanos, sobretudo em relação à bioética, corpo e sexualidade. Para uma discussão mais aprofundada, ver:

Viveiros de Castro, Eduardo. "Transformação" na antropologia, transformação da "antropologia". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 151-171, April 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132012000100006&lng=en&nrm=iso>. access on 06 July 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132012000100006>.

Strathern, Marilyn. 2012. A Comment on 'the Ontological Turn' in Japanese Anthropology. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. N. 2, no. 2: 402–5.

Alberti, Benjamin, Severin Fowles, Martin Holbraad, Yvonne Marshall, and Christopher Witmore. 2011. "Worlds Otherwise": Archaeology, Anthropology, and Ontological Difference." *Current Anthropology*. N. 52, no. 6: 896–912.

<http://www.culanth.org/fieldsights/463-what-an-ontological-anthropology-might-mean>.

Para justificar sua percepção, Descola propõe quatro diferentes formas de organização social sob as quais os homens ordenariam a relação entre natureza e cultura, realocando os binarismos natureza/cultura e homem/animal. As quatro ontologias propostas por Descola, apesar de diferentes ênfases, podem coexistir na mesma sociedade e estão divididas em: *naturalismo*, *totemismo*, *animismo* e o *analogismo*.

O argumento de Descola baseia-se na organização social dos Achuar onde a relação entre os humanos e as espécies naturais, se dá através de um gradiente centrípeto e decrescente de socialidade, pois os animais e as plantas, são tidos por esses sujeitos, como parceiros sociais. Descola observou que na medida em que se distanciavam do núcleo doméstico os diferentes domínios da natureza (seres vivos) deixavam de ser parentes próximos e verdadeiros, para tornarem-se parentes afins. Do mesmo modo acontecia com os ambientes, que eram considerados como locais onde imperavam relações por afinidade. Dessa maneira, o jardim ou a horta ao lado da casa, seriam locais de interação entre mães e filhas, isto é, entre mulheres e plantas cultivadas; os rios e, sobretudo, a mata, figuravam como domínios que conectavam homens e animais e essa ligação mesclava laços de afinidade do mesmo tipo que é estabelecido entre o sujeito e os cunhados.

Desde essa constatação, os modos de identificação dos quais fala Descola (2005), foram organizados segundo as características que os humanos revelavam sobre os seres do mundo, sobre a idéia de que esses seres possuíam propriedades

físicas e espirituais iguais às das pessoas, evidenciando continuidades de alma e intencionalidades entre eles e, descontinuidades que recaiam sobre o corpo.

As continuidades ou descontinuidades seriam, como afirma Descola (2005:321) a propósito dos Achuar da Alta Amazônia,

“de uma amplitude desigual e são instituídas entre as entidades do mundo, os reagrupamentos sobre a base da identidade e da semelhança são evidentes, as fronteiras emergem dividindo as diferentes categorias de seres em regimes de existência separados”⁸⁶.

A distribuição das quatro (ontologias) combinações de semelhanças e diferenças se organiza, então, a partir de dois eixos verticais, caracterizados por: a) grandes dicotomias como a preeminência/supremacia do contínuo sobre o descontínuo e pela inversão de polos de inclusão hierárquica: “a continuidade das interioridades entre humanos e semi-humanos partilham uma mesma 'cultura' tomada no animismo como valor universal (por contraste com o particular e o relativo que introduzem as diferenças de formas e equipamentos biológicos), enquanto que é a continuidade de fisicalidades no campo unificado da natureza que faz esse papel, no naturalismo (por contraste com o particular e o relativo que introduzem as diferenças culturais) e; b) o segundo eixo, que consideraria características físicas, como as adjacências de cor (*contiguités chromatiques*) justapostas em um sistema de semelhanças que tenderia para a identidade (Descola, 2005:321).

⁸⁶ Tradução minha.

A distribuição dos seres em categorias ontologicamente diferenciadas na Antropologia

Desde os dois axes diferenciados por Descola, **o totemismo**, é um sistema de diferenças graduais tendendo para a continuidade, uma característica que tende para o analogismo. Isso significa que a classe totêmica é caracterizada por uma “continuidade interna de características físicas e morais que partilham um grupo de humanos e não humanos derivados de um mesmo protótipo” (Descola, 2005:324). Mas não há apenas um protótipo totêmico pois, ao contrário, o totemismo requer, para viabilizar uma vida social, outros protótipos que reúnam propriedades diferenciadas entre si e que serão complementares desde um quadro mais geral, que será a combinação de todas as unidades totêmicas, do grupo em questão.

O totemismo postula, então, a homologia⁸⁷ entre duas séries paralelas – natural e cultural – estabelecendo uma relação formal entre estes dois termos (Viveiros de Castro, 2002) cujas diferenças entre os tipos totêmicos apresentam uma variabilidade importante: os tipos são híbridos e permitem a circulação de signos,

⁸⁷ O termo homólogo denota uma equivalência *de logos*, ou seja, a existência de duas ou mais racionalidades que se equivalem em diversos domínios (objetos concretos ou abstratos com os conceitos). O termo homólogo (do grego, *homo*= igual) denota não só uma semelhança aparente, de 'fenótipo' como diria a biologia, mas também uma semelhança estrutural, não somente entre os diferentes domínios mas também entre as diferentes partes dos domínios distintos. No capítulo “Gênese dos conceitos”, no livro “Poder Simbólico”, Bourdieu justifica a relevância da utilização de analogias e homologias no campo das ciências sociais, diz ele: “as transferências de modelos baseados na hipótese de que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos, ao invés de funcionarem como simples metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão, tem uma eficácia heurística eminente, isto é, a que toda a tradição epistemológica reconhece à analogia. Além disso, a paciência das aplicações práticas repetidas deste método é um das vias possíveis (para mim a mais aceitável) (BOURDIEU, 2000, p. 66-67).

peças e valores entre os participantes da sociedade. Assim, a diferença de propriedades é justamente o que oferece unidade ao grupo uma vez que a complementaridade das continuidades é o que oferece sentido ao conjunto social. (Descola, 2005:324).

Lévi-Strauss (2005), afirmou que na sociedade ocidental o totemismo teria lugar apenas marginal, o que seria resultado do distanciamento da natureza e do avanço do pensamento científico. Em nossa sociedade, Sahlins (2003) afirma que a lógica do totemismo, conforme fora proposta por Lévi-Strauss, teria tomado uma forma análoga, substituído pelas mercadorias e objetos de consumo, pois estas tomariam um status simbólico que definiria um tipo específico de sujeito. Sahlins (2003), propõe pensarmos que a noção de espécie, motor do totemismo, teria sido ressignificada numa lógica capitalista, como uma linguagem taxonômica - classificativa:

“Não invocaria o chamado totemismo simplesmente em analogia casual com o *pensée sauvage*. É verdade que Lévi-Strauss escreve como se o totemismo se houvesse limitado, em nossa sociedade, a uns poucos locais marginais ou práticas ocasionais. E com razão - na medida em que o "operador totêmico", articulando diferenças na série cultural com diferenças na espécie natural, não é mais um elemento principal do sistema cultural. Mas deve-se questionar se [o operador totêmico] não foi substituído por espécies e variedades de objetos manufaturados, os quais como categorias totêmicas têm o poder de fazer mesmo, da demarcação de seus proprietários individuais, um procedimento de classificação social. [...] nesse caso, a produção capitalista fica como uma expansão exponencial do mesmo tipo de pensamento, com troca e consumo sendo seus meios de comunicação” (Sahlins 2003, p. 176-177).

E continua o autor:

“a peculiaridade desse totemismo burguês talvez não seja mais do que sua *sauvagerie*. Pois graças ao desenvolvimento da produção industrial de

mercado, isto é, à dominância institucional dada à economia, a relação tradicional funcional entre o conjunto cultural e o conjunto natural hoje em dia, apresenta-se invertida: em vez de servir à diferenciação da sociedade é posta a serviço de outra divisão de objetos. Fetichismo e totemismo: as criações mais refinadas da mente civilizada”. (Sahlins, 2003, p. 236).

Vemos que, nos contexto ameríndio ou moderno, o totemismo é repensado como participação, ao mesmo tempo material e moral, entre o reino humano e o reino não humano, os homens tendo parentesco com uma espécie animal ou vegetal, muitas vezes entendido como o antepassado primordial comum ao grupo. É um sistema de identificação cuja organização dos termos é muito parecida com a do Analogismo, considerando que os dois operam sobre o eixo da *simetria*.

No **analogismo**, não existe uma relação direta entre os humanos e os não humanos como acontece no animismo, mas uma similaridade de efeitos, onde cada um afeta o outro e vice-versa. Assim, os humanos e seus respectivos naturais se encontram imersos no mesmo cosmos, mundo ou realidade, ordenados nesta ontologia analógica, onde as propriedades de cada um dos sujeitos “se derivam das analogias perceptíveis entre os seres existentes” (Descola, 2005: 288). Nesse caso, todo tipo de diferenças parece vir à tona e toda semelhança desaparece no meio da variabilidade de interioridades e fisicalidades. A diferença entre os termos que se parecem é resolvida pela analogia entre eles, atribuindo-se sentidos às correspondências entre os dois universos, separados tanto pela matéria como pelo espírito.

O **naturalismo**, se baseia na idéia de que somente os seres humanos estariam dotados de vida interior e os demais seres existentes no mundo (plantas, pedras, animais) estariam privados de intencionalidade, embora, no plano orgânico os homens não tenham nada de diferente dos outros seres uma vez que estão governados pelas mesmas leis físicas.

Assim, a separação entre homem e natureza foi acontecendo por etapas cuja primeira delas remonta aos antigos gregos, como é apontado por Descola, uma vez que foi o pensamento grego que 'inventou' a natureza como *physis*: um objeto de investigação que não estaria submetido aos caprichos divinos, senão pelas leis que são previsíveis na natureza; o segundo momento nessa trajetória de separação entre natureza e cultura foi o cristianismo, supondo, uma exterioridade do mundo do Criador e do homem, posto que Deus teria reservado ao homem um estatuto especial; a terceira etapa seria a revolução científica do século XVII que marcou o mundo com invenções como o microscópio e o telescópio. Segundo este caminho, a natureza se tornou então autônoma e observável.

Desde um ponto de vista formado por tal separação, quando Descola (2002) realizou sua etnografia entre os Jivaros, não lhe era possível compreender o tipo de relação que eles mantinham com a natureza, uma vez que, para Descola, as atividades como caça, agricultura ou pesca eram vistas como atividades produtivas e, para os Jivaros, era pura sociabilidade. O problema de compreensão pelo qual passou Descola (e outros etnólogos) é que “o naturalismo cria um domínio ontológico específico, um lugar de ordem e necessidade onde nada ocorre sem uma razão ou causa, a não ser pela influência de Deus” (Descola 2005:295). Os Jivaros

mantinham relações sociais com os animais e as plantas, tratando-os como pessoas e o sistema na qual os Jivaros organizam a relação entre natureza-cultura foi categorizado, por Descola, dentro do quadro conceitual do animismo⁸⁸.

O **Animismo** foi, no século XIX, explorado por Edward Burnett Tylor⁸⁹, considerado como a fase primária ao desenvolvimento da religião, isto é, dentro do sistema crenças. Tylor, autor da conhecida obra “*Cultura primitiva*”, buscava entender a noção de uma essência espiritual, oposta a uma materialidade filosófica (Tylor, 1871:384). Mas o termo animismo, não foi criado por Tylor, pois ele se baseou nos estudos de Georg Stahl (um físico e químico alemão) que desenvolveu sua teoria baseado nos aspectos que emanam de alguns seres, comparando o tal 'anima' com o flogisto (Teoria do Flogisto) que seria a capacidade inflamável que alguns materiais possuem⁹⁰.

Tylor, designou que a manifestação religiosa imanente a todos os elementos do cosmos (Sol, Lua, Estrelas, Planetas), a todos os elementos da natureza (rio, oceano, montanha, floresta, rocha), a todos os seres vivos (animais, vegetais) e a

⁸⁸ O antropólogo britânico Edward B. Tylor desenvolveu o conceito de animismo no fim do século XIX, e mesmo que a maioria de seus postulados tenham se tornado “ultrapassados” com o passar do tempo, a importância de Tylor como primeiro teórico da antropologia moderna é indiscutível (FRAZER, JG, *The Golden Bough*. 3ª edição, 1966).

⁸⁹ Tylor é por muitos considerado o pai da antropologia cultural por ter dado pela primeira vez uma definição formal de cultura: “a cultura ou civilização, no sentido mais lato do termo é esse complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e os hábitos adquiridos pelo homem na sociedade” (CASTRO, 2005). O legado de Tylor avança um pouco mais, pois através de estudos realizados em torno da religião ele vai analisar o desenvolvimento do animismo entre as raças inferiores. Assim, é Tylor quem introduz o termo *animismo* (a fé na alma individual ou *anima* de todas as coisas e manifestações naturais). Ele considerou animismo como o primeiro estágio de desenvolvimento de todas as religiões.

⁹⁰ O químico e médico alemão Ernst Stahl desenvolveu esta teoria entre os anos de 1703 e 1731 baseado na combustão de materiais orgânicos como a madeira e o carvão. De acordo com suas observações estes materiais possuem um elemento chamado “Flogisto” (do grego, inflamável) que é liberado na combustão. Esse mesmo processo foi considerado por Stahl no processo de enferrujamento de materiais. Os elementos físicos são o anima que vitaliza os corpos dos seres vivos, assim como permitem a combustão dos materiais. Mais sobre o assunto em Harvey, Graham. *Animism: respecting the living world* (2006 [1983]) e; Lemoine, Albert. *Le vitalisme et l'animisme de Stahl* (1864).

todos os fenômenos naturais (chuva, vento, dia, noite), é um princípio vital e pessoal, chamado de *ânima*, o qual apresenta significados variados de acordo com a energia trocada (cosmocêntrica), ou o espírito (antropocêntrica) ou a alma (teocêntrica). De modo geral todos esses elementos compartilhados são passíveis de possuírem sentimentos, emoções, vontades ou desejos, e até mesmo inteligência.

“From its special relation to the doctrine of the soul, it will be seen to have a peculiar appropriateness to the view here taken of the mode in which theological ideas have been developed among mankind. The world Spiritualism, though it may be, and sometimes is, used in a general sense, has this obvious defect to us, that it has become the designation of a particular modern sect, who indeed hold extreme spiritualistic views, but cannot be taken as typical representatives of its wider acceptance, the general doctrine of spiritual beings, is here given Animism” (Tylor, 1871:385).

Tylor argumentou que ao longo da história da existência humana os homens elaboraram a ideia de alma e de espírito, a partir dos eventos como morte, sonhos ou tranSES, para então projetá-las sobre a natureza. Embora não tenha desenvolvido uma sequência evolucionária do animismo para a religião, Tylor afirma que a crença em uma ideia de animismo nos levou à definição de múltiplas divindades e, mais tarde, a definição de um único deus.

A concepção de animismo cunhada por Tylor está baseada numa doutrina evolucionista que pode nos parecer demasiado “primitiva” no atual estado da arte da antropologia, mas como destaca Istvan Praet (2014:03), há dois pontos na teoria tyloriana de animismo que podem ser considerados ainda nos dias de hoje como relevantes para os futuros estudos. Por um lado vemos (no conceito de animismo tyloriano) uma diferente forma de definir a vida, por outro temos ali uma distinta

definição de humanidade. Isso nos permite afirmar, que a partir do animismo, todas as coisas são vivas, ou todas elas possuem uma intencionalidade humana. Isto significa que desde o animismo, mais coisas do que a ciência moderna postula, podem ser vivas; ou ainda, que tudo pode ser humano, ou pelo menos mais coisas podem ser humanas do que o mundo da ciência evidencia (Praet, 2014).

Assim, os antropólogos, ao tratar de alguns dos mais antigos sistemas de crenças, analisaram a relação do homem com os animais (ou a natureza) usualmente referindo-se a eles a partir do que se chamou de animismo, conceito, então, que envolve a noção de que todos os animais, tanto quanto outros sujeitos naturais e fenômenos, seriam imbuídos de uma alma invisível, espírito ou ‘essência’⁹¹ que animaria a consciência física, mas que seria capaz de se movimentar e agir independentemente quando o ‘portador’ fosse um outro, sonhado ou formado inconscientemente.

Descola (1996 e 1997) recuperou a velha noção de animismo que dota os seres naturais não apenas de disposições antropocêntricas como também de

⁹¹ Sobre o monismo: No início do século XX, o filósofo e biólogo alemão Ernst Haeckel, utilizando o pensamento evolucionista de Charles Darwin, tentou explicar a vida, o universo e a própria consciência, segundo um monismo genético e mecanicista. Ele foi o primeiro pensador moderno a intentar, com a ajuda do evolucionismo nascente, a unificação da Biologia com a religião. Ainda que seu pensamento monista não tenha abrangido a essência divina, seu brilhantismo se revelou na descoberta da existência de um princípio unificador regendo a evolução, chamado *lei biogenética*, segundo o qual cada animal percorre, a partir da fase embrionária, todas as etapas evolutivas que o levaram a ocupar o seu lugar na ordem natural. Em suas próprias palavras, “a ontogenia recapitula a filogenia”, sendo a ontogenia o desenvolvimento embrionário individual e a filogenia a história evolutiva da sua espécie, princípio que foi prontamente absorvido pelo pensamento espiritualista moderno. Somando-se a lei biogenética de Haeckel à palingenesia, foi possível unificar a evolução biológica com o espiritualismo, adotando-se o princípio espiritual como a unidade da vida, proporcionando-se maior coerência aos processos vitais e conferindo telefinalismo às mutações genéticas, antes consideradas fenômenos completamente casuais. A ciência do século XX, concebendo em sua época que tudo se reduz à matéria e não admitindo para ela uma origem transcendente a si mesma, compôs o seu mais importante subsídio filosófico, o *monismo materialista*. Monismo que logo sucumbiu ante a irrealidade das bases constituintes da própria matéria, sob o domínio do pensamento quântico que tudo desfez em pacotes de ondas que, afinal, em nada se sustentam (<http://www.gilsonfreire.med.br/index.php/ubaldianos/breve-historia-do-monismo>).

atributos sociais, desde as formulações de Tylor⁹², acrescida de um terceiro componente, as categorias universais do parentesco de consangüinidade e afinidade, sugeridas por Lévi-Strauss.

“[...] os animais passíveis de serem caçados na América do Sul tropical são pensados apenas como o sujeito independente e coletivo de uma relação contratual com os homens. A relação com o animal é assim aí definida por aquilo que eu chamei, em outro lugar, de um "sistema anímico", ou seja, uma inversão simétrica de classificações totêmicas: enquanto essas últimas usam relações diferenciais entre as espécies naturais impondo uma ordem conceitual à segmentação social, os sistemas anímicos empregam as categorias elementares, estruturando a vida social para pensar as relações entre os homens e as espécies naturais” (Descola, 2002:97).

O animismo corresponde à atribuição, pelos seres humanos a seres não humanos, de uma interioridade idêntica à dos primeiros, mas sem que os corpos sejam também considerados como idênticos. Para Descola, a idéia que o animismo implementa, mais que uma tal interioridade que se parece com a dos humanos, é a elaboração de uma vida “cultural” no contexto social coletivo entre humanos e entidades não humanas:

“avec cette subjectivité généralisée que les corps particularisant, la théorie animique de la connaissance se situe bien évidemment aux antipodes du réalisme cognitif auquel la majorité d'entre nous adhère spontanément sans être capable d'en formuler la doctrine” (Descola, 2005:389).

Na perspectiva de Descola temos o dualismo natureza-cultura contíguo na continuidade de interioridades entre os seres que, mesmo apresentando-se como seres diferentes em fenótipo, compartilhariam o mesmo mundo, as mesmas

⁹² Com a ênfase sociológica da escola britânica de Radcliffe-Brown para quem o universo seria regido por uma ordem moral oposta a uma elementaridade da vida religiosa.

necessidades com os humanos, como sujeitos que são. Os animais que essas pessoas encontram não são bestas selvagens, mas são seres quase humanos que eles devem seduzir e convencer para escapar dos espíritos que lhes protegem.

Sobre espécies animais, Descola (1994, 1996) assinalou a “inconsistência” entre o volume enorme de conhecimentos ambientais/ecológicos e a aplicação de apenas uma pequena parte desses conhecimentos na prática, argumentando que a procura de conhecimento entre os Achuar não é ditada apenas por necessidades utilitaristas, ou seja, não tem apenas como objetivo uma aplicação prática.

A noção de *multinaturalismo* defendida por Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima (1996) objetiva reorganizar o binarismo da paradigmática série – natureza x cultura, uma vez, como sabemos, as noções cosmológicas ameríndias não correspondem à uma analogia aos conteúdos ocidentais. Para esses povos a noção de natureza e de cultura “não assinalam regiões do ser, mas configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma – pontos de vista (Viveiros de Castro, 2002). Esta teoria foi formulada por Viveiros de Castro a partir do conceitual nativo e não seria, pois, um monismo, mas a reconceitualização de um dualismo que desde esta abordagem, estaria em perpétuo desequilíbrio (Viveiros de Castro, 2002:379)⁹³. O conceito de “Perspectivismo” admite que existe um certo dualismo que não estaria ausente da cosmologia (ameríndia), mas em constante movimento (Viveiros de Castro 1996:128).

De qualquer modo, essas formas de organização social não seriam esquemas cognitivos inatos, mas compostos de variadas relações de significante e significado

⁹³ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005e

interiorizadas nos sujeitos e que nos permitiriam vislumbrar formas de objetivação do meio, que diferem ontologicamente uma da outra.

"Esses esquemas ou 'schematas' da práxis, como eu gosto de chamá-los, são simplesmente propriedades objetivadas de práticas sociais, modelos cognitivos ou representações intermediárias que ajudam a subsumir a diversidade da vida real sob um conjunto básico de categorias de relação" (Descola 1996, p. 87)⁹⁴.

Tim Ingold⁹⁵ nos chama a atenção para que esses esquemas como o termo animismo vem a designar são mais convenções da literatura etnográfica para descrever as compressões de mundo professadas por esses povos. O animismo seria um sistema de crenças que imputa vida aos objetos inertes ou à natureza, mas para Ingold essa atribuição é mais típica das sociedades ocidentais que sonham em encontrar vida nos outros planetas, do que dos povos indígenas para quem o rótulo de animismo tem sido aplicado (Ingold 2011:63). Ingold destaca que os povos indígenas não estão unidos por uma crença e também não estão imersos em um mundo pré concebido, eles são imanências das relações que desenvolvem com os outros seres. Deste modo, o processo de trazer coisas para a vida (Pitrou, 2014),

⁹⁴ Tradução minha.

⁹⁵ Skolt Lapps é o vocativo etnolinguístico que designa os grupos habitantes da região da Lapônia, no norte da Noruega, Suécia e noroeste da Rússia. Entre outras abordagens, o autor está produzindo um relato da geopolítica que fixou historicamente esses grupos naquela região, a sociologia das organizações que os compreendem e os aparelhos burocráticos de administração das formas de ocupação territorial dessas populações. Durante a sua exposição etnográfica ainda são produzidas leituras sobre os arranjos socioespaciais articulados pelos grupos étnicos no processo de ocupação do território. Também são relacionados esses arranjos às economias produtivas locais – advindas, principalmente, da cultura do pastoreio da rena –, aos modos de habitação e à distribuição político-laboral dos grupos no interior dos assentamentos onde vivem, entre outros aspectos. É notável o interesse do autor por algumas figuras de “movimento” e de “espaço” observáveis na tecnologia da atividade pastoril, quando narra a lida laboral entre homens e animais, o estado de semi- liberdade do rebanho, os traços das relações entre humanos e renas, acentuando a infraestrutura técnica envolvida nas etapas de captura e abate do animal. Em todos esses instantes, deixa-se à mostra um sistema socioecológico onde as relações entre homem, animal e espaço devem ser entendidos “mutuamente” determinantes dos sistemas de vida em interação; e onde todos os viventes estendem suas relações em graus de interdependência complementar num ambiente co-construído.

não exigiria o esforço de dotá-los de uma agência externa, mas sim, “restaurá-los para os fluxos generativos do mundo dos animais em que existem e continuam a subsistir” (Ingold 2011: 48).

A posição de Ingold é diametralmente oposta à convenção antropológica de animismo inspirada no trabalho de Tylor (atribuição de alma, anima ou intencionalidade), uma vez que ele (os Cree ou os Skolt Lapps) parte dos princípio que as coisas estão na vida, ao invés de colocar vida nas coisas. Na abordagem Ingoldiana a vida, a intencionalidade e a agência nas coisas não estão ligadas à presença ou não de alma (dentro do corpo ou na matéria), mas no fato de que esses seres movimentam-se e circulam através de meios de comunicação que os dotam de características animadas. O espírito e o poder de regeneração destes fluxos circulatórios estaria vinculado a um complexo emaranhado de ações e reações (Ingold 2011: 86), ou seja, uma elevada sensibilidade e capacidade de resposta na percepção da ação, para um ambiente em fluxo constante.

O ânima ou a animacidade, não é então, para Ingold, uma propriedade de pessoas com imaginação projetada sobre as coisas com as quais elas estão rodeadas, mas é a dinâmica relacional entre seres que são entendidos mais ou menos como pessoas ou coisas semelhantes, capazes de se desenvolverem de modo recíproco e contínuo. Isso promove uma transformação nos seres que sozinhos, não teriam o mesmo estatuto ou não desenvolveriam os mesmos objetivos. Essa é justamente a proposição de Latour (2004), quando ele destaca que a mediação entre os atores (homens e coisas) se dá através da transformação dos entes que passam a buscar, juntos, um objetivo terceiro, transladado de seus

objetivos originais e particulares. Latour, em suma, afirma que a relação modifica os sujeitos.

Por outro lado, se tomarmos as categorias de Descola (2006), a maioria das práticas entre homens e animais no contexto moderno estariam ontologicamente organizadas sobre uma matriz estrutural (cognitiva) que Descola chamou de Naturalismo, um dos quatro fundamentos para organizar a agregação dos humanos e dos não humanos (Descola 2006).

Relações plurais com os animais

Nos convém mostrar, neste trabalho de tese, algumas atitudes entre-específicas ou antropozoológicas, associando-as à um panorama urbano e moderno que nos envia a categorias de animais, determinadas segundo uma perspectiva heurística. O conflito ou o contra-senso que a categoria “animal” apresenta nas sociedades modernas parece ser tratado por dois pontos de vista: se por um lado os modernos oferecem condições favoráveis para a manutenção de animais de companhia e para o desenvolvimento de uma percepção mais positiva face aos animais, permitem também que os outros animais sejam tratados como objetos, como máquinas de trabalho, como “recursos naturais”. Assim os animais 'selvagens' são considerados muito mais como parte da natureza do que os animais de estimação e são ao mesmo tempo vistos como um refúgio do capitalismo para o consumo. Davis e Wray (1997) destacam que a ação protetiva aos animais selvagens vai da proteção, recuperação e resgate de animais que, paradoxalmente, são ao mesmo tempo os elementos centrais de operações de marketing de grandes empresas multinacionais.

Destacar o animal como um produto de usufruto humano se reflete também nas práticas de criação e abate, pois a comida pré-cozinhada/embalada e o afastamento dos matadouros para a periferia urbana (Vialles, 1995) leva as pessoas a esquecer que a comida é, na sua maioria, um produto da morte e da transformação animal. Esse argumento é forte pilar do ativismo e dos movimentos em prol dos direitos dos animais que são também parte do cenário que se compôs

no final do século XX. Esses movimentos bem-estaristas foram acusados por antropólogos como Jean Pierre Digard, de produzirem um verdadeiro lobby capitalista apoiado sobre a noção de bem estar animal.

Nesse sentido, entre proteção e exploração existem diversas outras maneiras de localizar o animal em nossa sociedade se considerarmos sua participação ativa nos processos sociais. No campo da antropologia, para continuarmos falando de nossa disciplina, o tratamento do animal começa bem antes de eles serem tomados como objeto de estudo (como nos clássicos estudos de Marvin Harris, 1978; White, 2006 ou Evans-Pritchard, 2008)⁹⁶. Aqueles que podemos considerar como os primeiros antropólogos na história da disciplina, os viajantes colonizadores europeus que nos séculos XVIII e XIX, contaram com a participação ativa dos animais que auxiliaram consubstancialmente na expansão colonialista. No projeto colonial os animais executaram sua parte de protagonismo porque os colonizadores levaram consigo cães treinados para farejar e guardar, levaram também cavalos, vacas, ovelhas, galinhas, cabras, porcos e abelhas que rapidamente se reproduziram representando, inclusive, uma presença ameaçadora para os ecossistemas nativos, deslocando ou extinguindo algumas espécies autóctones (Mullin, 1999:205). Nesse contexto, os animais desempenharam também um importante papel na economia colonialista através da comercialização de peles exóticas e marfim que tornaram-se bens econômicos essenciais e uma motivação para a expansão do imperialismo.

⁹⁶ de Leslie White dela deriva o termo simbolizar, que o autor define como “a capacidade de originar, definir e atribuir significados, de forma livre e arbitrária a coisas e a acontecimentos no mundo externo, bem como de compreender significados” (p. 9). na compreensão de White, o homem torna-se humano, e se diferencia dos demais animais, quando adquire a capacidade de simbolizar (White, Leslie a.; Dillingham, Beth. O conceito de cultura. Rio de Janeiro: contraponto, 2009).

Não por acaso a distinção entre humano e animal, exposta nos primeiros trabalhos em antropologia, estaria relacionada à oposição entre “civilizado” e “primitivo”, desde o mesmo ponto de vista colonialista cristão (Konecki, 2007), cuja visão afirma que o homem estaria para os animais como o céu para a terra, a alma para o corpo, a cultura para a natureza (Mullin, 1999:203, citada por Thomas, 1983:35). Por outro lado, a caça, o colecionismo e a exibição de espécies exóticas – muitas vezes sob a forma de “troféus” – desempenharam também um importante papel ideológico na representação do poder imperialista sobre os povos dominados. A primatologia, por exemplo, de acordo com Mullin, acabou por ser uma questão decorrente do imperialismo, pois os primatas não-humanos capturados nas colônias europeias e mantidos em cativeiro foram uma ferramenta fundamental no desenvolvimento daquilo a que se chamou “medicina tropical”⁹⁷.

A ordem dos primatas compreende grandes mamíferos como os macacos, os lêmures, os símios e os humanos, daí sua grande utilização como 'cobaias' em experimentos científicos que visam explorar, não a animalidade de cada espécie, mas a humanidade. Eunice Durham, chama atenção da antropologia para as novas descobertas no campo da biologia, primatologia e etologia que comparam os componentes emocionais e comportamentais de homens e chimpanzés⁹⁸ (Durham,

⁹⁷ A preocupação médica com os trópicos, que ocupou os médicos militares das colônias europeias durante as últimas décadas do século XIX, traduziu a curiosidade e temor representados pelo desconhecido e pelo diferente (Caponi, 2003). As narrativas dos colonizadores demonstram que as imagens daquelas terras desconhecidas, tomadas por animais exóticos foram seguidas de inúmeras tentativas de explicações científicas para aquela diversidade que se apresentava como uma clara ameaça à saúde dos europeus que desejavam estabelecer-se nos novos mundos.

CAPONI, Sandra. Coordenadas epistemológicas de la medicina tropical. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2003, vol.10, n.1, pp. 113-149. ISSN 1678-4758.

⁹⁸ DURHAM, Eunice Ribeiro. Chimpanzés também amam: a linguagem das emoções na ordem dos primatas. Rev. Antropol. [online]. 2003, vol.46, n.1, pp. 85-154. ISSN 0034-7701.

2003). Ela nos mostra que, apesar dos riscos inerentes ao antropomorfismo ou das projeções em pesquisas sobre o comportamento de animais, não apenas é possível prever o comportamento dos chimpanzés, como também eles, podem prever o nosso e interpretar corretamente nossas intenções comunicando-se com os humanos. Além disso, Durham aponta que as relações afetivas desenvolvidas pelos pesquisadores com os animais, têm como contrapartida as relações afetivas que os animais desenvolvem com os pesquisadores.

Dois anos depois da publicação do artigo de Durham (2003) sobre as emoções dos chimpanzés, Eliane Rapchan e Walter Neves (2005), produzem um artigo publicado na mesma Revista de Antropologia, retificando uma série de afirmações que foram levantadas por Durham. Em suma, a antropóloga e o biólogo tratam de marcar as barreiras entre chimpanzés e humanos, inclusive, criticando a antropologia por ter abortado a biologia evolutiva de suas análises.

Guilherme Sá (2006), realizou trabalho etnográfico na Estação biológica de Caratinga, localizada na Fazenda Montes Claros, em Minas Gerais, observando a participação de macacos do tipo Muriqui, no estudo de questões comportamentais e hábitos alimentares destes animais. Naquele contexto, entre o marketing ecológico que evocaria uma “muriquização” (Sá, 2007) da vida humana, pela sua semelhança com a humanidade (Ingold, 2005); haveria ainda o componente da *intersubjetividade* que permeia as relações estabelecidas entre pesquisadores, população local e animais. Os macacos enquanto objetos de pesquisa, dentro de um campo chamado de primatologia, entram em uma relação de “predação científica” que é justamente o

processo de transformar o animal de um primata-sujeito para um primata-objeto (Sa, 2006:119), desde a noção de purificação científica (Latour, 2001) que suscita diretamente a transubstanciação do macaco-sujeito-floresta em macaco-objeto-laboratório. Contudo, Guilherme Sá nos mostra que as variações nas formas de classificação, sobretudo no que diz respeito ao que é ser *humano* e *não-humano* são instáveis e os processos de transformação de *sujeito* e *objeto* encontram-se enredadas em uma longa história de aproximação e distanciamento, movimento em que os muriquis não são passivos, porque as categorias científicas são constantemente modificadas em acordo com o comportamento dos animais. Assim, Sá classificou esses coletivos em dois eixos, natureza e cultura, que se dispõem como totens de ontologias antagônicas: naturalista e culturalista (Sá, 2007:136).

Nesta direção analítica, destacamos que são essas socialidades construídas através da contribuição do animal, ou essas abordagens que mostram a participação de outros seres na história do homem, que podem permitir a algumas obviedades serem questionadas e conclusões apressadas até mesmo descartadas. Este é o caso do trabalho de Don Kulick em “Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies”, onde encontramos a questão da obesidade de animais de estimação, passar de um acontecimento meramente trivial ou idiossincrático, para um problema social interespecífico. Nesse caso, a proprietária ‘obesa’ de um cão também ‘obeso’, fora obrigada a desfazer-se do seu animal em virtude do ‘distúrbio’ alimentar que acometia ambos os sujeitos. Esse caso mobilizou a mídia e o poder público a intervir na decisão judicial (de confiscar o animal) devidos aos argumentos da proprietária

de que seu laço emocional com o animal era questão mais ampla que a obesidade dos dois. Kulick (2009) concluiu que, em virtude da grande quantidade de produtos, materiais e informações a respeito dos animais de estimação, estes seriam os principais agentes da fronteira entre as espécies, uma vez que associações de pessoas a determinadas raças caninas ajudam a criar identidades sociais, determinando situações pessoais e relacionais importantes.

Assim, a humanização dos animais não se nutre simplesmente da equivalência de elementos culturais - como atribuição de nomes humanos, roupas, cuidados de beleza, caminhas estofadas ou discussões sobre alguns direitos e moralidades. A humanização é também estabelecida sobre o eixo da natureza (animal) que une os homens aos outros seres e neste aspecto, a tese de Jean Segata nos mostra de maneira clara alguns dos elementos que são elencados nesse processo. Desde um domínio da natureza, como alguns instintos que precisam ser modulados ou uma biologia equivalente que permite o diagnóstico de problemas orgânicos e a sua medicalização, os animais pesquisados por Segata (2012) levaram-nos a seguir os diferentes processos de adoecimento dos animais de estimação e o modo como a medicina veterinária diagnostica seus pacientes. Os diagnósticos como: doentes mentais, agressivos, ansiosos ou depressivos, são tratados com medicamentos antipsicóticos, problemas que são justificados como advindos de um comportamento animal que não tem espaço no interior dos pequenos apartamentos modernos. Assim, o animal que latir, rosnar, urinar, mostrar as garras de maneira 'excessiva' poderá, amanhã, ser tratado como um doente mental. Do mesmo modo, as habilidades de captura de outros animais, foram

substituídas pela ração industrializada, com o balanço certo de componentes que fazem produzir fezes sem odor e de consistência apropriada para não sujar o chão (Segata, 2012:182). Ainda, a morte dos animais *pets* não é mais uma contingência natural da vida, e sim um distúrbio enzimático ou hormonal advindo da obesidade ou sedentarismo. As questões postas por Segata apontam para a equivalência moral entre humanos e animais que absorveriam as tensões humanas a tal ponto de adoecerem dos mesmos problemas mentais mas, principalmente, a equivalência biológica mostrando que o estatuto do animal moderno de companhia não se assenta somente num culturalismo mas também no reforço da simetria naturalista à la Descartes.

O antropomorfismo, apesar de ser um dado incansavelmente explorado pelos antropólogos, não deixa de ser interessante dadas as inúmeras práticas que são desenvolvidas em torno de tal noção. O trabalho de Madame Anne-Marie Brisebarre (2003), nos apresenta a “*messe des animaux*”, isto é, uma missa realizada na Igreja Católica, de Santa Rita (patrona das causas desesperadas), no sul da cidade de Paris, cujo prédio está atualmente fechado e posto a venda. Nesta igreja, desde 1993 (até 2014) realizou-se uma missa para abençoar os animais, fato que levava centenas de pessoas, acompanhadas seus animais 'familiares' (Brisebarre, 2003), a formar uma verdadeira arca de noé no meio de uma das maiores metrópoles européias. No conjunto de pessoas vindas de diversas cidades para participar da missa, Madame Brisebarre se deparou, não somente com cães e gatos, mas dromedários, cabras, ovelhas, porcos, tartarugas, pássaros que esperavam a realização de um ritual religioso católico, para os animais (ali era realizada também a

missa de Natal para os animais). O padre responsável pela missa era chamado pelo fiéis de “o novo São Francisco de Assis” e a Igreja de Santa Rita se tornou a Igreja dos animais, sob a premissa de que eles também têm alma (diferentes dos animais de trabalho que têm pequenas almas). Dentro deste discurso, as almas de tais animais (familiares) não serviriam para dar vida aos homens, mas para que eles vivam com os homens, segundo o sermão do pastor (Brisebarre, 2003:147). Esse ritual era um grande *mise en scène* acompanhado da demanda de proteção aos companheiros humanos e do pedido de cura aos animais doentes que chegavam nos braços de seus donos (algumas pessoas que jamais frequentavam a igreja, passaram a levar seus animais) como objeto de adoração, mas também borrando o estatuto entre homens e animais, tratando dos animais como seres dotados de alma.

O animal de companhia é um fenômeno social quantitativamente inegável o que implica o desenvolvimento de um mercado econômico em consequência, assim como, correlativamente a esse fenômeno, proprietários, defendem seus companheiros dedicando-lhes um estatuto privilegiado, justificado, sobretudo, pelos sentimentos de paixão e amor. Assim, os animais de estimação que, numa visão mais utilitarista são vistos como um bem ou uma propriedade, são tomados em algumas abordagens como fatores sociais na formação de identidades, membros da família para quem os humanos dedicam todo tipo de atenção e cuidados especiais, justamente pelos laços emocionais que são estabelecidos entre humanos e animais (Arluke, 1994).

Essa espécie de simetria, baseada no antropocentrismo, é frequentemente acionada para explicar a popularidade do cão, como o trabalho de Greenenbaum

(2004), que tratou da relação entre proprietários e cães, centrando-se nas práticas que permitiriam a modificação do status de animal doméstico, ou pet, para o status de ‘filhinhos’ (*fur baby*). A autora relata que na cidade de Hartford, capital do estado americano de Connecticut, existe a *Fido’s Bakery*, nada mais que uma padaria especializada em guloseimas para cães. Neste local acontece a *Happy hour* (atividades de jogos para os caninos) onde os animais participam de brincadeiras, enquanto seus donos os observam, à imagem de mães de atletas que dirigem seus filhos a jogos e eventos sociais. Para Greenenbaum (2004), embora o objetivo da *Happy hour* seja o de gerar lucros, o animal e os donos constroem uma imagem de família que demonstra mudanças no modo como se dá a relação dos homens com os animais pois, este processo de antropomorfização os transporta de um estatuto de cão pet, para filhinho de humanos.

Em trabalho preliminar a esta tese, intitulado “Reflexões sobre uma economia estética no mundo da Cinofilia”⁹⁹ (Teixeira, 2015), propus analisar esta atividade buscando descrever as representações e práticas sobre raça, pedigree, eugenia e alguns valores sociais que poderiam ser projetados e elaborados no meio. Através da etnografia em Exposições de Beleza canina, foi possível considerar que o comércio de cães é separado, pelos cinófilos, em dois mundos: o dos “cachorreiros”, que são comerciantes de cães (donos de canil para venda), adeptos à livre reprodução das raças, sem manipulações genéticas ou físicas; e os “cinófilos” que não necessariamente comercializam os filhotes, mas realizam intervenções

⁹⁹ A Cinofilia refere a criação de caninos de raça pura. Para mais informações pode-se visitar o site da Confederação Brasileira de Cinofilia (<http://www.cbkc.org>).

cirúrgicas (muitas vezes proibidas) modificando os animais em busca do *pódio*, nos concursos de beleza canina.

Na disputa entre estes dois grupos, os primeiros são acusados de mercenarismo (uma vez que lhes interessa vender filhotes, mas sem modificá-los), os segundos são acusados de manipularem os animais como se eles fossem objetos inanimados (modificações físicas e purificação genética)¹⁰⁰. Em verdade essas disputas se dissolveram quando busquei as razões que levavam as pessoas a se ocuparem da cinofilia. A hipótese primeira era de que o aquecido mercado *pet* ofereceria bons lucros com a venda de 'exemplares puros', entretanto, a maioria dos participantes da cinofilia referia ser uma ocupação bastante dispendiosa cujos lucros eram inexistentes. Assim, ao contrário do que esperávamos, todos os interlocutores afirmaram que estavam no ramo porque amavam os cães: *“eu faço isso porque eu amo os cães”, “ah eles são minha paixão”, “não saberia viver sem os cães”* (Registro de campo, Porto Alegre, 2011). Desse modo foi possível afirmar que, no caso da cinofilia, parece não haver divisão abissal real existente entre transações monetárias e relações de afeto, conforme destaca Viviana Zelizer (2005), visto que esta prática tem um forte registro êmico da ordem do afeto ou das emoções.

Oliveira (2006), desenvolveu um estudo no mesmo contexto, da cinofilia, para mostrar que as raças e o pedigree não apenas caracterizam um cão, mas simbolizam as qualidades de seus proprietários, através de sua beleza, afeto e

¹⁰⁰ A mestiçagem não é bem vista no ramo da cinofilia que visa justamente o refinamento das raças caninas. Entretanto existe um grupo de criadores, os chamados “cachorreiros”, que criam cães sem o certificado de “pureza da raça”, o pedigree; estes são mal vistos pelos criadores que trabalham com tal certificado. Ainda, as pessoas que compram cães de ‘cachorreiros’, segundo a dissertação, mostram-se insatisfeitas e sentem-se ‘enganadas’ quando percebem que compraram um ‘mestiço’, e não um exemplar puro da raça (Oliveira, 2006: 88).

temperamento. Esses fatores indicariam traços da personalidade social do humano em projeção ao animal (Oliveira, 2006:85). A escolha do cão (pela raça, cor, tamanho ou em detrimento de outra espécie) seria uma forma de nos representarmos através de outras espécies, quase um totemismo moderno do modo como se apresenta essa relação atualmente. Seu esforço visou destacar o modo como os cães eram percebidos por aqueles que os tomam como objeto de estimação, principalmente devido ao valor econômico e simbólico que adquirem no regulado mercado da Cinofilia¹⁰¹ (Oliveira, 2006).

Por estes e outros fatores a relação entre humanos e animais de estimação tem um crescimento exponencial. São transformações na estrutura demográfica das cidades (verticalização das moradias), mercantilização de relações afetivas (comprar um animal ou um namorado@ através de sites de internet) mudanças na conformação familiar e, como mostrou Herzog (2011), a influência social na decisão de adquirir um cão de raça pura ou mestiço. Baseado na análise de registros do *American Kennel Club* e observando as oscilações nos números e registros de raças, Herzog afirma que o aumento ou o declínio dos registros (que é proporcional à demanda de animais ao Kennel Club) estaria associado a, por exemplo, a popularidade de filmes como “101 dálmatas”. Outros fatores preponderantes nesta escolha seriam aqueles relacionados à imitação de costumes de classe e a

¹⁰¹ A mestiçagem não é bem vista no ramo da cinofilia, que visa justamente o refinamento das raças caninas. Entretanto existe um grupo de criadores, os chamados “cachorreiros”, que criam cães sem o certificado de “pureza da raça”, o pedigree; estes são mal vistos pelos criadores que trabalham com tal certificado. Ainda, as pessoas que compram cães de ‘cachorreiros’, segundo a dissertação, mostram-se insatisfeitas e sentem-se ‘enganadas’ quando percebem que compraram um ‘mestiço’, e não um exemplar puro da raça (OLIVEIRA, 2006, p. 88).

globalização (facilitando a entrada de novas raças no país), enquanto o declínio nos registros de raças estaria ligado aos movimentos em defesa dos animais (que incentivam a adoção e não, a compra) e à negativas popularidades/representações, como é o caso do Rottweiler e Pitbull.

Com isso, os locais sociais ocupados pelos animais, assim como o tipo de atividade que desempenham com o homem, embora revelador de relações funcionais também são indicativos de status diferenciados entre eles. Embora a humanização dos animais e o antropomorfismo sejam formas de relação prevalentes no contexto urbano (de acordo com a maior parte das análises), elas nem sempre são funcionalmente positivas.

O Zoocentrismo é definido por Franklin (1999) como o reconhecimento parcial ou inteiro de animais como sujeitos morais¹⁰² e esta noção se direciona no sentido de uma empatia não instrumental das relações com os animais. Enquanto atitude ética (como tratamos no capítulo II) a ideia de zoocentrismo foi desenvolvida por Singer (1993) culminando nos movimentos de libertação animal¹⁰³. O animal em

¹⁰² De acordo com Luc Ferry existe uma divisão no modo como significamos os animais (no sistema jurídico, pelo menos) divididos em animais máquina (Descartes – animal machine e, Kant – se os animais não têm direitos, os humanos têm deveres para com eles) e animais sofredores- “animaux souffrants”; os animais máquina seriam os animais desprovidos de animalidade (TAA), isso porque Ferry argumenta que mesmo com todo o discurso sobre o bem-estar animal raramente isso vem acompanhado de atribuição de direitos aos animais (Lestel, *l'animalité*: 35).

¹⁰³ Retoma processos e práticas que mostram a atribuição de uma moral humana aos animais. Condenando a vivissecção e a experimentação animal nas pesquisas de laboratório, Singer defende o vegetarianismo como o lugar onde aparece uma ética para com os animais. Tom Regan, tornou-se o principal defensor da causa dos animais principalmente desde a publicação de seu principal livro “The case of animal rights”, ele consideram não somente que o animal não deve sofrer mas que mesmo, de forma indolor, ele não deve ser morto e consumido, temos aqui justamente o principal argumento do movimento vegano (Ver Dominique Lestel “Apologie du carnivore” onde ele critica o movimento vegano, argumentando contra a ideia de que quem ama os animais não deve comê-los. Segundo Lestel, a morte de um animal não pode ser qualificada como 'morte', até porque o argumento ético vegano é muito mais o fato de se comer a carne, do que a morte do animal em si que está em jogo como dever ético (Lestel, pp 15) ao que ele chamou de *impératif carnivore*. Para Lestel a questão do sofrimento adquire um papel importante nas controvérsias. A questão recai sempre sobre a mesma dúvida: os animais sofrem mesmo? A oposição entre os animais-máquina e os animais-sofredores dá a entender que os primeiros seriam desprovidos de animalidade (Lestel, 1996:34). «o

questão é colocado a ocupar uma nova função social popularizando-se como nós o conhecemos atualmente: *pet*, segundo a terminologia anglo-saxônica, ou 'animal de companhia'. Temos então, no século XX o início de serviços de visam tratar do animal como um humano (Segata, 2012) como os psicólogos de animais, hotéis, salões de beleza, etc. O movimento denominado zoocêntrico (Goubault e Burton-Jeangros, 2010), tem sido largamente discutido em virtude do excesso de antropocentrismo, embora nem todos os animais se beneficiem, como bem destaca Digard (1999), entendimento que parte de um “sistema domesticatório ocidental” ou como destaca Arluke e Sanders (1996) de uma 'escala sociozoologica'.

O comportamento animal

O estudo do comportamento animal denominado Etologia é a ciência do comportamento do ser vivo, mesmo que praticamente não se fale em etologia vegetal nem em etologia dos artefatos. Calcada no desenvolvimento da atividade humana em conjunto com a natureza, o comportamento animais foi essencial para que o homem pudesse conhecer os hábitos de alguns animais com o intuito de conhecer os melhores momentos e locais para pescar ou caçar, bem como para defender-se de predadores. As estratégias de caça e pesca dependiam do tamanho ou de como esses animais se comportavam.

homem perde seu estatuto de humano se ele trata os animais como objeto, e isso é justamente a prova de que o animal não é um objeto » (Lestel, 1996: 35).

Um outro tipo de relação que o homem estabelece com os animais advém do interesse por compreendê-los através da metodologia científica, procurando caracterizar fenômenos biológicos por meio de procedimentos dedutivo e experimentais, propondo leis e teorias que tentam explicar os diferentes aspectos da vida animal. Para além disso, apesar de estar calcada num discurso biológico, sendo um ramo da Zoologia, a etologia é permeada por questões de cunho filosófico que questionam se os animais são capazes de pensar e qual a diferença entre o pensamento humano e o pensamento animal. Em verdade os etólogos travam um enorme debate sobre a legitimidade da transferência de conhecimento dos animais para os humanos, mesmo que constantemente nomeiem a sociedade animal com coisas humanas, como: economia, guerra, gestão de conflitos, tecnologia, divisão do trabalho, amor, altruísmo, moral. A linguagem antropomórfica define algo que apresenta forma ou atributos semelhantes ao do homem. A atribuição de sentimentos humanos aos entes não-humanos é chamada, ainda, de linguagem antropopática.

Em geral, a forma como a antropologia fala dos animais parece ser tributária de uma convicção de que a projeção sobre os animais, de faculdades humanas, não é mais que o reconhecimento de características invariantes, evidentes e universalmente reconhecidas. Embora haja uma ampla literatura que critica o uso do antropomorfismo para descrever comportamentos animais¹⁰⁴, o que raramente

¹⁰⁴ Ver Stoczkowski, Wiktor. L'anthropologie des animaux. Revue de synthèse: 5° série 2003.

encontramos são reflexões sobre as modalidades precisas da transferência de características humanas aos não-humanos e de comunicação interespecífica.

A preocupação com processos comportamentais dos não-humanos é amplamente conhecida desde os escritos de Aristóteles (século IV a.C.) sobre anatomia, origem, reprodução e movimento dos animais¹⁰⁵. No século XVII o filósofo René Descartes (1641) afirmou que os animais não possuíam alma e que devido a isso eles seriam desprovidos de sensações como dor, alegria, tristeza, etc. Esse pensamento favoreceu uma ideia de que os animais são comparáveis à coisas ou objetos. A Teoria do Animal-Máquina de Descartes (em Discurso do Método e Carta ao Marquês de Newcastle) marcou todo o pensamento ocidental segundo o qual os animais seriam meros autômatos. Essa proposição foi sustentada por Descartes em oposição à visão escolástica (dialética, Tomás de Aquino) de que toda criatura viva seria dotada de uma alma responsável por seu comportamento e essa alma seria dividida em diferentes níveis de desenvolvimento, separados em alma vegetativa, sensitiva e racional (Rocha, 2004:351). O problema da abordagem escolástica, para Descartes¹⁰⁶ é que essa explicação recai no apelo da alma para explicar os

¹⁰⁵ Em 'Partes dos Animais', Aristóteles dá prioridade à investigação sobre as diversas causas que condicionam a forma ou configuração dos animais, tendo em vista uma funcionalidade. Cada animal, na sua individualidade, compõe-se de matéria e forma, e interessa para Aristóteles, as causas de da relação entre estes dois conceitos ou, como a matéria assume uma certa forma de modo a cumprir uma finalidade.

¹⁰⁶ Rocha (2004) nos chama a atenção para que Descartes em todos os seus textos evita o uso da palavra animal, preferindo o termo 'besta' ou 'brutos', provavelmente para evitar uma aproximação aos termos da ideia escolástica de que todo ser vivo e dotado de alma. Foi através do recurso à tese da perfeição divina que Descartes provou que os animais poderiam ser meros autômatos mecânicos, uma vez que para ele, qualquer comportamento animal poderia ser explicado sem recorrermos a um suposto pensamento ou consciência.

comportamentos de humanos e não humanos que, para os cartesianos, seriam compreensíveis em termos puramente mecânicos não sendo necessário recorrer a conceitos abstratos como alma ou forma substancial (Rocha, 2004). O ceticismo metodológico proposto por Descartes – o Método Cartesiano – operou uma verdadeira revolução no pensamento moderno mudando o paradigma de conhecimento, antes centrado no mundo exterior e agora, mundo interior da razão. Assim o racionalismo trouxe à filosofia a grande contribuição da valorização do ato de pensar, daí a famosa frase: “penso (duvido), logo existo”, seguindo o método socrático da dúvida sistemática (Russel, 1966).

A tese cartesiana considera que o corpo e a alma são entidades separadas e que as sensações, embora não sejam modos puros do pensamento, são modos compostos entre corpo e alma e envolvem, portanto, corpo e pensamento. Quando Descartes pretendeu desvendar o comportamento animal não-humano, considerou que os animais eram excluídos de pensamento ou consciência e por isso eram como objetos, os quais ele categorizou como animal-máquina. Para Lestel (1996), a teoria animal-máquina fica em segundo plano na abordagem cartesiana pois, Descartes não conseguiu explicar o fato de que, mesmo havendo os homens acesso a todo o funcionamento de uma máquina, eles jamais conseguiram explicar ou acessar a engenhosidade peculiar aos não-humanos animais. Isto porque da tese de Descartes, de que os animais são seres não pensantes (por não terem linguagem), decorre uma problemática que teria de ser explicada a partir da ideia de sensação (tais como choro, gemidos), que estão presentes nos não humanos. Se a sensação está no nível do pensamento, como defende Descartes, então tais manifestações

animais deveriam ter sido explicadas como outra coisa, que não a ideia de sensação (pois Descartes não poderia aceitar isso como sensação, nos animais-máquina). Dessa lógica, se os homens expressam sensações, assim como os outros animais, logo as sensações humanas não expressam pensamento, apenas movimentos corpóreos.

Tentando desfazer essa contradição, Descartes divide a sensação em três graus que vão desde o mecânico, comum a todos os animais e ao homem (movimento de partículas fisiológicas); passando pela percepção e consciência (mente ligada ao corpo e afetada por movimentos que acontecem com ele), até o terceiro grau que seria o pensamento como julgamento da ação em um nível intelectual (Rocha, 2004).

No século XVIII, os trabalhos de Charles-Georges Le Roy (1684-1753) ganham notoriedade pelo seu esforço em fornecer descrições empíricas e abandonar um quadro metafísico do discurso sobre o comportamento animal. Em uma de suas *Lettres sur les animaux*, Le Roy descreve brevemente a jornada do cervo, nos parques de Versailles e de Marly, na França. Sua argumentação em *Letras sobre os Animais* sustenta que os animais pensam (tese 1), o que significa dizer que os animais não são autômatos (tese 2), o que implica que eles são perfectíveis (tese 3). Stoczkowski (2003) interroga o papel do conhecimento antropológico e a coerência da argumentação de Le Roy destacando que o que diferencia o animal do homem, nesta abordagem, é que os primeiros não teriam uma sociedade articulada necessariamente, suas articulações para caça ou sobrevivência

seriam determinadas pelas circunstâncias locais e temporais. Para Stoczkowski (2003:241), as conclusões que Le Roy tira dos animais parecem ser tributárias da imagem que ele fazia de homem em geral, e do homem selvagem em particular.

No mesmo período, Georges-Louis Leclerc, o Conde de Buffon (1707-1788), lança sua obra *L'histoire naturelle*, reforçando a participação do contexto geográfico na diversidade animal. Buffon comparou animais da Europa e América mostrando que esses animais eram diferentes pela sua localização geográfica, mesmo que em condições climáticas semelhantes. Em outras palavras, ele mostrou que uma especiação poderia ocorrer em uma área, por dispersão ou colonização.

As ideias de Le Roy e Buffon eram vanguardista porque até aquele momento a maior parte dos naturalistas supunham que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente, desde a visão aristotélica (380 a.c.) da natureza, adotada por Descartes.

No século XIX, a teoria que mais influenciou os estudos animais permitindo que eles adentrassem o campo da ciência, foi aquela desenvolvida por Charles Darwin. O naturalista britânico afirmou que as espécies não são eternas e imutáveis, elas evoluem. Assim ele lançou uma teoria para explicar a origem de novas espécies que apareceriam no mundo como o resultado da “descendência com modificação”. Este pensamento foi introduzido na comunidade científica através de uma idéia evolutiva de que o processo, irracional e mecânico, serviria como “seleção natural”. As principais obras de Darwin, *Origin of Species* (1859) e *The Ascent of Man* (1871), enfatizam o ambiente onde estão presentes as pressões seletivas em relação à

característica adaptativa, explicando, portanto, sua seleção. Assim o comportamento geneticamente determinado não é, para Darwin, sinônimo de comportamento inato, estereotipado ou imune a efeitos da experiência ou da aprendizagem, o que ele destaca é que no conceito de 'determinação genética' (Darwin, 2009) o ambiente não moldará o comportamento arbitrariamente uma vez que seus efeitos são guiados e filtrados por uma espécie de pré-organização do organismo. O principal problema, ou ponto fraco, da teoria de Darwin era a origem e a transmissão das variações que se verificam entre os indivíduos de uma mesma espécie.

Foi apenas em 1930 e 1940 que investigadores combinaram as ideias de Darwin com dados surgidos de genética, etologia e outros, tendo como resultado uma abordagem que foi chamada de Teoria Sintética da Evolução ou Neodarwinismo. O neodarwinismo combina as causas da variabilidade com a seleção natural (Waizbort, 2001), isto é, os estudos genéticos demonstraram que os fenótipos dos indivíduos resultam da ação do meio sobre os respectivos genótipos, assim, um genótipo é potencialmente capaz de originar uma multiplicidade de fenótipos os quais se podem concretizar se houver um ambiente necessário para as suas potencialidades se manifestarem. Antes de Darwin, acreditava-se que o “conhecimento” demonstrado pelos animais em seu comportamento inato havia sido implantado por Deus em cada animal. Com a teoria de Darwin apareceu também a noção de transmissão desse comportamento inato de uma geração para outra por meio da hereditariedade (Zuanon, 2007).

Influenciados pelos relatos sobre o comportamento animal apresentados por Darwin, os naturalistas estabeleceram um conjunto de metodologias científicas e propuseram uma ciência denominada Etologia ou a ciência que estuda o comportamento animal, sobretudo o comportamento não aprendido dos animais, o chamado instinto.

Lloyd Morgan (1852-1936), estabeleceu relações entre a abordagem subjetiva e abordagem objetiva no comportamento animal sendo uma das referências mais respeitadas, em etologia, como um dos pioneiros na moderna psicologia animal. No livro '*Habit and Instinct*' (1896), Morgan afirma que os instintos são comportamentos específicos de cada espécie e apresentam um processo de aprendizagem dentro do esquema “ensaio/erro”. Este esquema explica, por exemplo, a capacidade de um cachorro de abrir uma porteira sozinho: para Morgan, após inúmeras tentativas, o animal fará alguma ação capaz de abrir o portão.

O século XX foi marcado por pesquisas que visavam compreender o comportamento animal pelo *instinto*. Os etólogos Konrad Lorenz (1903-1989), Nikolaas Tinbergen (1907-1988) e Karl Von Frisch (1886-1982) ofereceram a fundamentação teórica do que estava se tornando a etologia, cujo marco de 1935, deu-se em decorrência da publicação da obra “O companheiro como fator no ambiente da ave”, por Konrad Lorenz. Neste trabalho, muitas de suas idéias já se achavam delineadas como o conceito de *imprinting* (*Prägnung*), que permite explicar os movimentos ditos *instintivos*, numa combinação de estímulos externos e biológicos (Zuanon, 2007).

Nesse momento da história da disciplina o conceito de instinto vinha sofrendo inúmeras discussões e os esforços concentraram-se na relação entre os instintos e a imprevisibilidade do comportamento (Bugart, 2002). Assim, em vista da teoria behaviorista adotada por zoólogos e fisiologistas mecanicistas no início do século XX, tentava combater a noção segundo a qual o reflexo inato ou condicionado era a unidade fundamental de todos os comportamentos complexos. Por outro lado, Conrad Lorenz (1965) procurou estabelecer as diferenças entre reflexos e padrão fixo de ação descrevendo a diferença entre reflexo e instinto, destacando que apenas o instinto é consumatório e, portanto, precedido de uma atividade apetitiva (apoiado nos estudos de Craig, 1918), enquanto que o reflexo requer um eliciador (aclarador) específico, com uma fase refratária e uma proporcionalidade entre resposta e estimulação. Assim, cada comportamento instintivo repousa sobre um automatismo mais ou menos rígido a qual ele chamou de “movimento instintivo” (Zuanon, 2007), que ocorre por vezes “no vácuo” ou por partes, depende do tempo transcorrido desde a última ocorrência. Se esse tempo entre o estímulo e a ação é longo, pode-se desencadear o movimento com uma estimulação mínima. Se, ao contrário, é breve, poderá ser necessário estimular o organismo fortemente para se obter, por vezes, apenas os primeiros movimentos da seqüência típica, ou, mesmo, não obtê-los (Zuanon, 2007). Em contrapartida, nada disso ocorre com o reflexo. Na prática, colocando juntos o estímulo-sinal e o padrão fixo de ação, Lorenz formulou o conceito de mecanismo desencadeador inato, isto é, o estímulo-sinal supostamente desencadeia o padrão fixo de ação por meio do mecanismo desencadeador inato,

deixando de haver a ação inibitória de centros nervosos superiores (Zuanon, 2007: 4, 13).

Essa teoria de Lorenz trouxe grande contribuição para o entendimento do conceito de instinto, embora não tenha recuperado o antigo conceito, reformulou-o, livrando-o das restrições feitas a seu emprego na ciência do comportamento pelos objetivistas, mecanicistas e behavioristas. A demonstração de que o padrão fixo é o núcleo da ação instintiva e corresponde ao acionamento de um mecanismo construído filogeneticamente permitiu estudá-lo de um outro ponto de vista que aquele dos objetivistas: como um misterioso poder de encaminhar um estímulo para um resultado futuro complexo e biologicamente útil .

A posição de Lorenz era também uma reação ao vitalismo¹⁰⁷, que teve seu maior representante na abordagem proposta pelo Jakob Von Uexküll. Jakob Von Uexküll foi uma das maiores influências de Lorenz (e de seu interlocutor Niko Tinbergen) através de sua premissa epistemológica que não era nem subjetivista (idealista) nem objetivista (positivista), mas o que atualmente chamamos de sistêmica. Originariamente sua teoria toma o animal como um 'sistema aberto' que, ao contrário do sistema fechado, interage com seu ambiente (Thure Von Uexküll, 2004). A partir dessa premissa Jakob Von Uexküll desenvolveu o conceito de “*umwelt específica da espécie*” - o segmento ambiental de um organismo, que é definido pelas capacidades específicas da espécie tanto receptoras quanto

¹⁰⁷ Postura filosófica ou doutrina, formulada por cientistas europeus no final do século XVIII e início do século XIX, definindo que o fenômeno biológico estaria sustentado por uma força vital, uma atualização da concepção grega (medieval) alma (Bugart, 2002: 19). No vitalismo os fenômenos relativos aos seres vivos (evolução, reprodução e desenvolvimento) seriam controlados por um impulso vital de natureza imaterial, diferente de forças físicas ou interações físico-químicas conhecidas.

proponentes, como Uexküll as definiu, “percepção” e “operação”. A definição de um processo sígnico para Uexküll e a relação com a percepção do tempo, neste processo difere de espécie para espécie e terão grande influência sobre a experiência do mundo externo (o automundo - *umwelt* - de cada espécie). A percepção (recepção e decodificação de signos) é definida como um “especificador semântico” (*meaning-specifier*) que refere-se a uma “utilização semântica” (*meaning-utilization*) a ser realizada no futuro:

Jakob von Uexküll definiu o termo “momento” como o intervalo de tempo em que a diferença entre antes e depois não existe ainda, e mediu sua extensão para o homem e para várias espécies animais: enquanto é 1/18 de segundo para o homem, o momento para o caracol é quatro vezes maior, e para o peixe-beta é três vezes menor. Disso podemos concluir que no automundo do caracol todos os movimentos ocorrem muito mais rapidamente (sob marcação de lapso temporal) do que para nós, enquanto que no do peixe-beta eles ocorrem muito mais devagar (Uexküll 1936, citado por Uexküll 2004).

Foi a partir disso que o biólogo alemão propôs um “Círculo Funcional” que serviria como um modelo sígnico para observar semioses biológicas, uma estrutura temporal e dinâmica de orientação, em um futuro aberto. A medição do momento é o que torna possível definir a unidade básica da duração do processo em sistemas vivos que recebem os signos de maneira específica, de acordo com seus auto mundos, diferenciados em cada espécie. Esses signos recebidos são também interpretados de um modo específico da espécie. De acordo com Uexküll (1934) essa teoria destaca a meta-posição do observador humano no processo, e justamente por isso, ela difere de outras teorias do signo que se referem aos processos sígnicos humanos sem refletir sobre o problema do antropomorfismo. Uexküll, diferentemente, descreve as relações entre os elementos do processo como

um “Círculo Funcional”, não para interpretar processos humanos, mas para o observador humano representar processos sîgnicos de animais, na perspectiva da observação empírica.

No “círculo funcional” o sujeito é um intérprete que recebe sinais do seu ambiente por meio de “órgãos perceptivos” (receptores), segundo a espécie biológica do intérprete (pássaro, peixe, mamífero, carrapato etc.) e dependendo de sua disposição individual, que serve como um interpretante (fome, sede, estimulação sexual etc. = necessidade, apetite ou disposição comportamental), os sinais ganham uma significação ao ser signo (Uexküll, 1934: 10). De modo a designar uma significação, o sinal é codificado como um “signo perceptivo” que - como um ser capaz de perceber - indica um “objeto” (comida, presa, parceiro sexual, etc.) ainda não percebido, ou indica uma qualidade que servirá como um ponto de referência apta à pista operacional de um comportamento adequado.

Em resumo, em etologia, a teoria do Umwelt de Jakob von Uexküll sugere, que o significado é concedido pelo organismo em seu ambiente. Na filosofia, e seguindo o exemplo de Von Uexküll, Martin Heidegger estabeleceu uma distinção nítida entre o animal 'captação' em sua Umwelt e a forma como o mundo é divulgado, ou se abriu, para os seres humanos (Ingold, 2011). A captação do animal, na abordagem de Heidegger, também implica um sentido de abertura, na medida em que sua vida se desenvolve tal como nos termos de Von Uexküll.

Esse sentido polifônicos implica em abordar a multiplicidade de causas envolvidas nos processos vitais (no sentido Ingoldiano, de que há muitas maneiras

de ser uma coisa ou um animal na vida) do ponto de vista dos procedimentos que os seres humanos e animais usam para coordenar as suas ações, pois questionam justamente os limites da coevolução entre homem e animal e se as 'prisões' da imaginação humana seriam capazes de constituir outras formas de ligar o humano ao animal.

O animal da TAA

A TAA como campo de pesquisa permitiu-nos desenvolver análises compreensíveis a partir da relação e dos fluxos ali presentes e nesta perspectiva, como afirma Descola, a questão de trabalho mais importante já não seria mais como objetivar sistemas fechados, mas sim explicar a própria diversidade dos processos de objetificação, esboçando noções para além do próprio objeto, mas de todos os conceitos que este objeto se conecte, como os processos de objetificação do animal e da prática da TAA, por exemplo.

Na terapia com animais o mais importante durante o momento terapêutico é que o paciente entre em contato com o animal de alguma maneira, de modo que o terapeuta humano esforçar-se-á para que este contato aconteça de maneira ótima. Isto quer dizer, também, que o contato entre o paciente e o animal é regulado através de uma série de fatores que dizem respeito ao comportamento do animal, ao comportamento do paciente e ao local onde acontece a terapia e justamente por

esses motivos que o terapeuta-humano estará mediando a ação entre paciente e animal, para que a TAA se desenvolva.

O animais, neste caso, são constantemente colocados numa posição de sujeito, desde a denominação que lhes é atribuída: **co-terapêutas, terapêutas, cão-terapeutas** ou **pet-terapeutas**.

A palavra **terapeuta** vem do grego *θεραπευτής* - *therapeutes* - formado pela palavra *θεραπεία* - *therapeía* (cuidar, aliviar, atender) mais o sufixo *τής* – *tes/ta*; e significa aquele que cuida de alguém, que serve a alguém doente para cuidar de seu corpo; a palavra refere-se, sobretudo, ao cuidado da saúde física. Esse sufixo *ta* denota uma agentividade nominal, ou seja, aquele ser que faz/exerce uma ação em direção à alguém ou à alguma coisa. Em termos morfossintáticos o sufixo deixa subentendido a 'voz ativa' da oração, na qual a ênfase recai na ação verbal praticada pelo sujeito. Na TAA temos um animal na posição de 'agente da ativa' em relação ao paciente, pois será ele que exercerá a ação, sendo o paciente o 'agente da passiva' – aquele que sofre a ação exercida pelo sujeito - é o paciente.

Desse modo, pode-se afirmar os animais da TAA são, pelo menos semanticamente, colocados numa posição de sujeito, na medida em que intervêm no momento terapêutico conferindo sentido a diversas ações. A intervenção animal é regulada por um sistema domesticatório (Digard, 1999) próprio da TAA, que apóia-se numa espécie de 'animalidade mitigada', mas não totalmente negligenciada. Minha experiência de campo permite destacar que os conhecimento proposto pela etologia moderna, que inclui os animais nos processos sociais e reafirma suas características animais, está a influenciar a TAA de modo crescente.

O estudo do comportamento do animal na TAA, caminha passo-a-passo com o desenvolvimento da TAA como técnica, uma vez que a interlocução entre os terapeutas e os profissionais do comportamento animal, conduzem à ideia de que o animal tem suas especificidades e que essas particularidades não são necessariamente humanas. Isso é sustentado por todo um campo de estudos do comportamento animal, vindo do lado dos veterinários que se engajam no estudo das TAA. A discussão sobre a humanização dos animais na TAA tem feito com que os terapeutas mudem o modo de apresentação dos animais. De acordo com Vinicius Ribeiro, da TAC, de São Paulo: *“meus animais não usam lacinho, perfume ou coisas que os façam parecer pessoas, o que temos que fazer é conhecer os sinais dos animais, saber a hora em que estão cansados e essa é também a hora de terminar a sessão”* (Relato de campo, 17 de setembro de 2012).

Foi durante um encontro de psicologia¹⁰⁸, realizado no Instituto de Psicologia da UNIFESP, em Santos, São Paulo, que percebi o enorme apelo para que os animais sejam antropomorfizados o mínimo possível, nas sessões. Minha participação se deu a convite de meu interlocutor Vinicius Ribeiro que ministraria um minicurso sobre TAA e, foi nesta ocasião que conheci o trabalho de Carolina Rocha (USP), uma médica veterinária que desenvolve trabalho sobre a seleção de animais para TAA e sobre o comportamento dos cães nas interações da terapia. Carolina destaca em sua abordagem que a humanização dos animais pode ser extremamente prejudicial se a relação se caracteriza como uma espécie de

¹⁰⁸ Site do evento: <http://semanadepsicologiausp2012.blogspot.com.br/p/mini-cursos.html> ou <http://semanadepsicologiausp2012.blogspot.com.br/p/mini-cursos.html>

exploração, isto é, quando um dos entes têm prejuízos físicos ou psicológicos na interação.

Os estudiosos do comportamento animal que se ocupam em pensar o lugar destes entes na TAA (Serpell, 2010; Chandler, 2005) , destacam que o prejuízo para o animal está ligado ao nível de stress a que ele é submetido. Isto nos remete ao que destaca Von Uesküll, pois, o meio passa a adquirir qualidades semiológicas e, com elas, se aprofunda a consideração da relação entre percepção e comportamento. Assim, a significação do sinal dado pelo animal, como um ser capaz de perceber e indicar uma qualidade, servirá como um ponto de referência apta à pista operacional de um comportamento dele próprio, ou do outro, em resposta ao sinal dado.

Na TAA os veterinários destacam que os sinais emitidos pelos animais devem ser considerados pelo homem, para continuar ou encerrar a sessão, neste caso, é o animal que indicará o tempo da sessão que terá fim se o animal emitir sinais de cansaço. Mas quais são os sinais a serem considerados? Eles são de diversos níveis de comunicação como os sons emitidos, as expressões faciais, a postura física e determinadas ações como sentar, deitar fugir, esconder-se ou lambe os lábios insistentemente. Nesta perspectiva, a negligência ou a imperícia em reconhecer os 'sinais' dos animais são os principais motivos pelos quais a codificação do “signo perceptivo” é falha, na TAA, por parte dos humanos.

Os sinais também dizem respeito ao estado psicológico do animal como: bem/mal, feliz/triste. Como destaca Manuel Heredia, sobre a etologia de Uesküll, “não nos encontramos com forças físicas abstratas, senão com signos concretos (sons,

odores, cores, qualidades, etc), já não descrevemos relação entre seres vivos como competência e luta, mas associações entre viventes” (Heredia, 2011: 74). Para além disso, Uexküll (1934: 21) afirma que os animais, obviamente não possuem a mesma relação que o homem com seus objetos, mas eles são sujeitos ativos, espontâneos, que exprimem ações independentes.

Esta capacidade de apreender signos e emití-los em conjunto com operações, apresentam o animal como um sujeito ativo que, através de suas avaliações, se desenvolve no mundo através de suas relações vitais. Essas premissas guiam as instruções que são destinadas aos terapeutas de TAA no sentido de respeitar o repertório operacional do animal e de cada espécie em particular. São consideradas situações práticas como o transporte (o animal está acostumado ao transporte em caixa?), aos cuidados de higiene (ele está acostumado a tomar tantos banhos?), ao tipo de interação que é considerada como muito complexa (ele está acostumado a interagir com um grande número de pessoas em que cada um difere do outro?), ao profissional que se liga ao animal para trabalhar (quem vai zelar pelo bem-estar do animal durante a sessão? O profissional tem o conhecimento suficiente sobre o animal para lhe garantir tal bem estar?).

Os manuais de TAA trazem, atualmente, uma ou duas sessões falando sobre o adestramento e seleção dos animais, assim como algumas premissas básicas do desenvolvimento animal. Segundo esses materiais é fundamental que o terapeuta humano tenha conhecimento destes sinais para colocar o animal em repouso ou finalizar a sessão terapêutica. Alguns sinais típicos de estresse em cães incluem (Delta Society, 2004: 91-92; Chandler, 2005: 60):

Agitação (física)
Ofegante e salivando
Pupilas dilatadas
Piscar excessivamente
Suando através das almofadas dos pés
Inquietação, distração, agitação
Falta de contato com os olhos
Bocejando
Cair excessivamente
Vocalização excessiva
Lamber os lábios
Esconder-se (atrás do terapeuta)
Fugindo
Tentando sair
Necessidade de comandos repetidos
Defecar ou urinar de maneira imprópria.

De acordo com os manuais de TAA cada um destes sinais de comportamento podem ser vistos, dependendo do contexto do ambiente, como sinais de estresse. Os sinais elencados acima referem-se aos cães, mas muitas vezes eles são associados ao comportamento de outros animais, como os pássaros, por exemplo. Em minha experiência acompanhando a TAA, presenciei situações em que Karina, ao chegar no local de desenvolvimento da terapia, via-se 'obrigada' a voltar para casa e trocar o animal, pois aquele escolhido não apresentava-se em condições de realizar a terapia, por uma questão comportamental. Esse foi o caso do papagaio

Oliva, então com 3 meses de idade, que chegando no Solar Anita Garibaldi, não só negava-se a interagir com as pessoas, como estava muito agitado tentando voar para todos os lados. Nesse dia, voltamos à casa de Karina para escolher um outro animal, desta vez a calopsita Ozzy que, já experiente na terapia, permitiu o desenvolvimento da sessão (Diário de campo, 28 de dezembro de 2012).

Assim, outros típicos sinais de estresse para outros animais que frequentemente trabalham com terapia incluem (Delta Society, 2004: 91-92; Chandler, 2005: 60-61):

Gatos:

Inquietação, distração, agitação

Agarrar-se ao dono

Passividade Incomum

Vocalizações defensivas

Queda excessiva

Pupilas dilatadas

Coelhos:

Corpo tenso, com a cauda para cima

Olhos ampliados mostrando a parte branca

Orelhas para trás contraídas

Rosnar ou guinchos

Recuando quando tocado

Respiração rápida

Lambendo os lábios
Falta de interesse
Penas eriçadas
Falta de desejo de socializar
Aumento de eliminação de urina ou fezes
Aumento bicadas
Olhando para fora
Vocalização anormal

Esses sinais, embora sejam definições estandardizadas pelo homem, são baseados em estudos do comportamento animal dentro das premissas da etologia, descritas no início deste capítulo: dentro de um quadro comportamental característico de cada espécie e dentro de uma capacidade perceptiva do homem também com capacidades em acordo com a sua espécies (uma vez que sabemos de todas as limitações humanas em apreender a comunicação animal).

O que podemos afirmar sobre a TAA, é que a representação do animal, neste contexto, não parece ser aquela antropomorfizada idéia de ter um 'filhinho', nem o animal parece ser visto como um parente, nem como um humano, mas como um animal singular, para usar o termo de Dominique Lestel (2004). A sensibilidade sobre suas necessidades e suas capacidades é modificada, não questionando sua capacidade de interação com os humanos (mantida no nível da incerteza, mesmo para os etólogos), mas afirmando os limites e potencialidades de um ser-sujeito dentro de seu mundo particular. Temos a legitimação por parte dos humanos, de um

ser vivo em seu entorno, rodeado de inúmeros signos em conjunto com outro signos representados e simbolizados pelos humanos, que o desinibem, que o predisõem a executar ações.

De acordo com minhas observações de campo, os animais da TAA não comportam-se da mesma forma com todos os pacientes. É bem verdade que o adestramento do animal contribui para que seu comportamento docilizado seja constante e os eventos que escapam à regra sejam raros, entretanto, quando o animal atua conforme o esperado pelo profissional: trocado carinho e deixando-se manipular pelo humano, a relação humano-animal ganha a mesma simetria, que quando ele demonstra sua 'animalidade' porque os profissionais humanos de TAA, estão ali, também, para afirmar o animal como animal e, não como humano.

Assim, aos animais não são atribuídas somente disposições humanas, como status de pessoa (por metonímia, ou ainda, pela animalidade mitigada pela humanidade), com emoções e habilidades para falar (os ruídos dos animais são significados como falas tanto pelo profissional quanto pelos usuários) e atributos sociais, tais como hierarquia de posições (o animal é terapeuta ou co-terapeuta) ou comportamentos baseados no parentesco (o animal é um 'irmão', ou foi 'gente' na outra vida); mas também toda uma gama de códigos que fazem sentido na hora da interação, tais como: 1) reconhecer seus sinais próprios (que não são os mesmos dos humanos); 2) articular os sinais com suas necessidades vitais que os suscitam; 3) esboçar o conjunto de ações com as quais o animal se liga ao mundo, isto é, captar e mostrar ao paciente o conjunto de hábitos que o definem no espaço e o ritmo de sua capacidade associativa.

O exemplo a seguir mostra de maneira simples esta sequência, que se desenvolveu entre Karina, Firula (coelho) e Dona Benê, no Solar Anita Garibaldi, dia 07 de junho de 2012:

Firula está tranquila no colo de senhora Benê, quando esta questiona Karina:

B: A firula é castrada?

K: Sim, Benê. Ela é castrada porque assim ela fica mais calma para vocês pegarem no colo, senão eu não castraria.

B: Ela não gosta muito de gente. Em casa ela dorme onde? Tem casinha?

K: Tem! Ela tem um armário velho que é dela. Ela já roeu todo o armário, como os coelhos fazem.. tu sabe né Benê que os coelhos roem tudo.

B: Mas ela tem filhinho?

K: Não!

B: Há mas, dá pra fazer um casamento!

K: Casamento não dá né Benê, casamento é pra gente, mas daria pra fazer um acasalamento se ela não fosse castrada.

B: Quantos bichos tu tem?

K: Oito! Cinco cachorros, um coelho, uma calopsita e um papagaio. E talvez tenha mais um porque eu vou me mudar pra uma casa e lá terei mais espaço.

B: Ah! Eu sei a calopsita, me lembro dela! É o passarinho amarelo! Eu vou contar uma coisa: lá fora eu tinha um tourinho brabo que começava a se botar na mangueira. Um dia eu fui pro campo e levei três espigas de milho no avental. Ài eu fui para perto dele e ofereci a primeira espiga, ele aceitou. Dei a segunda, dei a terceira. Passei a corda no pescoço e levei pra casa.

K: Isso foi uma maneira de tu te comunicar com ele.

B: Sim! E teve a cobra! Chamam a mulher de cobra... mas uma vez eu vi uma cobrinha verde, ela ia fugindo e eu falei: - espera aí cobrinha! Ela não me esperou, vai ver que não entendeu.

Assim, através de diálogos como este, eu percebia que, havendo oportunidade de marcar as características do animal de acordo com sua espécie ou raça, Karina o fazia. Também percebi essa atitude em Vinicius Ribeiro do projeto TAC de São Paulo, em Marcelo Monteiro do projeto Animallia e no trabalho de Ceres Faraco. Eles não se cansavam em marcar as características e o comportamento do animal como diferenças, para exigir um tipo de respeito aos devires animal. Por outro lado, as semelhanças entre homem e animal não são negadas, até porque, no que tange à expressão de sentimentos (feliz/triste/medo, etc) elas são claramente perceptíveis, o que não se considera como um total antropomorfismo. Vejamos um outro exemplo ocorrido no Casa Geriátrica Menino Deus, em 28 de março de 2013:

Chegamos na Casa Copacabana eu, Karina e a coelha Firula e na sala de estar, ao entrar, escutamos:

O que ela trouxe hj?

Meu deus, mas que bicho é esse? É um gato?"

Ah meu deus, lá vem ela com um coelho hoje!!!

Já na chegada, naquela sala lotada, rapidamente estabelecemos uma conversa coletiva sobre mordidas e ataques de cães. Isso porque eu questiono a Mariane (uma senhora que não gosta de bichos, mas não se exime de participar da terapia) o motivo pelo qual ela não gosta:

- Uma vez eu fui mordida por um cachorro na rua. Ele não era grande, mas depois disso eu tenho medo.

Karina pergunta:

Quem já foi mordido por um animal?

Na esteira deste comentário, uma das senhoras comenta que todos os animais são bons. Karina questiona o grupo:

mas todos os animais são bons?

Algumas vovozinhas dizem que não! Que alguns animais são selvagens. A isso questionamos:

mas ser selvagem é ruim? Será que isso não é natural dos animais, inclusive dos homens?

As senhoras pensam e concordam que a selvageria é natural dos animais e que eles não são maus essencialmente, mas que alguns, para se defender, atacam os outros. Eu e Karina concordamos com a conclusão e seguimos a terapia.

Através destas intervenções do terapeuta e da construção da noção de que o animal tem suas particularidades a TAA vai se constituindo enquanto relação interespecífica, como uma relação híbrida (Lestel, 2004) onde a participação do animal é fundamental para o desenvolvimento das interações. Desse modo, se a relação entre humanos e animais ganha um status terapêutico, interessa-nos pensar não exatamente qual tipo de comunicação ocorre, mas objetivá-la de modo a observar o que fazem os animais e os homens para que essa interação seja denominada como tal. No quadro das ações que mostrei no capítulo III tentei esquematizar uma espécie de coordenação de ações/sinais – entre humanos e animais, de acordo com o modo como sessão terapêutica se desenvolve, dentro de um tempo preciso e de performances bem coordenadas entre os entes que participam.

Nesse sentido, podemos considerar que, semanticamente e pragmaticamente, os animais da TAA são agentes capazes de propor, capazes de fazer alguém fazer algo, embora, como afirmado anteriormente, eles não ocupem o lugar de ativos o tempo inteiro. Os humanos constantemente agenciam o animal e sendo agenciados por ele numa engrenagem mais ou menos organizada.

O animal da TAA é participativo e os profissionais e pacientes, como mostrei no quadro das ações do capítulo III, o compreendem e significam dentro do que

afirma Lestel (2001: 21) que “a inteligência animal não é uma inteligência humana *menos evoluída*, que aquela do homem, mas simplesmente uma inteligência *diferente*”. Esse animal da TAA é, também, muito diferente do animal falante dos estudos que tentam ensinar (a chimpanzés), palavras e nomes das coisas, pois sabemos que mesmo que eles consigam verbalizar algo semelhante à sonoridade da palavra, esta é para os animais uma palavra morta, sem significado (como os surdos costumam argumentar sobre o intuito de fazê-los falar – a cultura falante não é a mesma cultura dos surdos porque as palavras faladas para eles não têm sentido, assim o é para os animais) (Lestel, 1996, 2004)¹⁰⁹.

Aos animais da TAA são atribuídos pensamentos e falas, principalmente aos pássaros que cantam ou 'cochicham' no ouvido dos pacientes, mas esta representação é processada pelos pacientes com total consciência de que o animal emite um som que quer dizer algo, mas eles não sabem o que ele quis dizer exatamente, o que eles admitem é que existe a troca de alguma comunicação. A interioridade dos animais, para os humanos envolvidos na TAA, não tem um nome definido, ela pode ser a alma do animal, de um anjo ou de uma pessoa encarnada no animal: os animais “*são boas almas*”, sobretudo os que participam da TAA, “*gostam muito dos humanos e estão ali para ajudar*” (registro de campo, Geriatria Copacabana, 27 de abril de 2012). Ainda, não é possível, na TAA, fazer uma analogia entre as relações de parentesco consangüíneo e aquelas desenvolvidas com os animais, pois, quando eu escutava que “*eles [os animais] são nossos irmãos*” (registro de campo, solar Anita Garibaldi, 12 de abril de 2012), essa

¹⁰⁹ O paleontólogo Stephen J. Gould (Gould, *La vie est belle*, Paris, Éd. Du Seuil, 1992), trata da animalidade dos dinossauros que estariam num outro registro diferente do atual entendimento de animalidade).

referência leva a pensar em uma irmandade no sentido de comunhão ou associação afetiva entre eles. Essa irmandade não parece se referir, necessariamente, a uma ideia religiosa (que seríamos todos filhos do mesmo pai/criador), mas sim, à uma semelhança de sentimentos e necessidades enquanto seres que habitam o mesmo mundo. Assim, essa alma a que se referem meus interlocutores não parece ser exatamente uma alma humana, eles não seriam humanos encarnados em animais, mas sim almas animais, com sentimentos de animais, com necessidades de animais.

Nesse sentido, a relação entre o animal da TAA e os humanos que ali estão interagindo, não parece ser o desenho exato de um naturalismo ocidental, embora não seja caracterizada como um animismo, mesmo que aos animais sejam atribuídos, muitas vezes status de pessoa. Também não se enquadra nos quadro analítico do totemismo. O analogismo poderia ser muito interessante se na sua conceituação não estivesse dado que os animais envolvidos não mantenham contato direto com os humanos, já que na TAA a interação física é um axioma evidente.

Desse modo o animal da TAA está muito próximo em status, do animal da cultura, sustentado pela abordagem de Lestel que tentou mostrar como os animais se apropriam diferentemente da natureza. Os estudos que mostram esse envolvimento particular referem-se, por exemplo, aos chimpanzés (animais do Senegal, Tanzânia e Guiné) que fazem largo uso de ferramentas para matar os animais, pescar, coçar-se, chamar a atenção dos outros macacos, pescar...). Esses 'utensílios domésticos' variam de acordo com a região, o tipo de utilização, o tipo de

material disponível no ambiente e o tipo de animal que o manipula, assim como nas comunidades do animal-homem, onde notamos diferenças entre os utensílios usados para um mesmo fim, nos diferentes grupos sociais.

A noção de animalidade, tal como entendida atualmente, não distingue somente uma classe de entidades, mas também as relações que são estabelecidas com outras classes de seres. A questão posta para estudiosos que se preocupam com o termo 'animalidade', como Lestel (2007) e Ingold (1999), é que o termo marca uma diferença entre o homem (que seria desprovido de tal animalidade desde de sua condição humana) e os outros animais. Para Lestel (2007: 6), a animalidade não constitui somente uma opção que remete às relações do homem com o animal, “ela se refere também as relações do animal à máquina e oscila entre a questão do estatuto do ser vivo e aquele estatuto do humano” (Lestel 2007:17).

Com Ingold (1999), pode-se compreender que aquilo que respondemos por humanidade repousa em grande parte na negação da animalidade, tratada sempre como uma deficiência de tudo aquilo que nós, humanos, supostamente temos, tal a linguagem, a razão, ou a consciência moral (Ingold, 1999). Nos termos de Ingold, atribuiríamos aos animais uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencialista, cujas pequenas diferenças resultariam, dentro de uma gama possível de variabilidade, ou de pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos: “os animais não-humanos, para nós, seriam naturalmente biológicos, enquanto que os humanos seriam biológicos e algo a mais (Ingold, 1998: 07).

De acordo com Lestel o debate atual sobre a animalidade segue, ainda, uma via contrária em que se considera a “maquinalização” do homem e a “humanização”

do animal e a divisão entre *animal máquina* e *animal sofredor*, como os pilares da discussão elaborada no século XX (Lestel, 2001: 36). Quanto ao homem, que é um animal de cultura, o que não somente o distingue dos outros animais, é também aquele de onde saiu a animalidade, uma visão correlata ao modo de ver o animal como um robô, cuja programação e forma de vida seriam programadas previamente *a priori*.

Essas são as perspectivas da maior parte dos estudos de cunho biológico para tentar afirmar como o homem saiu da animalidade, ou como a animalidade saiu do homem, ou como o homem veio a ser tornar humano. Na antropologia contemporânea essa questão é tratada como uma relação híbrida (Latour, 2001; Lestel, 2001) que promove a emergência de “sujeitos viventes” considerando o modo de associação entre os entes o que permite compreender como um autêntico sujeito emergente da animalidade Lestel (2001, 2004).

Na TAA a animalidade é um conceito que está sendo ressignificado pela consideração da capacidade agentiva do animal, desde sua animalidade própria. O animal da TAA nem sempre acolhe as demandas humanas de comportamento e por vezes 'escapa' à regra do adestramento, 'animalizando-se' nos momentos mais inesperados, obrigando o terapeuta humano a ressignificar a relação terapêutica, não pela semelhança dos entes baseada na docilidade e afeto, mas pela diferença, marcando o comportamento do animal como característico de sua espécie. São aquelas situações em que o terapeuta animal intervém através das manifestações inesperadas do animal, como: seguir outro animal, latir ou negar-se a interagir

(Registros de Caderno de Campo). É bem verdade que o poder de decisão do animal é uma questão normalmente antropomorfizada, ou seja, as análises tendem a considerar que foi o homem quem permitiu que tal ação acontecesse (como e Ferret, 2012), nesse caso o poder de decisão entre homem e animal não é recíproco, e em última análise, é sempre o homem que decide quem tem o direito de fazer. O que percebi na TAA é que o *poder de iniciativa* é justificado como uma aparente *ruptura* (Lestel, 2004: 29) na relação com o humano, o que no limite pode até eliminar fisicamente o animal (se ele atacar o humano poderá ser excluído do quadro da TAA), do contexto.

Na TAA, as iniciativas do animal são toleradas dentro de um quadro bastantes restrito no que tange ao risco que os humanos sofrerão, o que permite pensar que a humanização dos animais na TAA não apareceria quando os pacientes falam com os animais, ou quando eles mesmos respondem às suas próprias perguntas, como se fossem os animais que respondessem, mas essa humanização aparece, sobretudo, quando os responsáveis demandam do animal uma postura moralizada frente aos humanos. Essa demanda moral desponta quando os terapeutas tomam todas as medidas para que alguns animais não façam suas necessidades fisiológicas no meio das crianças ou idosos; ou quando eles demandam um comportamento amigável mesmo nas mais extremas situações de estresse, como se o animal devesse seguir as regras morais criadas pelos humanos, para os humanos.

A questão, portanto, seria pensar onde essa mistura de humanidade e animalidade pode ser situada ou como ela pode ser administrada por discursos tanto

pertencentes ao campo da saúde, ao campo da etologia e à realidade da TAA. A questão posta não é simples, mesmo porque a própria noção de humanidade é ambígua e sustenta disciplinas como a própria antropologia, que funda-se numa discussão com diversas conclusões acerca do velho dualismo natureza-cultura.

Nesse sentido, na medida em que intervêm no momento terapêutico conferindo sentido a diversas ações, o animal, mesmo que sua atuação seja regulada por uma 'doma' própria da TAA, encontra-se no que entendi como uma espécie de animalidade resgatada e ressignificada, justamente pela participação cada vez mais intensa de especialistas no comportamento animal. Essa forma de ser um animal da TAA é perpassada por uma mitigação de sinais de selvageria (este termo entendido no contexto, como agressividade), e a reafirmação e construção de uma ideia sobre o que é ser animal.

Considerações finais

Descartes era da opinião de que tal é o abismo entre os seres humanos e os animais que o comportamento destes últimos somente poderiam ser explicados em termos puramente mecânicos, pois a humanidade seria possuidora de uma faculdade de 'criatividade', irreduzível à mecânica, como reveladora de uma linguagem particular. No contexto dos estudos da linguagem a capacidade discursiva do homem é um dos mais fortes argumentos para que ele seja considerado distinto de outros animais (Goodwin, 1988).

De acordo com Goodwin existem dois dualismos fundamentais no campo da biologia: entre genótipo e fenótipo, e entre organismo e ambiente. O problema do fenótipo resolve-se quando aceitamos que sua definição está 'dentro' do fenótipo e isso é especificamente tratado quando o DNA é mapeado a fim de observar quais, quando e onde determinadas moléculas são encontradas, ou seja, como se dá a organização do 'código', afinal, em termos bioquímicos um organismo é composto de nada mais que moléculas. Assim o problema do conteúdo como determinante da forma acaba por tomar um lugar menos importante quando consideramos que algumas espécies apresentam um conteúdo molecular aparentemente muito parecido, mas morfológica e comportamental bastante diferentes, esse é o caso dos humanos e dos chimpanzés que são muito similares no conteúdo de seus DNA.

Assim se considerarmos nossa simetria naturalista, e se temos a mesma fisicalidade, os animais não poderão ser considerados como seres inanimados,

embora o pensamento moderno ainda os dedique um lugar de passivos receptores programados para determinadas atividades como se o seu código genético limitasse o modo de “animação” de espécie não-humana. Ao contrário disso, tentei mostrar que os modernos trabalhos em etnologia, zoologia e veterinária se unem a teorias que destacam não somente a importância do ambiente na caracterização das espécies, mas também que os animais são capazes de desenvolver uma interação ativa e criativa entre eles e a natureza que os rodeia, incluindo o homem.

Do lado da antropologia, o trabalho de etnólogos como Philippe Descola, Viveiros de Castro, Tim Ingold, Eduardo Khon, entre outros seguidores de um pensamento que visa questionar as fronteiras modernas entre natureza e cultura e tocam na esfera cognitiva da organização do pensamento dos grupos sociais, são reveladores. Mas trabalhos que questionam essa fronteira na relação entre humanos e animais em nossa cultura moderna, são fundamentais para mostrar que o pensamento cartesiano não pode ser considerado como a única possibilidade analítico-epistemológica para os trabalhos em antropologia.

No contexto da TAA, considera-se que o status de animal e de homem sofreriam um deslocamento para o caráter relacional que define os dois seres como seres do mundo em que se ligam, na medida em que o engajamento (Ingold, 2000) entre eles organizaria o pensamento de um em relação a presença do outro e em relação com o contexto. O animal transitaria por diferentes status e estaria, portanto, numa encruzilhada conceitual como sujeito anímico de uma ontologia naturalista. Seria uma noção muito próxima de um Perspectivismo ocidental moderno, como apontou Bernardo Lewgoy.

Finalmente esta análise em desenvolvimento teve a pretensão de colocar em perspectiva analítica o papel do animal enquanto sujeito na relação com o homem, na TAA. Compreendendo assim, que o conhecimento antropológico é sobretudo contextual e o que objeto nos oferece condições para, em instâncias específicas, falar um idioma particular mesmo que inserido em uma ontologia predominante.

Capítulo V
Relações no Interior da TAA

Introdução

Até aqui tentei mostrar algumas pistas analíticas que venho desenvolvendo sobre a relação terapêutica da TAA com maior ênfase no papel do animal e como ele poderia ser localizado: desde a percepção de que ele é um ente dotado de agência e intencionalidade específicas que são construídas em relação ao contexto do cuidado da saúde humana. Junto disso, julgo imperativo pensarmos mais um pouco sobre a relação entre os termos do sistema terapêutico, o paciente, o terapeuta humano e o terapeuta animal.

Para tanto, trarei neste capítulo algumas descrições sobre o efeito da terapia, desde os usuários e desde os terapeutas com o intuito de pensarmos a eficácia terapêutica e o tipo de relação que se estabelece entre os termos do sistema. Indubitavelmente, os projetos de TAA que já visitei estruturam a sessão terapêutica em torno do animal, ou melhor, da relação humano-animal visto que as atitudes do animal são acionadas constantemente como dispositivo para uma concomitante e reflexiva intervenção humana, do terapeuta humano ou do paciente.

Pode-se perceber que a sessão terapêutica da TAA se estrutura através de representações sobre o animal e da capacidade comunicativa que se apresenta entre eles, uma vez que o próprio terapeuta humano se apoiará no produto da comunicação entre o animal e o paciente. Esses animais são sujeitos de experiência, seres dotados de intencionalidade e emocionalidade, muito mais do que objetos da percepção e uso humano. As implicações subjetivas nos humanos, da

ação dos animais, nos permitem dialogar acerca da diversidade com que a subjetividade existe no reino animal e a maneira como essa subjetividade, de cada espécie, difere para os outros (humanos). Isso é pensar em diferentes formas de como os seres se engajam no mundo, considerando que ambos, humanos e animais, têm potenciais mundos a compartilhar.

Consideramos que a cultura, como diferentes formas observáveis de 'viver o mundo', como destacou Philippe Descola, é justamente considerar como legítimas as expressões de certos esquemas cognitivos adquiridos que estruturam e fazem reconhecer humanos e não-humanos em determinadas posições de significado e de capacidade comunicacional. Na psicologia cognitiva uma das principais assertivas é que todos estamos equipados para adquirir variados tipos de esquemas cognitivos, mas adquirimos alguns como dominantes e outros como subsidiários que nos auxiliam a viver as experiências. A contribuição do trabalho de Philippe Descola para além da estruturação objetiva de possíveis esquemas, é a preocupação em explicar como estes esquemas poderiam coexistir. A partir desta perspectiva, a prática da TAA, pode ser objetivada no sentido de descrevermos a articulação dos *sistemas de posições* (status)¹¹⁰, os quais serão abordados a partir de toda a descrição do papel do animal que foi levantado nos capítulos anteriores deste trabalho, e de *sistemas de relações*, analisados a partir das respostas humanas em direção aos animais da TAA e do que os pacientes e terapeutas falam sobre a

¹¹⁰ *Status* aqui considerado como uma categoria de atribuição de posições socialmente definidas em relação a outra pessoa ou instituição. *Papel* é conjunto de atitudes e comportamentos que se espera dos ocupantes de determinados status. Referências a respeito podem ser encontradas em um muito oportuno estudo de Roberto Cardoso de Oliveira: "Identidade étnica, identificação e manipulação", um dos capítulos de seu livro *Identidade, Etnia e Estrutura Social* publicado em 1976.

terapia. Assim o status e o tipo de relação entre os termos estará regido pelos princípios rígidos de direitos e deveres para os elementos participantes da relação em jogo, que foram anteriormente descritos (capítulos II, III e IV). Dessa forma, entendo a TAA como um tipo de relação entre ocupantes de posições sociais, entre personagens que doam sentido a esta prática que acionará a agência de um animal para produzir uma técnica de cuidado humano.

Relações estabelecidas na TAA

A TAA estabelece uma relação específica em seu ambiente pois a hierarquia dos animais parece não estar calcada nos graus de evolução biológica dos seres ou sobre características humanas, necessariamente, mas sobre a variação nos modos de comunicação entre eles que permite a expressão de sensibilidades e qualidades distribuídas diferentemente nas diversas espécies que participam da prática. Isto pode ser observado na interação entre as espécies que expressam uma predisposição de ambas as partes, humanos e animais, a comunicarem-se estabelecendo uma relação reflexiva. Para o homem haveria a necessidade de uma espécie de 'crença' na capacidade comunicacional do animal porque daí parece originar-se a eficácia da agência animal; ao animal igualmente se esperaria a mesma predisposição para interação com o homem, daí a centralidade do cão, do cavalo (no caso da Equoterapia), de alguns pássaros ou do golfinho (golfinoterapia), e menos frequentemente de coelhos, peixes, ratos e demais animais que são usados nas TAA.

Neste caso o ambiente torna-se fundamental para que a relação seja legítima e o papel de cada participante seja construído e sustentado para que a prática tenha sentido. Se seguirmos a perspectiva ecológica de Tim Ingold é possível compreender a sessão terapêutica em dois âmbitos, certamente relacionados. O primeiro trata de considerar o engajamento entre os entes a partir da relação do homem com a outra espécie animal por ele manipulada e a relação social ali estabelecida e; o segundo diz respeito ao engajamento dos atores com o ambiente

nos quais se encontram, o ambiente onde a atividade se realiza (clínica, hospital, caps, casa geriátrica, etc.).

Com tal esquema analítico, destaco que a TAA conserva uma relação onde os dois seres interagem trocando ações, um afetando o outro; ela conserva um estado de comunicação que se mantém, mais ou menos como destaca Latour (2004: 211) que “na simetria entre humanos e não-humanos, mantém-se constante a série de competências e propriedades que os agentes podem permutar sobrepondo-se um ao outro”. No caso da TAA essa simetria é mantida enquanto o animal se comporta de maneira dócil e também quando os atos de imprevisibilidade acontecem porque, o advir animal é parte subjacente à própria noção de que esse animal-terapeuta possui sua intencionalidade. A troca de substâncias (subjetivas) e de ações determinará os modos como os entes se identificam ou se diferenciam perpassando por momentos de docilidade e momentos de tensão caso o animal demonstre irritação ou desconforto.

A integração das contribuições das ciências cognitivas em autores como Descola (2005, 2006) orienta a atenção em direção aos processos psíquicos e cognitivos que participam das organizações sociais e estruturam a formação das identidades dos sujeitos inscritos em uma ordem simbólica e política. Descola lança a ideia de que a maneira de estruturar a experiência do mundo e do outro nas diferentes culturas e épocas é regida por processos cognitivos. Ela ocorre em duas modalidades operadas e assumidas por todos os membros de um coletivo: por um lado, a identificação pela qual são colocadas as diferenças e semelhanças entre si e os outros – humanos e não humanos- com base na imputação de uma interioridade

(estado de consciência, alma etc.) e de uma fisicalidade (materialidade, corporeidade), como abordei no capítulo IV; por outro lado, a relação definidora de laços estabelecidos entre os existentes, baseados seja em sua equivalência – a troca, o dom - seja sobre sua dependência – a produção, a proteção, a transmissão. Essa caracterização a partir de um funcionamento cognitivo que remete a uma interioridade, senão a uma subjetividade, permite estabelecer modelos de organização de relações sociais em espaços sociais definidos.

Com isso, de acordo com os modos de identificação dos quais nos fala Descola (2005), como grandes esquemas que organizam a vida dos coletivos, teremos dois eixos verticais: a simetria e o englobamento. Eles são organizados segundo as características que os humanos revelam sobre os seres do mundo, sobre a ideia de que possuem propriedades físicas e espirituais das pessoas. As continuidades ou descontinuidades são, como afirma Descola (2005:321) “de uma amplitude desigual e são instituídas entre as entidades do mundo, os reagrupamentos sobre a base da identidade e da semelhança são evidentes, as fronteiras emergem dividindo as diferentes categorias de seres em regimes de existência separados”¹¹¹.

Os esquemas de relação não são imperativos categóricos inscritos na arquitetura do espírito humano, mas devemos lhes considerar como propriedades objetivadas da vida coletiva, as quais se incorporam nos dispositivos mentais, afetivos e sensório-motores por meio dos quais os comportamentos se estabelecem como formas distintivas de interação. Aqui é preciso frisar, junto a Descola (2005),

¹¹¹ Tradução minha.

que nenhum destes esquemas da prática governa sozinho um *ethos* coletivo, pois cada um deles constitui mais um horizonte ético, um tipo normativo que nos diferencia de outro estilo normativo. No quadro abaixo pode-se observar a distribuição das relações segundo o tipo de relação entre os termos conforme a proposição de Descola (2005:456).

Quadro 10: Relações entre os termos

Relação de similaridade entre termos equivalentes.		Relação de conexão entre termos não equivalentes.	
Simetria	<i>Troca</i>	<i>Produção</i>	Conexão genética
Assimetria negativa	<i>Predação</i>	<i>Proteção</i>	Conexão espacial
Assimetria Positiva	<i>Dom</i>	<i>Transmissão</i>	Conexão temporal

As relações cujos termos não são equivalentes têm como componente basal a exploração e a dominação (que aparecerá na troca = salários x trabalho). Com isso, podemos considerar o fluxo da troca (dos objetos trocados e menos as causas ou obrigações inerentes a isso), e então torna-se possível vislumbrar essas categorias, como classes de fenômenos diferentes (Descola, 2005). São esquemas de relação bem mais abrangentes que a simples troca física de objetos ou coisas.

Ora, se o animal da TAA é um animal que por sua vontade própria aceita o trabalho de terapeuta e, se ele tem o direito de não querer trabalhar, ou se a sessão terapêutica termina quando ele demonstra sinais de cansaço, não seria plausível assumirmos que aqui há uma relação de dominação e exploração. Ela parece indicar mais uma equivalência entre o terapeuta humano o paciente e o animal, que

uma exploração do animal como uma ferramenta, como já argumentamos em vários momentos nesta tese.

Assim, será entre predação, dom e troca que tentarei localizar a relação estabelecida na TAA, considerando o movimento da coisa trocada, como negativo, positivo e equilibrado, respectivamente. Na TAA observamos que a coisa trocada diz respeito a 'algo' que o animal oferece ao doente (amor, carinho, bem estar ou ganhos físicos e fisiológicos), mas não sua identidade; enquanto isso, entre o terapeuta e animal há, sim, um compartilhamento de identidades desde a associação entre eles. Os animais da TAA, em relação aos pacientes, são terapeutas, e não espelhos que definem uma identidade social, como os animais da cinofilia, por exemplo.

Desse modo, entre paciente e animal, posto que é o animal que oferece algo a um paciente que encontra-se em déficit com sua integridade física e mental, podemos pensar no *Dom* como um dos esquemas relacionais que compõem este sistema terapêutico. O ato de doação, de dar, ou se dar à outro, se ocupar do outro, o proteger, produzir cuidado para o outro, ou se colocar à sua disposição, são ações inerentes à sociabilidade que acontece entre animais e homens em diversos contextos, e na TAA essa é uma das relações que estruturam o sistema.

De modo semelhante, entre terapeuta e animal, posto que ambos entes se desenvolvem como sujeitos e suas identidades são uma espécie de corolário da relação, vemos mais uma *troca* que esquematiza o processo agetivo entre eles. Nesse caso, receber o outro e trocar com ele, pode ser também o ato de se

apropriar mutuamente do outro. Certamente essas relações são postas em prática nos mais variados contextos e o que me faz recorrer a esta categorização é pensar em como as competências animais e as competências humanas podem entrar em ressonância, na TAA.

Mas, uma vez que a TAA envolve diferentes posições de sujeito não em duo, mas em trio, parece que outros fatores poderão coadunar e reforçar os laços entre os termos. Para Ingold, o sistema de relações entre homens e animais baseado na confiança teria como pressuposto o sistema de confiança entre os humanos, e este esquema seria transferido para a natureza; esse tipo de relação teria sido transformada pouco-a-pouco em uma relação de dominação. Na TAA vemos uma sorte de resgate desta relação homem-animal dentro de um registro de confiança. Esse é um traço do sistema porque podemos situá-lo tanto entre o terapeuta e o animal, quanto entre o paciente e o animal, e entre o paciente e o terapeuta. Inversão que parte de uma espécie de confiança que os homens depositam nos animais como seres bondosos, seres que não fazem diferença entre doentes e saudáveis, negros ou brancos, heterossexuais ou homossexuais, homens, mulheres ou crianças. Os animais da TAA seriam particularmente dispostos a ajudar os humanos sem incorrer no erro de tomar as pessoas, que recebem a terapia, como deficientes sociais, uma marca que assola o indivíduo que encontra-se na situação de enfermo ou de residente de um espaço de saúde. A noção de estigma proposta por Goffman (1982:6) nos ajudará a entender o lugar social dos pacientes que recebem a TAA:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Os animais são desprovidos de estigma. Essa é uma noção sustentada por diversos discursos atuais e não estão necessariamente ligados à uma animalidade cartesiana, nem à completa mitigação da humanidade (Ingold) no sentido de desprover os animais de uma ética; mas isso mostra que, no que tange à ética própria do animal, se podemos assim dizer, os estereótipos e o preconceito, nos animais da TAA, não estariam presentes. Isto porque eles são animais especiais, que tem um 'pendor' para ajudar os humanos doentes, ideia que parte tanto dos pacientes quanto dos terapeutas. Assim, atuando junto dos animais, os terapeutas humanos conseguiriam desenvolver uma relação mais 'produtiva' com alguns pacientes, através das sensações que são despertadas desde a participação deste outro ser. E essas sensações têm a ver com confiança depositada (entre eles) que é desenvolvida desde uma troca comunicacional que superaria os limites das moralidades humanas.

Relação entre o paciente e o animal

Foucault explica que a animalidade na idade clássica perdeu seu indício de *além*, da vida medieval e, agora, figura-se como a loucura do homem encerrando ele em si mesmo em um estado natural. Nas palavras de Foucault (1971), a animalidade despoja o que há de humano no homem, chegando a estabelecê-lo no grau zero de sua própria natureza

“A animalidade escapou à domesticação pelos valores e pelos símbolos humanos; e se ela agora fascina o homem com sua desordem, seu furor, sua riqueza de monstruosas impossibilidades, é ela quem desvenda a raiva obscura, a loucura estéril que reside no coração dos homens” (Foucault 197: 25-26).

Mesmo assim, essa animalidade chegava a *protegê-lo* contra o que poderia existir de frágil, precário e doentio no e do próprio homem:

A solidez animal da loucura, e essa espessura que ela toma emprestado do mundo cego do animal, endurece o louco contra a fome, o calor, o frio e a dor. É notório, até o final do século XVIII que os loucos podem suportar indefinidamente as misérias da existência. Inútil protegê-los: não é necessário nem cobri-los, nem aquecê-los (Foucault 197:151).

É bem verdade que na TAA, a animalidade representa esse lado obscuro da doença ou do homem, e não é por acaso que a terapia funciona especialmente nos casos de doença mental ou de perdas cognitivas. Mas a animalidade que se vê exposta através da TAA não termina aqui. Essa animalidade é também uma espécie de alegria e bem estar compartilhados entre humanos e animais, uma substância

positiva que seria compartilhada entre os dois seres e que o homem tem condições de reviver, junto deste animal. O princípio do método da TAA leva em conta a capacidade do animal em evocar emoções e expressões comunicativas no ser humano através de uma ligação 'empática' entre o homem e o animal, com o reforço de laços afetivos, processos de identificação (comparação, semelhança e diferenciação) e analogia de interioridades. Nesta relação o animal sairia de uma posição eminentemente objetual para sujeito de comunicação e intervenção, pois, ao ser significado com capacidades terapêuticas é também, agente transformador. Relembramos que esta técnica pode trazer os seguintes benefícios ao paciente:

“Animal-assisted therapy includes deliberately planned pedagogic, psychological and socially integrative interventions with animals for children, youths, adults and senior citizens with cognitive, social-emotional and motoric disabilities, and behavioural problems, and for focused support. It also includes health-promoting, preventive and rehabilitative measures” (Esaat-European Society for Animal Assisted Therapy, 2015).

“Animal-assisted therapy is based on the relationship and process structure within a triangular relationship between the client, animal and therapist. Animal-assisted therapy involves methods by which clients interact with animals, communicate via animals or are active for animals. Implementation is goal-oriented and based on a clear process and topic orientation taking into account animal-ethical principles with subsequent documentation and professional well-founded considerations” (Delta Society, 2015).

“Physiological Effects: After visits, patients exhibited lower systolic pulmonary artery pressure, pulmonary capillary wedge pressure, neurohormone levels, and state anxiety. AAT was associated with lowered temperature, slowed respiratory rate, matched breathing between the child/therapy dog, and reduced pain all physiological changes that indicate a relaxation response.

Psychological Effects: Reater perceptions of happiness perhaps attributable to excitement in anticipation of the animal's visit. A predominant emotional benefit reported by pediatric and adult patients was relief or distraction from their pain/situation.

Social Effects: For adults, social benefits included bridging communication, providing company late at night, and connecting with and touching the outside world. Additionally, both children and adults perceived that AAT not only

normalized the hospital environment, but humanized the ICU environment for adult patients awaiting cardiac transplantation” (Halm, 2008: 373).

O que percebe-se existir, de antemão, é um discurso que expõe a ação do animal como participativa no processo terapêutico, através da troca com os humanos. Como falamos anteriormente, basta que o animal esteja no recinto para os humanos se ocuparem dele, uma vez que um animal dentro de um ambiente hospitalar ainda é motivo de curiosidade, interesse ou medo. Aos que não participavam das sessões, quando questionados sobre o porquê de não interagirem, respondiam que não gostavam de animais porque em algum momento de suas vidas passaram por uma situação em que a intencionalidade do animal não lhes foi agradável (o cão que atacou e mordeu o tornozelo, o papagaio que bicou e quase tirou um pedaço do dedo, o cavalo que disparou e derrubou o cavaleiro que quase morreu). São raros os que não querem ou não veem sentido na TAA, mas aqueles que não desejam participar da sessão, têm histórias que falam de uma 'negativa ação' que os faz 'perder a confiança' nos animais, e isso demonstra para essas pessoas, que os animais agem por vontade própria e que nem sempre é uma ação positiva para com o homem. Assim, em casos onde o sujeito é privado de laços sociais, assim como os casos de autismo descritos por Boris Levinson (considerando-se as diferenças fundamentais e estruturais entre o isolamento autista e o isolamento provocado pelo manicômio), parece já bem estabelecida uma indiscutível eficácia da TAA.

Com relação ao espaço do hospital ou da clínica, em especial o manicômio (ou casa geriátricas, centros psiquiátricos, etc), suas características institucionais

oferecem um ambiente cujo conceito de Instituição Total¹¹² de Goffman, nos é pertinente:

“Uma *instituição total* pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. As prisões servem como exemplo claro disso, desde que consideremos que o aspecto característico de prisões pode ser encontrado em instituições cujos participantes não se comportaram de forma ilegal” (Goffman, 1961: 16).

A classificação de algumas instituições em *totais*, tem uso analítico e nos oferece uma definição puramente denotativa da categoria como um ponto de partida concreto. De acordo com Goffman (1961) as instituições totais promovem algo diferente de uma aculturação ou de uma assimilação, pois elas não substituem algo já formado na cultura do indivíduo. As mudanças culturais estão mais ligadas ao afastamento de algumas oportunidades de comportamento, a sensação de fracasso para acompanhar as mudanças sociais recentes (no mundo externo). Isso tem a ver com o tempo que o internado fica na instituição e caso essa estada seja muito longa,

¹¹² De acordo com Goffman, as instituições totais de nossa sociedade podem ser enumeradas em cinco agrupamentos: “Em primeiro lugar, há instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. Em segundo lugar, há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não-intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escalas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias de empregados). Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros claustros” (Goffman, 1987: 16-17).

ele sofre uma espécie de 'acultramento' ou 'destreino' que o tornam temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos da sua vida diária (Goffman, 1961).

O enclausuramento da loucura em hospitais psiquiátricos, também possibilitou que esta se tornasse objeto de estudo, de saber e de poder (Foucault, 2004). No século XVIII “o hospital constituía uma espécie de aparelhagem complexa que devia ao mesmo tempo fazer aparecer e produzir realmente a doença” (Foucault, 2002, p.119). Na prática psiquiátrica, algumas características são agrupadas para determinar um diagnóstico patológico que distingue entre o “normal” e o “anormal”; entre o “sadio” e o “doentio”. O poder-saber que emerge através da objetificação da loucura age de forma a estruturar determinados processos de subjetivação; saber, esse, que também não é estático e passa por reformulações, retroalimentado pelas práticas sociais. Classificações diagnósticas são revistas¹¹³, e comportamentos, e sintomas que ora eram considerados doentes, deixam de sê-lo. Obviamente, o contrário também se aplica.

No caso relatado abaixo, Silvia é uma senhora de 73 anos, residente há vinte anos no hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, sem nunca sair de suas dependências, devido ao grande temor que a rua lhe oferece. Suspeita-se que ela tenha a Síndrome de Tourette, uma doença neurológica cuja pessoa sofre de "tiques", os dela, são de repetir a última frase gaguejando em voz alta. O trabalho da

¹¹³ Duas classificações diagnósticas psiquiátricas merecem destaque: o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) publicado pela Associação Psiquiátrica Americana que está na sua quarta edição (DSM IV); e a CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) publicada pela Organização Mundial da Saúde que está na sua décima edição (CID 10).

TAA, com esta senhora, teve como objetivo diminuir a 'auto-reclusão' em que Silvia se encontrava pois, negava-se a sair da Unidade onde mora para o pátio do hospital. De acordo com Karina, o vínculo de Silvia com a Calopsita Ozzy parece ter sido um dos motivos pelos quais ela 'aceitou' romper com esta forma de protesto.

“Cheguei no hospital psiquiátrico e como de costume fui fazer a sessão de pet terapia. Durante a sessão fui surpreendida por um grito de Silvia exclamando:

- Eu vou morrer daqui dois anos!

Eu olhei para ela e assim começou o diálogo:

- Tu vai morrer? Por que tu diz isso?

- Porque todo mundo vai morrer mas Deus vem me buscar! Ele vem até aqui só pra me buscar! Ele vai me levar pra um mundo muito melhor que esse aqui!

- Hummm. Que bacana Silvia! Que bom isso! Então enquanto Deus não vem te buscar porque tu não vai lá fora apreciar um pouco a natureza que Ele deixou pra ti aqui nesse mundo e levar o Ozzy (calopsita) para passear?

- Mas eu vou cair no chão! Eu caio!

- Mas se tu cair, vai ser só um tombinho! Ai tu levanta de novo e continua levando o Ozzy pra dar uma volta e aproveitar esse dia de sol tão lindo e essa natureza aqui que Deus deixou pra gente cuidar!

- Então me ajuda a levantar!

Te ajudo sim! Uuuuupa! Vamos?

Vamos!

Essa cena segue-se com as duas caminhando pelo São Pedro, com o Ozzy. Ele cantando no ombro de Silvia que segurava forte a mão de Karina, sem nunca cair. O trio passou algumas semanas passeando nos jardins do hospital e entre ataques de pânico e crises de ansiedade, Silvia não desistiu, nem Karina, nem Ozzy. Karina ressalta que Ozzy não trabalhou sozinho, porque Phantom e Firula também estiveram com Silvia (Entrevista dia 18 de dezembro de 1012).

De acordo com o que a etnografia pode mostrar é relevante considerar que a posição da pessoa atendida, em geral, com problemas de saúde cujo o estigma é bastante evidente, a sensibilizaria para uma troca com o mundo e com a natureza de modo mais amplo, enxergando ou considerando sinais e sujeitos que dantes, ou em outros espaços não seriam terapêuticos. O estatuto de 'doente' parece justificar a intervenção do animal, pois a experiência do adoecimento ou de um lugar estigmatizado oferece uma sensibilização psicossocial específica (Goffman, 1961). Além disso, as cores, o cheiro, a textura do pelo, das penas, o som que os animais emitem e tudo que faz dos animais seres únicos, são uma quebra simbólica na conformação do hospital que, como destaca Foucault (1972:456) é um espetáculo deprimente que todos encaram como o “templo da morte”.

A melancolia do espetáculo que o envolve, os contágios diversos, o afastamento de tudo o que lhe é caro agravam o sofrimento dos pacientes, e acabam por suscitar doenças que não se poderiam encontrar espontaneamente na natureza porque são como que criações próprias do hospital [...] Assim como o internamento acaba sendo criador de pobreza, o hospital é criador de doenças. O lugar natural da cura não é o hospital, é a família, pelo menos o meio imediato do doente.

Mas outras são as situações em que a TAA é recomendada, para além dos muros dos hospitais, são os casos de fobia a animais. A palavra fobia deriva de *Phobos*, deusa grega do medo, é o medo transformado em patologia, focalizada em objetos ou situações que podem ser consideradas inofensivas por algumas pessoas, mas para outras existe um persistente medo, considerado como 'irracional' pelos pacientes. Dessa forma, a distinção entre o medo e a fobia não é quantitativa e sim

qualitativa, pois a ansiedade acompanhante promove alterações psicológicas, comportamentais e neuroquímicas próprias. De acordo com o DSM V, a angústia seria a ansiedade acompanhada por manifestações corporais, como sensação de constrição torácica, aperto na garganta, dispnéia, tonturas, palpitações, tremores e náuseas (quando esse quadro é particularmente intenso e acompanhado por despersonalização, medo de morrer ou enlouquecer, adota-se o termo pânico). Existe uma variedade enorme de fobias específicas diferentes e o DSM-V estabelece cinco subtipos:

- Tipo Animal (ex: zoofobia, aracnofobia, etc.)
- Tipo ambiente natural (ex: alturas, tempestades, água, etc.)
- Tipo sangue-injeções-Ferimentos
- Tipo situacional (ex: aviões, elevadores, lugares fechados, etc.)
- Outros tipos (ex: engasgamento, vômito, doenças, ruídos altos, etc)

Certo dia acompanhei Karina a um evento, promovido pela Royal Canin, no parque Germânia, em Porto Alegre e, lá, tive a oportunidade de conhecer Ana, ex-paciente de Karina. Ela me relatou sua trajetória na tentativa de curar-se da fobia a animais que lhe acometia desde muito jovem e foi somente com a ajuda de um animal, que Ana pode fazer uma negociação entre o pavor e o fascínio que os animais a despertavam.

“isso estava me atrapalhando demais [a fobia a animais], aos domingos não ia a parques por ter muitos cachorros, se eu tivesse alguma janta na casa de alguém que ainda não conhecia, sempre perguntava se tinha algum animal e se tivesse, se tinha como prender, não tendo como, deixava de ir... Eu comecei a fazer academia, e acredito que uma das únicas em Porto Alegre onde a dona tinha um cachorro, um Golden, ele ficava sempre na frente e todos os alunos o adoram. Era muito complicado, pois sempre alguém tinha que segurar o cachorro, e se não tivesse alguém eu não entrava e ia para

casa. O dono da academia que me apresentou a Karina, a minha pet terapeuta, e eu resolvi começar o tratamento.

O tratamento começou no consultório, primeiro sem animais para entender o meu grau de intensidade da fobia, e meu histórico, fazendo algumas técnicas de respiração e outras técnicas comportamentais para entender como eu funciono. Após isso, comecei o contato com os animais, o primeiro foi um coelho. Estabelecemos em cada sessão uma meta e avaliávamos o nível de ansiedade em cada passo que eu dava. Cada sessão foi evoluindo e me aproximando dos animais. As sessões aconteciam, no meu caso, uma vez por semana e trabalhei com coelho e quatro cachorros.

*A pet terapia é muito intensa e trabalha com a **dessensibilização** muito mais rápido do que outras técnicas, pelo menos no meu caso. Antes da pet terapia já tinha feito terapia normal, também fiz algumas sessões de PNL, mas não tive sucesso. Na pet terapia cada sessão é uma evolução, porque o enfrentamento com o medo é muito grande, então o resultado acaba acontecendo muito mais rápido.*

E é bem bacana perceber as mudanças no teu comportamento e visão da tua fobia. No início o primeiro cachorro que comecei a trabalhar era super pequeno, mas na minha cabeça era enorme. Aos poucos tu vai percebendo que o pensamento que tu tinha era totalmente disfuncional com a realidade. Eu comecei o tratamento em setembro de 2011 e em março já estava em contato direto com os animais. Mas isso eu acho que depende de cada paciente.

A Pet Terapia mudou a minha vida. Comecei a enxergá-la de um jeito diferente e muito melhor. Superei um obstáculo que eu muitas vezes achei que não conseguiria encarar. E ela serve não somente para o medo dos animais, que era o meu caso, mas para todos os aspectos da tua vida. Eu indicaria e muito para todos os que tem principalmente o medo de animais, para não esperarem que nem eu 25 anos para resolver este problema. O mais importante é a pessoa querer. Neste caso já é 50% do caminho andado. Dando este primeiro passo, o restante o profissional te ajuda a alcançar os outros 50... Agradeço e muito a Karina por ter me ajudado nessa conquista". (Registro de caderno de campo, dia 18 de dezembro de 2012).

O relato acima é de uma paciente que foi tratada em sessões particulares, no consultório. Karina me relata que Ana sempre teve medo dos animais, principalmente de cachorros: *"Ela não podia pensar neles chegando perto dela. Quando se deparava com eles, perdia o controle, se estava na rua atravessava sem olhar, se fosse dentro de casa pulava em cima das coisas e entrava em pânico"* (Registro de caderno de campo dia 18 de dezembro de 2012).

A *dessensibilização* de que nos fala Ana, faz parte do modo como os terapeutas significam a TAA enquanto prática terapeuta legítima, e o modo como os arranjos entre homem e animal, tanto para o paciente em particular como para o animal, em relação ao mundo, são reforçados pelo terapeuta. Temos na TAA um verdadeiro processo de ressignificação do animal cuja alteração da percepção do paciente em relação a ele, parte de uma relação de confiança resgatada. O paciente uma vez sabendo que aquele animal está ali como 'co-terapeuta', atua ou comporta-se como se a ação do animal em direção a ele (o paciente) estivesse sempre carregada de cuidado, como se o animal ali se doasse para aquele sujeito doente sem nada exigir em troca.

Figura 39: Solar Anita Garibaldi, março de 2013. Pet Terapia Porto Alegre, Cachorra Faith.

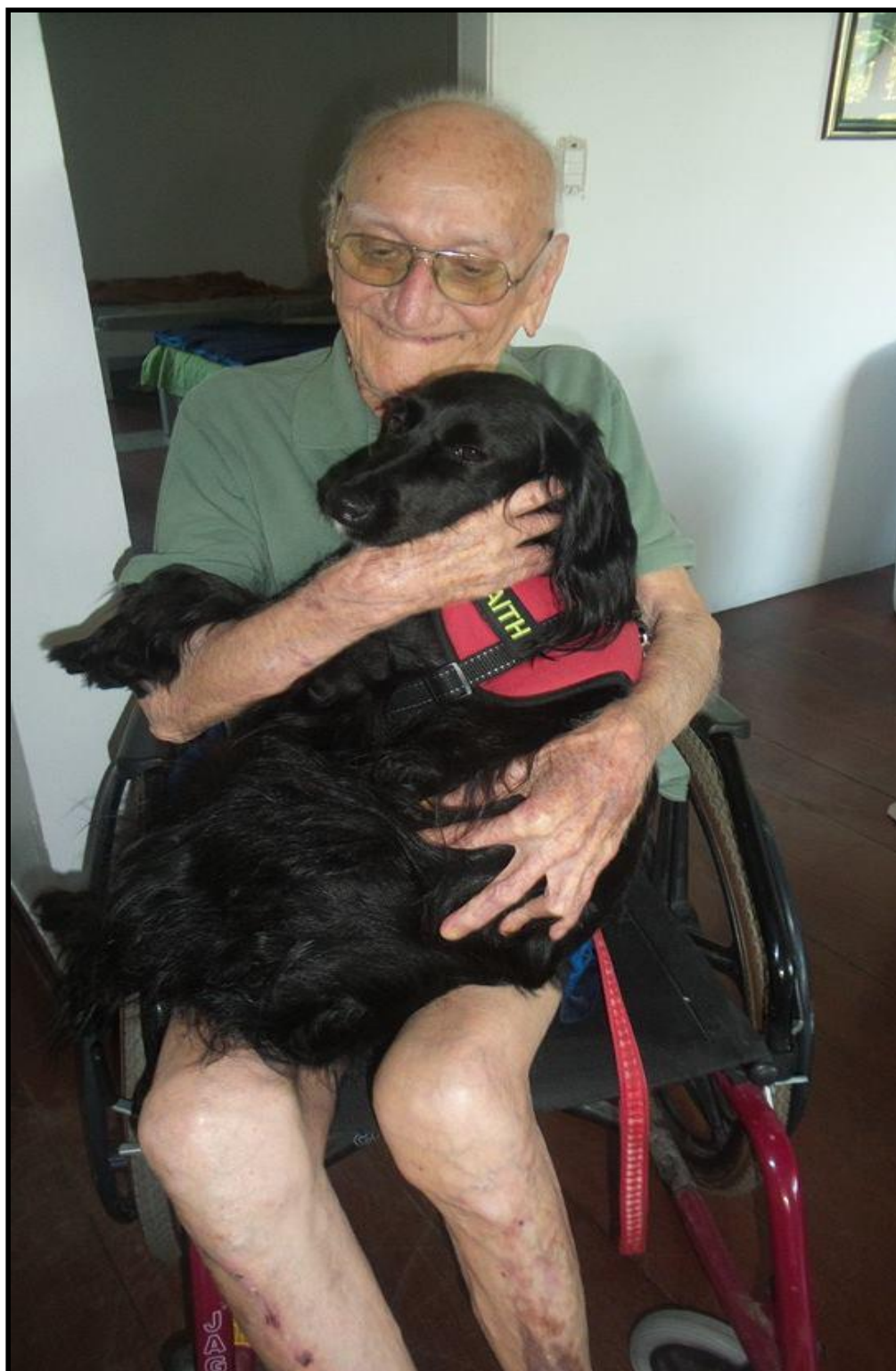


Foto: Pet Terapia

Figura 40: Geriatria Copacabana. Novembro de 2012. Pet Terapia, Porto Alegre, Coelho Firula



Foto: Pet Terapia

Figura 41: Projeto Inaata, São Paulo. Foto do arquivo do informante.



Foto: INAATA

A relação entre o terapeuta e o animal

O par terapeuta humano e terapeuta animal refletem de modo mais explícito a associação interespecífica a que me refiro como título da tese. As relações de similaridade como a troca (entre terapeuta e animal) e o dom (entre animal e paciente) envolvem as pessoas os animais, e se refletem na compreensão de suas capacidades particulares, disposições e identidades, se desdobrando em ações sociais intencionais. Assim, em vez de considerar o terapeuta humano e o terapeuta animal como dois seres que se desenvolvem separadamente no contexto da TAA me associo às proposições de Ingold para pensá-los a partir do organismo que se forma na união interespecífica, uma vez que os entes vivem juntos e se desenvolvem conjuntamente exercendo ações e práticas como “organismos-pessoas” (Ingold 2002), híbridos como a simbiótica combinação entre terapeuta humano e terapeuta animal, no ambiente da TAA. O termo organismo foi utilizado por Ingold, como mera conveniência, e esta noção será substituída, em sua obra “Uma breve historia das linhas”, trabalho de 2007, pelo conceito de *wayfarer*. De acordo com o autor, para melhor habitar este mundo é preciso considerar que os sujeitos se tornam “itinerantes”¹¹⁴ e passar a perceber o mundo como constituído de linhas.

¹¹⁴ Tradução minha para o português desde o inglês *wayfarer* e do francês, *itinérant*.

Na perspectiva de Ingold torna-se indispensável considerarmos os atores como “wayfarers”, pois, esta noção sugere, de antemão, a incorporação de experiências de vivência desencadeantes de um “nascido contínuo do mundo” (Ingold, 2011), em que os entes são incluídos no ambiente sendo suas habilidades e práticas influenciadas por ele e, ao mesmo tempo, modificando o contexto.

Se o engajamento é o modo onde surgem individualidades (INGOLD, 2002) a TAA é prática onde as individualidades dali originárias, são plurais, híbridas, pois dependem de dois seres, como a própria categoria de terapeuta de TAA. O humano terapeuta de TAA, somente o será, na interação com o animal que lhe completa a atuação, que lhe confere sentido nas frases e atos, que lhe oferece possibilidades de explorar emoções e lembranças que doutra forma talvez não viessem à tona. Todos os sujeitos e instituições da TAA são fruto do engajamento entre humanos e não humanos interagindo em um ambiente que também interage com eles. O engajamento proposto pelo antropólogo inglês não refere-se somente a união entre dois seres vivos mas, principalmente, considera seu desenvolvimento em relação ao ambiente onde a atividade se realiza.

Assim, na *dwelling perspective*, será indispensável haver existência de um *wayfarer* onde a própria individualidade, humana ou animal, emerge dentro do desenvolvimento deste ente em seu ambiente, no qual organismo e ambiente são também biológicos e não eminentemente fruto de processo de socialização, um esquema construído na prática. Interessante perceber que a relação entre organismo e ambiente é uma propriedade emergente do processo de

desenvolvimento da história, de modo que o desenvolvimento do organismo é também o desenvolvimento de um ambiente para o organismo.

Neste sentido, o engajamento entre os atores e o ambiente é o modo pelo qual surgem as individualidades, como: pet-terapeuta, co-terapeuta, terapeuta de TAA, pacientes de TAA em articulação com as demais instituições que fazem deste ramo um espaço específico da relação entre homens e animais.

Os profissionais que a desenvolvem são originários de diversos ramos profissionais, sobretudo, do campo da saúde: Karina Schutz é psicóloga, Alexandre Monteiro é psicólogo, Vinicius Ribeiro é fisioterapeuta; mas Roberta e Alessandra, coordenadoras do projeto Pêlo Próximo, são jornalistas. O que vemos é que os animais estão ligados, não a vários humanos, mas a referentes. Esses referentes são, normalmente, os proponentes de origem dos projetos: profissionais motivados por experiências e trocas associativas com animais que tiveram a iniciativa pessoal de se associar a um animal para sua prática profissional (Michalon, 2013). Depois que a terapia com animais está estabelecida nos espaços de saúde, parece que ela já não está diretamente ligada ao enorme esforço de seus proponentes (que como vimos apresentam projetos e tentam adentrar o campo da saúde pelos mais diversos caminhos), mas a uma iniciativa da instituição. Isto acontece pois, uma vez que a terapia é bem acolhida pelos pacientes que se mostram beneficiados pela prática, a TAA acaba por ser usada como uma espécie de propaganda do local, como se os diretores do hospital ou clínica tivessem ido atrás desta terapia, quando na realidade são os profissionais que correm para cima e para baixo buscando espaços de trabalho. Assim, depois de iniciada a prática da TAA nas instituições, estes locais

tendem a tomá-la como símbolo de (humanização) preocupação com o bem-estar de seus pacientes/clientes.

Nesse trânsito, meus interlocutores formam uma equipe de trabalho em prol da pet terapia, o humano e os animais juntos. Karina Schutz, que foi a informante que mais acompanhei, trabalha junto de Faith, a cachorra preta que já me referi diversas vezes nesta tese, uma vira-lata acolhida da rua, que ocupa o posto de melhor pet terapeuta de Karina. Igualmente muito atuantes são a calopsita australiana Ozzy que “com beijinhos consegue arrancar sorrisos até dos mais deprimidos” (registro de caderno de campo) sendo o animal mais solicitado pelos idosos e o pastor branco Phantom, um cão grande e imponente que frequentemente amedronta os pacientes pelo porte, mas é extremamente dócil. O projeto Pet terapia e Pêlo Próximo são conduzidos por pessoas que seguem a doutrina espírita Kardecista e, sua crença nestes pressupostos permite-lhes que por vezes, refiram-se aos animais como “*almas bondosas que voltaram à terra para cuidar dos humanos*”, assim como afirmem que “*nem todos os animais podem ser usados para a terapia, mas tem alguns que parecem enviados divinos, são diferentes, são especiais*” (relato Roberta, Pêlo Próximo). Ao encontro com a noção de que o animal da TAA seria um ser diferenciado, Karina, considera Faith (uma cadela adotada da rua), como uma alma enviada por Deus, tanto que seu nome (Fé) alude a essa crença. Acompanhando esses parceiros na terapia eu percebi que as características físicas deles animais são relevantes ao trabalho desenvolvido porque cada um deles oferece diferentes possibilidades de intervenção terapêutica. Somado às características dos animais e as possibilidades de intervenção que partem dos

animais, os terapeutas têm uma predileção pelos preceitos da Terapia Cognitivo Comportamental – TCC. A TCC trabalha com um foco bem definido que toma o

“diagnóstico como referencial para que o animal seja posicionado no processo. O *“animal dentro da TCC é considerado um ‘ativador do comportamento’, nem que tu não trabalhe mais com o animal depois, mas é preciso utilizar o animal para fazer a comunicação inicial, é o animal que faz o trabalho inicial”* (Entrevista de Karina, dia 21 de junho, 2013).

Figura 42: Os terapeutas Karina Schutz e Ozzy com Ana Lu Accorsi e Tabata.



Foto: Ivana Teixeira

Figura 43: Vinicius Ribeiro, TAC, São Paulo.



Foto: TAC

O sistema terapêutico da TAA

No que diz respeito ao surgimento da TAA como tecnologia de cuidado, passado mais de um século dos primeiros registros, ela é hoje uma prática terapêutica em vias de estabelecer-se onde se originou: no ambiente de hospitais-internatos onde os pacientes são desprovidos de laços sociais básicos, comuns à maioria dos sujeitos ditos sadios. O hospital como uma instituição fechada é um aparato relativamente novo como tecnologia médica, sendo somente a partir do final do século XVIII que torna-se instrumento de intervenção sobre a doença e sobre pessoas doentes (Foucault, 2006).

A TAA, enquanto tecnologia de cuidado, se adapta perfeitamente aos preceitos da Reforma Sanitária e da Reforma Psiquiátrica (Amarante, 1992), pois estas propostas abrangem processos de mudanças de legislações, teorias, políticas e práticas de assistência, com o objetivo de variar as técnicas terapêuticas para além da medicação, exercendo, com isso, uma forte crítica ao processo de internação de pacientes e da medicalização da vida (Illich, 1975; Gaudenzi e Ortega, 2012). Dentro deste movimento reformador do sistema de atendimento em saúde, há também um grande apelo para que outros atores sociais entrem em contato com os doentes, além dos médicos e enfermeiros, são aclamados outros profissionais, como artistas plásticos, educadores físicos, músicos, terapeutas ocupacionais e demais áreas que poderiam oferecer 'oficinas terapêuticas' (Palombini, 2012) como parte do projeto terapêutico de cada paciente. Dentre esses novos atores os animais, sob o

amparo de movimentos em defesa dos animais, dos benefícios fisiológicos ocorridos desde a interação interespecífica e do afeto trocado entre homem e animal, são perfeitos terapeutas.

A TAA contribui, ainda, com o preceito de que se deve levar o paciente para espaços fora dos muros dos hospitais (Amarante 1992), sobretudo os manicômios, movimentos estes que são bastante estimulados desde a ideia de que o animal gosta de estar livre, fora dos espaços fechados, sendo sempre um bom argumento para tirar os pacientes de seus quartos ou até mesmo do próprio hospital ou clínica. As mudanças que vêm acontecendo na atenção em saúde, não surgiram de maneira revolucionária, de uma hora para outra. O cuidado em saúde mental, assim como qualquer prática social, está sujeito a constantes reformulações, seja pelo surgimento de novas tecnologias ou por mudanças paradigmáticas que norteiam o olhar sobre o mundo.

Os manuais de TAA, quando justificam a ação animal sobre o doente, afirmam que isso se dá pelo reconhecimento da agência animal na constituição humana (Fine, 2010, Serpell, 2010; Chandler, 2005). Esse processo agentivo (Pitrou, 2015) se daria por uma senciência comum entre os homens e animais e pela comunicação entre ambos, conhecimento sustentado a partir dos estudos advindos da etologia, que reforça a existência de trocas de sinais comportamentais entre todos os animais.

A terapêutica da TAA se sustenta, ainda, sobre o afeto dos animais aos humanos e vice e versa. O livro *“The Companion Species Manifesto”*, da filósofa, bióloga e feminista Donna Haraway (1991), traz o conceito de “espécies camaradas”,

para refletir e jogar luz sobre o longuíssimo tempo de convivência e coevolução entre nós e os animais, sejam gatos, cachorros ou tartarugas. Darwinista e marxista, Haraway enxerga o processo co-evolutivo entre espécies camaradas (humanos e seus bichanos) como uma longa história que engloba inúmeras narrativas de *natureculture*¹¹⁵. Assim, tanto nós domesticamos (bioculturalmente) nossos camaradas animais, quanto eles nos domesticaram num processo histórico que há milênios de anos. Haraway, mostra que a domesticação teve um impacto enorme na nossa cultura que foi se apropriando de espécies como os cavalos, lobos ou alguns felinos que de selvagem tornaram-se domésticos. A parte mais interessante do Manifesto das Espécies Camaradas, no entanto, é o reconhecimento de que o espaço do encontro é o lócus de toda a teoria de camaradagem entre espécies. A autora destaca ainda, que os relacionamentos entre homem e animal são sempre multiformes, incompletos, sujeitos a questionamentos e implicam consequências para ambas espécies.

A questão das semelhanças e diferenças entre nós e os animais na perspectiva do comportamento emocional esbarra na dificuldade de encontrar uma definição (científica) adequada das emoções e uma classificação consensual. O que tem-se como consenso é que as emoções têm a característica fundamental de serem dificilmente controladas pela consciência, ao contrário, seriam as emoções que agiriam sobre ela. Um exemplo disso seria a expressão corporal automática e involuntária, ou o fato de ser difícil de ocultá-las e disfarçá-las (Jenkins et al., 1998). Essa ideia de que as emoções se sobreporiam à uma consciência, como uma

¹¹⁵ Haraway dispensa, para suas reflexões, a obsoleta cisão entre natureza e cultura (Haraway, 1991).

espécie de inevitável, se ancorou numa ideia evolutivo-biológica, tendo seu ápice em trabalhos como Darwin, publicado em 1872, intitulado “*A expressão das emoções no homem e nos animais*”. Nesta obra, Darwin faz uma estruturação das emoções em homens e animais dividida em: força do hábito, princípio da antítese e a ação direta do sistema nervoso, totalmente independente da vontade (Darwin, 1972: 36-37). O princípio dos hábitos associados úteis diz respeito há movimentos convenientes em alguns estados de espírito, que tornam-se habituais através da repetição; o princípio da antítese parte da proposição de que um estado de espírito oposto à uma ação habitual, como pode-se ver através de situações em que o animal executa movimentos contrários ao que a intenção anterior mostrava (um cão que caminha pronto para atacar um homem e quando percebe que este homem é seu dono, imediatamente baixa seu corpo e coloca a cauda entre as pernas, num movimento contrário); o terceiro princípio trata de comportamentos que resultam diretamente da atividade do sistema nervoso, e que, portanto, são independentes da vontade (ou seja, são involuntários), por exemplo o movimento de tremor que acompanha uma sensação como o medo. Os três princípios propostos por Darwin aplicam-se à expressão de diferentes emoções que corresponderiam aos sentimentos de sofrimento, desânimo, ansiedade, medo, tristeza, alegria, ódio, entre outros.

No início do século XX a racionalidade e a emoção são vistas como formas diferentes e opostas de se relacionar com o mundo. Esta polarização é exemplificada na apresentação das ideias de Durkheim, que possuía como preocupação fundamental a diferenciação dos campos da fisiologia, da psicologia e da sociologia, a fim de criar ou identificar o campo analítico específico deste último.

As emoções, em Durkheim, são entendidas como produtos da sociedade, ainda que negociadas por processos mentais e fisiológicos de cada indivíduo formado socialmente. No livro “O Suicídio”, Durkheim (1897) defende que quando as condições sociais não proporcionam metas sociais que possibilitem o engajamento dos sujeitos, ou regras sociais claras, a saúde sociopsicológica dos indivíduos é afetada, o que levaria os indivíduos mais frágeis ao suicídio. Durkheim também se dedicou ao estudo da emoção religiosa como elemento constante nos cultos e rituais sociais, como um recurso fundamental para na transmissão da memória e de identidades coletivas (Antunes Filho, 2012). No seu mais famoso livro, “*Les formes élémentaires de la vie religieuse: le sistema totemique en Australie*”, de 1925, ele faz menção a uma força anônima e impessoal que seria despertada na sociedade e que a partir disso seriam suscitados os sentimentos coletivos. Esta ação coletiva operante nos indivíduos é justificada pela sensação da presença do totem que afeta tanto os envolvidos no rito quanto aqueles que não estão ligados, através de um tipo de *força coletiva (mana, wakan, orenda, princípio totêmico)* que uma vez projetada e objetivada nas coisas através das palavras, gestos e movimentos, seria tomada da vida psíquica das pessoas e estendida às coisas (Durkheim, 1925: 389).

Entretanto, o desenvolvimento de um interesse específico sobre as emoções foi iniciado em 1921, por Marcel Mauss. Este pensamento se apóia na ideia de que as sociedades induzem a uma expressão obrigatória de sentimentos que são impregnados no indivíduo em acordo com a compreensão e a espera de seu grupo. Assim, as indicações de comportamentos ou os rituais que fazemos marcam a forma e a duração da emoção, sua intensidade, suas expressões orais, mímicas e gestos,

segundo as situações e o público. Gregory Bateson, em 1936, descrevendo as situações cerimoniais da sociedade Iatmul, um povo da Nova Guiné, apresenta uma nova ferramenta conceitual para nomear aquilo que um grupo de pessoas estabelece como um comportamento determinado. Para Bateson, cada 'tom' deste comportamento será indicativo de um *ethos*:

“They are expressions of a standardised system of emotional attitudes. In this case the men have temporarily adopted a definite set of sentiments towards the rest of the world, a definite attitude towards reality, and they will joke about subjects which at another time they would treat with seriousness” (Bateson, 1936, 119).

No livro *“La Cérémonie du Naven”*, Bateson nos apresenta o *eidos*, como o quadro de processos cognitivos de uma cultura, e o *ethos*, como as valorizações emocionais da cultura que, de acordo com Bateson, deveriam ser procuradas menos no inconsciente e mais na aprendizagem.

Deste modo, vemos que a experiência social está vinculada a um processo de aprendizagem que nos leva a atrelar as emoções na vida pessoal e social à um esquema de pensamento. No campo da antropologia esse lugar das emoções na vida humana tem sido desenvolvido em torno de diversos fatores, incluindo a insatisfação de pesquisadores com uma visão dominante que enxerga os humanos como máquinas “processadoras de informação” (Lutz, 1986: 405), ao contrário, tenta-se sustentar que a experiência sociocultural deve ser abordada desde a experiência das pessoas que vivem as sensações. De acordo com Lutz (1986), o paradigma dominante nos estudos da emoção nas ciências sociais tem sido o

materialismo de tratar as emoções como coisas materiais (pressão arterial elevada, processos hormonais e neuroquímico) e a nem tão bem justificada ação de instintos que fariam parte de uma psique humana. A aproximação das emoções com o corpo é marcada por uma dicotomia que pode ser dividida em dois eixos, o primeiro que considera a natureza, o corpóreo, o pré cultural das emoções; e o segundo que considera um sentimento ideal, cognitivo e cultural, chamado de 'emoções' (Lutz, 1986: 85,103).

No campo antropologia, o romantismo e o racionalismo foram dois dos caminhos que se ocuparam em pensar as emoções como sintomas da animalidade nos humanos, tendendo a destacar a impotência da mente. O romantismo destaca que as emoções fazem parte de uma “natural humanidade” (Lutz, 1986: 409) que é o lugar do incorruptível, do puro ou da mais honesta percepção, em contraste com a racionalidade artificial da civilização.

Durham (2003) nos relata que as emoções, sobretudo para poder localizar os animais, são dedicadas à estímulos internos (inatos) ou externos (aprendidos). Especialmente no caso de mecanismos externos, como no caso dos mamíferos superiores, ela se desenvolve a partir pela existência de uma variação considerável nos tipos de estímulos que podem induzir uma emoção e a forma da ação que eles desencadeiam. Essa ação será selecionada em função da experiência individual ou social e, portanto, depende não apenas de condicionantes genéticos, mas também do aprendizado. A experiência influi nos mecanismos biologicamente pré-ajustados, tanto modelando o que constitui um indutor para determinadas emoções, como

influindo na sua expressão. O problema desta abordagem é que caímos no mesmo problema do determinismo genético para animais e não para humanos, pois a abordagem considera que no caso dos seres humanos, a variação seria muito maior porque a cultura modelaria tanto o comportamento decorrente da emoção como o seu conhecimento-reconhecimento.

Assim, no que diz respeito a TAA e as emoções que são relatadas desde a relação com os animais, pode-se considerar que, no contexto do hospital ou da clínica, o animal com o status de *terapeuta*, já modifica o cotidiano dos pacientes promovendo o que, em termos biomédicos, chama-se de alteração do estado vigil. Alterar estados de percepção da realidade, de consciência e atenção parece tomar um caráter excepcionalmente importante para estas pessoas que encontram-se confinadas numa eterna internação, conforme relato dos cuidadores e enfermeiros dos locais que visitei: *“parece que eles despertam quando os animais estão aqui”* (Registro de Caderno de Campo, dia 24 de maio de 2013. Informante Lilian, coordenadora do Solar Anita Garibaldi).

De modo particular, de acordo com a etnografia realizada até o momento, percebe-se que para aqueles que sofrem com problemas advindos da senilidade, alterações resultantes de traumas e doenças que ocorrem no ciclo vital- a TAA funciona como exercício de memória e vinculação de situações recentes com o passado do sujeito, recuperando uma capacidade gradativamente perdida devido a doenças como Alzheimer¹¹⁶, além de permitir a livre associação do animal com

¹¹⁶ O trabalho de Alexandre Monteiro, coordenador do Projeto Animallis, sediado no Rio de Janeiro, propõe-se a tratar, através da Pet Terapia, principalmente sujeitos acometidos por Alzheimer.

distúrbios de humor e de alimentação, delírios e pensamentos psicóticos no sentido de oferecer tranquilidade e organização psíquica.

Isso mostrou que, embora a TAA seja prescrita e indicada para tratamento dos mais diversos tipos de doenças, aquelas que dizem respeito ao campo relacional com o mundo, são melhor contempladas com seus benefícios da prática, e são elas: doenças mentais/psiquiátricas (esquizofrenia, autismo, depressões graves) distúrbios de comportamento (dependência química, bulimia, anorexia) e problemas neurológicos (Mal de Alzheimer, Paralisia Cerebral, Síndrome de Down) ou como auxílio à pessoas cegas ou surdas. Essa lista já é suficientemente extensa para percebermos a polivalência do animal, ele considerado como um ser capaz de produzir diferentes efeitos sobre os humanos, o que é perceptível através da gama de situações em que eles são 'indicados' como 'promotores de saúde'. Esta polivalência parece estar ligada à uma convicção de 'exclusividade terapêutica' que despertaria, reorganizaria, revitalizaria ou resgataria sensibilidades que de outra forma, não seriam acessíveis. O animal, nesta perspectiva, contribuiria para a humanização daquele que encontra-se no registro da diferença social (diferente físico, demente, louco, senil, dependente químico).

Assim, desde estas colocações, estou considerando que o doente, o animal e o terapeuta são três elementos indissociáveis que envolvem-se formando um *complexo terapêutico* que organiza-se em torno da experiência íntima do terapeuta humano, do consenso do paciente e da ação do animal. Seria possível, ainda, comparar o processo terapêutico promovido pela TAA com o sistema de curaxamânica identificado por Lévi-Strauss (2009). Nesses dois sistemas terapêuticos,

guardadas as especificidades de cada contexto ontológico, temos um processo terapêutico que consiste em tornar possível a relação abstrata da agência animal com a coisa real, o paciente e a doença. Entretanto, diferentemente do esquema proposto por Levi-Strauss, o paciente da TAA, aceita a noção de que o animal pode lhe ajudar de algum modo que não é totalmente obscuro (como no xamanismo), pois ele acredita nos discursos modernos sobre a bondade do animal, sobre a necessidade de se respeitar as suas especificidades animal, sobre a capacidade de comunicação entre homem e animal que, embora nebulosa, é verossímil, pois sustenta-se a partir da experiência (da sessão de TAA).

Como Levi-strauss bem destaca em suas considerações, o doente, no sistema do xamanismo, aceitara este tipo de 'cura' facilmente pois, o que paciente não aceitará é a solidão, o abandono, a perda da memória ou um filho autista. Na TAA temos a mesma realidade quanto ao acolhimento da ideia de que o animal pode oferecer cuidado e benefícios. Como tentei destacar neste capítulo, a condição de uma pessoa que encontra-se confinada aos corredores do hospital ou aos sintomas de uma doença, não terá a mínima dificuldade em aceitar a intervenção animal, pois ali está a possibilidade da experiência da comunicação, da troca, do dom, da camaradagem, da confiança e de todas as emoções positivas que permeiam estas relações. Assim, uma vez que o paciente acolha a noção de que o animal pode lhe oferecer algo relevante para recuperação de sua saúde, seja ela física ou mental, está estabelecida uma relação com potencial terapêutico legítimo muito próxima da noção de *linguagem* xamânica analisada por Lévi-Strauss (2009:282), conforme o excerto acerca da eficácia simbólica da cura xamânica:

“A paciente, tendo compreendido, faz mais do que resignar-se, ela fica curada. Nada de comparável ocorre com nossos doentes quando se lhes explica a causa de seus problemas invocando secreções, micróbios e vírus. Talvez sejamos acusados de paradoxo se respondermos que é assim porque os micróbios existem, e os monstros não existem. Contudo, a relação entre micróbios e doenças é externa ao espírito do paciente, é uma relação de causa e efeito, ao passo que a relação entre monstro e doença é interna a esse mesmo espírito, consciente ou inconsciente, é uma relação entre símbolo e coisa simbolizada, ou, como dizem os linguistas, entre o significante e significado. O Xamã oferece à sua paciente uma *linguagem* na qual podem ser imediatamente expressos estados não formulados, e de outro modo informuláveis”.

Ao que parece, acreditamos nos animais-terapeutas de hoje por causa de uma espécie de '*mana*', uma reputação que vem sendo construída baseada na confiança de que aquilo que parte do animal é positivo para o homem, com a afirmação de que existe um benefício ao bem estar humano. O ponto coletivo do processo terapêutico é justamente a crença de que o animal pode ajudar, pode oferecer benefícios à saúde humana desde a interação promovida na sessão. Assim o problema é (para os conselhos profissionais e para o campo biomédico), fundamentalmente, o da relação entre um indivíduo e o animal ou, mais exatamente, entre um certo tipo de indivíduo, um certo tipo de animal e as exigências de uma racionalidade médica dominante.

Como tentei apontar, ao longo desta tese, dentre os participantes da TAA, não há nenhum sinal de que eles sejam passivos ou alienados do processo; o terapeuta humano é disparador da atividade que deve, como garantia de continuidade e eficácia, ser sustentada pelo animal e pelo paciente, pois se esses outros dois seres

não manifestarem interesse ou não responderem de alguma forma a atividade terminará em si mesma.

Assim a TAA, em alguma medida, trata de suscitar uma experiência, e na medida em que esta experiência se organiza outros mecanismos que não têm a ver diretamente com o sujeito paciente, mas como o ambiente, o terapeuta e a ação do próprio animal, vão se articulando e reorganizando espontaneamente, resultando num funcionamento ordenado que oferece sentido à sessão terapêutica. A questão é que da conexão entre A e B, pode brotar um C potente (emoção, sentimentos, aumento de enzimas ou baixa de stress, etc..). O mesmo acontece entre o terapeuta humano e o terapeuta animal, pois o processo não seria só um espelhamento, mas mais do que isso, o processo da TAA é *viver o mundo* com o corpo do outro, cujos dois entes formam um terceiro. Um terceiro C que não estava implícito em A nem em B antes de sua associação, mas que pelo recrutamento de capacidades em comum entre AB, e pelo somatório de algumas diferenças, oferece como resultado uma *produção comum*. Essa produção comum depende do bom encontro entre A e B e de um espaço produtivo de compartilhamento, que propicie a esses sujeitos existirem como sujeitos, numa produção desejante de devoração mútua.

Conforme destaca Levi-Strauss (2009), ainda sobre o complexo terapêutico do xamanismo, a relação entre os pólos (os participantes) é uma experiência de acordo com a coerência psíquica dos participantes em que são projetados elementos de todo um universo social. No contexto da TAA temos, muitas vezes, uma readaptação de problemas pré-definidos, através do animal, de modo que o sentimento de bem-estar trazido ao grupo ou ao indivíduo doente não se origina em

uma medicação real, mas em situações coletivas ou particulares que oferecem benefícios aos participantes.

Considerações Finais

A experiência etnográfica no contexto da TAA tinha como principal objetivo descrever as atividades que eram organizadas a partir da relação entre os animais e as pessoas dentro dos ambientes de promoção da saúde humana. Nessa vivência, certas questões, como a participação dos animais, no processo agentivo que vem a ser considerado como terapêutico, foram emergindo e me permitiram dirigir a atenção para direcionar a observação para as ações dos entes envolvidos na prática, com o registro das informações no caderno de campo. Passei a me questionar a respeito do papel exercido por cada participante como uma espécie de coreografia que implica cada um deles, no sistema terapêutico.

O meu intuito era também explorar a ideia de que a TAA apresenta um 'diferencial' como terapia, conforme acreditam os profissionais e os pacientes que participam da sessão. Eu tentei entender e descrever justamente aquilo que os profissionais se referem quando me diziam: *“o animal é um terapeuta diferente, pois consegue uma conexão ‘especial’ como o paciente”* (registros de caderno de campo), argumento também referido por Nise da Silveira (1982), Boris Levinson (1969) e Florence Nightingale (1860), profissionais que não se apoiavam em argumentos de inspiração positivista para justificar a importância dos animais na saúde humana.

Desse modo, apoiando-me nos relatos destes profissionais que introduziram a TAA no atendimento clínico, passei a fazer uso de uma metodologia descritiva com

vistas a dar luz aos eventos terapêuticos em que a relação estabelecida na TAA foi protagonista, para benefício à saúde do sujeito considerado doente. A chave-descritiva estava em observar o comportamento do animal relacionado à uma intencionalidade que lhe é legitimada. As sessões de terapia performam o importante papel de expor certas classificações da relação humano-animal e contribui para a integração do animal na sociedade, através da medicina convencional.

Minha intenção aqui foi mostrar aquilo a que os profissionais se referiam como “potencial terapêutico” que de ‘mítico’ passa a científico em virtude do crescente interesse pelos estudos humano-animais advindos de vertentes biomédicas. Os animais não parecem ser sacralizados, embora algumas vezes o sejam, como espíritos humanos reencarnados sob o olhar dos terapeutas que seguem o espiritismo, mas o que prevalece é a construção cada vez mais expressiva de uma ideia de que os animais, possuem uma alma animal, com possibilidades mundanas respectivas a cada espécie, dentro de um leque de intencionalidades que podem ou não entrar em sintonia/simetria com os homens.

Desde o que pude apreender deste contexto, não existe razão para duvidar, efetivamente, que os terapeutas, ou ao menos os meus informantes, acreditam em sua atividade. O terapeuta humano não é desprovido de conhecimentos sobre o animal e suas necessidades e potencialidades de atuação, pois, ao contrário de uma cada vez maior antropomorfização dos animais, o que percebe-se é um crescimento exponencial das discussões e estudos sobre a sociabilidade do animal tanto por

parte de etólogos e veterinários como por parte daqueles que de alguma forma se associam a um animal para exercer alguma técnicas de trabalho.

Além disso, é considerável que os animais como terapeutas cheguem a este status também sustentados pelo crescente discurso em defesa dos animais e por mudanças paradigmáticas na relação homem-animal, como aquelas que clamam pela consideração dos animais como seres sencientes¹¹⁷ ou como sujeitos de direitos jurídicos.

Por isso, considere que o tipo de animalidade construída através da TAA, sobre esses animais que não são necessariamente *pets* mesmo que a maioria se trate de cães, não parece ser aquela daquela das bestas como explorou Foucault (1971), nem a marca da ausência de selvageria como propôs Ingold (1999), mas uma animalidade baseada em dados que reafirmam o comportamento animal e que afirmam o lado animal do homem. Na TAA ao invés de nos perguntarmos o que os animais apresentam de humano, a pergunta inverte-se para questionarmos o que os humanos têm de animal. Os pacientes, ao invés de afirmarem que os animais têm emoções humanas eles assinalam que são os humanos que tem características que são presentes em todos os animais, eles acolhem o ideia de que os sentimentos e emoções presentes são uma interioridade compartilhada entre humanos e animais. .

¹¹⁷ Em diversos países como, Nova Zelândia, França, Brasil, Portugal. O Tratado de Lisboa da União Europeia, que entrou em vigor em 1º de dezembro de 2009, reconhece que animais são seres sencientes e exorta os estados membros a “tratar com seriedade os requerimentos de bem estar animal”, na agricultura, pesca, transporte, pesquisa e desenvolvimento de políticas espaciais. Assim como, a Declaração da Consciência de Cambridge, que é o reflexo de uma avalanche de evidências científicas que vêm sendo acumuladas ao longo das últimas décadas. A Declaração de Cambridge, de tão aceita no meio acadêmico, já até ecoou no Brasil, através da Declaração de Curitiba, que, firmada no III Congresso Brasileiro de Bioética e Bem-estar Animal, sob a chancela do Conselho Federal de Medicina Veterinária, atesta que: “...os animais não humanos não são objetos. Eles são seres sencientes. Conseqüentemente, não devem ser tratados como coisas” (Costa, 2014).

Atualmente, existe uma luta política pelo exercício da TAA. Os hospitais públicos que aceitaram a TAA, limitaram as atividades a participação de cães, outros animais são ainda um interdito, dentro destes locais (Projeto de Lei Complementar do Legislativo - PLCL 008/14, PMPA), sendo a equoterapia a única modalidade que já obteve permissão de atuação terapêutica, fato que marca a história das TAA, como a primeira lei que regulamenta a atividade, embora realizada em espaços bem longe do hospital (Brasil, 2012b), o que deverá se estender para outras espécies animais.

As relações entre os participantes da sessão estão baseadas numa relação de confiança entre os participantes, que recebem a participação do animal como uma espécie de doação desses animais para estas pessoas que encontram-se necessitadas de cuidado. O terapeuta humano e o terapeuta animal se encaixam perfeitamente na descrição de organismo-pessoa (wayfarer) proposta por Ingold (2007, 2011) pois as identidades sociais destes entes não se desvinculam da TAA, eles são seres que se desenvolvem juntos, no ambiente da TAA.

Por fim, esse processo produtor de uma terapêutica agenciada pelo esforço comum de diferentes entes em nossa sociedade moderna merece maior atenção e estudos aprofundados com vistas a vislumbrar a variedade de relações que podem ser desenvolvidas em nosso meio metropolitano e moderno, não para procurar novas relações mas sim para deixar de negligenciar ao homem moderno a possibilidade de um relacionamento mais rico e seminal, com os animais, para além de uma relação homem x animal objeto.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Maureen B. Emily Brontë and Dogs: Transformation Within the Human-Dog Bond. *Society & Animals. Journal of human-animal studies*. Volume 8, Number, Sonoma, California, 2000. (Acesso em 12 de outubro de 2010).
- ALTSCHILLER, Donald. **Animal-assisted therapy**. Santa Barbara: Greenwood, 2011.
- ALVES, Caleb F. A agência de gell na antropologia da arte. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, jan./jun. 2008, p. 315-338.
- AMARANTE, Paulo. Asilos, alienados e alienistas: pequena história da psiquiatria no Brasil. In: AMARANTE, Paulo (Org.). **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1992, p.73-84.
- ANTUNES FILHO, Edemir. A emoção religiosa nos estudos de Émile Durkheim e Marcel Mauss: a propósito do centenário de 'As formas elementares de vida religiosa'. In: **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42. Edição Especial, pp. 137-155, 2012.
- ARLUKE, Arnold. We build a better beagle: fantastic creatures in lab animal ads. In: **Qualitative Sociology**. Vol. 17, No. 2. 1994.
- AUSTIN, Alfredo L. **Cuerpo humano e ideologia. Las concepciones de los antiguos nahuas**. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1980.
- BATESON, Gregory. **Naven, a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a new guinea tribe drawn from three points of view**. Stanford: Stanford University Press, 1936.
- BATESON, Gregory. **La Cérémonie du Naven**. Livre de poche, 2000.
- BECK, A. M., & KATCHER, A. H. (Eds.). **New perspectives on our lives with companion animals**, 1984. p. 351-359.
- BENJAMIN, A. H. Introdução ao direito ambiental brasileiro. In: **Manual Prático da Promotoria de Justiça do Meio Ambiente**. vol. 1. São Paulo: Ministério Público de São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. p. 3-85.
- BEVILAQUA, Ciméa B. Chimpanzés em juízo: pessoas, coisas e diferenças. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, June 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 31 May 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000100003>.

- BLANC, Nathalie. La place de l'animal dans les politiques urbaines. In: **Communications**, 74, 2003.
- BRADSHAW, J.W.S. ISAZ - **International Society for Anthrozoology**. Newsletter, 1, 1, 1991.
- BRASIL. **Lei nº 9.605**, de 12 de fevereiro de 1998.
- BRASIL. **Projeto de Lei Nº 4.455**, 2012.
- BRASIL. **Projeto de Lei Nº 4.761**, 2012.
- BRASIL. **Decreto n. 24.645** de 10 de julho de 1934.
- BRASIL. **Lei nº 6.638**, de 8 de maio de 1979.
- BRASIL. **Lei nº 11.794**, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 11.794**, de 8 de outubro de 2008.
- BRASIL. **Lei Nº 121**, 1999.
- BRASIL. **Lei nº 9.605**, de 12 de fevereiro de 1998.
- BRISEBARRE, Anne-Marie. La messe des animaux. **Communications**. Volume 74, n. 74, pp. 139-158, 2003.
- BUGART F. La dignité de l'animal, une intrusion dans la métaphysique du propre de l'homme. **L'Homme**, vol. 161, p. 197-204, 2002.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (1976), **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Pioneira, 1976.
- CASSIDY, Rebecca; MULLIN, Molly (org.). **Where the wild things are now: domestication reconsidered**. New York: Berg, 2007.
- CHANDLER, Cynthia K. **Animal Assisted therapy in counseling**. 2ª ed. New York: Routledge. 2005.
- COHEN, S. **Visiones de control social**. Barcelona: PPU; 1988.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. **Resolução 877**, 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. **Resolução 878**, 2008
- COSTA, Alberto Neves et al. **III CONGRESSO BRASILEIRO DE BIOÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL**. Senciência e Bem-Estar Animal – Expandindo Horizontes. Curitiba, PR – Brasil, 05 a 07 de Agosto de 2014.

- CSORDAS, Thomas. **A corporeidade como um paradigma para a Antropologia In: Corpo, significado, cura.** Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2008.
- CSORDAS, Thomas. **Introduction: the body as representation and being-in-the world".** In. **Embodiment and experience.** Cambridge University Press. Cambridge, 2003 (1994).
- CREPEAU, Robert R. **A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional: uma breve comparação com o xamanismo Bororo.** Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v.8, n.18, Dec. 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2010. doi: 10.1590/S0104-71832002000200005.
- DELTA SOCIETY. www.petpartners.org, s/d.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais.** Tradução: Leon de Souza Lobo Garcia. Editora: Companhia de bolso, 2009.
- DARWIN, C. **On the origin of species by means of natural selection.** London: John Murray, 1859.
- DARWIN, C. **The descent of man and selection in relation to sex.** London: John Murray, 1871.
- DAVIS R.H.; WRAY C. Distribution of *Salmonella* contamination in ten animal feedmills. **Vet. Microbiol.** 51:159-169,1997.
- DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.
- DESCOLA, Philippe. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: P. Descola e G. Pálsson (orgs.). **Nature and society, anthropological perspectives.** London e New York: Routledge. Pp. 82-101, 1996.
- DESCOLA, P. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, Dec. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 12 July 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832002000200004>
- DESCOLA, P. & PÁLSSON, Gísli (orgs.). **Nature and society, anthropological perspectives.** London e New York: Routledg, 2004.
- DESCOLA, Philippe. **Par-Delà Nature et Culture.** Paris: Gallimard, 2005.
- DESPRET, Vinciane. **Penser comme un rat.** Quae,Versailles, 2009.

- DEL-CLARO, K. **Comportamento animal: uma introdução à ecologia comportamental**. Jundiaí, Livraria Conceito, 2004.
- DEMELLO, Margo. **Animals and Society: An Introduction to Human-Animal Studies**. Columbia University Press, 2012.
- DEMELLO, Margo. **Speaking for Animals: Animal Autobiographical Writing**. Routledge 2012b.
- DIGARD, Jean-Pierre. **L'homme et les animaux domestiques. Anthropologie d'une passion**. Paris, Fayard, 1990.
- DIGARD, Jean-Pierre. **Les Français et leurs animaux**. Paris, Fayard, 1999.
- DIGARD J.-P. Les animaux révélateurs des tensions politiques en République Islamique d'Iran, **Études rurales**. N° 165-166, 2003.
- DIGARD, J. P. **Une histoire du cheval: art, technique, société**. Actes Sud, Arles, 2004.
- DOS SANTOS, Potyguara A. A espacialidade e as ecologias da vida em Tim Ingold. **KULA, Antropólogos del Atlántico Sur**. N° 9, pp 65-71, Noviembre de 2013.
- DOTTI, J. **Terapia e Animais**. São Paulo: Noética, 2005.
- DURKEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed.. Paulinas, 1989.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Chimpanzés também amam: a linguagem das emoções na ordem dos primatas. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 46, n. 1, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7701200300010003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em/22 jul. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012003000100003>.
- DUSTER, Troy. **Backdoor to eugenics**. New York: Routledge. 2002.
- ECHELANY, Fabiano Campelo. HAUDRICOURT, André-Georges. Des gestes aux techniques : Essai sur les techniques dans les sociétés pré-machinistes. **Anuário Antropológico**, V. III 247-251, 2012.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **The Americans with Disabilities Act**, 1990.
- ERIKSEN e NIELSEN. **História da Antropologia**. Editora Vozes, 2007.
- FARACO, C. Interação humano-cão: o social constituído pela relação interespécie. TESE. PUCRS, Porto Alegre, 2008.

- FARACO C., Pizzinato A, Csordas MC, Moreira MC, Zavaschi MLS, Santos T, Oliveira VLS, Boschetti FL, Menti LM. Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre – TAA Parte III. **Saúde Coletiva**, 06 (34), pg. 231 a 236. 2009.
- FAUSTO, Carlos. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, out. 2002.
- FERRET, Carole. Vers une anthropologie de l'action. André-Georges Haudricourt et l'efficacité technique, **L'Homme** n°202, p.113-140. 2012.
- FERRET, Carole. Towards an anthropology of action: From pastoral techniques to modes of action, **Journal of Material Culture**.vol. 19 n° 3, p. 279-302. 2014.
- FERRET, Carole. Techniques iakoutes aux confins de la civilisation altaïque du cheval. Contribution à une anthropologie de l'action. **Thèse de doctorat en anthropologie sociale et ethnologie**, EHESS, Paris, 2006.
- FINE, Aubrey H. **Handbook on Animal – Assisted Therapy. Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. 3ª Edição. London, Academic Press – Elsevier, 2010.
- FIORIN, José Luiz. A Noção de Texto na Semiótica. In: **Organon** - Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 1995. Vol. 9, nº 23.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1997.
- FUNDACIÓN BOCALAN. <http://www.bocalan.es>, s/d.
- FRANKLIN, A. **Animals and modern cultures. A sociology of Human-Animal in Modernity**. London-California-New Delhi, Sage Publications, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da Loucura**. Gallimard, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GARCIA, M.P.; BOTOMÉ, S.P. **Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos. Interação em Psicologia**. v.12, n.1, p.165-167, 2008.
- GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. **Interface**, Botucatu , v. 16, n. 40, p. 21-34, Mar. 2012 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 28 July 2015. Epub Apr 26, 2012.

- GOODWIN, Brian. Organisms and minds: the dialectics of the animal-human interface in biology. In: INGOLD, Tim. **What is an animal**. Routledge, 1994.
- GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon, 1998.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1999 [1961].
- GUÉDON, Marie-Françoise. **Le rêve et la forêt. Histoire de chamanes nabesna**. Les presses de l'Université Laval. Québec, 2005.
- Guidelines for environmental Infection Control in Healthcare Facilities. Recommendations of CDC and the Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee (HICPAC). U.S. **Department of Health and Human Service Centers for Disease Control and Prevention (CDC)**. Atlanta: Centers for Disease Control; 2003.
- GOOD, B. **Medicine, rationality and experience: An anthropological perspective**. Cambridge: Cambridge University Press; 1994.
- GRANDGEORGE, Marine; HAUSBERGER, Martine. Human-animal relationships: from daily life to animal-assisted therapies. **Ann Istitute Super Sanità**, Vol. 47, n. 4: 397-408, 2011.
- GREIMAS, A. J. et J. COURTÉS. **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris, Hachette, 1979.
- GUISADO, L. Evaluacion of the Campbell test and the influence of age, sex, breed, and coat color on puppy behavioral responses. **Canadian Journal Veterinary Research**. V.72, n. 3. Abril, 2008.
- GULLAR, F. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996.
- HALM, Margo A. The Healing Power of the Human-Animal Connection. **American Journal of Critical Care**, Volume 17, No. 4, July 2008.
- HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. Routledge: 1991.
- HARAWAY, Donna. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003

- HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, June 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 21 July 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000100002>.
- HAUDRICOURT, A. Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d'autrui. **L'Homme**, V. 2, N. 1, pp. 40-50, 1962
- HELMREICH, S. **Replicating reproduction in artificial life: or, the essence of life in the age of virtual electronic reproduction**. Ver Franklin & Ragoné, 1998.
- HELMREICH, S. **Alien ocean: anthropological voyages in microbial seas**. Berkeley: University of California Press, 2009.
- HEREDIA, Juan M. **Etología animal, ontología y biopolítica en Jakob von Uexküll**. **Filosofia e História da Biologia**. V. 6, n. 1, p. 69-86, 2011.
- HERNÁNDEZ, A. A. La sociología de las ciencias y de las técnicas de Bruno Latour e Michel Callon. **Cuadernos Digitales: publicación electrónica en historia, archivística y estudios sociales**. Universidad de Costa Rica, v. 8, n. 23, p.01-12, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/~historia/cuadernos/c-23his.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2013.
- HERZFELD, Michael. **The social production of indifference: exploring the symbolic roots of western bureaucracy**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- HERZOG, Harold. **Society and Animals Journal**. Vol. 14. N. 4. USA, 2011.
- ILLICH, I. **A expropriação da saúde: nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- INGOLD, Tim. **Hunters, Pastoralists and Ranchers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- INGOLD, Tim. The Architect and the Bee: reflections on the work of animals and men (Malinowski Lecture, 1982). *Man* (NS)18, p. 1-20, 1983.
- INGOLD, T. **The Appropriation of nature. Essays on human ecology and social relations**. University of Iowa Press, 1987.
- INGOLD, T. **What is an Animal?** London: Routledge, 1988.
- INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 28 , ano 10, pp 39-53, junho de 1999.

- INGOLD, T. **The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.
- INGOLD, Tim. On the Distinction between Evolution and History. **Social Evolution & History**. Vol. 1, num.1, pp. 5-24, 2002.
- INGOLD, T. **Lines: A Brief History**. London: Routledge, 2007.
- INGOLD, T. **Being Alive**. Routledge, 2011.
- JAMIESON, Dale. A critique of Regan's theory of rights. In: STERBA, James P. **Earth ethics. Introductory readings on animal rights and environmental ethics**. New Jersey, Prentice Hall, 2000.
- JASANOFF, Sheila. **Science at the bar: Law, science and technology in America**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- JENKINS. M. J. Compreender as emoções. Porto alegre: instituto Jean Piaget, 1998.
- JOFRE M., Leonor. Visita terapéutica de mascotas en hospitales. Rev. chil. infectol., Santiago, v. 22, n. 3, sept. 2005. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-10182005000300007&lng=es&nrm=iso>. accedido en 17 jul. 2013. <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-10182005000300007>.
- JOULIAN F., « Techniques du corps et traditions chimpanzières », **Terrain**, n° 34, pp. 37-54, 2000.
- KOHN, E. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. **American Ethnologist** 34, 3-24, 2007.
- KOHLER, Florent. **L'animal qui n'en était pas un. Ecole Pratique des Hautes Etudes**. Paris, 2010.
- KONECKI, K. T. Pets of Konrad Lorenz. Theorizing in the social world of pet owners. **Qualitative Sociology Review**, Volume 3, n. 1, p. 110-127, 2007.
- KREBS, J. R. & Davies, N. B. **Introdução à ecologia comportamental**. Atheneu, SP, 1996.
- KULICK, Don. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, out. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 201. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132009000200006>.
- LACERDA, Eugênio. **Bom pra brincar, bom pra comer: a polêmica da Farra do Boi no Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2003.

- LACERDA, Alda. VALLA, Victor V. Um outro olhar sobre a construção social da demanda a partir da dívida e das práticas de saúde. In: PINHEIRO, Roseni. MATTOS, Ruben A. de (org). **Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos**. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ: ABRASCO, 2005.
- LATOURE, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros mundo afora**. São Paulo: Unesp, 2000.
- LATOURE, B. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Traduzido por Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LATOURE, Bruno. **Um Coletivo de Humanos e Não-Humanos: no labirinto de Dédalo**. In: A Esperança de Pandora. Bauru: Edusc, 2001, p. 201-246.
- LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na natureza**. Traduzido por Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- LATOURE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LATOURE, Bruno. **Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches**. Bauru: Edusc, 2002.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas/SP: Papyrus, 2003.
- LE BRETON, D. **Les passions ordinaires, anthropologie des émotions**. Éditions Payot & Rivages, Paris, (1998) 2004.
- LESTEL, Dominique. **L'Animalité. Essai sur le statut de l'humain**, Éditions Hatier, Paris, 1996.
- LESTEL, D. **Les Origines animales de la culture**. Flammarion: Paris, 2001.
- LESTEL, D. **L'Animal singulier**. Seuil: Paris, 2004.
- LESTEL, Dominique. **L'Animalité**, Éditions de l'Herne, Paris, 2007.
- LEVINSON, Boris. **Pet-Oriented Child Psychotherapy**. Charles C. Thomas, publisher. Springfield, Illinois, USA. 1969.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8ª edição, Papyrus. Campinas, 2008.
- LÉVI-STRAUSS. **O Totemismo Hoje**. Lisboa: Edições 70, 2003.

- LÉVI-STRAUSS. **Antropologia estrutural**. 1ª edição. Cosac Naify, São Paulo, 2012.
- LÉVY-BRÜHL, Lucien. **El Alma Primitiva**. Barcelona: Península, 2003.
- LÉZÉ, Samuel. **Décrire l'Animal**. L'Homme, 163, 2002, p. 229-234.
- LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 out. 2010. doi: 10.1590/S0104-93131996000200002.
- LORENZ, K. **Os fundamentos da etologia**. SP, Editora da Unesp, 1965.
- LORENZ, K. **Os fundamentos da etologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. The anthropology of emotions. **Annual Reviews of Anthropology**. N. 15, pp: 405-436, 1986.
- LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (Ed). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge University Press, 1990.
- LUZ, M. T. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva Estudo Sobre Racionalidades Médicas e Atividades Corporais**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2005.
- LUZ, M. T. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva Estudo Sobre Racionalidades Médicas e Atividades Corporais**. 3 ed.: HUCITEC, São Paulo, 2007.
- LUZ, M. T. **Ordem Social, Instituições e Políticas de Saúde no Brasil: textos reunidos**. Ed.: CEPESC - IMS-UERJ, Rio de Janeiro, 2007b.
- MARTINS, M.F. Zooterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista Nosso Clínico**, v.40, p.24-26, 2004.
- MERHY, Emerson E. Engravitando palavras: o caso da integralidade. In: PINHEIRO, Roseni. MATTOS, Rubem A. de (org). **Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos**. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ: ABRASCO, 2005.
- MATOS, Liziane Gonçalves de. **Quando a ajuda é animalitária: um estudo antropológico sobre sensibilidade e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia social da UFRGS. 2012.

- MATUSZEK, Sarah. Animal-facilitated Therapy in Various Patient Populations. Systematic Literature Review. **Holist Nurs Pract** . 24(4):187–203, 2010.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac, 2003.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- McMULLIN, R. E. **Manual de Técnicas em Terapia Cognitiva**. Artmed, Porto Alegre, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MICHALON, Jérôme. L'animal thérapeute: Socio anthropologie de l'émergence du soin par le contact animalier. **Thèse de doctorat en sociologie et anthropologie politique**. Ecole doctorale 483 Sciences sociales de l'Université de Lyon, 2011.
- MONTEIRO, J. Cauby S. & CARDOSO, Adalberto Trindade. Weber e o Individualismo Metodológico. **Anais do 3o Encontro Nacional da ABPC – Associação Brasileira de Ciência Política**. Niterói – RJ, Julho de 2002.
- MONTEIRO, Alexandre M. F. **O uso da Terapia Assistida por Animais para a redução de alterações de comportamento na doença de Alzheimer**. Disponível em: <http://www.centronati.com/o-uso-da-terapia-assistida-por-animais-para-a-reducao-de-alteracoes-de-comportamento-na-doenca-de-alzheimer>. Acesso em 10 de agosto de 2012.
- MULLIN, Molly H. Mirrors and Windows: Sociocultural Studies of Human-Animal. **Annual Review of Anthropology**. Vol. 28, pp. 201-224, 1999.
- MURRIETA, Rui Sérgio S.. A mística do Pirarucu: pesca, ethos e paisagem em comunidades rurais do baixo Amazonas. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 7, n. 16, Dec. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 21 July 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832001000200006>.
- NIGHTINGALE, F. **Notes on Nursing**. New York, NY: Dover Publications, [Originally published 1860], 1969.
- OLIVEIRA, Samantha B. C. Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. **Dissertação (Mestrado em Sociologia)**. Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

- PALOMBINI, A. L.; MARASCHIN, C.; MOSCHEN, S. (Org.). **Tecnologias em Rede: oficinas de fazer saúde mental**. Volume 1, Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PÁLSON, G. Human-environmental relations: orientalism, paternalism and communalism. Em: Descola & Pálsson. **Nature and Society, Anthropological perspectives**. Routledge, 1996.
- PIETTE, Albert. “Entre l’homme et le chien: pour une ethnographie du faitsocio-animal”. In: **Socio Anthropologie** [En ligne], N°11 | 2002, mis en ligne le 15 novembre 2003, Consulté le 24 juin 2010. Disponível em: <<http://grem.io/9Zc>>. Acesso em: 17 ago. 2010.
- PITROU, Perig. Life as a process of making in the Mixe Highlands (Oaxaca, Mexico): towards a 'general pragmatics' of life. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 2014.
- PINHEIRO, Roseni. MATTOS, Rubem A. de (org). **Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos**. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ: ABRASCO, 2005.
- PROJETO CONVIVER. www.equoterapiaconviver.com.br.
- PROJETO PET TERAPIA. Petterapeuta.com.br.
- PROJETO PÊLO PRÓXIMO. www.peloproximo.com.br.
- PROJETO ANIMALLIS. www.animallis-taa.com.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Record [1938]: 2006.
- REGAN, Tom. **Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais**. Tradução por Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006.
- REGAN, Tom. **The Case for Animal Rights**. University of California Press, 1983.
- RIBEIRO, Emílio S. A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro *Vidas Secas* para o cinema. **DARANDINA revista eletrônica** – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 1 – número, Juiz de Fora, 2010.
- RIO GRANDE DO SUL. **Lei n. 12.131**, 2004.
- RIO GRANDE DO SUL. **Lei n. 11.915**, 2004.
- RIO GRANDE DO SUL. **Projeto de Lei**, n. 2, 2015.
- RITVO, H. **The animal connection**. Em, Sheehan & Sosna, 1991.

- ROCHA, Ana Luisa C. e ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, R. e GUAZZELLI, A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Editora da Universidade, Porto Alegre, 2008.
- ROCHA, Ethel Menezes. **Animais, homens e sensações segundo Descartes**. Kriterion [online]. vol.45, n.110, 2004. ISSN 1981-5336.
- RUSSEL, Nerissa. **The wild side of animal domestication**. **Society and Animals**. V. 10 (3): 285–302, 2002.
- RUSSEL, Nerissa. **The domestication of anthropology**. In: CASSIDY, Rebecca; MULLIN, Molly (org.). *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. New York: Berg, 2007.
- ROMANÍ, Oriol. Políticas de drogas: prevención, participación y reducción del daño. **Salud Colectiva**, Buenos aires; 4 (3):301-318, Septiembre-Diciembre, 2008.
- SALVADOR, Juan. Une forme de sacralisation de la nature: les mouvements de défense des animaux. **Horizontes Antropológicos**., vol.7, n.16, pp. 85-112, 2001.
- SHAPIRO, K. **Animal models of human psychology: Critique of science, ethics, and policy**. Seattle, WA: Hogrefe & Huber, 1998.
- SARACENO, Benedetto. **Libertando Identidades**. Editora Te Cora e Instituto Franco Basaglia. Rio de Janeiro, 2001.
- SHANKLIN, E. Sustenance and Symbol: Anthropological Studies of Domesticated. **Annual Review of Anthropology**. Vol. 14: 375-403, 1985.
- SHEA, The Society for Healthcare Epidemiology of America. **shea2015.org**. 2015.
- SCHUTZ, Karina. Terapia Assistida por Animais aplicada à Terapia Cognitivo-Comportamental. **Monografia de Especialização em Psicoterapia Cognitivo Comportamental**, PUC, 2012.
- SEGATA, Jean. Nós e os outros humanos, os animais de estimação. **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- SERPELL James. **The domestic dog, its evolution behavior and interactions with people**. Cambridge University Press; 1996.
- SERPELL James. Animal-assisted interventions in historical perspective. In: FINE, Aubrey H. **Handbook on Animal– Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice**. Third Edition: Academic Press is an imprint of Elsevier, 2010.

- SINGER, Peter. **Libertação animal**. Tradução por Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.
- SIGAUT, François. Critique de la notion de domestication. **L'Homme**. V. 28, n. 108, p. 59-71, 1988.
- SILVA e SÁ, Guilherme. Meus macacos são vocês: Um antropólogo seguindo primatólogos em campo. **Anthropologicas**. Recife: PPGA/UFPE, ano 9, vol 19(2), 2005.
- SILVA e SÁ, Guilherme. No mesmo galho: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas. **Tese de Doutorado** apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.
- SILVEIRA, Nise da. **Gatos, A Emoção de Lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.
- SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992. SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**, Rio de Janeiro: José Álvaro Ed. 1968.
- SILVEIRA, Nise da. **Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria**. Rio de Janeiro: Alhambra. 1986.
- SILVEIRA, Nise da. **Nise da Silveira**. Brasil, COGEAE/PUC-SP 1992.
- SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.
- SOARES, G.; TELHADO, J. ; PAIXÃO, R. Comparação do comportamento dominante de filhotes de cães de cinco raças. **Archives of Veterinary Science**. Vol 15, N. 4, 2010.
- SORDI, Caetano. Direitos, Afetos, Discursos: Um estudo antropológico de organizações defensoras dos direitos animais em Porto Alegre (RS). **Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.
- SPENBER, Dan. **Le Symbolisme en général**. Paris, Hermann, 1974.
- STÉPANOFF, Charles. Devenir-animal pour rester-humain. Logiques mythiques et pratiques de la métamorphose en Sibérie méridionale. **Images Revues [En ligne]**, 2009. Document 4, mis en ligne le 01 juin 2009, consulté le 19 février 2015. URL : <http://imagesrevues.revues.org/388>
- STRATHERN, Marilyn. Poder: afirmações e contra afirmações. In: _____. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora Unicamp, p. 159-206, 2006.

- STRATHERN, Marilyn. A Comment on 'the Ontological Turn' in Japanese Anthropology. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**. N. 2, no. 2: 402–5, 2012.
- SUTHERLAND, Anne; NASH, Jeffrey E. Animal Rights as New Environmental Cosmology. In: **Qualitative Sociology**, Vol. 17, No. 2, 1994.
- TAPPER, Richard. Animality, Humanity, Morality, Society. In: INGOLD, Tim. **What is an Animal?**. London: Routledge, p. 41-61, 1994.
- TERAPIA ASSISTIDA POR CÃES. **www.tac.org.br**.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- UEXKÜLL, Jakob von. **A Stroll Through the worlds of animals and men**. A picture book of invisible words. International Universities Press, New York, 1934.
- UEXKÜLL, Thure Von. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. **Galáxia**, n. 7, pp 19-48, abril de 2004.
- UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos dos Animais**, 1978.
- VIALLES, Noëlie. **De l'animal à la viande. Une mort sans cadavre**. French Cultural Studies, vol. 6/3, n° 18, pp. 335-350, 1995.
- VIEIRA, Miriam. **Categorias jurídicas e violência sexual: uma negociação com múltiplos atores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Conceito de Sociedade em Antropologia. In: _____. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 295-315, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (org. Renato Sztutman). **Encontros. Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. Primeira edição. Cosac Naify, São Paulo, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. "Transformação" na antropologia, transformação da "antropologia". **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 151-171, April 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132012000100006&lng=en&nrm=iso. access on 06 July 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132012000100006>.
- WAIZBORT, Ricardo. Teoria social e biologia: perspectivas e problemas da introdução do conceito de história nas ciências biológicas. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 633-653, Dec. 2001. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-597020010004000

07&lng=en&nrm=iso>. access on 13may 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000400007>.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**, Parte 2. Tradução Augustin Wernet; Introdução à edição brasileira Maurício Tragtenberg. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ZELIZER, Viviana A. “**Intimité et économie**”. N°. 45:13-28, 2005 .

ZELIZER, Viviana. “Dualidades Perigosas”. *Revista Mana*. V 15 (1): 237-256, 2005b.

ZELIZER, Viviana. “**Circuits within Capitalism**”. In: Victor Nee e Richard Swedberg (org). **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 2005c.

ZUANON, Átima Clemente Alves. **Instinto, etologia e a teoria de Konrad Lorenz**. Ciênc. educ. (Bauru) [online]. vol.13, n.3, pp. 337-349. ISSN 1980-850X, 2007

ANEXOS

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. O presente projeto intitula-se: "O animal como dispositivo terapêutico": uma análise antropológica de Terapias Mediadas por Animais.

2. O presente projeto é parte integrante do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social PPGAS/UFRGS e está vinculado ao Projeto de Pesquisa "Espelho Animal". Através desta pesquisa, pretendo investigar a relação contemporânea entre humanos e animais, mais especificamente, o modo como a relação entre humanos e não humanos é significada nos contextos dos projetos que desenvolvem atividades terapêuticas utilizando animais como dispositivo terapêutico, na promoção e tratamento da saúde humana.

4. A metodologia de pesquisa se baseia, fundamentalmente, no método etnográfico. Para tanto, serão realizadas observações de campo, registros no diário de campo, entrevistas e conversas informais juntos aos informantes.

5. Os dados obtidos servirão de base para elaboração capítulos de livros, artigos e ensaios relativos à promoção da saúde humana através da relação entre humanos e animais e, também, a respeito da relação contemporânea entre esses dois entes sociais.

6. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os principais investigadores são:

a) Professor Dr. *Bernardo Lewgoy* que pode ser encontrado no seguinte endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500 – Prédio 43311, Bloco AI, Sala 104^a – CEP: 91509-900 - Bairro Agronomia, Porto Alegre, Brasil. Fone: (51) 3308.6638.

b) Ivana dos Santos Teixeira, doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS que pode ser encontrada no seguinte endereço: Rua Vasco da Gama, 217/403. Fone (51) 9215 8708.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a COMISSÃO DE PESQUISA DA UFRGS (COMPESQ/UFRGS) pelo telefone 3308.5817.

6. Direito de confidencialidade: será preservada sua identidade, assim como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo "**O animal como dispositivo terapêutico**": **uma análise antropológica de Terapias Mediadas por Animais.**

Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

Assinatura do sujeito ou representante legal

Local

____/____/____
Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo

Local

____/____/____
Data

ANEXO II**Carta de Apresentação**

Por meio desta eu, Prof. Dr. Bernardo Lewgoy, docente e pesquisador do departamento de Antropologia da UFRGS, venho a Vossa Senhoria apresentar a Doutoranda em Antropologia Social Ivana dos Santos Teixeira, pesquisadora integrante do grupo de pesquisa Antropologia das Relações Humanos-Animais, Espelho Animal. O projeto de pesquisa busca investigar e analisar, através do consagrado método etnográfico as transformações nas práticas e discursos referentes à comunicação e relacionamento entre humanos e outras espécies no interior de um questionamento crescente da oposição entre Natureza e Cultura, que marca a Cultura Ocidental. Ele tem como subprojetos o estudo dos movimentos de defesa, libertação e bem-estar animais; as transformações, debates e conflitos nos dispositivos e regras que pautam a pesquisa com animais de laboratório, as novas configurações familiares envolvendo a mudança no status cultural de animais de estimação e o universo de consumo, valores, medicina e mercado; os valores, práticas e representações e processos relacionados à criação de animais de raça. O método etnográfico envolve um esforço continuado de imersão em campo, entrevistas e observações, para o qual solicito a sua cooperação. Nossa pesquisa é regida pelo código de ética da Associação Brasileira de Antropologia e envolve o consentimento informado das pessoas pesquisadas (nada é feito sem conhecimento e permissão dos interlocutores pesquisados), a proteção de sua privacidade e a obrigação de retorno dos resultados das pesquisas realizadas. Assim, agradeço a colaboração e coloco-me à disposição para dirimir quaisquer dúvidas referentes à pesquisa.

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy.
Fones: 30266535 – 91983438
Email blewgoy@portoweb.com

Local

____/____/_____
Data

ANEXO III**Anuência da Instituição**

Ao
Comitê de Ética e Pesquisa
CEP - UFRGS

Pelo presente, a _____, vem manifestar sua anuência ao desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado estudo **“O animal como dispositivo terapêutico”**: uma análise antropológica de **Terapias Mediadas por Animais** a ser desenvolvido por Ivana dos Santos Teixeira a ser orientado pelo Prof. Dr. Bernardo Lewgoy, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PPGAS/UFRGS.

Assinatura do sujeito ou representante legal

Local

____/____/____
Data

ANEXO IV

ROTEIRO ENTREVISTAS TERAPEUTAS

BLOCO I

1. Dados pessoais:

- 1.1- Nome
- 1.2- Idade
- 1.3- Quais sua ocupação profissional.

BLOCO II

2. Terapias Mediadas por animais.

- 2.1 Como você tomou conhecimento desta terapia?
- 2.2 O que o levou a interessar-se por esta modalidade terapêutica?
- 2.3 Como é a sessão terapêutica? (Você segue alguma linha de atuação?).
- 2.4 Há algum tipo de preparação antes do momento terapêutico (do animal, você, os usuários da terapia ou mesmo o espaço onde vai acontecer)?
- 2.5 Quais as sensibilidades que estão envolvidas na terapia?
- 2.6 Você gostaria de me contar algo que marcou você, relacionado à TAA?

BLOCO III

3. Animais

- 3.1- O que os animais representam para você?
- 3.2- Você tem ou teve animais de estimação? Quais?
- 3.3- Quais os animais utilizados TAA? Por quê?
- 3.4- Como foi o processo de escolha deste animal? Existe algum tipo de teste para identificar o animal ideal?
- 3.5 – Há um tipo de domesticação especial para as TAA?
- 3.6- Então, quais as características principais de um animal que é utilizado nas TAA?
- 3.7- Quais as características não desejáveis?
- 3.8- Qual o papel do animal nas TAA?

BLOCO IV

4. Relações com a rede.

- 4.1 Fale de seu percurso profissional até chegar a TAA?
- 4.2 Quais seus parceiros profissionais?

4.3 Quais as perspectivas profissionais na área?

4.4 Quais as dificuldades que o mercado de trabalho apresenta?